

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

SERGIO DOS SANTOS CLEMENTE JUNIOR

**FESTA DAS NAÇÕES DE PARIQUERA-AÇU,
VALE DO RIBEIRA, SP
UMA REFLEXÃO SOBRE HOSPITALIDADE E FESTA**

SÃO PAULO

2006

SERGIO DOS SANTOS CLEMENTE JUNIOR

**FESTA DAS NAÇÕES DE PARIQUERA-AÇU,
VALE DO RIBEIRA, SP
UMA REFLEXÃO SOBRE HOSPITALIDADE E FESTA**

Dissertação de mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, com área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade.

Orientadora: Prof^a Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker

SÃO PAULO

2006

SERGIO DOS SANTOS CLEMENTE JUNIOR

**FESTA DAS NAÇÕES DE PARIQUERA-AÇU,
VALE DO RIBEIRA, SP
UMA REFLEXÃO SOBRE HOSPITALIDADE E FESTA**

Dissertação de mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, com área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade.

Aprovado em: 28 de junho de 2006.

Prof. Dr. Lúcio Grinover

Prof. Dr. Raul Amaral Rego

Prof^a. Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker

Dedico esta pesquisa ao município de Pariquera-Açu que gentilmente me recebeu e acreditou nos propósitos deste trabalho em refletir sobre a maneira pela qual vinha recebendo seus turistas. Da mesma forma e não menos importante, dedico os resultados deste trabalho aos meus alunos, cujas inquietações só me fizeram evoluir e seguir com seriedade o caminho traçado desde a minha entrada neste programa de mestrado.

AGRADECIMENTOS

O ser humano tem nas mãos a rica oportunidade da aprendizagem. A perícia no olhar, a delicadeza em tentar entender as diferenças do outro, a possibilidade de ter partilhado a dinâmica da vida social de uma comunidade e a vivência com professores e colegas de turma, bem como a inigualável experiência de ter sido pego pela mão e conduzido a um novo patamar, levou-me a registrar aqui alguns agradecimentos especiais.

Agradeço em primeiro lugar à Doutora Ada de Freitas Maneti Dencker, minha professora e orientadora na árdua tarefa de por no papel inúmeras reflexões sobre um tema tão novo e singular na academia, a Hospitalidade.

Registro também o meu agradecimento às Doutoradas Maria do Rosário Rolfsen Salles e Marielys Siqueira Bueno que deram início ao trabalho de orientação desta pesquisa e que por motivos alheios às nossas vontades não puderam conduzir o trabalho até a sua conclusão.

Agradeço aos Doutores Raul Amaral Rego e Waldir Ferreira, também meus professores, pelas preciosas observações apontadas por ocasião da qualificação do meu projeto de pesquisa.

À coordenação do Programa de Mestrado em Hospitalidade desta Instituição, sob responsabilidade da Doutora Sênia Bastos, registro o meu respeito e agradecimento, confirmando que suas inúmeras observações me conduziram ao foco e principalmente às minúcias na correta formatação metodológica ora apresentada nesta dissertação.

Agradeço também à Sra. Alessandra Carvalho, Secretária do Programa de Mestrado em Hospitalidade, pelos préstimos e orientações documentais fornecidas durante todo este período.

Deixo meu especial agradecimento à Doutora Celia Maria de Moraes Dias, primeiro por ter me apresentado em 2004 o tema Hospitalidade pela sua obra Hospitalidade Reflexões e Oportunidades, publicada em 2002 pela Editora Manole de Barueri – SP, quando ainda me encontrava envolvido na pós-graduação em Administração Hoteleira pelo SENAC, segundo pela sensibilidade e maestria na qual

sempre conduziu suas aulas nas quais pude me certificar que havia feito a escolha correta por este Mestrado e terceiro por ter sido grande amiga e confidente durante os dois anos nos quais me preparei para o título de Mestre em Hospitalidade.

Não menos importantes foram os meus colegas de turma, cujas reflexões e discussões só fizeram enriquecer meu repertório nas áreas de turismo, gastronomia, marketing e Hospitalidade. Deixo aqui o meu agradecimento a todos eles, mas não posso deixar de referenciar as Mestras em Hospitalidade Sandra Maria Andrade Nunes e Caroline Alonso de Azevedo, que me acompanharam desde o primeiro dia no Programa, e aos colegas, nesta ocasião ainda mestrandos, os professores Luiz César de Miranda, Valmir Martins de Oliveira, Luciana Carla Sagi e Lúcia Oliveira da Silveira Santos, que acompanharam toda a minha evolução e junto comigo acreditaram no bom resultado desta pesquisa.

Pelo acesso às informações sobre o município de Pariqueira-Açu e de sua Festa das Nações, objeto desta pesquisa, eu agradeço ao ex-Prefeito Sr. Orlando Milan e sua esposa Sra. Célia Milan, e ao ex-Vice-Prefeito Prof. Gilberto Melcher e sua esposa a empresária Sra. Leonor Melcher.

Aos meus entrevistados, registro minha total gratidão pelas preciosas informações que me concederam em entrevista. E em especial, pelas informações sobre o planejamento da Festa, agradeço à Srta. Gilcemara Cristina Cândido e pelo acesso às pessoas-chave na organização prática da Festa (restaurantes e grupos de dança), eu agradeço ao Sr. Antonio Paulo Emenegildo.

Meu especial agradecimento aos amigos José Souza Campo, *thank you for help me with the abstract*, e Alberto Rodrigues Penha, *muchas gracias por ayudarme con el resumen*.

Deixo registrado um agradecimento especial ao Doutor Gerson Botacini das Dôres, diretor científico e meu superior direto na Digene do Brasil, laboratório de biologia molecular no qual prestei meus serviços na área de *marketing* até o ano de 2004 e que pela sensibilidade em entender a minha vontade acadêmica, me permitiu, por um acordo, participar das aulas do mestrado em horário comercial.

Por fim e da maneira mais especial possível eu agradeço à Sra. Maria Luiza Nascimento dos Santos, que nunca poupou esforços para me fazer um homem de bem. Obrigado mãe, aqui está o resultado, fruto de um esforço realizado com total seriedade e prazer e que por todos acima mencionados pôde ser concretizado no volume que ora se apresenta.

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (MAUSS, 2003, p.212).

RESUMO

A pesquisa Festa das Nações de Pariqueira-Açu, Vale do Ribeira, SP: Uma reflexão sobre hospitalidade e festa foi apresentada ao Programa de Mestrado da Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo no primeiro semestre do ano de 2006. Por meio da metodologia de estudo de caso único com duas unidades incorporadas de análise observa a dinâmica da hospitalidade pública e comercial do referido município em dois momentos distintos no tempo, durante a ocorrência da Festa das Nações na sua 8ª edição e em um período fora dela. Utiliza o recurso de entrevistas semi-estruturadas, para descrever as experiências de grupos significativos na preparação da edição de 2004 da Festa das Nações de Pariqueira-Açu (membros da prefeitura municipal, organizadores do evento, responsáveis pelos restaurantes e grupos de dança folclórica local), que são apresentadas no texto de maneira descritivo-analítica, com suporte de material fotográfico que documenta a memória viva da experiência do pesquisador em campo analisado pelo método iconográfico. A Festa das Nações de Pariqueira-Açu ocorria anualmente no mês de maio, compreendendo dois finais de semana, em oito dias de festa (de quinta a domingo). O evento apresentava duas grandes atrações aos seus visitantes, primeiro as apresentações de dança típico-folclórica de nacionalidades que deram origem ao município e segundo um verdadeiro show gastronômico que representava toda a cultural alimentar dessas mesmas nacionalidades. A investigação buscou identificar quais eram as possíveis alterações intencionais, passíveis de observação na hospitalidade da cidade de Pariqueira-Açu quando da realização da Festa das Nações. Os resultados indicaram que a participação da comunidade alterava a atmosfera hospitaleira do município que ao se preparar para Festa, mobilizava a sociedade local nos oito anos de sua ocorrência (1997-2004), principalmente no que se referia a pesquisa e resgate histórico das origens de Pariqueira-Açu. A Festa das Nações pela sua riqueza plástica, estética, artística e cultural possibilitou ao Vale do Ribeira não somente resgatar a história da colonização na região, mas trouxe visibilidade turística pelo profissionalismo com o qual a Festa vinha sendo realizada. A pesquisa registra que, mesmo diante de tais resultados, por interferência política o evento se encontra suspenso no momento atual. Embora existam muitas pesquisas sobre a região do Vale do Ribeira, sobretudo nas áreas ligadas ao meio ambiente, esta pesquisa acrescenta a possibilidade de refletir sobre a importância do planejamento e da gestão da hospitalidade pública de pequenos municípios do interior do Estado, sugerindo que o planejamento turístico local seja orientado para a inclusão social da população local no planejamento público de pequenas cidades brasileiras.

Palavras-Chave: 1 Hospitalidade. 2 Festa. 3 Turismo. 4 Cidades. 5 Pariqueira-Açu/SP.

ABSTRACT

The research called Festa das Nações de Pariquera-Açu, Vale do Ribeira, SP: a reflection about hospitality and feast has been presented to the University Anhembi Morumbi Master's Degree Program on the first semester of 2006. The author has searched for the methodology of studying an unique case with two different incorporated units of analysis in order to watch the dynamics of public and commercial hospitality within the specific town, in two different moments – within the season of the 8th Festa das Nações and in a period out of this season. Through the use of semi-structured interviews, the author has described the experiences of meaningful groups involved in the preparation of the 2004 Festa das Nações de Pariquera-Açu (members of the city hall, the event producers, restaurant owners and the leaders of folkloric dance groups based on the town). These interviews are presented within text in some descriptive and analytical way supported by photographs that far beyond registering the living memory of the field researcher, are deeply analysed through an iconographic method. The object of the studies on this research has been the event called Festa das Nações de Pariquera-Açu. This feast happens once a year in the month of May, taking place for 2 weekends encompassing an 8-day feast period (from Thursday to Sunday weekly.) This event used to provide its visitors with two main attractions: first the performances of folkloric dances produced by members of nationalities that gave birth to the town; in second place they produced a true gastronomic show representing the feeding culture coming from these same origins. The author's anxiety has driven him to search for the watching of possible intentional alterations, noticeable on the town's hospitality during its ongoing season. On its final report the researcher has shown that the participation of the town's community altered the receptive atmosphere in town. This happened through all the 8 years (1997 – 2004) that were watched for this research, mainly regarding the research and historical rescue of the birth of Pariquera-Açu. The Feast of Nations through its plastic, artistic, aesthetic and cultural richness made possible for the Vale do Ribeira, not only to bring back the history of the region colonization, but it also brought a lot of touristic visibility because of all the professionalism through which the all the event was being realised, but now has been facing serious deterioration problems because of political questions. The development of researches regarding the whole region is a huge task, mainly concerning the sectors that are linked to the environment. This research brought the chances of reflections on the importance of planning and managing public hospitality for smaller towns within the state countryside. It also suggests that the local touristic planning shall be made by the social inclusion basis and included on the public planning of Brazilian smaller towns.

Key-words: 1 Hospitality. 2 Feast. 3 Tourism. 4 Towns. 5 Pariquera-Açu/SP.

RESUMEN

La investigación y reflexión sobre la Fiesta de las Naciones de Pariquera-Açu, Vale do Ribeira - SP, abarcando la hospitalidad, fue presentada al Programa de Maestría de la Universidad Anhembi Morumbi en São Paulo en el inicio del año de 2006. Se buscó en el presente trabajo, bajo la metodología de un estudio de caso único con dos unidades involucradas, observar la dinámica de la hospitalidad pública y comercial de la ciudad en dos momentos en el tiempo: durante el momento de la realización de la fiesta en su 8ª edición y la ciudad independientemente de las fechas festivas, como marco comparativo de análisis. Se ha descrito las experiencias con grupos involucrados directamente en la elaboración de la fiesta (miembros del ayuntamiento local, organizadores del evento, restaurantes como también grupos de danzas folclóricas), por medio de encuestas semi-estructuradas. Las experiencias fueron presentadas de forma descriptivo-analítico, por medio de fotografías analizadas por el método iconográfico que sin embargo, registran la memoria viva del investigador. La Fiesta de las Naciones de Pariquera-Açu, fue un evento anual que ocurría en el mes de mayo, abarcando dos finales de semana en ocho días de fiesta, de jueves a domingo. Presentaba dos grandes atracciones: la primera, presentaciones de grupos de danzas folclóricas de distintas nacionalidades que dieron origen a la ciudad y la segunda, una verdadera fiesta gastronómica representando toda la cultura alimentar de las respectivas nacionalidades. El objetivo de la investigación fue observar las posibles variaciones intencionales o no, de la hospitalidad del pueblo de Pariquera-Açu en virtud de la realización de la Fiesta de las Naciones. La conclusión que se ha llegado es que, con la participación de la comunidad, la atmosfera de hospitalidad se altera en función de los preparativos para la fiesta, evento ese, que movilizó la sociedad local en los ocho años de su realización (1997-2004) sobre todo en lo que se refiere a la investigación y rescate histórico de sus orígenes. La Fiesta de las Naciones, por el hecho de presentar su riqueza plástica, estética, artística y cultural, posibilitó al Vale do Ribeira no solamente rescatar la historia de la colonización en la región como también vino a dar mayor visibilidad turística en función del alto grado profesional con que se ha desarrollado el evento. Sin embargo, en el presente momento, la fiesta se encuentra amenazada por cuestiones políticas. Muchas investigaciones se han desarrollado sobre la región de Vale do Ribeira, sobre todo en las áreas que abarcan cuestiones ambientales. La presente investigación invita a una reflexión con mayor detenimiento, sobre la importancia del planeamiento y gestión de la hospitalidad pública en las ciudades del Estado. En ese sentido, queda como sugerencia, que el planeamiento turístico local, sea realizado por medio de la inclusión social en el planeamiento público de las pequeñas ciudades brasileñas.

Palabras-Llave: 1 Hospitalidad. 2 Fiesta. 3 Turismo. 4 Ciudades. 5 Pariquera-Açu/SP.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mata da Mata Atlântica	49
Figura 2 -	Rio Ribeira de Iguape	51
Figura 3 -	Vale do Ribeira	51
Figura 4 -	Mapa do Vale do Ribeira – SP	53
Figura 5 -	Palmeira Guaricana (<i>Geonoma gamiova</i>)	55
Figura 6 -	Vista aérea de Pariquera-Açu	57
Figura 7 -	BR 116	58
Figura 8 -	Entrada principal da cidade de Pariquera-Açu	62
Figura 9 -	Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo	64
Figura 10 -	Hotel Fazenda das 3 Colinas	71
Figura 11 -	Pousada da Campina	71
Figura 12 -	Casa de Pedra	77
Figura 13 -	Logomarcas da Festa Pariquera Fantasia do ano de 2005	79
Figura 14 -	Festa das Nações – Pariquera-Açu – SP	95
Figura 15 -	Centro de Eventos de Pariquera-Açu (Recinto)	98
Figura 16 -	Recinto - Decoração e jardinagem na Festa das Nações de 2004	98
Figura 17 -	Mapa do Centro de Eventos	99
Figura 18 -	Monumento ao Imigrante	103
Figura 19 -	Totem de Sobrenomes	104
Figura 20 -	Apresentação pública do violinista Jurgen Wents na Festa das Nações de 2004	104
Figura 21 -	Apresentação dos candidatos a Rei e Rainhas da Festa das Nações de 2004	106
Figura 22 -	Performance de candidata a Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Japonês	106
Figura 23 -	Performance de candidata a Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Brasil Palmitaria	106
Figura 24 -	Performance do casal candidato a Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês	107
Figura 25 -	Performance do casal candidato a Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês	107
Figura 26 -	Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês	108

Figura 27 - Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês, em foto com os Reis da Festa de 2003	108
Figura 28 - Rei e Rainhas da Festa das Nações de 2004	108
Figura 29 - Performance da candidata à Rainha Mirim da Festa das Nações de 2004 durante a eleição	109
Figura 30 - Apresentação pública da candidata à Rainha Mirim da Festa das Nações de 2004 diante do restaurante do Líbano	109
Figura 31 - Apresentação pública da candidata à Rainha Mirim da Festa das Nações de 2004	109
Figura 32 - Gastronomia	110
Figura 33 - Restaurante Português	111
Figura 34 - Restaurante Alemão na Festa de 1997	112
Figura 35 - Fachada do Restaurante Alemão na Festa de 2004	115
Figura 36 - Ambientes internos do Restaurante Alemão na Festa de 2004	116
Figura 37 - Ambientes internos do Restaurante Alemão na Festa de 2004	116
Figura 38 - Apresentação do Grupo Polonês Junak de Curitiba – PR na Festa das Nações de 2004	127
Figura 39 - Apresentação do Grupo Polonês Junak de Curitiba – PR na Festa das Nações de 2004	127
Figura 40- Apresentação pública do grupo Jazz Jama na Festa das Nações de 2004	128
Figura 41 - Apresentação da ACESEVAL na Festa das Nações de 2004	131
Figura 42 - Apresentação do Guaricana <i>Tanzgruppe</i> na Festa das Nações de 2004	136
Figura 43 - Apresentação do Guaricana <i>Tanzgruppe</i> na Festa das Nações de 2004	136
Figura 44 - Apresentação do Guaricana <i>Tanzgruppe</i> na Festa das Nações de 2004	137
Figura 45 - Apresentação do Guaricana <i>Tanzgruppe</i> na Festa das Nações de 2004	137
Figura 46 - Apresentação do Guaricana <i>Tanzgruppe</i> na Festa das Nações de 2004	137
Figura 47 - Placa de Sinalização do Centro de Eventos de Pariquera-Açu	151
Figura 48 - Muro externo do Centro de Eventos de Pariquera-Açu	151
Figura 49 - Atores envolvidos no Planejamento da Hospitalidade de Pariquera-Açu, para a Festa das Nações	164
Figura 50 - Esquema Ilustrativo do Planejamento da Hospitalidade de Pariquera-Açu, para a Festa das Nações	165

Figura 51 - Rei e Rainha da Festa das Nações de Pariquera-Açu de 2004, circulando no Recinto sem levar seus trajes típicos	168
Figura 52 - Plantação de Erva-Mate	202
Figura 53 - Plantação de Banana	203
Figura 54 - Mudas no Viveiro Municipal da Ilha Comprida	204
Figura 55 - Búfalos de Pariquera-Açu	207

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os domínios da hospitalidade	28
Quadro 2 - Os domínios da hospitalidade trabalhados na pesquisa	28
Quadro 3 - Pariquera-Açu em Números	57
Quadro 4 - Programa Oficial da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu	102
Quadro 5 - Formatação individual da Unidade Incorporada de Análise 1	141
Quadro 6 - Formatação individual da Unidade Incorporada de Análise 2	141

SUMÁRIO

Introdução	16
1 Referencial Metodológico e Teórico Adotado	23
2 Hospitalidade municipal local (Unidade Incorporada de Análise 1)	31
2.1 Cidade, espaço acolhedor	31
2.1.1 Turismo Receptivo no Interior do Estado	41
2.2 Pariquera-Açu, o Cenário da Festa	46
2.2.1 Macro-Ambientação	46
Vale do Ribeira – Região sul do Estado de São Paulo	50
2.2.2 Micro-Ambientação	53
O município de Pariquera-Açu	53
Geografia Local	59
Estrutura da Máquina Legal e Administrativa Municipal	59
Estrutura da Economia Municipal	60
Hospitalidade pública e comercial de Pariquera-Açu	61
3 Hospitalidade municipal durante a realização da Festa das Nações (Unidade Incorporada de Análise 2)	81
3.1 Uma Reflexão sobre Festa	81
3.2 A Festa das Nações de Pariquera-Açu	95
3.2.1 O concurso de Rei e Rainhas da Festa das Nações	105
3.2.2 Restaurantes típicos e temáticos	109
O Restaurante da Alemanha	111
O Restaurante dos Estados Unidos	119
3.2.3 Grupos de dança folclórica	126
ACESEVAL - Associação Cultural Ecológica Sócio Econômica do Vale do Ribeira	128

Guaricana <i>Tanzgruppe</i>	133
3.2.4 A comunicação da Festa das Nações	139
4 Análise do Caso sob a ótica da Hospitalidade	141
4.1 Análise da Variável Intermediária: Legibilidade	142
4.2 Análise da Variável Intermediária: Sustentabilidade	148
4.3 Análise da Variável Intermediária: Ecossistema	153
4.4 Hospitalidade e Festa	156
4.4.1 Festa, espaço hospitaleiro	156
4.4.2 Generalização Teórica de Hospitalidade e Festa	163
Considerações Finais	170
Referências Bibliográficas	180
Bibliografia Ampliada	187
Apêndice 1 – Protocolo do Estudo de caso	197
Anexo 1 - Unidades de Conservação (U.C.) no Vale do Ribeira	201
Anexo 2 - Cultura Agrícola e Extrativismo Vegetal do Vale do Ribeira	202
Anexo 3 - Programa da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu	208
Anexo 4 - Regulamento de Participação no Concurso de Rei e Rainhas da Festa das Nações de Pariquera-Açu (OBS: 7ª Edição – ano de 2003)	209
Anexo 5 - Cardápios por restaurante	211
Anexo 6 - Cardápio Restaurante Alemão na Festa de 1997	213
Anexo 7 - Cardápio Restaurante Alemão na Festa de 2004	214
Anexo 8 - Cardápio Restaurante dos Estados Unidos na Festa de 2003 ..	215
Anexo 9 - Cardápio Restaurante dos Estados Unidos na Festa de 2004 ..	216
Anexo 10 - Cardápio de Bebidas do Restaurante dos Estados Unidos na Festa de 2004	217
Anexo 11 - Vale “Milão” da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu	218
Anexo 12 - Cartão postal da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu	219

Anexo 13 - <i>Folder</i> do Município de Pariquera-Açu	220
Anexo 14 - <i>Folder</i> do Município de Pariquera-Açu	221
Anexo 15 - <i>Folder</i> Oficial da Festa das Nações de Pariquera-Açu	223
Anexo 16 - <i>Folder</i> de Comidas Típicas e Danças Folclóricas	224
Anexo 17 - Autorização de Publicação das Entrevistas de Campo	225

INTRODUÇÃO

A pesquisa Festa das Nações de Pariquera-Açu, Vale do Ribeira, SP: Uma reflexão sobre hospitalidade e festa, foi desenvolvida no Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi com área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, inicialmente sob orientação da Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles, substituída em função da afinidade do tema pela Prof. Dra. Marielys Siqueira Bueno, e finalizada após o exame de qualificação sob orientação da Prof. Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker em função do impedimento, por motivos de saúde, da Dra. Marielys Siqueira Bueno.

Foram dois os pontos relevantes no desenvolvimento do tema e que serviram como fator motivacional na escolha desse objeto de estudo: Primeiro pelo significado da festa em uma localidade carente de recursos como é o caso de Pariquera-Açu, município integrante do Vale do Ribeira, litoral sul do estado de São Paulo, e segundo pelo fato de não existirem estudos do ponto de vista organizacional de festas realizadas nessa região que apresentem uma interface com o turismo.

Destaca-se o fato da Festa das Nações de Pariquera-Açu ter se tornado, em apenas oito edições (de 1997 a 2004), um dos maiores, um dos mais bem organizados e também um dos principais eventos festivos do Vale do Ribeira. É importante ressaltar que Pariquera-Açu foi apontada pelos dados do Governo do Estado, pela Prefeitura Municipal local e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no Censo 2000, como sendo um dos municípios mais pobres do Estado de São Paulo. Na data da realização desta pesquisa o Município ainda tinha economia primária e cerca de 80% da população trabalhava no setor público (administração pública municipal, órgãos regionais da administração pública estadual, escolas, hospital e destacamentos da polícia militar, rodoviária, florestal e ambiental).

Por ocasião da realização da festa no ano de 2004 a cidade recebeu segundo os dados da Polícia Militar mais de 75.000 visitantes, número quatro vezes maior que o de habitantes local, que segundo o Censo 2000 era de 17.649 moradores. Outro motivo da inquietação que levou o pesquisador ao estudo da Festa foi o fato de que no Brasil, especificamente na região do Vale do Ribeira, as cidades vinham

sendo amplamente estudadas pelo ângulo social, econômico, geográfico e ambiental, mas nem tanto pelo ângulo organizacional e funcional. Procurando encontrar elementos que contribuíssem para o desenvolvimento do turismo nas pequenas cidades do interior, e considerando as relações dos turistas em seu contato com a comunidade local, buscou-se identificar elementos que pudessem proporcionar suporte para ações de planejamento e gestão estratégica da hospitalidade pública de uma cidade.

A idéia norteadora foi estudar a hospitalidade observada pela atmosfera local de Pariquera-Açu. O conceito de atmosfera aqui empregado segue o raciocínio de Rego e Silva (2003, p.121) para os quais esta vem a ser o conjunto de elementos sensíveis ao turista e que afetam a percepção deste na sua relação com o espaço que está visitando.

Como no campo do turismo, na prática, os clientes geralmente escolhem um destino doméstico pelos atrativos oferecidos por uma dada localidade, o pesquisador buscou desenvolver seu projeto de pesquisa delimitando como objeto de estudo o município de Pariquera-Açu, estudado em dois momentos diferentes no tempo, tomados em função da realização da Festa das Nações, evento celebrado anualmente no mês de Maio, em dois finais de semana de quinta a domingo, que somavam oito dias de festa e durante os quais se colocava à disposição do público visitante, atividades culturais e folclóricas ligadas à dança e à gastronomia típica das nações imigrantes que deram origem à cidade. Assim o primeiro momento estudado refere-se ao período de realização da festa, enquanto o segundo momento de observação empírica foi o dia-a-dia da cidade em um momento fora da Festa, no qual o pesquisador procurou entender como funcionava a dinâmica de preparação da sua oferta de hospitalidade, tanto pública como comercial para o recebimento dos visitantes durante o evento. Delimitou-se a edição do ano de 2004 da Festa das Nações como um dos dois momentos definidos para o trabalho de campo. A observação empírica da dinâmica da hospitalidade local foi feita pelo pesquisador no ano de 2004 e 2005, tendo sido finalizada em janeiro de 2006. Vale aqui informar que com a mudança da gestão política local ocorrida em janeiro de 2005, após as eleições municipais do ano anterior, a festa foi descontinuada, e até a publicação desta pesquisa, não havia indícios de que voltasse a ser promovida pela Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu.

O pesquisador procurou conduzir o projeto de pesquisa sob as orientações metodológicas de um estudo de caso, propostos e defendidos por Robert Yin (2005, p.40). A idéia foi identificar quais as possíveis alterações intencionais, passíveis de observação na hospitalidade da cidade de Pariquera-Açu quando da realização da Festa das Nações.

Para tanto, delimitou-se como quadro teórico os conceitos de hospitalidade, de festa e de atmosfera de localidades.

Embasando a reflexão sobre hospitalidade, conceito que permeia todo o trabalho de pesquisa o pesquisador valoriza a reflexão teórica sobre os “Domínios da Hospitalidade” (LASHLEY e MORRISON, 2004, p.1; CAMARGO, 2003 e 2004), que como explica Camargo (2004, p.52), engloba o estudo das práticas sociais que estão inseridas nos processos que envolvem os relacionamentos de hospitalidade e que podem ser observadas e analisadas por dois ângulos distintos, nos quais, o primeiro deles diz respeito aos “tempos sociais da hospitalidade humana” - o receber, o hospedar, o alimentar e o entreter pessoas, e o segundo aos “espaços sociais” nos quais o processo se desenrola: o doméstico, o público, o comercial e o virtual.

Para efeito da presente investigação parte-se do conceito de que hospitalidade é, segundo Lashley (2004, p.5), um conjunto de comportamentos originários na própria base da sociedade, que dizem respeito à maneira pela qual se recebe alguém que esteja fora de seu próprio espaço, sendo acolhido no nosso. Diz o autor que uma definição para o termo hospitalidade seria determinada de modo acentuado como atividade econômica (p.4), na qual, segundo Camargo (2004, p.54) considera-se como hospitalidade do espaço público a preparação desse espaço para representar o direito de ir-e-vir do ser humano. Observando as expectativas dos moradores locais bem como a dos turistas e visitantes. O conceito defendido por Camargo entende esse espaço público privilegia tanto o cotidiano da vida em sociedade (moradores locais) como os problemas oriundos da dimensão turística de tal localidade. Esses conceitos referenciais são detalhadamente trabalhados no capítulo 1.

Partindo do pressuposto que a atmosfera criada para a Festa das Nações altera a hospitalidade pública e comercial da cidade de Pariquera-Açu, pela forma como os agentes organizadores do evento tratam as variáveis da atmosfera local, esse estudo observa oito dos domínios da hospitalidade propostos por Camargo

(2004), compreendendo os domínios do espaço social público e comercial, cada qual observado em seus domínios nos tempos sociais de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter. A reflexão teórica de Camargo (2004) possibilita aos estudiosos da hospitalidade observar o tema por dezesseis ângulos diferentes no tempo provenientes do cruzamento dos quatro domínios entre si.

Ainda nesse campo conceitual inserem-se as referências complementares provenientes das obras intituladas: 1) “Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado” (LASHLEY e MORRISON, 2004); 2) “Hospitalidade: reflexões e perspectivas” (DIAS, 2002); 3) “Hospitalidade: cenários e oportunidades” (DENCKER e BUENO, 2003); 4) “Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade” (DENCKER, 2004), e 5) “Introdução à Hospitalidade” obra de John Walker (2002).

Para dar sustentação à reflexão sobre festa o quadro teórico utiliza os estudos de Rita de Cássia de Melo Peixoto Amaral (1998), que discorre sobre os conceitos de festas no Brasil e proporciona de maneira pontual a amplitude conceitual do termo auxiliando na apresentação descritiva da Festa das Nações de Pariqueira-Açu. O estudo referencia ainda artigo de Norberto Luiz Guarinello “Festa, trabalho e cotidiano” (2001), que no levantamento teórico efetuado pelo proponente representou um importante conteúdo cujos esforços foram os de conceituar de maneira prática o termo festa buscando aplicá-lo na realidade da vida cotidiana das sociedades humanas. Também são referenciados os artigos “Festa: a dádiva do Espaço” (2004) e “Festa dos Santos Reis: Uma forma de hospitalidade” (2003-A), de autoria de Marielys Siqueira Bueno, nos quais a autora relaciona o termo hospitalidade aos estudos de festa. Essas referências são completadas ainda pelo artigo “Os Sentidos do Espetáculo” (2002) de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, que discute os espetáculos pelas suas questões estruturais, as quais influenciam a forma pela qual o expectador deles participa, como os observa, como os vivencia e como os interpreta.

E fechando o quadro teórico, o pesquisador se baseou no artigo de autoria de Raul Amaral Rego e Edson Aparecido da Silva (2003) “A atmosfera das cidades e a hospitalidade” no qual os autores refletem sobre uma das ferramentas da área de *marketing*, qual seja o preparo do ambiente interno e externo de lojas de varejo (atmosfera da loja), que exerce importante influência na permanência do cliente no dado estabelecimento bem como na sua percepção quanto aos produtos e serviços

nele oferecidos. O artigo utiliza esta ferramenta relacionando-a aos conceitos de hospitalidade para preparar a atmosfera de uma cidade no sentido de receber seus turistas e mostra quais vantagens o poder público poderia obter nos esforços de planejamento turístico de localidades. Sobre atmosfera são também referenciados os trabalhos de Philip Kotler (2000) complementados pelas reflexões de Lovelock e Wright (2004) e Zeithaml e Bitner (2003) cujos conteúdos refletem sobre a prestação de serviços.

Com relação ao histórico do município a principal obra de referência sobre Pariquera-Açu foi o documento intitulado “Memória Histórica de Pariquera-assú” datado de 1939 e elaborado pelo Senhor A. Paulino de Almeida, então membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ocupando na ocasião, a chefia da Seção Histórica do Arquivo do Estado.

Procurando contornar a limitação da pesquisa decorrente do fato desta se basear em um estudo de caso único, a pesquisa busca legitimidade por meio da análise comparativa entre dois momentos distintos na vida do município: a hospitalidade na cidade de Pariquera-Açu durante a festa das nações e a hospitalidade do município em ocasião fora do período de realização da festa. Pretendeu-se assim refletir sobre a hospitalidade do município de Pariquera-Açu de maneira longitudinal.

Nesta pesquisa, as fontes de evidência vêm do levantamento documental, do estudo de registros da Festa em arquivos da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, da observação direta do município (dentro e fora do período da Festa) e da observação participativa do proponente deste estudo durante a realização da Festa das Nações em sua edição do ano de 2004, e por fim de entrevistas com três grupos específicos, a saber: a) Os organizadores da Festa (membros da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu), b) Responsáveis pela prestação de serviços de alimentação (restaurantes típicos e temáticos) e c) Grupos de dança folclórica local que se apresentaram na Festa em 2004 - a ACESEVAL - Associação Cultural Ecológica Sócio Econômica do Vale do Ribeira e o Guaricana *Tanzgruppe*. A escolha desses três grupos se deu pelo seu papel de extrema importância na realização da Festa ao longo do tempo, uma vez que representavam o real propósito e interesse da Festa das Nações.

Por fim, a reflexão explicativa dos dados colhidos na pesquisa de campo foi ordenada segundo variáveis intermediárias delimitadas pelos conceitos de

legibilidade, sustentabilidade e ecossistema, apresentados por Grinover (2002). Segundo o autor, esses conceitos se traduzem em três unidades básicas e interdependentes que se relacionam mediante três operações fundamentais: percepção, leitura e interpretação, as quais se associam respectivamente às características físicas da cidade, ao papel central da informação e dos padrões sociais locais, e ao uso e transformação do ambiente urbano, utilizadas nesta pesquisa como variáveis empíricas de observação. O conceito da legibilidade, estudado por Grinover, provém dos estudos de Kevin Lynch em sua obra “A Imagem da Cidade” (1999).

A estrutura da presente dissertação segue a lógica estabelecida pelo protocolo sugerido para o estudo de caso que se encontra detalhado no apêndice 1.

No capítulo um é apresentado o detalhamento do referencial metodológico adotado na pesquisa.

No capítulo dois, observando a hospitalidade municipal local, o autor apresenta sua primeira unidade incorporada de análise a qual aborda as questões referentes tanto aos aspectos teórico-conceituais quanto os resultados da observação de campo realizada pelo pesquisador referentes ao macro e micro ambiente, com relato descritivo da situação do município. O macro ambiente tece considerações sobre o espaço maior ampliado, refletindo sobre a região na qual a cidade está geograficamente inserida, uma das poucas, mas até então, ainda preservadas, áreas remanescentes da Mata Atlântica brasileira, o Vale do Ribeira (faz-se importante essa reflexão pelas frágeis características sócio-ambiental do local, ainda mais quando se observa a dimensão do evento objeto de estudo dessa pesquisa). Já o micro ambiente apresenta o município descrevendo suas características gerais e a estrutura de sua hospitalidade local.

O capítulo três, tratando da hospitalidade municipal durante a realização da Festa das Nações, o autor apresenta a segunda unidade incorporada de análise definida no protocolo, a qual trabalha questões teórico-conceituais referentes às festas, relevando sua significação e apontando as possibilidades de seu aproveitamento no campo do turismo. Neste capítulo é feita a descrição da oitava edição da Festa das Nações de Pariquera-Açu, momento no qual se apresentam os resultados das entrevistas de campo realizadas com a organização da Festa, com os responsáveis por restaurantes típicos e temáticos e com os grupos de dança sediados na cidade, escolhidos para análise pelo pesquisador.

No quarto e último capítulo é apresentada a análise do caso pela ótica da hospitalidade seguida de uma reflexão sobre hospitalidade e festa que busca observar na natureza dos referidos conceitos, características que possibilitem tornar a festa um espaço também acolhedor.

A presente dissertação apontou em suas considerações finais que a Festa das Nações ao ter sido criada com o propósito de resgate da cultura artística e gastronômica das nacionalidades imigrantes que deram origem ao município caiu nas graças da comunidade local, bem como, na graça dos visitantes. O engajamento social extrapolou a organização propriamente dita da Festa. Os propósitos envolveram as escolas e a comunidade local na pesquisa histórica do município, em participar dos grupos de dança folclórica e também se responsabilizando por restaurantes típicos e temáticos da culinária internacional que se faziam representar na Festa das Nações.

Ao longo dos oito anos de sua existência, a Festa das Nações foi um motivo para se estudar e se pesquisar a história do povo local e desse engajamento comunitário surgiram benefícios significativos para toda a comunidade, que deu início à invenção de uma tradição local que ora se encontra comprometida por questões políticas que interferem em sua continuidade.

O desenvolvimento de trabalhos científicos sobre pequenas cidades do interior, como é o caso de Pariquera-Açu, pode vir a canalizar a atenção de pesquisadores (nacionais e internacionais) do mesmo assunto para essas regiões, dando uma visibilidade que se acredita poder permitir que a cidade ganhe a devida importância e cuidado por parte do poder público em todas as suas esferas, sobretudo no desenvolvimento do turismo municipal por intermédio de eventos como a Festa das Nações, uma vez que tais pesquisas poderão se constituir em objeto e referência de estudos e discussões no campo acadêmico.

1 Referencial Metodológico e Teórico Adotado

Esta pesquisa foi estruturada com base na metodologia de Estudo de Caso conforme parâmetros propostos por Yin (2005) e tem como objeto de estudo a Festa das Nações de Pariquera-Açu, município integrante do Vale do Ribeira, região sul do Estado de São Paulo, amplamente estudada principalmente pelos ângulos social, econômico, geográfico e ambiental¹.

Segundo Yin (2005, p.23), o método de estudo de caso se presta nas investigações de fenômenos sociais contemporâneos nos quais o pesquisador não pode manipular comportamentos relevantes que influenciam e / ou alteram seu objeto de estudo. O estudo de caso possibilita ao pesquisador lidar com uma ampla variedade de evidências, provenientes de análise documental, visitas de campo, entrevistas e observação participativa. O autor complementa dizendo que o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo no seu contexto de vida real, mesmo que os limites entre o fenômeno estudado e o contexto não estejam claramente definidos.

A adoção dessa metodologia buscou conduzir o raciocínio, as análises e as reflexões do trabalho de pesquisa sob a ótica da hospitalidade, procurando identificar as características da hospitalidade do município de Pariquera-Açu em dois momentos distintos, durante a realização da Festa e fora dela. Dessa maneira, se pretendeu estudar as variáveis da “atmosfera local” criada por ocasião da Festa das Nações e refletir sobre suas possíveis interferências nas relações de hospitalidade pública e comercial do município em questão, segundo a maneira pela qual Pariquera-Açu tem se preparado para receber seus visitantes.

O objeto delimitado para a pesquisa, a Festa das Nações, acontecia anualmente, no mês de maio, na cidade de Pariquera-Açu. Para este estudo de caso foi delimitada a edição do ano de 2004 da Festa como um dos momentos de observação da hospitalidade local.

¹ A pesquisa realizada pelo proponente em bibliotecas físicas e virtuais da cidade de São Paulo constatou a existência de um grande número de trabalhos científicos sobre a região do Vale do Ribeira, trabalhos estes tanto acadêmicos como projetos desenvolvidos por Organizações Não Governamentais atuantes na região.

Pelo fato do objeto de estudo, ser analisado dentro do seu contexto de vida real, e poder apresentar inúmeras variáveis de interesse, Yin (2005) explica que o pesquisador, na investigação de seu estudo de caso, enfrentará uma situação técnica única, uma vez que dependerá de uma coleta múltipla de dados, oriunda de várias fontes de evidência, as quais deverão ser interpretadas a partir do quadro teórico e dos objetivos do pesquisador.

Nesta pesquisa, as fontes de evidência foram o levantamento documental, o estudo de registros da Festa em arquivos da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu (PMPA), a observação direta da atmosfera local e a observação participativa do autor durante a realização da Festa (na edição de 2004), e por fim entrevistas com três grupos específicos cujo papel foi de extrema importância na realização da Festa, uma vez que representavam o real propósito e interesse da Festa das Nações.

Segundo Yin (2005, p.34), o estudo de caso não deve ser confundido com uma pesquisa de caráter apenas qualitativo; uma vez que traz em seu propósito fundamental apresentar uma reflexão analítica do contexto estudado, esse tipo de investigação tem muito a contribuir no campo da pesquisa avaliativa.

O caráter explicativo deste estudo de caso procurou dar conta da identificação dos vínculos causais de possíveis intervenções ocorridas no contexto da vida real de Pariquera-Açu, segundo a ótica da hospitalidade, buscando identificar e observar as variáveis da atmosfera local, com foco para a importância de sua observação na construção do posicionamento turístico de uma localidade perante seus visitantes. Os eventos públicos, nos quais se insere a Festa, são, segundo Rego e Silva (2003, p.125-126), exemplos de ambientes nos quais as variáveis da atmosfera local podem ser percebidas pelos visitantes.

A identificação das variáveis desse ambiente público, que nesse estudo foi realizada segundo o recorte da edição de 2004 da Festa das Nações de Pariquera-Açu, é também complementada pelos conceitos de Legibilidade, Sustentabilidade e Ecossistema, estudados por Grinover (2002, p.33). Segundo ele, estes conceitos se traduzem em três unidades interdependentes que se associam respectivamente às características físicas da localidade, ao papel central da informação e ao uso e à transformação do ambiente urbano (p.35).

O estudo da Legibilidade nos remete à clareza aparente da paisagem da cidade, qualidade específica das características visuais de seu *design* urbano

(LYNCH, 1999; GRINOVER, 2002). As variáveis observadas nesse quesito provêm das características físicas da cidade, expressadas pela sua estrutura de atendimento de serviços de hospitalidade, sobretudo os hotéis, restaurantes e serviços de entretenimento.

Quanto a sustentabilidade, conceito amplamente utilizado nas questões do uso racional do espaço e quase sempre direcionado ao estudo do meio ambiente, Grinover (2002, p.28) sugere que pode estar aqui uma das bases do desenvolvimento futuro da hospitalidade, uma vez que o conceito da sustentabilidade aborda as questões do limite de uso dos espaços (p.29), ou seja, da capacidade do espaço em receber bem quem nele circula ou dele faz uso, ou ainda a capacidade de um sistema humano resistir ou se adaptar a mudanças. O autor nos remete à observação do espaço segundo dois fenômenos principais (p.25), fortemente ligados à complexidade na interpretação de seu contexto sócio-cultural, a saber: o papel central da informação e o conhecimento dos padrões sociais locais, além da aceleração do processo de globalização e dos impactos econômicos, políticos e sociais que se desenrolam nesse cenário. Neste estudo de caso, observou-se como indicador de sustentabilidade local, unicamente a questão da sinalização pública habitual (sinalização turística) e a preparada por ocasião da Festa pelos habitantes locais para atender os turistas. Esse viés foi desenvolvido na tentativa de indicar a importância da informação no contexto da vida local, que pelo seu dinamismo busca constantemente a sustentabilidade da vida em comunidade.

E por fim, na questão da cidade enquanto ecossistema foi abordada neste estudo especificamente a maneira pela qual o município se prepara para receber o turista introduzindo modificações no espaço urbano no período que antecede a Festa das Nações e durante a sua realização, cujas variáveis consideradas remeteram exclusivamente a configuração da estrutura da hospitalidade pública e comercial preparada por ocasião da realização da Festa.

Procurou-se destacar como principais pontos de observação, variáveis empíricas que poderiam influenciar na percepção, na leitura e na interpretação da cidade por parte de seus visitantes. Dentro do recorte específico da Festa realizada no município e também num período fora dela, buscou-se identificar elementos do ambiente que pudessem ser percebidos pelos sentidos humanos, sobretudo a visão e a audição.

Para a realização do estudo foi desenvolvido um protocolo dentro dos princípios da pesquisa de estudo de caso defendido por Robert Yin (2005), no qual o pesquisador procurou definir as variáveis passíveis de observação da atmosfera do município de Pariquera-Açu em dois momentos diferentes na cidade (apêndice 1).

Note-se que o objetivo deste estudo de caso não foi observar a percepção dos visitantes / brincantes da festa, ainda que tenha utilizado variáveis indicadoras da percepção humana, mas sim as influências das variáveis da atmosfera local, presentes de maneira espontânea ou induzida no planejamento da Festa das Nações e que eventualmente poderiam afetar a hospitalidade do município.

Esse estudo procurou dar conta de forma descritiva das possíveis intervenções no contexto da vida real provocadas pela atividade de planejamento da Festa e do cenário onde estas ocorrem – o município de Pariquera-Açu, aqui estudado sob a ótica da hospitalidade. Procurou-se assim ilustrar, conforme estabelecido no protocolo definido para o estudo, como se dava a hospitalidade pública e comercial local nesses dois momentos distintos.

Como segundo Yin (2005, p.40), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa diferente que permite ao pesquisador construir seus próprios caminhos e ajustar seu projeto metodológico na busca dos objetivos propostos, o pesquisador construiu seu problema de pesquisa com o pronome interrogativo “Qual”², buscando identificar quais seriam as possíveis alterações, passíveis de observação, na hospitalidade do município de Pariquera-Açu quando da realização da Festa das Nações.

Para definição dos elementos que poderiam se alterar no período de realização da Festa e que, portanto deveriam ser observados pelo pesquisador, as bases teóricas utilizadas decorrem da conceituação de hospitalidade, na teoria sobre os “Domínios da Hospitalidade”, estudo de Camargo (2003 e 2004), desenvolvido com base nas reflexões de Conrad Lashley (LASHLEY & MORRISON, 2004, p.1).

Lashley classifica de maneira didática a hospitalidade em três domínios distintos: o espaço social, o privado e o comercial. O estudo da hospitalidade feito pela ótica dos domínios observa assim o tema em três cenários distintos, nos quais as atitudes e expressões do ato de acolher uma outra pessoa se manifestam.

² “Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo *como e por que*”. (YIN, 2005, p.19)

Como explica Lashley (LASHLEY & MORRISON, 2004, p.5), cada um dos domínios representa um aspecto da oferta da hospitalidade e ademais de serem independentes, constantemente se sobrepõem entre si.

O tema central dos “domínios da hospitalidade” é o estudo das práticas sociais inseridas dentro dos processos que envolvem a hospitalidade e que podem ser observadas e analisadas por dois ângulos distintos. O primeiro deles diz respeito aos “tempos sociais da hospitalidade humana” - o receber, o hospedar, o alimentar e o entreter pessoas. O segundo diz respeito aos “espaços sociais” nos quais o processo se desenrola: o doméstico, o público, o comercial e o virtual (CAMARGO, 2004; LASHLEY & MORRISON, 2004).

Camargo (2004, p.52) sugere, para o estudo desses processos de hospitalidade, dois eixos nos quais são apoiadas as práticas sociais. O primeiro deles fala dos tempos sociais de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas e o segundo fala dos espaços sociais nos quais os contatos de hospitalidade se desenrolam, quais sejam, o doméstico, o público, o comercial e o virtual. Aqui, Camargo amplia o estudo dos domínios da hospitalidade desenvolvido por Lashley (LASHLEY & MORRISON, 2004, p.1) traduzindo as reflexões deste, sobre a hospitalidade privada, social e comercial, respectivamente em uma hospitalidade doméstica, pública e profissional, sendo que nesta última, amplia os esforços de Lashley dividindo-a em hospitalidade comercial (propriamente os equipamentos profissionais de prestação de serviços de hospitalidade) e virtual (no qual insere os recursos virtuais que auxiliam os profissionais de hospitalidade na árdua tarefa de divulgar e atrair os consumidores).

Essa teoria elaborada por Camargo (2004) possibilita ao pesquisador analisar o tema hospitalidade por dezesseis ângulos diferentes, provenientes do cruzamento dos quatro “domínios” entre si, como mostra o quadro analítico 1:

Quadro 1 – Os domínios da hospitalidade.

	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual.	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas.	Receber em casa para refeições e banquetes.	Receber para recepções e festas.
Pública	Recepção em espaços e órgãos públicos de livre acesso.	Hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país.	A gastronomia local.	Espaços públicos de lazer e eventos.
Comercial	Os serviços profissionais de recepção.	Hotéis.	A restauração.	Eventos e espetáculos. Espaços privados de lazer.
Virtual	Folhetos, cartazes, folhones, internet, telefone, e-mail.	Sites e hospedeiros de sites.	Programas na mídia e sites de gastronomia	Jogos e entretenimento na mídia.

Fonte: CAMARGO, 2004, p.84.

Para efeito da presente pesquisa foram considerados oito desses domínios, correspondentes aos “espaços sociais” público e comercial e aos “tempos sociais” de receber, de alimentar e de entreter pessoas, como mostra o quadro 2:

Quadro 2 – Os domínios da hospitalidade trabalhados na pesquisa.

	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica				
Pública	*****	*****	*****	*****
Comercial	*****	*****	*****	*****
Virtual				

Fonte: Elaborado pelo autor com base em: CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2004.

Seguindo a orientação metodológica de Yin (2005) proposta para estudos de caso, a pesquisa não deveria se ater a um estudo ou caso únicos. Para superar

essa questão a proposta desenvolvida adotou a estratégia de refletir sobre o problema a partir de uma perspectiva temporal, tomando para tanto momentos distintos do mesmo espaço e procedendo a comparação. Buscou-se com o uso de tal procedimento possibilitar a generalização dos resultados obtidos, uma vez que a reflexão se processa de maneira longitudinal³, sobre aspectos da hospitalidade do município de Pariqueira-Açu.

Assim essa pesquisa foi desenvolvida no formato de um estudo de caso de uma única localidade estudada em duas unidades incorporadas de análise⁴, são elas: A análise das variáveis da atmosfera local dentro da Festa das Nações, e a análise das mesmas variáveis da atmosfera local só que em um período distinto da festa.

A revisão da literatura foi fundamental para oferecer subsídios que auxiliaram o pesquisador nessa reflexão, uma vez que foram tirados das fontes bibliográficas os parâmetros pelos quais foram analisadas as características empíricas da hospitalidade do município nesses dois momentos. Sob a luz das teorias sobre hospitalidade, atmosfera local e festa, buscou-se desenvolver uma generalização analítica⁵, ou seja, expandir e generalizar as teorias sobre hospitalidade e atmosfera de localidade, segundo o objeto de estudo, que é uma festa.

Na tentativa de buscar a generalização teórica proposta nesta pesquisa, o autor apresenta a descrição do que pôde observar na pesquisa empírica utilizando o recurso da ilustração das características do município e da festa estudada por fontes fotografias, aqui analisadas pelo emprego imediato da iconografia fotográfica do passado.

Segundo Kossoy (1989, p.35), as imagens registradas pela fotografia podem ser utilizadas em estudos específicos a partir do momento que apresentem valor

³ Estudo longitudinal é, segundo Yin (2005, p.63), estudar um mesmo caso único em dois momentos diferentes no tempo.

⁴ Segundo Yin, os estudos de casos podem apresentar projetos de caso único (que analisam o objeto ou fenômeno em determinado contexto) ou ainda projetos de casos múltiplos (que também o faz, porém analisando diferentes casos ou fenômenos dentro de seus respectivos contextos). Esses dois formatos podem ainda se apresentar como projetos holísticos, nos quais desenvolvem o estudo sobre apenas um foco de observação, ou seja, uma única unidade de análise, ou ainda como projetos incorporados, que analisam o objeto de estudo por unidades incorporadas de análise, que podem assumir, por exemplo, dois momentos distintos de ocorrência de um mesmo fenômeno (2005, p.61).

⁵ Segundo Yin (2005, p.29), a metodologia de Estudos de Caso vem sofrendo tradicionais preconceitos quando comparada às demais metodologias de pesquisa. Pelo fato dos Estudos de Caso como experimentos, não representarem uma “amostragem” do objeto de estudo, ao fazer isso, expandem e generalizam teorias, o que o autor chama de “generalização analítica” e não enumeram frequências (generalização estatística). “Na generalização analítica o pesquisador está tentando generalizar um conjunto particular de resultados a alguma teoria mais abrangente” (YIN, 2005, p. 58).

considerável e reconhecido para a ilustração do contexto estudado. Este recurso representa um meio de conhecimento da cena passada da qual teve acesso o pesquisador e possibilita ao leitor acesso à memória visual passada daquele durante seu trabalho de campo.

A análise iconográfica, diz Kossoy (1989, p.65) referindo-se ao uso da representação fotográfica em trabalhos acadêmicos, conduz o pesquisador na tarefa de descrever detalhes do conteúdo observado em campo.

A padronização dos dados de um projeto de pesquisa no formato de estudo de caso procura priorizar aspectos mais relevantes do estudo, tanto em argumentos como em reformulações teóricas. Visa, ainda, manter a simplicidade que objetiva a clareza na apresentação dos dados (YIN, 2005).

Sob a ótica do planejamento da Festa das Nações e da atmosfera criada por conta de sua realização, a construção da presente dissertação procurou entender a dinâmica da hospitalidade do município de Pariquera-Açu segundo o esquema geral de padronização pelo protocolo de estudo de caso apresentado detalhadamente no apêndice 1.

2 Hospitalidade municipal local (Unidade Incorporada de Análise 1)

2.1 Cidade, espaço acolhedor

Tentar relacionar hospitalidade e cidade traz alguns pontos a serem observados pelas ambigüidades provenientes do primeiro termo, que gera freqüentemente discussões a cerca dos fundamentos dos atos a ele associados. Seriam eles provenientes somente do ser humano, ou aos espaços também se poderia atribuir tais características uma vez que sofrem direta ou indiretamente modificações pela ação do homem?

Grinover (2002, p.29), citando Godbout (1999), disse ser a hospitalidade o dom do espaço, espaço este o da habitação, para se percorrer a pé ou simplesmente para contemplação. As características e principais qualidades do espaço foram identificadas como sendo a superfície, a acessibilidade, o conforto, a estética, a historicidade.

“Cidade hospitaleira”, “rua hospitaleira”, expressões da linguagem comum ilustram bem a doação do espaço, a doação de proteção e segurança, além de abrigo e alimentação (GRINOVER, 2002, p.29).

Camargo (2003, p.14) em suas reflexões sobre o espaço disse ser a cidade, a forma de inserção espacial preferida dos seres humanos, local onde se processam e se criam estilos de hospitalidade. Em relação ao urbanismo, disse ele, a hospitalidade poderia privilegiar as expectativas dos residentes nas cidades.

Um urbanismo inspirado pelas ciências da hospitalidade certamente daria maior importância ao uso das áreas verdes pelos habitantes locais, mais do que ao resultado estético ou às regras de um pretenso (embora, no caso, verdadeiro) higienismo (CAMARGO, 2003, p.14). [...]. Na mesma linha, a sociologia urbana teria muito a se beneficiar de uma perspectiva urbanística assentada na ótica da hospitalidade, que entenderia a cidade como um todo e seus espaços de circulação e lazer, em especial, como espaços receptivos da população local e turística (p.18).

O desafio de criar estilos de hospitalidade personalizados a determinada região é uma tarefa conjunta de cidades, regiões e países, por meio de suas

políticas públicas e da iniciativa privada, sobretudo as empresas de prestação de serviços de hospitalidade, dentre as quais se destacam os meios de hospedagem, restaurantes e transporte. Todo esse trabalho deverá levar em conta as características físicas da região, bem como e, sobretudo, as expectativas da população local, criando modelos que interajam uns com os outros, ou seja, cidade a cidade, pela proximidade geográfica a que estão sujeitas. Camargo (2003, p.27) diz terem as cidades elementos comuns que caracterizam seu estilo de hospitalidade. Quando se observa cidades vizinhas, o que também ocorre com países vizinhos, as características relacionadas ao ato de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter o visitante, são muito parecidas, o que para o autor, provem da proximidade geográfica a que estas localidades estão sujeitas.

Pela leitura de Matheus (2002, p.59), a cidade é uma criação abstrata do homem, no qual o espaço natural foi transformado. Espaço de liberdade, comunicação, criatividade e progresso, a cidade vem se constituindo pela ação do homem, que a instituiu para a vida em sociedade. Fato é, que ao longo do tempo, essa mesma ação do homem passou a diferenciar os indivíduos que nela viviam e na acentuação das desigualdades passou a se fundamentar a exclusão social. É também pela urbanidade⁶ e pela inexistência de políticas adequadas de habitação e transportes, que os fenômenos negativos da vida urbana se acentuam. Diz Matheus:

A urbanidade e a cidadania estão histórica, etimológica e culturalmente ligadas à cidade e, portanto, à essência da hospitalidade também [...] as cidades devem ser capazes de receber e integrar seus moradores, sejam eles temporários ou não, desenvolvendo sentimentos de identidade, orgulho e cidadania, garantindo assim o bem-estar social, apoiados na segurança, na integração social, no desenvolvimento do emprego e no acesso diversificado a bens culturais e econômicos (MATHEUS, 2002, p.57).

Uma vez que a concepção da cidade vem da transformação do lugar pelo homem, recaímos à necessidade de relacionar o conceito de hospitalidade ao de meio ambiente, o qual deve antes passa pela discussão sobre o papel da natureza na hospitalidade espacial, ou como questiona Sansolo (2004, p.167), se o espaço pode ser considerado uma dimensão relacionada ao conceito de hospitalidade.

O autor entende que a hospitalidade poderia ser considerada em uma perspectiva espacial, mas, sobretudo pelo ângulo de uma experiência perceptível,

⁶ A autora entende urbanidade como a relação dinâmica que se estabelece entre as atividades urbanas cotidianas, que são maiores que as “funções urbanas”, sempre renováveis e ampliáveis.

empírica do indivíduo, por um outro lado, numa dimensão fenomenológica, que seria uma relação entre o indivíduo e o lugar, a qual não se reduziria à escala local, uma vez que há a interação das diferentes esferas da organização da sociedade no espaço geográfico, do local ao global (SANSOLO, 2004, p.168).

Na segunda metade do século XX, sob a perspectiva da geografia crítica, a natureza ganha outro enfoque, passando a ter o significado de recurso e não mais de suporte ou palco da sociedade. A natureza passa a ser vista como recurso, sobretudo econômico, e assim é apropriada socialmente, portanto, no modo de produção capitalista, de forma desigual e combinada. Nessa perspectiva, a natureza perde o *status* de condicionante para ser uma expressão da organização social. [...]. Assim, os lugares seriam mais ou menos hospitaleiros, como expressões das relações sociais, segundo as relações sociais estabelecidas. [...]. Nessa análise, expressões de inospitalidade como a degradação da natureza, pobreza e violência não constituem partes separadas, externas ao sistema produtivo e à organização social, mas dialeticamente componentes, sendo resultado, quando vistas como indicador, e como produto, quando a sociedade se assenta sobre essas condições (SANSOLO, 2004, p.169).

O turismo se apropria do espaço para que os fenômenos relacionados a ele possam ocorrer. Considerando-se então, que esse espaço é o principal objeto de consumo do turismo, a qualidade dos ambientes que o formam e dos quais o turismo se apropriou, tem grande importância e relação com a percepção do turista quanto à hospitalidade de um lugar (CRUZ, 2002, p.46).

Citando Knafo (1996), Cruz (2002, p.45) diz serem as cidades atrativas para o turismo, também, pelo fato de concentrarem pessoas. Explica que segundo o autor, “gente atrai gente”, o que por sua vez, explicaria o fato de lugares repletos de turistas atraírem cada vez mais turistas, ainda que tal fato acarrete problemas na infra-estrutura receptiva local. Além disso, tornam-se atrativas para o turismo também pelo fato de concentrarem infra-estrutura e serviços de apoio, que formam o receptivo local e dão suporte à construção da imagem da hospitalidade local (p.46).

No rol das infra-estruturas urbanas essenciais à hospitalidade turística dos lugares destacam-se as infra-estruturas básicas, como abastecimento de água, rede de coleta e tratamento de esgotos, rede de energia elétrica e telefonia. Serviços de limpeza urbana e proteção e recuperação dos patrimônios ambiental e cultural são, por sua vez, mais uma parte de um imenso leque de serviços urbanos essenciais à qualidade ambiental das cidades e à sua condição hospitaleira (CRUZ, 2002, p.46).

A imagem que se tem da cidade contemporânea é a de um espaço fragmentado, disperso, cujos limites são constituídos por áreas congestionadas circundadas por zonas diluídas de natureza e campo, assim, caracteriza-se pela sua

desintegração. Num cenário caótico como esse, o homem, morador da cidade também se fragmenta, desintegra-se nos costumes de vivência e convivência humana. A dinâmica da integração social, ao invés de manter os grupos unidos, afasta-os, tornando o homem um ser egoísta, que vê no seu semelhante um concorrente, não mais um parceiro (MATHEUS, 2002, p.59).

Por sua vez, essa mesma dinâmica da integração social, leva o homem, pelo trabalho cooperado, a adaptar o espaço para sua utilização. Nesse prisma, a produção do espaço, sobretudo o urbano, é fruto de um produto social (MATHEUS, 2002, p.62).

Os homens não trabalham sozinhos; pelo contrário, cooperam para atingir um objetivo comum, e durante esse processo de interação o homem introduz modificações fixas no ambiente natural, destinadas ao atendimento das necessidades básicas de abrigo ou à produção de outras coisas destinadas à satisfação das necessidades humanas (MATHEUS, 2002, p.61).

Pela necessidade que tem de viver em conjunto com outros semelhantes, o ser humano caracteriza-se como um ser social. Ao precisar do outro, abre caminho para o acolhimento, cenário no qual se instituem os atos de hospitalidade (e por outro lado os de inhospitalidade). Dencker (2004-A, p.188) contribui dizendo que o isolamento dos indivíduos tende a gerar desequilíbrio e que na vida moderna, aumenta-se a necessidade da proximidade entre os homens, de ser bem recebido pelo outro, de ser acolhido pelo outro, de ser recebido com hospitalidade, mesmo que isso ocorra de forma comercial, em equipamentos nos quais se espera que essas necessidades sejam atendidas mediante alguma forma pagamento.

Os vínculos que se estabelecem mediante essas trocas simbólicas, mesmo não podendo ser medidos pelos modelos de avaliação baseados em contratos comerciais, são de fundamental importância para o sucesso e desenvolvimento humano, pelas práticas associativas e participativas que desenvolve (DENCKER, 2004-B, p.12).

Segundo Matheus (2002, p.61), a cidade, tal qual a conhecemos, nasceu no século XVIII, quando passou a ser definitivamente um território de intervenção sobre as possibilidades humanas. Seu grande desenvolvimento, assim como o desenvolvimento das formas de vida urbana é mais bem caracterizado pelo formato assumido pela civilização contemporânea. Diz a autora que a cidade não é um fato novo, mas a transformação nela verificada ao longo do século passado, sim, uma

vez que no passado se via na cidade uma população predominantemente rural e que no presente a mesma população se converteu em predominantemente urbana.

À medida que o conjunto geral dos instrumentos se desenvolve, paralelamente ao desenvolvimento da tecnologia e da cultura, durante o processo de acumulação e de complexidade crescente na divisão do trabalho, maior é a capacidade do homem de introduzir modificações no meio ambiente, construindo adaptações do espaço conscientes e dirigidas para determinada finalidade; entretanto, tais modificações resultantes dessas adaptações, implicam, com frequência, aspectos negativos imprevistos (SERRA, 1989 *apud* MATHEUS, 2002, p.62).

Compreender e governar cidades, por essa complexidade, implica em conhecer suas características atuais e vislumbradas no futuro. Grinover (2002, p.32) explica que muitas tendências globais originam-se das cidades e sobre elas incidem, produzindo assim os mais intensos impactos no ambiente. Isso requer então, uma melhor compreensão das relações entre fenômenos urbanos e tendências globais, que não ao acaso, se expressam justamente na dinâmica do cenário urbano.

Segundo Grinover (2002, p.33), transformar o espaço em “lugar” não deve, hoje, ser baseado somente em projetos de construção da urbe, forma pela qual até então, vinha sendo feita.

Nem praças, nem avenidas, nem espaços religiosos contêm, em sua forma, a garantia de processos de identificação entre espaço e sociedade civil. [...] Restaurantes de estrada, supermercados e estádios não são espaços físicos aos quais as pessoas vão para construir sua identidade social, mas, ao contrário, são lugares onde vão comprar o direito de seu “anonimato”. A hospitalidade urbana repousa mais sobre o direito à tranquilidade e ao anonimato que sobre o direito ao reconhecimento e à identidade (GRINOVER, 2002, p.33).

Baptista (2002, p.161) complementa dizendo que as práticas de hospitalidade contribuem decisivamente para dar uma configuração antropológica aos chamados não-lugares. Isso potencializa a humanização de espaços nos quais o homem se encontra em trânsito (como estações de trem, aeroportos, hotéis, cafés, centros comerciais, parques, praças públicas) e todos os outros territórios onde dia-a-dia os homens se cruzam, compartilhando sua riqueza, seus mistérios, sua diversidade e pluralidade, abrindo assim, espaço para que os destinos individuais tornem-se coletivos e se construa a dita sociedade.

O grande projeto urbano é, nesse caso, construir o consenso convergente de sujeitos sociais em perene conflito entre si e entre interesses

econômicos e culturais heterogêneos por definição. Procura-se, entretanto, inverter a reflexão e procurar a representação da cidade não mais do lado dos produtores do espaço, mas do habitante, do cidadão, o que, sem dúvida, é um avanço importante na compreensão da cidade contemporânea (GRINOVER, 2002, p.33).

A idéia de uma cidade hospitaleira, e, por conseguinte, um espaço acolhedor, está então vinculada à construção da urbe, à tessitura estrutural e social da cidade como atualmente a conhecemos. São conseqüências constatáveis do processo normal de evolução da cidade e das sociedades que nela vivem, a perda da unidade e da autonomia das partes. Há atualmente, a necessidade de se destinar à cidade novos papéis, principalmente o de expressão de segmentos sociais, que possa narrar a trajetória evolutiva de seus habitantes (fixos ou transitórios) na esfera social, cultural e econômica, construindo a história do lugar urbano, que são seqüências de lugares de vida e de disputa entre as partes (MATHEUS, 2002, p.63).

A compreensão da cidade e de todas as coisas nela inserida passa pela compreensão da dinâmica evolutiva da comunidade, na qual devem ser considerados seus inúmeros aspectos dos quais os indivíduos que nela vivem dependem. É nessa compreensão de cidade, na qual se observa a inseparabilidade do espaço e do tempo, que Matheus (2002, p.63) consegue ver a possibilidade de se definir quadros geoistóricos da ação humana, pois um movimento no espaço é também um movimento no tempo.

Matheus (2002, p.64), citando Torres (1992), diz que o espaço remete o indivíduo a uma delimitação geográfica de sua existência⁷, que é ao mesmo tempo pessoal e social. Integrados num espaço mais amplo, esses lugares de enraizamento social podem ter uma relação mais ou menos forte com o indivíduo dele proveniente. Não se pode conceber um ser humano ou uma coletividade sem algum tipo de vinculação espacial, isso explica a razão pela qual os lugares e as posições que ocupamos nele, tanto no âmbito individual como no coletivo, são sempre objetos de diversos investimentos, dentre eles os materiais e os profissionais, sem contar os de ordem afetiva. Fontes de enraizamento, os investimentos feitos pelo homem no seu “espaço” reafirmam uma identidade pessoal e coletiva com o lugar e fornecem novos parâmetros para a construção de uma “filosofia de Cidade Hospitaleira”.

⁷ Matheus diz que todo indivíduo é, com efeito, originário de um determinado lugar, desenvolveu-se em um meio particular, ocupa posição profissional, trabalha em determinada organização, vive em determinado lugar e morre algum dia em algum lugar (2002, p.63).

A união dessas duas concepções, cidade e hospitalidade, leva à formulação também da idéia de Estado, que deixa de ser visto como elemento centralizador. As políticas públicas, agora, não podem mais ser definidas nos gabinetes, mas dependem de negociações com a sociedade. A idéia de Estado passa a admitir uma concepção de mediação. A cidade, portanto, não é apenas um centro de produção, mas também um lugar em que a sociabilidade se desenvolve frui certa hospitalidade. É em relação a essa dimensão que as idéias de bem-estar coletivo e de interesse público parecem aplicar-se mais diretamente (MATHEUS, 2002, p.64).

Diante disso vem o questionamento: O que faz então, com que uma cidade seja mais hospitaleira que outra?

Grinover (2002, p.33), falando sobre a dinâmica do espaço cidade, apresenta duas abordagens que assumem uma posição relevante na compreensão da mesma por parte de seus usuários. A primeira delas refere-se ao entendimento da cidade como um ecossistema, no qual se observa o uso e a transformação dados ao espaço, que nessa pesquisa foi observado pelas variáveis que compõem os esforços públicos e comerciais locais para a realização da Festa das Nações. A segunda, observando os estudos de Lynch (1997⁸), procura na qualidade essencial da cidade, os elementos que regem a sua “legibilidade”, características físicas locais que possibilitam ao ser humano (residente ou visitante) melhor interpretar e entender o espaço no qual está inserido. Aqui, as variáveis que foram objeto de observação provêm das características físicas da hospitalidade comercial local, sobretudo os hotéis, restaurantes e serviços de entretenimento. Acrescenta-se a estas duas abordagens: a questão da sustentabilidade local, que nessa pesquisa diz respeito especificamente ao papel central da informação, representado pela sinalização pública habitual e a preparada por ocasião da Festa (sinalização turística). Para efeito didático, a ordem aqui observada será em primeiro lugar a Legibilidade, em segundo a Sustentabilidade e por fim o Ecossistema, uma vez que melhor se compreendem os fenômenos da hospitalidade local, conhecendo o espaço, entendendo como é a sua dinâmica e por fim quais usos e transformações se dão à cidade ao longo do tempo.

A legibilidade segundo Grinover (2002, p.34) nos remete à observação da clareza aparente da paisagem da cidade, que é uma qualidade específica das características visuais de seu *design* urbano. Significa a facilidade com a qual as

⁸ A edição utilizada por Grinover é a do ano de 1997, que foi re-impressa pela editora Martins Fontes em 1999, a qual não sofreu atualização de seu conteúdo.

partes da cidade podem ser visualmente apreendidas, reconhecidas e organizadas pelo visitante (e também pelo morador) de acordo com um esquema que lhe é próprio, lhe é particular. Neste quesito, faz um paralelo com a questão da sustentabilidade local, aqui observada pelo papel central da informação, que junto à questão dos padrões adotados pelo local, regem a dinâmica do seu dia-a-dia, e estão intimamente ligados à complexidade na interpretação e leitura da cidade pelo seu usuário.

Apesar da amplitude do conceito da sustentabilidade vir quase sempre utilizado nas questões relacionadas ao meio ambiente, Grinover (2002, p.36) explica que a adoção do termo para os estudos da hospitalidade urbana busca validar uma estratégia de integração do ambiente ao uso que lhe é dado nos atos de hospitalidade tanto para com o morador quanto para com os visitantes. Nesse sentido, o autor observa que o conceito de sustentabilidade ganha maior consistência se utilizado para entender o ambiente de maneira integrada ao planejamento e à ordenação do espaço urbano. Assim, as questões ligadas à sinalização pública, sobretudo a turística, ordenam a maneira pela qual o espaço pode e deve ser utilizado pelos indivíduos que nele circulam, remetendo ao ordenamento político-espacial local e refletindo a capacidade do ambiente em suportar os efeitos da atividade humana.

A cidade torna-se mais hospitaleira na medida em que o usuário a “lê” com mais facilidade e seus elementos constitutivos são percebidos e interpretados sem grandes esforços. O espaço urbano não é constituído para uma única pessoa, e sim para muitas, que apresentam diferenças de temperamento, formação, ocupação profissional, origem étnica, diversidade social e de interesses. A imagem de um determinado lugar pode variar significativamente, dependendo justamente da formação e da sensibilidade de cada observador (LYNCH, 1997 *apud* GRINOVER, 2002, p.35).

Citando Raffestin (1997), Grinover (2002, p.34) diz haver cidades que oferecem espontaneamente informações que permitem ao estrangeiro se localizar imediatamente sem dificuldades. A cidade que faz o dom de uma informação tão abundante quanto possível procura identificar-se e ser identificada pelo seu usuário, que nas palavras de Grinover se poderia chamar de uma hospitalidade informacional. Esses elementos são oferecidos pelas autoridades políticas e administrativas por meio das políticas de sinalização pública local.

Em cidades bem identificadas, o estrangeiro sente-se acolhido, ou seja, bem recebido, ele sabe onde anda, ele encontra o que procura sem perda

de tempo e pode se entregar ao passeio e à contemplação sem risco de se perder. A informação nesse caso aproxima-se do dom; oferecer e receber uma informação é um mecanismo de hospitalidade (RAFFESTIN, 1997 *apud* GRINOVER, 2002, p.34).

O conjunto das características físicas da cidade, o que engloba a área urbana e seu campo circundante, com seus edifícios públicos e privados, monumentos históricos e culturais, praças e parques naturais, cobertura vegetal preservada, fauna e flora local, tudo devidamente identificado e sinalizado, forma um conjunto que emoldurado pela percepção do usuário, fica registrado como o *design* urbano da cidade visitada, registrados, sobretudo, pelos os sentidos humanos da visão, da audição e do olfato.

O visitante de uma localidade é sempre ativo. Pelo seu perfil atual renovado, busca vivenciar toda e qualquer experiência que lhe possa ser apresentada no destino turístico que escolheu para desfrutar. Nesse sentido, seleciona por critérios próprios, segundo aquilo que lhe é mais interessante, os elementos perceptíveis na recepção do lugar, compondo a imagem que guardará de tal destino (GRINOVER, 2002, p.35).

Citando Ferrara (1998) Grinover (2002, p.35) diz existir na cidade cores, odores, hábitos e costumes, história e memória, na qual a percepção urbana é uma prática cultural que concretiza uma percepção da cidade e se apóia, de um lado, no uso urbano e, de outro, na imagem física que construiu ao longo do tempo. E complementa dizendo que, por serem escrituras, as cidades apresentam graus diferentes de legibilidade e, conseqüentemente, diferentes níveis de hospitalidade.

A hospitalidade pelo dom do conhecimento é um modo de garantir o princípio da heterogeneidade da cidade, e, sobretudo a riqueza de sua diversidade social. O problema consiste em dar à cidade, entendida como um sistema de informação, a elasticidade, a possibilidade de flexibilização de um sistema lingüístico, partindo justamente da idéia de que há uma analogia, até mesmo surpreendente, entre o fenômeno da formação, agregação e estruturação do espaço urbano e o da formação, agregação e estruturação da linguagem, ou, mais exatamente, das diversas linguagens. Mais ainda, esse estudo tem se desenvolvido procurando pesquisar a relação entre três unidades básicas e interdependentes: as características físicas, o uso e a transformação do ambiente urbano, gerando, se relacionadas, três operações fundamentais: percepção, leitura e interpretação (GRINOVER, 2002, p.35).

O conceito de sustentabilidade, apesar de já um pouco gasto pelos usos e empregos que têm sido feito às questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável, ainda pode constituir a base do desenvolvimento dos relacionamentos

atuais e futuros da hospitalidade. Ao se tentar unir esses conceitos à questão do urbanismo, que envolve a cidade e todas as suas estruturas a serem desvendadas, lidas e interpretadas pelo visitante, oferecem-se duas dimensões nas quais se insere a própria dimensão humana, que serve de linha mestra a toda e qualquer investigação no campo de estudo das ciências sociais (GRINOVER, 2002, p.28).

O ambiente urbano tem maior consistência se a noção de desenvolvimento sustentável for levada em consideração, vistos os limites impostos pelo estado atual de nossa tecnologia e da organização social, bem como os limites impostos pela capacidade da biosfera de suportar os efeitos da atividade humana (GRINOVER, 2002, p.36).

Entender o desenvolvimento sustentável pela ótica da hospitalidade, no qual o cenário seja uma cidade, representa segundo Grinover (2002, p.36), uma estratégia válida para buscar a integração entre o uso do ambiente urbano para a hospitalidade, a melhoria das condições de vida das comunidades locais, a necessária preservação de certos aspectos deste ambiente, e, sobretudo, a satisfação dos que forem recebidos nesse espaço, no qual se inclui principalmente o morador local.

O conceito de sustentabilidade exige uma abordagem integrada e global do planejamento e da ordenação do território urbano. Uma colocação sustentável para o desenvolvimento implica a determinação das exigências de ordem socioeconômica, o exame de possíveis escolhas no período de execução da programação, a avaliação de impacto ambiental, a seleção da melhor oportunidade e, por último, a compensação de perdas de recursos não-reproduzíveis. No entanto, se esse conceito não for incorporado às políticas e práticas do planejamento territorial em nível local, a sustentabilidade não passará de mera retórica. Cabe, portanto, discutir e propor formas concretas de promover a hospitalidade ambientalmente sustentável, economicamente viável e socialmente justa, tendo como suporte a dinâmica local e o planejamento participativo (GRINOVER, 2002, p.36).

A observação da sustentabilidade pelo indicador de sinalização turística pode representar uma utilização mais adequada das localidades, uma vez que busca limitar o uso do espaço pelos indivíduos de maneira racional, a fim de tornar possível seu uso continuado, ou seja, pode o homem utilizar os recursos locais mas preservando-os para as futuras gerações.

A cidade, em termos ecológicos, é consumidora de recursos com os quais ela produz bens e constrói a sua cultura social. Por outro lado, é também grande produtora de resíduos, que são decorrentes principalmente da produção de bens manufaturados (GRINOVER, 2002, p.34).

Ao ser entendida como um ecossistema, a cidade passa a ser vista como uma unidade ambiental, na qual todos os elementos e processos são inter-relacionados e interdependentes. Assim como o entendimento mais amplo do termo ecossistema, qualquer mudança de um desses elementos resulta em alterações nos outros componentes que formam a cidade (GRINOVER, 2003-B, p.53).

Esse ecossistema é formado por dois sistemas básicos: o sistema natural, composto pelo meio físico e biológico, e o sistema cultural, composto pelo homem e suas atividades e criações. Os estudos ecossistêmicos urbanos são aqueles que tentam apresentar uma visão holística dos trabalhos ecológicos do meio ambiente urbano, com uma particular ênfase nos processos e conexões ecológicas. Enquanto sistema, a cidade deve ser entendida como um sistema aberto, funcionando de forma dependente de outros sistemas (GRINOVER, 2003-B, p.54).

A análise da estabilidade e das mudanças no ecossistema urbano, leva em consideração os aspectos de variáveis que remetem à observação da população, a maneira como ela se organiza, modo pelo qual faz uso do meio ambiente e também dos recursos tecnológicos que tem à disposição para seu desenvolvimento (GRINOVER, 2003-B, p.54).

Ao se falar de cidade, tem-se a necessidade de distinguir os grandes centros urbanos das cidades pequenas do interior, que ademais de apresentarem estruturas muito distintas, têm na dinâmica do seu dia-a-dia um outro grande e importante fator diferencial. Isso faz com que sua relação com o visitante ou o turista seja diversa daquela característica dos grandes centros.

2.1.1 Turismo Receptivo no Interior do Estado

O turismo receptivo⁹ no interior do Estado de São Paulo exerce influência considerável no processo de geração de renda na economia tanto local, o que reverte no plano regional e nacional. Para Pelizzer (2004-B, p.22), a localização das cidades do interior paulista e as condições de sua infra-estrutura de acesso (sistema

⁹ “Os programas que são realizados com o propósito de apresentar ao turista uma cidade ou região, compondo o quadro de serviços elaborados com o fim de recepcionar o viajante ou turista em um local ou cidade (núcleo receptor), formam o que denominamos de turismo receptivo” (PELIZZER, 2004-B, p.28).

viário e comunicações), suas riquezas ou potencialidades naturais, folclóricas, culturais, seus equipamentos de prestação de serviços de hospedagem, gastronômicos, de lazer e entretenimento, além do turismo religioso, organiza e oferece eventos dos mais variados tipos, em segmentos como esportes, cultura, gastronomia, artístico-musicais, de agroflora e agropecuária. “As belezas do interior são de mar, montanhas e planalto” diz o autor.

O Estado de São Paulo, podemos dizer, sempre foi um peso pesado na indústria de viagens. Hoje ele [o interior] representa em torno de 40% a 45% do movimento da Capital e é por isso que as agências operadoras turísticas da capital mantêm suas filiais no interior ou representantes (PELIZZER, 2004-B, p.22).

Apesar do cenário promissor, é claramente identificável que a integração e coordenação de esforços ainda não atingiu o seu grau de maturidade, nem político, nem empresarial. Isso adia de forma substancial a transformação do interior do Estado de São Paulo, considerado por Pelizzer (2004-B, p.23), como o melhor centro de turismo receptivo do país, em um pólo capaz de usufruir os benefícios do turismo para o seu desenvolvimento local.

Temos, sim, ações localizadas, em momentos sazonais do ano, em que algum iluminado tenta realizar um exercício prático para promover o turismo. Medidas oficiais são, via de regra, desvinculadas de um processo global. [...]. Projetos, planos, investimentos prometidos, publicidade tímida, todos sucumbem à famosa descontinuidade político-administrativa. Um fator de destaque importantíssimo a ser lembrado no turismo receptivo interiorano é a hospitalidade com que o turista ou visitante é distinguido. O profissional de turismo, de modo geral, é um “ator” no tratamento dispensado ao visitante ou turista. A hospitalidade do povo do interior é cada vez mais qualitativa e quantitativa, uma vez que a tendência é o desenvolvimento do turismo especializado (PELIZZER, 2004-B, p.23).

Segundo Pelizzer (2004-B, p.24), é incontestável a infra-estrutura turística receptiva do Estado de São Paulo, quando comparada aos demais Estados brasileiros. Embora autodirigível e sustentável, ela tem mostrado, mantido e ampliado suas potencialidades pelos esforços particulares de quem acredita nesse potencial.

O importante é que os eventos oriundos ou resultantes do turismo segmentado ou especializado estão modificando a forma tradicional de explorar o turismo no interior do Estado (PELIZZER, 2004-B, p.23).

Diante disso, todas as tomadas de decisão no âmbito político para o ordenamento das localidades, seja ela local, regional ou nacional, afetam de

maneira substancial o setor de turismo, viabilizando ou não o aproveitamento de seus benefícios para a comunidade, independentemente de se tratarem de processos puramente políticos, bem como sociais e culturais (TYLER, GUERRIER e ROBERTSON, 2003, p.17).

Muito do que se chama hoje de planejamento turístico na política brasileira se assemelha na verdade, a simples análises e desenvolvimento pontuado de atividades ligadas ao turismo. O planejamento é mais do que um processo técnico, e independentemente dos atrativos locais disponíveis e utilizados pelo turismo, deve contemplar os interesses e expectativas da comunidade para que esta se desenvolva (TYLER, GUERRIER e ROBERTSON, 2003, p.17; PELIZZER, 2004-A e 2004-B).

A finalidade do planejamento não se deve restringir à organização do setor para atender apenas às necessidades do mercado (tendo como objetivo o crescimento econômico baseado no lucro), mas ultrapassar a dimensão econômica avançando no social, contemplando relações de confiança e solidariedade, de comprometimento e reciprocidade, em busca da hospitalidade (tendo como objetivo o interesse comum) (DENCKER, 2004-B, p.1).

O planejamento turístico das localidades brasileiras, muitas vezes segue, como explica Hall (2003, p.23), em estudo que observa a dinâmica da tomada de decisão política e do planejamento centralizado em Sydney na Austrália, foco nos códigos de zoneamento para a utilização do solo, para o desenvolvimento de localidades, para a regulamentação de equipamentos de acomodação e restauração, para a provisão de infra-estrutura ou simplesmente para o incremento da atividade turística local pela apresentação e valorização de seus atrativos culturais, históricos e naturais.

Citando Pearce (1989), Hall (2003, p.23) complementa dizendo que mais recentemente, o planejamento vem assumindo preocupações com a questão ambiental e sociocultural, percebendo assim a importância e a necessidade de promover o desenvolvimento econômico dessas localidades. Por outro lado, reafirma a freqüente condição do planejamento das ações turísticas estar atrelado a planejamentos políticos das áreas de desenvolvimento econômico, sócio-político e ambiental, tornando-se assim um amálgama¹⁰ nessas considerações.

¹⁰ Aqui utilizado como uma mistura de elementos que, embora proveniente de setores diversos, contribui para a formação do todo, no caso do planejamento total da área em questão.

É comum que promoções turísticas levadas a efeito pela municipalidade deixem de atuar como elementos dinamizadores de fluxos turísticos e se transformem em eventos de promoção social, sem motivar suficientemente pessoas para que se desloquem de seu local de origem para o local onde está ocorrendo o fato. Na maioria das vezes, observa-se que esses eventos ficam circunscritos ao município, não provocando o deslocamento de turistas. Não duvidamos da intenção dos organizadores e promotores; ao contrário, acreditamos que tudo seja feito dentro do melhor propósito e espírito cívico. Ocorre que tais acontecimentos, na maioria das vezes, são planejados e executados aleatoriamente, não cumprindo sua finalidade básica: o desenvolvimento e o incremento do turismo (PELIZZER, 2004-A, p.49).

Falar de planejamento ao se tratar da gestão de hospitalidade de uma localidade, como bem explica Dencker (2004-B, p.6), não pode dizer respeito apenas a questões de aprimoramento de oferta de produtos e serviços locais, nem tampouco da infra-estrutura e de novas formas de administração e comercialização de tais produtos. Os principais pontos a observar são as mudanças que estão ocorrendo com as pessoas, sejam elas turistas ou quem os recebe.

São as relações entre as pessoas, seus sentimentos, suas necessidades, suas formas de ver e sentir o mundo que estão passando por transformações profundas e geram novas necessidades, percepções e desejos que precisam ser entendidos para que se possa gerenciar a atividade e definir novos rumos para o planejamento da atividade (DENCKER, 2004-B, p.6).

Diante da complexidade das diferentes formas de agir e se organizar da sociedade moderna, qualquer que seja a área a que se proponha um planejamento, o gestor precisará trabalhar com diferentes redes de relações que ocorrem na comunidade, assim como entre os espaços que se pretende organizar e seus visitantes (DENCKER, 2004-B, p.11). Para a autora o conceito da hospitalidade permite, sobretudo, trabalhar a questão pelo foco da inclusão social (p.10), que na visão de Sansolo (2004, p.180), seria a busca de uma gestão de conflitos, na qual o planejamento responderia pela busca do compartilhamento de poder na sociedade.

Assim como acontece nas empresas, os fatores relacionados às estratégias, à gestão político-administrativa, à capacitação tecnológica para inovação de produtos e serviços, à capacidade produtiva e aos recursos humanos de uma localidade, aumentam ou diminuem seu poder competitivo no campo do turismo (CANTON, 2002, p.91).

Uma análise estratégica mais abrangente desses diversos fatores que compõem não somente a gestão municipal, mas todo o sistema de turismo e hospitalidade local, torna-se importante para se definir um posicionamento

estratégico da localidade perante seus clientes, sejam eles os moradores ou os visitantes, visando dessa forma, ao estabelecimento de relacionamentos capazes de construir e acrescentar valor na formulação dos programas de divulgação e de *marketing* dos produtos turísticos locais (REGO, 2004, p.109).

O desenvolvimento de um planejamento turístico irá requerer de seus proponentes uma série de análises e reflexões sobre os reais objetivos do turismo para determinada localidade. Norteados pelos princípios da hospitalidade, que segundo Camargo (2003; 2004) poderia até mesmo se chamar planejamento da hospitalidade local, o planejamento deverá criar um sistema próprio de informações que seja baseado em indicadores¹¹ da performance ambiental local, e deve contemplar tanto a área urbana como a área rural circundante. Esses indicadores são instrumentos adequados para orientar caminhos na direção de um futuro sustentável das localidades e de suas populações (GRINOVER, 2003-B, p.49).

A instituição de indicadores para o planejamento turístico deve contemplar fundamentalmente um conjunto de indicadores de hospitalidade que possa refletir as inter-relações entre os subconjuntos do ambiente natural e os subconjuntos sócio-culturais que compõem o complexo espacial urbano (GRINOVER, 2003-B, p.51). Os indicadores sejam eles de qualquer natureza, são em última análise historicamente determinados, ao mesmo tempo em que têm sua natureza e uso definido de acordo com os interesses e necessidades dos grupos sociais que o irão utilizar (p.52).

Para o estudo da hospitalidade de uma localidade, Lucio Grinover (2003-B, p.51) propõe três conjuntos de indicadores, a saber:

¹¹ Grinover explica que de acordo com vários autores, indicador é um instrumento criado e utilizado para conhecer os aspectos da realidade que interessam a uma sociedade. Têm como principal papel diagnosticar os problemas profundos vividos por um dado grupo e como principal função facilitar o planejamento de suas soluções. Os indicadores devem dar conta não só de resolver situações estáticas e fragmentadas na sociedade, mas sim, de procurar nos processos observados as mudanças que neles estão ocorrendo. Devem ser constituídos segundo modelos de desenvolvimento buscados pela política local e que a sociedade adotou como sendo interessante, mas que já quer modificar em função dos resultados adversos que o modelo apresentou ao longo do tempo. Os indicadores devem contribuir para a avaliação e a formulação de novas estratégias de desenvolvimento que visem a qualidade de vida da população, que deve ter efeito direto nos diferentes setores da sociedade e, ao mesmo tempo, medir e controlar as consequências das políticas, dos programas e dos projetos adotados (2003-B, p.49-50). “Os indicadores respondem a uma definição simples e, por se tratar de indicadores de síntese, devem ser contemplados por outros de caráter mais analítico, que recolhem mais diretamente a dinâmica dos diferentes aspectos que sintetizam. Esse caráter é necessário por se tratar de um conjunto de indicadores ambientais e de hospitalidade urbanos construídos para um sistema aberto e, como tal, sujeito a uma série de processos dinâmicos de transformação da realidade urbana” (p.52).

- ✓ Indicadores físicos (ar, água, ruídos), biológicos (solo, vegetação, fauna) e estéticos (paisagem, patrimônio cultural, arquitetura, etc).
- ✓ Indicadores relativos aos equipamentos urbanos que correspondem aos problemas do ambiente e das populações em termos de conforto, saúde, lazer e às atitudes com o estranho (hóspede / visitante).
- ✓ Indicadores que reflitam a recepção do ambiente pela população e resulte em critérios tais como convivialidade ou alienação, estabilidade ou instabilidade, segurança ou crime, hospitalidade ou afastamento.

Aplicando esses conceitos ao estudo de Pariquera-Açu, objeto de estudo nessa pesquisa, escolheu-se um momento em que a mesma se prepara para receber visitantes por meio de um evento, organizado pela Prefeitura Municipal - A Festa das Nações de Pariquera-Açu.

Segundo dados da Prefeitura Municipal (2005), oriundos das pesquisas de opinião realizadas nas edições de 2003 e 2004 junto ao público visitante, a Festa das Nações se tornou o evento mais bem estruturado da região do Vale do Ribeira – litoral sul do Estado de São Paulo.

A instituição de indicadores para o estudo foi feita segundo a leitura de Lynch (1999), Grinover (2002) e Rego e Silva (2003).

2.2 Pariquera-Açu, o cenário da Festa

2.2.1 Macro-Ambientação

O Brasil, pela sua dimensão continental e condições climáticas e geomorfológicas, é um dos países com maior biodiversidade do Planeta Terra e para

abrigar toda essa “vida”, apresenta um mosaico composto por treze¹² ecossistemas diferentes que cobrem toda a sua extensão (DINIZ, 2003).

Dentre estes, está a Mata Atlântica que é considerada pela Constituição Brasileira de 1988, em seu Capítulo VI - parágrafo 4º, como Patrimônio Nacional. Em 1991 foi também declarada pela UNESCO¹³ como Patrimônio da Reserva Natural da Humanidade (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003). No Brasil, atualmente é o terceiro ecossistema mais degradado e ameaçado de extinção¹⁴ (DINIZ, 2003, p.99).

Seu nome completo segundo o IBAMA¹⁵ é Floresta Latifoliada Perenifolia Atlântica e nos estudos do IBGE, é apresentada como Floresta Ombrosa Densa (DINIZ, 2003, p.101).

Originalmente essa exuberante floresta tropical que cobria um território pouco maior que 1.000.000 km², ocorria por toda a costa leste brasileira, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande de Sul, e em extensões variadas avançava pelo interior dos Estados. A Mata Atlântica ocupava no passado praticamente todo o Estado do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, bem como significativas parcelas dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, alcançando países vizinhos como Argentina e Paraguai (IBAMA, 2005; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2005).

Desse imenso corpo florestal que outrora cobria cerca de 15% do território nacional, a região recoberta pela Mata Atlântica foi a que mais registrou, desde o período colonial a maior concentração populacional no Brasil (DINIZ, 2003, p.101).

Segundo Diniz (2003, p.102), ao longo dos séculos, em diferentes ciclos econômicos, a região da Mata Atlântica foi sendo devastada pela exploração do pau-brasil (período colonial); pela expansão das lavouras de cana-de-açúcar no litoral nordestino (séculos XVI e XVII); pelo ciclo de mineração no Estado de Minas Gerais (século XVIII); pela expansão da produção cafeeira (meados do século XIX até o

¹² Segundo Diniz (2003, p.98), o Brasil possui treze diferentes ecossistemas, a saber: 1) Floresta Amazônica, 2) Campinarama, 3) Savanas e Campos da Amazônia, 4) Mata Atlântica, 5) Mata de Cocais, 6) Mata de Araucária, 7) Campo Subtropical, 8) Campos de Altitude, 9) Cerrado, 10) Caatinga, 11) Pantanal, 12) Manguezal e 13) Restinga.

¹³ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

¹⁴ Em primeiro lugar em degradação vem os Campos Subtropicais dos quais somente cerca de 2% de área ainda está viva e em segundo a Mata de Araucária, com cerca de 3% preservados (DINIZ, 2003, p.99).

¹⁵ IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

início do século XX), e pela crescente urbanização e industrialização em toda a costa brasileira (principalmente a partir do início do século XX).

A Mata Atlântica se desenvolveu sobre as encostas montanhosas do Planalto Brasileiro, que acompanha de norte a sul todo o litoral do País. Segundo Moreira (1998, p.469), na região costeira a área apresenta elevada umidade, resultado da evaporação da água do mar e da ação dos ventos, o que cria excelentes condições para o desenvolvimento de uma abundante vegetação, cuja estrutura é de grande porte, além de definir muito bem o clima, no qual os verões são quentes e chuvosos e os invernos frios e secos.

Pela sua localização geográfica, a Mata Atlântica abrange as bacias dos rios Paraná, Uruguai, Paraíba do Sul, Doce, Jequitinhonha e São Francisco. Como explica Diniz (2003) com a degradação desse ecossistema pela exploração predatória e pelo massivo crescimento populacional, rios importantes para o equilíbrio do meio ambiente e para a economia nacional, como o Rio Paraíba do Sul, São Francisco, Doce e Jequitinhonha encontram-se poluídos ou assoreados (neste último caso por causa dos sedimentos arrastados pela erosão do solo desprotegido de vegetação). A bacia do Rio Ribeira de Iguape, segundo dados do Governo do Estado (2003), ainda se encontra em boas condições para uso de suas águas.

A Mata Atlântica apresenta em seus domínios uma diversidade natural muito importante. Seus campos e matas de altitude, mangues e restingas abrigam uma variedade de animais que a transforma em um dos ecossistemas de maior biodiversidade do planeta, e também em um dos mais frágeis. Em especial, na sua parcela constituída e identificada como Serra do Mar, calcula-se que existam catalogadas mais de 400 espécies de aves, 55 de mamíferos (inclusive quatro endêmicas de mico-leão¹⁶), 250 de anfíbios e 140 de répteis. O mesmo ocorre com a grande variedade de insetos, principalmente as borboletas (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2005).

Apesar da devastação sofrida, a riqueza das espécies animais e vegetais, que ainda se abrigam na Mata Atlântica é espantosa. Ao longo de toda sua extensão, a Mata Atlântica se mostra única perante os demais ecossistemas brasileiros; pode ser vista como um mosaico diversificado de ecossistemas florestais de estruturas e composições florísticas bastante diferenciadas. Isso ocorre em função das

¹⁶ Classificadas a anos na lista de animais em extinção, as várias espécies de mico-leão são protegidas pela Lei da Fauna Nº5.197/97 do Governo Federal e amparada pela Constituição de 1988.

diferenças de solo, relevo e características climáticas existentes na ampla área de ocorrência desse bioma no Brasil (DINIZ, 2003, p.101).

Atualmente restam cerca de 7,3% de sua extensão original, que na região Sudeste ocupa áreas denominadas como Serra do Mar e Serra da Mantiqueira (DINIZ, 2003, p.101). É possível verificar pela figura 1 a extensão inicial da Mata Atlântica e a que atualmente ainda é coberta pela mesma. Apenas a região demarcada pela cor roxa está em melhor estado de conservação quanto à sua formação primária.

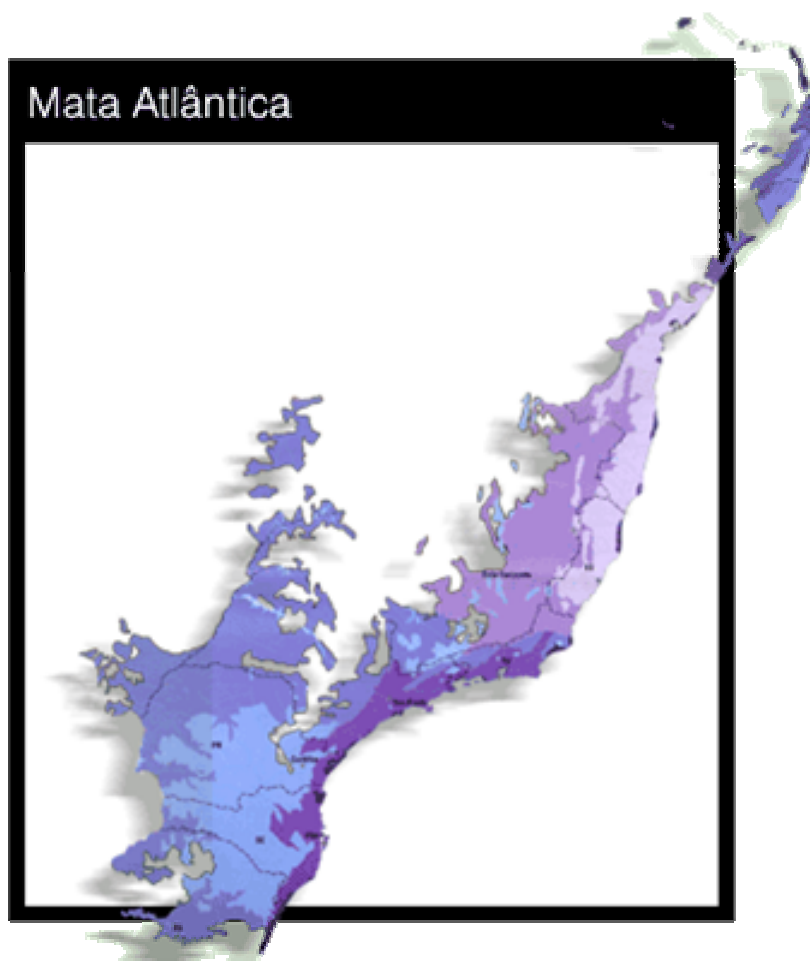


Figura 1 – Mapa da Mata Atlântica
Fonte: IBAMA <www.ibama.gov.br> acessado em 08.06.05.

No entorno da Mata Atlântica vivem mais de 100 milhões de pessoas que apesar do rico patrimônio étnico e cultural, exercem grande influência e enorme pressão sobre seus remanescentes, seja pela ocupação do espaço ou pela utilização de seus recursos (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2005).

A massiva exploração predatória dos recursos florestais da Mata Atlântica exercida há séculos, tende a levar à total destruição desse ecossistema. Para que

isso não ocorra, inúmeras entidades ecológicas em parceria com a iniciativa privada e com apoio do Estado, tentam a preservação da Mata Atlântica com trabalhos desenvolvidos junto às comunidades locais, cujo foco está no desenvolvimento sustentável e na educação ambiental dos moradores e visitantes e cujos resultados positivos já podem ser verificados¹⁷.

Assim como qualquer outro Ecossistema, a Mata Atlântica se apresenta extremamente frágil perante toda a degradação e violência que vem sofrendo, reduzindo-se ao longo dos séculos devido principalmente ao extrativismo predatório, à transformação da floresta em áreas de produção agrícola e à especulação imobiliária (SIMÕES e LINO, 2002). O ser humano pode sim se beneficiar de toda a riqueza que ela oferece desde que se tenha sempre como norteador das atitudes, a consciência ecológica e o respeito pela vida.

Em São Paulo a maior área remanescente e contínua da Mata Atlântica está localizada no sul do Estado, região onde se encontra o Vale do Ribeira e conseqüentemente o município de Pariquera-Açu que o integra, objeto deste Estudo de Caso.

Vale do Ribeira – Região sul do Estado de São Paulo

O Estado de São Paulo é dividido em quinze grandes grupos de cidades, chamados de Regiões Administrativas - RA (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Segundo a Série de Eventos: Fórum São Paulo – Governo Presente, promovida pelo Governo do Estado de São Paulo (2003), o Vale do Ribeira, que se localiza na porção sul do Estado, precisamente em um dos mais preservados trechos da Mata Atlântica paulista, que compreende exclusivamente parte da Serra do Mar, é formado pelas quatorze cidades que pertencem à Região Administrativa de Registro (uma área total de 12.129 km²), acrescidas de mais nove cidades pertencentes à Região Administrativa de Sorocaba e Região Metropolitana de São

¹⁷ “Em 2002, no estado de São Paulo, foi constatado pelo IBAMA que a vegetação natural teve um pequeno crescimento de 2,04% fato que não acontecia desde 1962. Esse aumento foi verificado especialmente na Mata Atlântica próxima ao litoral” (DINIZ, 2003, p.102).

Paulo. Somando-se os vinte e três municípios, a extensão total dessa região que está localizada na Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape, abrange uma área de aproximadamente 25.000 km².

Com localização privilegiada no coração do maior remanescente contínuo da Mata Atlântica paulista, o Vale do Ribeira é uma região onde a diversidade biológica e de ecossistemas proporciona uma sucessão de cenários únicos e surpreendentes (GUIA DO VALE DO RIBEIRA, 2005).

O elemento marcante da região é rio Ribeira de Iguape (figura 2). O que o difere da maioria dos grandes rios do estado de São Paulo é que, ao invés de correr para o oeste, ele nasce no Paraná e segue em direção ao litoral, recebendo diversos afluentes em todo o seu percurso (GUIA DO VALE DO RIBEIRA, 2005).



Figura 2 - Rio Ribeira de Iguape
Fonte: Guia do Vale do Ribeira
<www.gvr.com.br> acessado em 20.05.05.



Figura 3 - Vale do Ribeira
Fonte: Guia do Vale do Ribeira
<www.gvr.com.br> acessado em 20.05.05.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu (PMPA, 2005) a ocupação dessa região aconteceu em vários momentos na história brasileira. Descendentes de europeus provenientes de vários países como Alemanha, Itália e Polônia, ainda mantêm tradições folclóricas nas festividades realizadas nas cidades do Vale.

Os municípios que compõem o Vale do Ribeira formam uma região de elevados contrastes. Muitos deles são de economia extremamente pobre, apesar de possuírem as mais belas paisagens naturais (figura 3), que são formações clássicas e características da exuberante vegetação da Mata Atlântica. Dessa forma o grande potencial ecoturístico do Vale do Ribeira pode ser uma das saídas para o desenvolvimento da economia local (IBGE, 2005; GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Desde o ano de 1995, a Fundação SOS Mata Atlântica desenvolve nos municípios de Iguape, Cananéia, Pariquera-Açu e Ilha Comprida, o projeto do Pólo Ecoturístico do Lagamar (PEL), que em muito vem auxiliando na preservação do

litoral sul paulista. A imensa diversidade biológica da região que compõe o Lagamar possibilita a realização de atividades turísticas que atendem a diferentes públicos, dentre elas a observação de aves, visita a criadouros de ostras, viveiro de plantas nativas, sítios arqueológicos e passeio pela baía onde os golfinhos se reproduzem, incluindo também visitas ao patrimônio histórico-cultural local. O PEL abrange também parte do Complexo Estuarino de Iguape-Cananéia-Paranaguá, de ocorrência na divisa entre os estados de São Paulo e do Paraná (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2004).

Buscando preservar todo esse paraíso brasileiro, o Vale do Ribeira abriga o maior patrimônio de cobertura vegetal preservada do estado de São Paulo. São mais de 1.000.000 de hectares protegidos pelo Estado na forma de unidades de conservação (áreas verdes protegidas que avançam os limites da Região Administrativa de Registro) (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Vale mencionar que 45,17% das Unidades de Conservação do Estado na forma de Parques Estaduais estão localizados no Vale do Ribeira (anexo 1).

Toda a região do Vale do Ribeira tem como característica econômica predominante a economia primária, apresentando os mais baixos índices de desenvolvimento do Estado (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Segundo o Fórum São Paulo – Governo Presente (2003), a economia local está baseada na agricultura (banana e chá), na mineração e no extrativismo vegetal (palmito)¹⁸, contudo, o Vale do Ribeira apresenta inúmeras vantagens para o desenvolvimento de uma série de atividades econômicas, dentre elas o turismo e a agroindústria.

Segundo o IBGE, nos dados do Censo 2000, a região do Vale do Ribeira abrigava 359.299 habitantes. Destes, 265.348 habitantes residiam na Região Administrativa de Registro.

¹⁸ Conheça um pouco da cultura agrícola e do extrativismo vegetal do Vale do Ribeira no anexo 2.



Figura 4 - Mapa do Vale do Ribeira – SP.

Fonte: Guia do Vale do Ribeira <www.gvr.com.br> acessado em 20.05.05.

O Vale do Ribeira é formado pelos 14 municípios da RA de Registro¹⁹ (figura 4), dentre eles Pariquera-Açu, que pela sua localização central e também por ser cortado pela mais importante rodovia federal da região, a BR 116 (que liga os Estados de São Paulo e do Paraná), serve de “caminho” para se chegar às cidades litorâneas de Cananéia, Iguape e Ilha Comprida.

2.2.2 Micro-Ambientação

O município de Pariquera-Açu

Segundo a obra “Memória Histórica de *Pariquéra-assú*” a etimologia do vocábulo *Pariquéra-assú* (na grafia da época) - que primeiro nomeou o rio e posteriormente a localidade-, vem do Tupi-Guarani, no qual *Pariquéra* quer dizer

¹⁹ Para a composição total do Vale do Ribeira, aos quatorze municípios mencionados da figura 4, acrescentam-se os municípios de Jujutiba e São Lourenço (RA Metropolitana de São Paulo) e Tapiraí, Iporanga, Itaóca, Apiaí, Barra do Chapéu, Ribeira e Itapirapuã Paulista (RA de Sorocaba) – totalizando-se 23 municípios.

cercados de peixes; caniçada²⁰ e *assú* quer dizer grande (assim como o seu antônimo, mirim, quer dizer pequeno) (ALMEIDA, 1939, p.9).

Segundo a Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu (2005), o nome dado à cidade também foi inspirado na forma como seus habitantes primitivos chamavam o lugar - *Pary*.

Pariquera-Açu tem o início de sua história na primeira metade do século XVI, quando os portugueses, em busca das riquezas do Vale do Ribeira, tinham apenas duas maneiras de viajar de Iguape para Xiririca (localidade da então Província de São Paulo que hoje é a cidade de Eldorado), nenhuma das quais muito confortáveis. Podia-se subir a Ribeira de Iguape (que ainda não era chamada de rio) em frágeis canoas impelidas à vara, ou por terra, atravessando a pé ou em lombo de burro a longínqua distância (PMPA, 2005).

Em meio á floresta, a viagem durava dias. Ao longo do difícil caminho haviam pouquíssimos pontos de parada onde os viajantes passavam noites intermediárias, dormindo mal e descansando pouco. O primeiro desses pontos de parada sequer tinha nome e situava-se às margens dos rios Pariquera-Açu e Turvo em aprazível planície, e era conhecida apenas como "Pousada" (PMPA, 2005).

O local em questão, a planície do rio Pariquera-Açu, possuía as águas mais cristalinas da região, onde a vegetação predominante era a Palmeira Guaricana (figura 5); que com suas folhas perfeitas para cobrir as choças dos viajantes, acabou dando o primeiro nome ao local: "Pousada Guaricana". O Núcleo Colonial de Pariquera-Açu foi fundado em 1855 por determinação do então Governo Imperial à Província de São Paulo, para o que foi escolhida parte do território da Vila de Iguape, justamente o local que já era conhecido pela denominação de Guaricanga, nome alusivo à palmeira Guaricana. Inicialmente o Núcleo de Paz foi destinado a radicar exclusivamente os imigrantes europeus que chegavam ao Brasil. Localizado nas proximidades de Guaricanga, esse Núcleo recebeu (ainda que no papel), pelo rio que o banhava, o nome de Colônia ou Núcleo de Paz *Pariquéra-assú* (ALMEIDA, 1939, p.21).

²⁰ Palavra derivada de caniço, a caniçada representa uma cana comprida e flexível usada para pescar, da qual pende um fio com anzol.



Figura 5 – Palmeira Guaricana (*Geonoma gamiova*)²¹

Fonte: LORENZ, SOUZA, MEDEIROS-COSTA, CERQUEIRA e BEHR, 1996, p.94.

Palmeira de grande beleza, nativa da região da Mata Atlântica, as Guaricanas destacavam-se pela abundância e graciosidade de seu porte. Quando as primeiras casas começaram a surgir junto à Pousada, a aldeia também ganhou o nome de Guaricana (PMPA, 2005).

Em muitos documentos oficiais aparece a denominação de GUARICANA e não de Pariquéra-assú, [...] e que somente muito tempo depois foi assumido [como o nome] para o referido núcleo (ALMEIDA, 1939, p.21).

A história do então Núcleo de Paz de *Pariquéra-assú* passou por três fases distintas que se somaram exatos 32 anos entre o primeiro pedido do Governo Imperial para o desenvolvimento de uma vila para receber colonos imigrantes europeus (1855) e a efetiva autorização e liberação das terras devolutas pela Província de São Paulo (1887). Por todos esses anos, imigrantes europeus, sobretudo alemães, poloneses, italianos e suíços, continuaram a desembarcar no Brasil, se deslocando para a região, conduzidos pela esperança de vir a possuir um pedaço de terra boa e fértil onde pudessem obter o sustento de suas famílias e

²¹ Espécie ornamental tolerante à sombra, as palmeiras da família *Geonoma gamiova* têm ocorrência principalmente na mata pluvial de encosta atlântica, predominantemente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do sul. Apresentam caule simples, fino e canelado, às vezes duplo de até quatro metros de altura. Suas folhas são em número de 8 a 14 e têm cerca de 50 a 80 cm de comprimento. Seus frutos são globosos pequenos, de coloração preta quando maduros (LORENZ, SOUZA, MEDEIROS-COSTA, CERQUEIRA e BEHR, 1996, p.94).

poder sonhar com a promessa de um futuro melhor, porém encontravam a Colônia ainda desprovida da mínima infra-estrutura possível (ALMEIDA, 1939, p.22-38).

Foi a partir do ano de 1887 que efetivamente a Colônia *Pariquéra-assú* é tida como estruturada. No período de 30 de maio de 1887 a 26 de outubro de 1888 chegaram oficialmente à Colônia, as primeiras famílias de imigrantes polacos contratadas pelo Governo para desenvolver a agricultura na região.

Com o passar do tempo, das modestas habitações cobertas com as folhas da palmeira Guaricana passaram a se configurar casas cobertas por telhas. A estrada melhorou o acesso ao Porto de Subahuma (região de Cananéia) e às colônias vizinhas, auxiliando no escoamento da produção, o que resultou no desenvolvimento local.

A emancipação da Colônia de *Pariquéra-assú* aconteceu em 11 de janeiro de 1902, pelo Decreto Nº 995. Em 19 de dezembro 1906, tendo o então Secretário da Agricultura Dr. Carlos J. Botelho (ilustre figura que foi homenageada como o nome da principal avenida que corta a cidade) representando o Vilarejo de *Pariquéra-assú* junto ao Presidente do Estado, Dr. Jorge Tibiriçá, sobre terras contíguas ao Núcleo que deveriam ser anexadas ao Vilarejo, obteve êxito de seu pedido pelo Decreto Nº 1422.

Com a emancipação vieram também os problemas oriundos da administração e manutenção próprias de seus recursos. Mas ao longo dos anos, *Pariquéra-assú* se mostrou forte e cresceu. Daí provém a fundamental diferença entre Pariquera-Açu e os outros municípios do Vale do Ribeira, que, pela maneira como foi concebida, a cidade quase não tem problemas fundiários ou terras improdutivas (PMPA, 2005).

O desenvolvimento da colônia levou à criação, pelo decreto nº 6959, de 11 de fevereiro de 1935, do Distrito de Paz de Pariquera-Açu, subordinado ao município de Jacupiranga. Mais tarde, em 30 de dezembro de 1953, a Lei nº 2456, acrescentando ao território do distrito, áreas desmembradas de Iguape, Registro e Jacupiranga, criou o município de Pariquera-Açu (PMPA, 2005).

Criado em dezembro de 1953 e instaurado em janeiro de 1954, só em primeiro de janeiro de 1955 o município viu empossado seu primeiro prefeito, o Sr. Ivo Zanella, que lhe dirigiu os destinos até 1958. De lá para cá, foram quatorze equipes de Administração Municipal (PMPA, 2005).



Figura 6 - Vista aérea de Pariquera-Açu

Fonte: Guia do Vale do Ribeira <www.gvr.com.br> acessado em 20.05.05.

Durante parte da realização dessa pesquisa, a Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu esteve sob a responsabilidade do Senhor Orlando Milan – Prefeito, e do Senhor Gilberto José Saletti Melcher – Vice-Prefeito (mandatos 1997-2000 e 2001-2004). No período de finalização desta pesquisa, a Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu estava sob a responsabilidade do Sr. Zildo Wask – Prefeito, e do Senhor Clóvis dos Santos – Vice-Prefeito (mandato 2005-2008).

Quadro 3 – Pariquera-Açu em Números

Dados Demográficos	
População Total do Município	17.649 habitantes
Posição no Ranking do Vale do Ribeira	8º município
População Urbana	11.722 habitantes
População Rural	5.927 habitantes
População Masculina	8.891 habitantes
População Feminina	8.758 habitantes
Taxa de Crescimento (Censo 1996 / 2000)	2,78%
Taxa de mortalidade infantil	23,29%
IDH Municipal	0,770
Ranking IDHM na Região (Vale do Ribeira)	5º município
Ranking IDHM no Estado de São Paulo	402º município
Ranking IDHM no Brasil	1.328º município

Fonte: Elaborado pelo autor (2005) com base nos dados do IBGE Censo 2000; Série de Eventos Fórum São Paulo – Governo Presente, 2003; e PMPA, 2005.

Pariquera-Açu quanto à sua população, esta classificada como o 8º município do Vale do Ribeira. Segundo os dados do IBGE no Censo 2000, viviam na cidade 17.649 habitantes (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003; IBGE, 2005).

Localizada em uma das poucas áreas remanescentes da Mata Atlântica brasileira, Pariquera-Açu é uma das cidades que compõem o Vale do Ribeira, região litorânea do sul do estado de São Paulo, e está localizada à Latitude 24° 35' S e à Longitude 47° 50' W (PMPA, 2005).

O município faz divisa com Registro ao Norte, Cananéia ao Sul, com Iguape à Leste e com Jacupiranga à Oeste. Tem como principais distâncias 28km de Registro, 41km de Cananéia, 42km de Iguape e 21km de Jacupiranga (PMPA, 2005).

A cidade é cortada pela Rodovia Regis Bittencourt – BR 116 (figura 7), que a liga à capital Paulista (220km até São Paulo) e à capital Paranaense (204km até Curitiba). Conhecida no passado como “rodovia da morte”, a BR 116 foi totalmente duplicada e encontrava-se, na ocasião desta pesquisa em boas condições para sua utilização, além de bem sinalizada (PMPA, 2005).

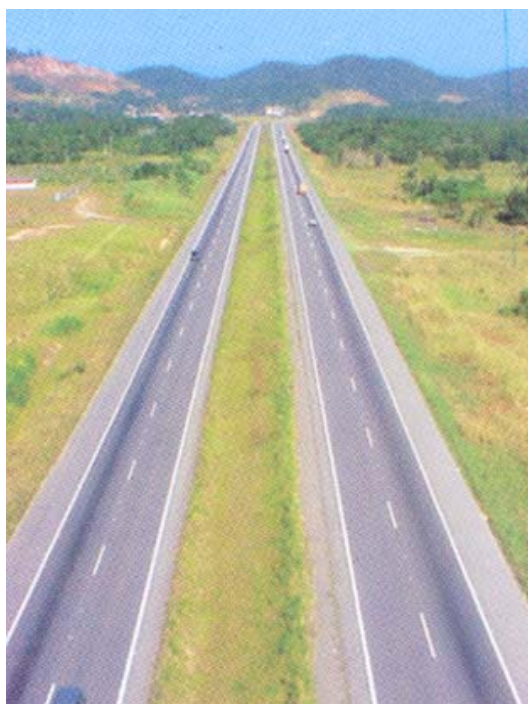


Figura 7 – BR 116

Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 18.09.05

Pariquera-Açu é ainda atendida por duas Rodovias Estaduais a SP 226 e SP 222, além de 230km de estradas municipais (PMPA, 2005).

Geografia Local

Em sua criação, o município de Pariquera-Açu contava com 356 quilômetros quadrados. Um acerto de divisas (com a cidade de Iguape) aumentou posteriormente essa área para 359,69 quilômetros quadrados (PMPA, 2005).

Pariquera-Açu tem uma altitude média de 26 metros acima do nível do mar e é cortada pelos rios Turvo e Pariquera-Açu, além do rio Jacupiranga e outros cursos d'água de menor importância (PMPA, 2005).

A região tem clima característico das regiões Tropicais Úmidas (clima quente e de inverno seco), sem estação de seca, sendo a temperatura do mês mais quente superior a 22°C e o total de chuvas no mês mais seco superior a 30 mm. Apresenta-se também com uma umidade relativa do ar média acima de 85% e precipitação anual próxima a 1.600 mm (PMPA, 2005).

Segundo dados da Prefeitura local (PMPA, 2005), seu relevo é ondulado cortado por ribeirões. Os tipos de solo predominantes no município são os solos vermelho-amarelados com características intermediárias para o Latossolo Amarelo e que ocorrem em relevo suave ondulado, restrito a algumas áreas de sedimentos da formação geológica de Pariquera-Açu. Esses tipos de solo são bem característicos no Brasil, visto que são de formação predominantemente em regiões quentes e úmidas com alta pluviosidade. Apresentam boa profundidade e são muito espessos, porém, são solos ácidos e pobres em nutrientes, mas com a vantagem de se situarem predominantemente em áreas de relevo mais suaves com boas possibilidades de mecanização e menor risco de erosão quando intensamente cultivados, o que facilita a agricultura (DINIZ, 2003).

Estrutura da Máquina Legal e Administrativa Municipal

Em 20.05.04 explicou em entrevista o Professor Gilberto Melcher - Vice-Prefeito de Pariquera-Açu, que o município possuía Lei Orgânica; Plano Plurianual; Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO); Lei do Orçamento Anual (LOA); Lei do Perímetro Urbano (LPU); Código de Postura (Higiene e Segurança) e Código

Tributário. O município participava também, no mesmo período, de Consórcios Intermunicipais do Vale do Ribeira, como o CONSAÚDE, CODIVAR e CONVIP.

Em 2004 a Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu era composta por 331 funcionários (efetivos e / ou contratados) e a Câmara dos Vereadores contava com oito vereadores diplomados para a legislatura de 2001-2004 (PMPA, 2005).

A Rede Elétrica atendia a 486 propriedades para uso residencial e 109 para uso rural; a Rede de Esgoto possuía 1.700 ligações no município, a Rede de Água era de responsabilidade da SABESP e a de Telefonia da TELEFONICA (PMPA, 2005).

A Segurança dos cidadãos era feita por uma Delegacia de Polícia Militar e também por destacamentos da Polícia Rodoviária, Florestal e Ambiental (PMPA, 2005).

A Saúde da população é assistida por um Hospital Regional (com 124 leitos), um Centro de Saúde, oito Postos de Assistência Rural, duas Clínicas Odontológicas e uma Clínica de Reabilitação e Fisioterapia (PMPA, 2005).

O município é também a sede do SAMU – Serviço de Atendimento Médico às Urgências que atende 24 horas (pela central de comunicação DDG 0800 150054) a todo o Vale do Ribeira. O SAMU é um órgão mantido com verbas do Ministério da Saúde, da Secretaria Estadual de Saúde e das Prefeituras da região atendida, ou seja, os 23 municípios que compõem o Vale do Ribeira.

Segundo o IBGE (informação disponível no Censo de 1998), a taxa de analfabetismo do município era de 2,9% da população. Pariquera-Açu contava com sete estabelecimentos no Ensino Pré-Escolar (336 matrículas em 2000), doze no Ensino Fundamental (3.381 matrículas em 2000) e um no Ensino Médio (951 matrículas em 2000) (PMPA, 2005).

Estrutura da Economia Municipal

O município apresentou expressivo crescimento econômico ao longo dos últimos anos. Seu Orçamento de 2003 foi de R\$ 9.150.000,00 (superando em 10,27% o orçamento de 2002 – R\$ 8.210.000,00). A Renda *per capita* segundo o IBGE (1991) foi de R\$ 2.114,79 (PMPA, 2005).

Havia no município 335 estabelecimentos devidamente registrados (com CNPJ válido e atuante), sendo 290 estabelecimentos comerciais e 45 empresas de serviço. Pariquera-Açu conta também com uma Associação Comercial Industrial (PMPA, 2005).

Segundo a Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu (2005), o principal esteio da economia municipal é a agricultura, mais precisamente a fruticultura, que tem como principais produtos (em números médios) as culturas de: Maracujá (98.000 toneladas / ano), Tangerina (21.000 toneladas / ano), Chá (Erva Mate – 7.000 toneladas / ano), Cana-de-Açúcar (6.000 toneladas / ano) e Banana (6.000 toneladas / ano).

A observação da dinâmica da hospitalidade pública e comercial do município de Pariquera-Açu foi feita, neste estudo, utilizando-se a teoria dos domínios da hospitalidade (LASHLEY, 2004; CAMARGO, 2004) e a orientação metodológica de Estudo de Caso de Robert Yin (2005), na qual os dados observados nas pesquisas de campo são apresentados em duas Unidades Incorporadas de Análise, que remetem à observação da atmosfera local e da atmosfera da Festa; dois momentos distintos que são analisados sob a ótica da hospitalidade, o que possibilita o cruzamento e comparação das variáveis observadas em cada um deles.

Hospitalidade pública e comercial de Pariquera-Açu

O receber é segundo Camargo (2004, p.52), nada mais do que o se abrir para o acolhimento do outro que lhe bate à porta, seja a da sua residência, da sua cidade, de um hotel ou por meios virtuais como a internet e os materiais promocionais de uma agência de turismo que o remetem ao destino em questão.

O receber público expressa, sobretudo, o direito de ir e vir dos indivíduos no espaço público que quase sempre é, num primeiro momento, a cidade. Nesse prisma configuram-se alguns pontos a observar, como por exemplo, a questão da sinalização e dos costumes locais, o que envolve o idioma e seus mais diferentes acentos lingüísticos regionais (CAMARGO, 2004, p.56). Envolve também a questão do uso que se dá aos equipamentos disponíveis para a recepção do visitante (turista), bem como a sua sinalização.

O turismo caracteriza-se por atividades que são desempenhadas pelos “turistas”, atores dessas atividades, que as escolhe para ocupar o tempo livre²² de que dispõem (BARRETO, 2003, p.62).

O desejo de fazer coisas que lhe traga felicidade e que lhe proporcione conhecer e vivenciar novos lugares é uma das motivações que leva um indivíduo a optar por ocupar seu tempo livre viajando (ARRILLAGA, 1976 *apud* BARRETO, 2003, p.64).

Ao optar pela viagem, o visitante, envolvido pelas novas experiências a que será submetido se apresentará no destino que escolheu numa dinâmica diferenciada do seu dia-a-dia. Seus sentidos estarão aguçados principalmente pela curiosidade e expectativas por ver (ou rever) um novo lugar. Isso fará com que todos os detalhes que compõem a atmosfera local lhe apareçam aos olhos e demais sentidos humanos, como por exemplo, o olfato e a audição. Marcar a entrada do espaço indicando ao visitante que ele chegou ao destino é uma das formas de receber.



Figura 8 - Entrada principal da cidade de Pariquera-Açu - Avenida Dr. Carlos Botelho.
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

Aos 220km de São Paulo em direção ao Paraná, saindo à esquerda da Rodovia Regis Bittencourt, e percorrendo aproximadamente 9 km, o visitante é

²² Barreto diferencia o tempo livre que é utilizado pelas pessoas em atividades turísticas, do tempo livre por se encontrar desempregado e / ou simplesmente utilizado para a realização de atividades de lazer e entretenimento, uma vez que as pessoas decidem o que fazer nesse “tempo livre” segundo inúmeras razões que lhes são particulares, dentre elas, as de questões financeiras e de interesse pessoal (2003, p.63).

agraciado pela paisagem acima portão de entrada do município de Pariquera-Açu. (figura 8).

A entrada da cidade recebeu em 2003 e 2004 investimentos que melhoraram sua infra-estrutura de acesso, como asfalto, iluminação e sinalização, bem como a construção da alça rodoviária de saída da BR-116, que dá acesso à rodovia estadual que termina na Av. Dr. Carlos Botelho. O local recebeu também, em 1998, investimentos em serviço paisagístico, que plantou as árvores que aparecem na figura acima.

Se o destino do turista for uma das cidades litorâneas do Vale do Ribeira (Cananéia, Iguape ou Ilha Comprida), um dos caminhos para se chegar a elas é passando por Pariquera-Açu.

Cruzando a cidade pela Avenida Dr. Carlos Botelho que corta todo o centro urbano do município em direção a Cananéia (e dá acesso a Iguape e à Ilha por rodovia estadual à sua esquerda, há aproximadamente 2 km da Igreja Matriz) o visitante estará também passando pela principal avenida do município, que concentra a grande maioria dos estabelecimentos comerciais e prestadores de serviço locais.

Como cidade do interior, o visitante logo percebe o ambiente simples, porém dinâmico da população moradora do município. Durante todo o dia, o ritmo é até frenético para uma cidade pequena como Pariquera-Açu, mas ao cair da tarde e início da noite é freqüente ver a população sentada às varandas das casas, bem como se confraternizando na praça diante da Igreja Matriz.

A observação do local realizada pelo pesquisador (que visita o município desde o ano de 1992) constatou que a praça em frente à Igreja de São Paulo Apóstolo (figura 9) é o ponto de encontro de todas as manifestações da população local. Carnaval, procissões religiosas, festas populares, apresentações cívicas, comícios políticos e as mais diferentes expressões sociais e culturais, acontecem diante da praça, que fica bem na metade da Av. Dr. Carlos Botelho.

O intenso trânsito de bicicletas também é outro ponto marcante de Pariquera, a observação do pesquisador verificou uma intensa disputa com os automóveis que cortam a cidade dia e noite. Há ainda a concorrência com os ônibus de transporte intermunicipal que chegam e saem do município com destino às cidades vizinhas e também dos que apenas a cruzam buscando chegar no litoral.



Figura 9 - Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

Durante a pesquisa o município era atendido por duas linhas de ônibus interestaduais que faziam paradas na Rodoviária Municipais de Pariquera-Açu (Rua XV de Novembro, s/n, Centro).

A empresa Intersul²³ ligava Pariquera a seis destinos: Para São Paulo oferecia 3 horários de partida e chegada com valor da passagem de R\$29,90; para Registro eram 24 horários com passagem a R\$1,95; para Iguape 15 horários com valor do bilhete a R\$6,85; para Cananéia havia duas opções, via Ponte a empresa disponibilizava 5 horários e via Porto mais 4, todos ao valor unitário de R\$6,85; e para Santos, a empresa oferecia um horário ao valor de R\$32,90. Todas as opções de saída eram também opções de chegada a Pariquera. Os valores das passagens foram colhidos em dezembro de 2005.

A empresa Princesa dos Campos²⁴ ligava Pariquera-Açu a quatro outros destinos: Para Registro eram 18 horários (sendo que no domingo apenas 10 horários estavam disponíveis) ao valor do bilhete a R\$1,95; para Jacupiranga via Cajati eram 4 horários (dois aos domingos) a R\$1,75; para Barra do Turvo oferecia um horário com valor do bilhete a R\$7,90; e para Curitiba a empresa oferecia 4 horários (sendo 2 aos domingos) com passagem a R\$22,51. Aqui também todos as opções de horários de partida refletiam horários de chegada. Valores das passagens compunham a tabela de preços de dezembro de 2005.

²³ Intersul Transportes e Turismo – Tel. (0xx13) 6821.4100

²⁴ Princesa dos Campos – Tel. 0800.421000 ou (0xx13) 3856.4257

O município dispunha de linhas de ônibus coletivo municipal que ligavam os bairros rurais ao centro, todas as linhas circulavam em horários pré-determinados durante todo o dia até o início da noite. Dispunha ainda de 50 automóveis de aluguel; os táxis ofereciam seus serviços para dentro e para fora do município e podiam ser solicitados nos seis pontos espalhados pela área urbana da cidade, os principais ficavam diante da Igreja e na rodoviária municipal.

Como todo centro urbano, Pariquera-Açu conta com serviços bancários e um variado comércio local.

Em 2004 havia duas agências bancárias na cidade: Banco Bradesco e Banespa. Ambas com horário de funcionamento das 08:30 às 17h e com caixas eletrônicos (que seguiam o horário comercial de funcionamento da agência). Praticamente todos os funcionários das duas agências bancárias atendiam diretamente ao público, prestando os mesmos serviços das agências de São Paulo e Curitiba.

Segundo a Chefia de Serviço do Bradesco, o horário de funcionamento dos caixas eletrônicos estava restrito ao horário de funcionamento da agência por determinação do Banco Central. Em locais de muito movimento, como é o caso do Posto Petropen (na BR 116), os caixas podiam funcionar 24 horas uma vez que o cliente estava protegido pela segurança do posto.

O turista em trânsito encontrava com facilidade em 2004 supermercados (o maior deles é o Supermercado Magnânimo), sacolão de frutas, verduras e legumes (que oferece também carvão, água e refrigerantes), loja de venda e revelação de filmes fotográficos, lojas de roupas, brinquedos e equipamento para pesca, entretanto, Pariquera-Açu tem uma sinalização, não somente turística, mas viária, muito precária. No ano de 2004 e 2005, período de realização dessa pesquisa, as poucas placas que orientavam o visitante se encontravam nos dois principais acessos, de quem chegava à cidade pela BR 116 e de quem chegava pela estrada de Iguape e de Cananéia. A sinalização mais presente e visível era a que indicava a localização do Hospital Regional do Vale do Ribeira cuja sede é em Pariquera. Ademais disso, foi identificada apenas uma placa que sinalizava o Centro de Eventos e uma outra que sinalizava o acesso ao Parque Estadual Campina do Encantado. Ambas na rodovia saindo da BR em direção a Pariquera.

Segundo o IBGE, nos dados do Censo 2000, a população urbana de Pariquera-Açu já representava quase $\frac{2}{3}$ da população total do município. Apesar de

um alto índice de produção rural (sua economia principal ainda era a agricultura), verifica-se que com o passar do tempo, a afirmação de Matheus (2002, p.61) de que a transformação das cidades ao longo dos séculos remete à saída do homem do campo para o centro urbano, em Pariquera-Açu se confirma.

Notadamente Pariquera-Açu é um município que concentra um grande número de funcionários públicos (que trabalham na Prefeitura Municipal, na Câmara dos Vereadores, nas escolas, no Hospital Regional e suas clínicas coligadas, no SAMU, e nos destacamentos da polícia militar, rodoviária, florestal e ambiental, além de postos de serviços ligados ao Governo do Estado). Mesmo assim, é na área urbana que o morador tem as maiores chances de obter trabalho, mesmo sendo uma cidade pequena, Pariquera dispunha em 2004 e 2005, de um comércio variado, além de empresas de prestação de serviços. Fora o serviço público e o trabalho no campo eram nesses empreendimentos que estavam as poucas oportunidades de trabalho para a população local.

O desenvolvimento do turismo em uma cidade do interior pode resultar em inúmeros benefícios para a comunidade local, dentre eles e sem dúvida os mais importantes, são o aumento e permanência de divisas e uma melhor qualificação dos profissionais locais.

A função estratégica do turismo como fonte de divisas é de especial relevância nos países que estão em processo de desenvolvimento ou que têm recursos naturais e matérias-primas limitadas, contribuindo para a diversificação das atividades econômicas locais (KUAZAQUI, 2000, p.15).

O receber comercial expressa primordialmente a recepção de indivíduos em estabelecimentos comerciais de prestação de serviços de hospitalidade, dentre eles os hotéis e os restaurantes. Quem nessa condição recebe a hospitalidade ofertada é chamado de hóspede, de cliente.

O estudo do receber comercial também expressa a significativa diferença entre ser hospitaleiro e ser simplesmente um bom hospedeiro, que trás um toque personalizado, captado pelos sentidos do cliente (TELFER, 2004; CAMARGO, 2004).

Ao entrar no município pela BR-116 (vindo de São Paulo ou do Paraná), o primeiro ponto de hospitalidade comercial foi o Posto Petropen, da Rede Graal.

Localizado na própria BR 116, dentro dos limites do município, o posto oferecia estrutura para atendimento em média de 8.000 pessoas por dia, o Petropen

tinha uma equipe de aproximadamente 300 funcionários sendo que metade deles atendiam diretamente os clientes.

O Petropen oferecia restaurante (*buffet* e churrascaria), lanchonete quente e fria, banheiros (masculino, feminino, infantil e fraldário), lojas de conveniência e presentes, mini mercado, padaria, banca de jornal, além dos serviços de abastecimento (pela Bandeira BR, da Petrobrás) e serviços de apoio ao motorista (de automóvel de passeio, de ônibus e caminhões). Nesse período o posto funcionava 24h por dia e seus funcionários se revezavam no atendimento aos clientes em três turnos de 8h cada.

Em suas instalações havia uma decoração requintada, inclusive na área de lazer oferecida pelo Posto, intitulada Cidade da Criança. A comunicação visual (sinalização tanto interna como externa) era de fácil leitura e toda feita em Português e Espanhol (uma vez que recebiam muitos turistas do Mercosul, que passavam pela cidade vindos do Paraná). Todos os funcionários trabalhavam uniformizados e identificados por crachá à altura do peito, facilitando a sua identificação.

Em qualquer dos serviços oferecidos pelo Petropen e independente do valor de seu consumo, o cliente podia utilizar cartões de crédito, cheque ou dinheiro para pagar suas contas. Havia também dois caixas eletrônicos, um do Banco do Brasil e um do Bradesco que funcionavam 24 horas (os únicos 24h da região por acompanhar o horário de funcionamento do posto).

No Petropen funcionava um balcão de venda de passagens de ônibus interestadual das companhias Itapemirim, Penha, Catarinense, Pluma, Gontijo e 1001. O estacionamento comportava simultaneamente 18 ônibus e tinha como média de paradas – 100 ônibus por dia.

Era freqüente ouvir passageiros em trânsito pelo Petropen, que ao telefone ou em conversas com outros passageiros, diziam ter chegado a uma parada na cidade de Registro. Isso acontecia, segundo a gerência do Petropen, pela proximidade do Posto à cidade de Registro e por ser esta, a maior e mais conhecida cidade do Vale do Ribeira que é cortada pela BR 116.

Pariquera-Açu é cortada por veículos de passeio e por ônibus de turismo durante o dia todo. A observação do pesquisador realizada no local pôde verificar que o fluxo de veículos era mais intenso pela manhã e no final da tarde.

Na avenida principal – Av. Dr. Carlos Botelho, haviam três postos de abastecimento de combustível que levavam as bandeiras da Petrobrás (BR), Texaco e Áster.

Todos os três postos de combustível funcionavam 24 horas e ofereciam serviços similares, como abastecimento de gasolina, álcool e diesel, lavagem expressa, troca de óleo, de água e calibração de pneus, e o pagamento por esses serviços podia ser feito com cheque, cartão de débito / crédito ou dinheiro.

No Posto Áster, por exemplo, a equipe de atendimento era formada por seis frentistas que trabalhavam divididos em turnos.

Como serviços para autos, os clientes turistas em trânsito por Pariquera-Açu contavam ainda com borracharias, lava-rápido, automecânica (mecânica pesada, motor e injeção eletrônica) e com um Auto Center (balanceamento e alinhamento de rodas e pneus).

Com exceção da borracharia que se situava na Av. Dr. Carlos Botelho (que apesar de ter o horário de funcionamento fixado das 08 às 17h, tinha uma placa de sinalização de seus serviços com o número de um celular para contato), o pesquisador pôde identificar que todos esses demais serviços para automóveis funcionavam apenas no horário comercial, nos quais os clientes podiam pagar suas contas apenas com cheque ou dinheiro, mas se o turista tivesse uma emergência com seu veículo e assim necessitasse de um guincho, teria que recorrer à cidade de Registro, pois Pariquera-Açu não dispunha na época da pesquisa, desse tipo de socorro. Quem poderia auxiliá-lo fora do horário comercial seria o posto policial e o SAMU.

O hospedar, é segundo Camargo (2004, p.52), a incondicional oferta de calor humano ao receber o outro, o que se traduz em confiabilidade, afeto e segurança por parte do indivíduo que recebe a hospitalidade, mesmo que esta não envolva necessariamente o ato de proporcionar pousada e abrigo ao visitante.

A hospedagem pública, que antecede a hospedagem propriamente dita em uma residência doméstica ou num estabelecimento comercial, segundo Camargo (2004, p.59), remete a estabelecimentos públicos como hospitais, dos quais o visitante pode necessitar em caso de uma emergência. Trará como foco para a observação a questão da informação que é prestada ao visitante, que por sua vez tem efeito direto no acolhimento do outro, em fazê-lo sentir-se mais seguro na localidade a que chegou.

Pariquera-Açu é a cidade que abriga as instalações do Hospital Regional do Vale do Ribeira. Em parceria com o SAMU, o Hospital Regional presta atendimento a todos os casos de acidentes rodoviários da região além de receber para consultas médicas e / ou internações, pacientes (e seus acompanhantes) de todas as 23 cidades do Vale do Ribeira, além de turistas.

O Hospital Regional disponibilizava durante a pesquisa 124 leitos para internação e no setor de pronto socorro atendia com três médicos, um enfermeiro e cinco auxiliares de enfermagem. Na BR 116 e nas vias de entrada da cidade, existem placas sinalizadoras para o Hospital, indicando a sua localização e distância.

O SAMU possuía nesse período seis Viaturas de Resgate, duas UTI's Móveis e uma UTI de Transferência, cobria uma área de 750 km que abrange o trecho paulista da Rodovia Régis Bittencourt e outras nove rodovias estaduais e regionais e prestavam atendimento em todos os grandes eventos do Vale do Ribeira, além de ministrar palestras e treinamentos sobre saúde, segurança e prevenção, o que faz em parceria com as Prefeituras, a Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros e os destacamentos da Polícia Militar, Rodoviária, Florestal e Ambiental. O quadro de atendimento do SAMU contava, durante a realização desta pesquisa, com aproximadamente 110 profissionais, dentre eles médicos, enfermeiros, técnicos / auxiliares de enfermagem e motoristas. Nos seus sete anos de atividade, já prestou socorro há mais de 120 mil ocorrências - de acidentes rodoviários até ferimentos com armas brancas.

Complementando o pronto atendimento de saúde, que segundo a Prefeitura local era muito bem estruturado e conceituado em todo o Vale do Ribeira no momento de realização desta pesquisa, Pariquera-Açu contava com mais de meia dúzia de farmácias e drogarias, dentre elas a Droga Lippe, que fazia parte de uma cadeia de drogarias espalhada pelas cidades do Vale.

Dentre todas as drogarias de Pariquera o horário de funcionamento era em geral das 08:00 às 20:00h, de segunda a sábado. Aos domingos trabalhavam em regime de plantão. Apesar de ser sede do Hospital Regional do Vale, Pariquera não tinha nenhuma farmácia 24 horas para atendimentos de emergência.

Caso o turista necessitasse de um pronto atendimento odontológico, encontrava na própria Av. Dr. Carlos Botelho um consultório odontológico. Seu horário de funcionamento era de segunda a sábado das 08:30 às 16:00 e das 20:00

às 21:30h. Numa situação de emergência, o turista conseguia localizar o profissional pelo seu telefone celular, disponível em luminoso na entrada do consultório. Para qualquer serviço odontológico, o turista paciente poderia pagar com cheque ou dinheiro.

A hospedagem comercial pressupõe o estudo dos meios de hospedagem em geral, nos quais a oferta de hospitalidade é baseada na troca financeira (CAMARGO, 2004, p.60).

No centro de Pariquera-Açu existiam dois hotéis, na saída da cidade pela rodovia que a liga à Cananéia existia um hotel fazenda e próximo ao Parque Estadual Campina do Encantado a pousada municipal. O total de UH's²⁵ na cidade não ultrapassava 150 leitos com singulares diferenças de padrão de acomodação entre os quatro estabelecimentos.

Inaugurado em Outubro de 2004, o Hotel Fazenda Vale das 3 Colinas²⁶ era o mais novo empreendimento hoteleiro da cidade, podendo ser considerado pelas particularidades dos serviços de hospedagem local no período de realização desta pesquisa, como o único empreendimento que tinha a matriz de prestação de serviços baseada na real essência da qualidade de receber, base da hospitalidade comercial na hotelaria.

De administração familiar, o Hotel Fazenda das 3 Colinas (figura 10) era composto de 12 chalés que acomodavam até 60 hóspedes. As UH's eram divididas em suítes para casal e quartos para hóspedes solteiros (equipados com beliches).

Instalado numa área de particular beleza, o Hotel está inserido numa suave colina que compõe parte da Mata Atlântica local, cujo cenário os proprietários buscaram preservar.

Nos fundos do Hotel há dois lagos, os quais se pretendiam abrir à visitação dos hóspedes após o término da infra-estrutura que ainda estava sendo realizada na ocasião da realização da pesquisa de campo. Em fase final de estrutura também se encontrava a demarcação e sinalização de trilhas para passeio na mata. O hotel oferecia ainda duas piscinas, churrasqueiras, salão de jogos, campo de futebol, bar e restaurante.

²⁵ Segundo Castelli (2001, p.57), o entendimento de UH pelo Regulamento dos Meios de Hospedagem de Turismo, do Instituto Brasileiro de Turismo, é "o espaço que compreende as áreas principais de circulação comuns do estabelecimento destinado à utilização do hóspede, para bem estar, higiene e repouso" UH, é portanto, sinônimo de quarto de hotel.

²⁶ Hotel Fazenda Vale das 3 Colinas, Estrada de Pariquera-Açu a Cananéia, Rodovia SP 226, km 14 – Pariquera-Açu – Tel. (0xx13) 3856.4938.



Figura 10 – Hotel Fazenda das 3 Colinas
Fonte: O autor (2005)

O café da manhã estava incluso na diária, cujo valor é de R\$70,00 a UH para casal e R\$40,00 a de solteiro (valores de referência de dezembro de 2005). A área onde era servido o café da manhã, cuja vista das janelas dá para os lagos, era também utilizada para a realização de eventos, que acomodava 60 pessoas se organizada com mesas e cadeira, mas nos formatos de coquetel acomodava tranquilamente 90 a 100 pessoas.

Todas as atividades do setor de hospedagem e alimentos e bebidas do hotel eram feitas pelos proprietários e por uma ajudante.

Situada na antiga fazenda Terra Gorda, próximo ao Parque Estadual Campina do Encantado, a Pousada da Campina (figura 11) era geralmente ocupada por turistas vindos de São Paulo e Curitiba por meio de agências de Ecoturismo.



Figura 11 - Pousada da Campina
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

Construída em 1991 e administrada pela Prefeitura, a estrutura da Pousada contava com dois pavilhões, um masculino e um feminino, que acomodavam aproximadamente 60 pessoas. Os serviços, realizados por três funcionários da Prefeitura, eram muito simples e consistiam basicamente na limpeza e higienização dos quartos e banheiros (que são amplos, mas de uso coletivo para o pavilhão masculino e para o feminino).

O que se destacava na Pousada da Campina era o café da manhã, que recebia o nome de “Café do Imigrante”, uma vez que era preparado somente com os alimentos da “terra”. A Pousada oferecia ampla sala de aula com quadro negro, TV e Vídeo, uma vez que sua ocupação quase sempre está associada a atividades de Ecoturismo.

No centro de Pariquera-Açu havia dois hotéis, que pela precariedade de seus serviços não vinham sendo aproveitados pela demanda turística que visita a cidade e / ou a região do Vale do Ribeira.

O maior deles é o Hotel do Bi, que possuía oito UH's divididas pelo proprietário, em dois grupos: As “boas” (3 UH's) e as “ruins” (5 UH's).

Todas as UH's do Hotel do Bi tinham estrutura simples (quarto com cama de casal e / ou de solteiro, banheiro com chuveiro elétrico, TV e ventilador). Sua classificação como boas ou ruins se devia ao tipo e qualidade dos mobiliários disponíveis.

Nas três UH's classificadas pelo proprietário como “boas” as camas eram de estrutura tubular metálica, tinham armários embutidos (com porta), ventilador de teto, TV 20 polegadas com antena parabólica e controle remoto. Nos banheiros louças, metais e azulejos relativamente novos e com Box (Plástico). Cada UH tinha também uma pequena mesa (com toalha e arranjo de flores de plástico) com cadeiras dobráveis e cobertores de boa qualidade.

Nas UH's classificadas como “ruins” as camas eram de madeira, os armários não tinham portas, sem TV e nem ventilador. Nos banheiros azulejos quebrados e de cores diferentes, louças e metais velhos (sem manutenção aparente) e com cortina de plástico no Box. A mesa e as cadeiras também eram dobráveis só que sem toalha e sem o arranjo floral.

O Hotel do Bi não tinha funcionários. Quem cuidava de tudo era o casal proprietário, que recebia o “freguês”, mostra-lhe o quarto e em sua saída fechava a conta. Esporadicamente o hotel contava com o apoio de um casal de aposentados

que auxiliavam nos afazeres sem nenhum tipo de treinamento, mas no geral, a limpeza das UH's e das roupas de cama e banho ficavam por conta da esposa do proprietário.

Apesar de tudo muito simples, o que saltava aos olhos era a limpeza. Era evidente também o volume de escadas para se chegar às UH's (sem nenhuma condição de receber hóspedes com dificuldade de locomoção).

Vale mencionar que não existia preço estipulado da diária. De acordo com “a cara do cliente” o preço era acordado com o mesmo, variando de R\$ 8,00 a R\$ 50,00. No período da pesquisa a diária não tinha hora de início e término e o Hotel não servia café da manhã. “Se o freguês exigir café da manhã eu dou dinheiro para ele tomar café da padaria da esquina” disse o proprietário do Hotel do Bi, em entrevista no dia 20.09.05.

O hotel concorrente - o Hotel Maracanã – localizava-se bem em frente ao Hotel do Bi; não acomodava mais do que 10 pessoas em 4 UH's e tinha na verdade uma aparência de pensão. A única pessoa encontrada no hotel (uma senhora aparentando seus 60 anos) não quis se identificar e disse que não tinha nada para dizer sobre o hotel (por informação do dono de um restaurante vizinho, se tratava da própria dona do estabelecimento).

O alimentar, é segundo Camargo (2004, p.52), mesmo que seja de forma simbólica, a concretização da oferta de hospitalidade ao visitante. Assim como a hospitalidade em si, partilhar o alimento com outras pessoas proporciona a essência da convivência e aproximação, servindo de “argumento” para a abertura humana ao acolhimento (PAULA, 2004, p.160).

O alimentar público remete ao estudo da gastronomia local. As particularidades gastronômicas de determinada localidade podem ou não atrair visitante e não devem se restringir a observar apenas as questões ligadas à estética e ao sabor dos alimentos, mas também às questões de saúde e nutrição (CAMARGO, 2004; PAULA, 2004).

Pariquera-Açu tem uma gastronomia bem definida e particular, por conta dos costumes trazidos pelos imigrantes que formaram a cidade.

A gastronomia local é reconhecida na cidade, bem como nas cidades vizinhas. A tradicional Batata Suíça (de origem da colônia suíça), o Joelho de Porco e o *Strudel* (da alemã), a Pizza (influência da colônia italiana, mas já bem difundida entre os brasileiros), os frutos do mar (pela proximidade ao litoral) e o churrasco,

sobretudo no rolete²⁷ (influência sulista na região), entre outras iguarias, fazem do município, segunda pesquisa realizada pela PMPA (2005), importante centro gastronômico do Vale do Ribeira. Na avaliação do pesquisador essa condição pode ser comprovada, uma vez que o referencial gastronômico na cidade, mesmo fora da Festa, foi um dos pontos avaliados nas pesquisas da Prefeitura junto aos visitantes da Festa em 2003 e 2004 além do que ao se adentrar nos restaurantes observados nesta pesquisa e avaliar seu cardápio tal condição também fica evidente.

O alimentar comercial, assim como o hospedar comercial, recairá sobre os equipamentos de hospitalidade comercial da localidade, nesse caso, especificamente, sobre os restaurantes (incluindo os que se localizam nos hotéis) (CAMARGO, 2004, p. 63).

Pariquera possui dois grandes restaurantes. Apesar do número de restaurantes na cidade não ter crescido significativamente até o ano de 2005 (PMPA, 2005), o restaurante mais novo é a Adega Cantina e Pizzaria, (empreendimento inaugurado no final do ano de 2002) cujo proprietário tem mais de 26 anos de experiência na área gastronômica e que além desse empreendimento, possui também uma Costelaria, restaurante na entrada da cidade que funciona somente aos domingos, com cardápio de carnes assadas e que recebe basicamente as famílias locais para o almoço dominical, inaugurado em dezembro de 2004.

A cantina Adega tinha horário de funcionamento das 18 às 24h, de terça a domingo. De seus sete funcionários, três trabalhavam diretamente no atendimento ao cliente que em média 30% era turista em trânsito (ou de cidades próximas).

Todos os funcionários recebiam treinamentos esporádicos. Nessas reuniões periódicas eram passadas além de instruções de trabalho, os pontos nos quais a equipe precisava melhorar no atendimento ao cliente; a equipe procurava atender de forma rápida e discreta, valorizando, segundo o proprietário, o atendimento que não forçasse o cliente a consumir mais do que ele pretendia. O bom atendimento para a “Adega” era fazer com que o cliente permanecesse mais tempo na casa elevando o seu consumo, além de trazê-lo de volta.

²⁷ Em Pariquera é comum se assar búfalos, cabritos, carneiros e porcos no rolete, estrutura na qual a peça de carne inteira, limpa e dividida ao meio (da cabeça aos pés do animal) fica girando sobre as brasas de uma fogueira até sua total e completa fritura. O sabor da carne preparada por essa técnica é inigualável, sem contar o clima de confraternização criado desde o tempero e preparo do rolete até o momento de servir os convidados.

A Adega vendia em média 700 pizzas / mês, oferecendo atendimento no restaurante (mesas) e também pelo sistema de *delivery* (somente para município de Pariquera-Açu).

O atendimento no interior é mais despojado, mais simples. Não pode ser comparado aos padrões de atendimento de São Paulo e Curitiba, mas tem o seu charme (visão do entrevistado Sr. Luiz Alberto Amorim proprietário da Cantina Adega sobre o atendimento em uma cidade do interior, 18.05.05).

Em 2005 o restaurante mais antigo era o Verdespaço, que era também o mais tradicional da cidade. O proprietário vinha trabalhando a imagem e solidificação do restaurante junto ao público da cidade desde sua chegada em Pariquera-Açu, há 18 anos. O prato carro-chefe era a famosa Batata Suíça de Pariquera-Açu, que “roubava” os clientes dos demais pratos do cardápio oferecido pela casa. Em março de 2005, com a contratação de um *maitre* vindo de São Paulo, o restaurante incluiu em seu cardápio diversos pratos preparados com carnes e frutos do mar, mas a Batata Suíça não deixou de ser o prato mais pedido.

O Verdespaço funcionava de segunda a domingo, abrindo para o almoço das 09 às 15h e para o *happy hour* e jantar das 18 a mais ou menos uma hora da manhã. Dos quatro funcionários, dois trabalhavam diretamente no atendimento ao cliente. Todos os garçons receberam treinamento quando de sua contratação e também participaram do curso de formação para garçons, promovido em 2001 pela Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu em parceria com o SENAC de São Paulo.

Dos clientes atendidos no Verdespaço, em média 60% era de turistas em trânsito e / ou clientes de cidades vizinhas; no atendimento de entregas em *delivery* 100% era do município.

Na visão do empresário, Sr. Audir Brito Bezerra, o bom atendimento era o conjunto de profissionais competentes atendendo o cliente, com uma cozinha rápida e de qualidade na retaguarda, que oferecesse pratos de boa qualidade. A garantia de qualidade dos pratos era buscada através da compra de alimentos “de marca”; as carnes, peixes e frutos do mar são sempre frescos e na sua totalidade vindos das cidades litorâneas vizinhas.

A noite do Vale do Ribeira se chama Pariquera-Açu. Todos os restaurantes e bares que já foram abertos nesta cidade procuraram seguir um pouco do que o Verdespaço construiu ao longo desses 18 anos, disse o proprietário do Verdespaço, Sr. Audir Brito Bezerra (em entrevista concedida em 18.05.05).

Tanto na Adega quanto no Verdespaço, os clientes podiam efetuar o pagamento de suas contas com cheque, cartão de crédito e com dinheiro.

Na Av. Dr. Carlos Botelho se localizava a Panificadora e Confeitaria Guaricana, empreendimento de sete anos de vida, que abria de segunda a domingo das 05:30 às 24:00h e era a padaria que apresentava melhor estrutura física para atendimento ao cliente da cidade (morador ou turista).

Dos nove funcionários da Panificadora, sete deles trabalhavam diretamente no atendimento ao cliente, que em épocas de baixa temporada atendia em média 250 pessoas por dia (importante mencionar que na alta temporada – ou seja, no verão - esse número chega a dobrar).

Com um cardápio criativo de lanches, a Panificadora apostava na instrução de seus funcionários para que estivessem sempre atentos e cordiais no atendimento, que não devia se traduzir em chegar no balcão e dizer: POIS NÃO?, mas sim em ser gentis oferecendo ao cliente lanches ou o que for solicitado de forma rápida, com higiene e qualidade.

O município contava com inúmeros bares com atendimento de balcão, mas o que mais se destaca era a Choperia Asterix, que com visual moderno e localização privilegiada, vinha sendo o *point* nas noites de Pariquera-Açu. Segundo a gerência da casa, a equipe era composta por oito profissionais, e desses, cinco atendiam diretamente o público. O horário de funcionamento era de quarta a domingo, das 18 às duas horas da manhã. O pagamento podia ser feito com cheque, cartão de crédito e dinheiro.

O entreter é um tempo social da hospitalidade humana que foi sugerido por Camargo (2004) no sentido de melhor abordar a questão do tempo que o visitante dispensa ao visitar determinada localidade, uma vez que, na visão de Dias (2002, p.102), receber alguém pressupõe garantir de alguma forma a sua felicidade.

O entreter público remete diretamente aos equipamentos públicos de lazer, bem como às políticas públicas que regulam as atividades do setor de turismo, uma vez que essas geralmente abarcam as atividades públicas do lazer local (CAMARGO, 2004, p.64). Entretanto, Pelizzer (2004-A e 2004-B) afirma que em muitas cidades brasileiras isso ocorre de forma diferente, as políticas administrativas é que abarcam as poucas atividades de lazer e do turismo desenvolvidas na região.

Pela sua localização inserida na Mata Atlântica, a cidade tem grande potencial para atrair turistas, principalmente na área do Ecoturismo, no qual se destacam o Parque Estadual Campina do Encantado, Parque da Cultura Indígena, Parque Municipal da Casa de Pedra, o Morro do Mirante, os Acidentes Geográficos e o encontro das águas (PMPA, 2005).

Pelos esforços do Setor de Eventos da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, uma das marcas da imigração na cidade, a Casa de Pedra (figura 12) tem sido preservada, como informou em 20.05.04 em entrevista a Srta. Gilcemara Cristina Cândido – então Assessora de Eventos da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu. O local estava aberto à visitação pública e oferecia atividades educacionais e culturais, dentre as quais se destacavam os *workshops* realizados pelas escolas junto aos alunos na busca de resgatar as raízes históricas do município e conseqüentemente das famílias locais.



Figura 12 - Casa de Pedra – uma das marcas da imigração na região.
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

Pariquera-Açu tem um Centro de Eventos que abriga os principais e maiores eventos da cidade. O município se destacava no Vale pelos eventos que vinha promovendo ao longo do ano e que contavam com a participação não só da população residente, mas principalmente de turistas vindos de todas as cidades do Vale do Ribeira e também das capitais dos Estados de São Paulo e do Paraná.

Os atrativos de eventos [...] são aqueles em que um acontecimento constitui o principal fator para que o turista visite o lugar, tais como: feiras, exposições, congressos, convenções e os acontecimentos especiais - que

podem ser um evento esportivo, um festival ou um concurso de beleza (KUAZAQUI, 2000, p.101).

Como informou em 20.05.04 em entrevista a Sra. Leonor Melcher, empresária e esposa do Vice-Prefeito Gilberto Melcher, o município, até o ano de 2004, organizava quatro grandes eventos anuais: A Festa das Nações (dois primeiros finais de semana do mês de Maio), a Festa do Peão (segundo final de semana de outubro), a Pariquera Fantasia (em Novembro) e o Baile do Havaí (em Dezembro).

Vale destacar também as três festas religiosas da cidade: a Folia de Reis (primeira semana de Janeiro), a Festa em Louvor a São Paulo Apóstolo (primeiro final de semana de Julho) e a Festa em louvor à Santa Luzia que é a padroeira da cidade (segundo domingo de Janeiro) (PMPA, 2005).

O entreter comercial remete por sua vez, aos equipamentos pagos de lazer e entretenimento, questões estas, que segundo Camargo (2004, p.65) devem ser trazidas à discussão pelo poder público, uma vez que acontecem, sobretudo em equipamentos comerciais que formam a prestação de serviços de uma localidade, e que por sua vez são alvo de atividades que podem gerar conflitos na sociedade, como é o caso da violência, do consumo de bebidas alcoólicas e da prostituição.

Das festas que a cidade realizava até 2004, somente duas eram pagas pelos participantes, a Festa do Peão de Boiadeiro e a Pariquera Fantasia. A primeira era organizada pela Prefeitura e seguia os modelos de Festa de Peão que acontecem por todo o Brasil, sobretudo na Região Sudeste, e era marcada por um grande investimento financeiro que não deixa nenhum recurso na cidade. A segunda acontecia na cidade, mas era organizada por dois moradores locais, dentre eles o Sr. Antonio Paulo Emenegildo, trata-se da Pariquera Fantasia (figura 13).

Segundo os dados colhidos em 10.12.05 em entrevista com o Sr. Antonio Paulo Emenegildo, a Festa Pariquera Fantasia era paga pelo visitante / brincante mas acontecia em dois momentos distintos. A “concentração” que ocorria na Av. Dr. Carlos Botelho, diante da Igreja Matriz, momento gratuito da Festa, atraiu em 2005, mais de 10.000 pessoas. Esse primeiro momento tornou-se nos 11 anos que a Festa se realizava em Pariquera, um grande carnaval fora de época, com o desfile de carros alegóricos e um sem número de fantasiados e mascarados soltos pelas ruas. O segundo momento era o momento pago da Festa, que acontecia após as 23h no Centro de Eventos da cidade e só terminava com o raiar do Sol.

Na aquisição do *flyer* de acesso, o brincante da Festa ganhava a camiseta oficial e dois vales para consumo de bebida no salão. Desde o ano de 2003, o evento organizava uma festa infantil, que acontecia na tarde que precedia o evento noturno, o qual também era pago. Havia ainda o concurso de fantasias que distribuía prêmios em diversas categorias, entre elas homem e mulher individual, casal e grupos fantasiados.

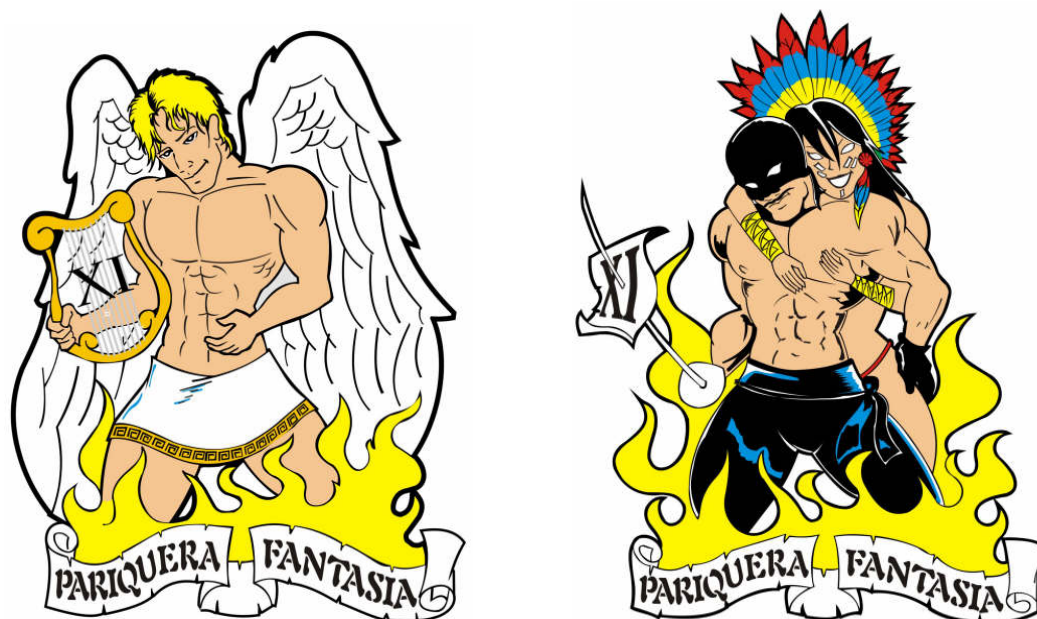


Figura 13 – Logomarcas da Festa Pariquera Fantasia do ano de 2005

Fonte: Pariquera Fantasia <www.pariquerafantasia.com.br> acessado em 20.01.06

Havia também em Pariquera o Pesqueiro Porteira Branca²⁸, localizado na entrada do bairro do Braço Preto, há 6,5km do centro da cidade. Há seis anos o proprietário dera início aos investimentos em infra-estrutura e preparou a área com dois tanques para a criação e pesca de peixes, dentre eles tilápias, pacus, tambacus, tambaquis e piaís.

A área útil do sítio era de 180.000 m² e tinha estrutura para atender a 400 pessoas por dia. A infra-estrutura de beneficiamento do local disponibilizou um restaurante, que limpava e preparava os peixes que foram pescados pelos clientes, na hora, e contava com inúmeros quiosques que rodeiam o tanque de pesca.

O Pesqueiro tinha a intenção de construir uma área de chalés (com banheiros e frigobar), além de estruturar parte do local para acomodação de clientes em

²⁸ Pesqueiro Porteira Branca – Estrada do Braço Preto II, km 6,5 – Pariquera-Açu.

barracas de camping, trazidas pelos mesmos. A estimativa era de acomodar cerca de 50 pessoas.

Em frente ao sítio, por ser uma larga estrada vicinal de terra, os clientes podiam estacionar seus carros, quando a área destinada ao estacionamento estivesse lotada (área que deve comportar cerca de 40 automóveis).

3 Hospitalidade municipal durante a realização da Festa das Nações (Unidade Incorporada de Análise 2)

3.1 Uma Reflexão sobre Festa

Para se delimitar alguns dos principais aspectos envolvidos no estudo da natureza de Festa, um tema tão amplo e nada singular, recorreu-se a uma das conclusões que chegou Rita Amaral, em seus estudos sobre festas brasileiras, na qual ela diz ser a festa capaz de mediar diferentes valores, termos e sentidos, e observando a formação pluricultural do povo brasileiro complementa dizendo que a festa é um poderoso instrumento de interação, compreensão e expressão da diversidade de um povo (AMARAL, 1998, p.279).

O termo festa é vago e derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações concretas da vida real (AMARAL, 1998; GUARINELLO, 2001, p.969).

A conceituação do termo festa, segundo a leitura de Guarinello (2001), vem sendo feita pelos sentidos próprios atribuídos pelo senso comum a cada tipo de festa, decorrentes da concepção intuitiva que cada autor atribui ao estudo do termo. Isso ocorre, mesmo implicando na inviabilidade dos resultados das pesquisas para a construção do conhecimento científico, uma vez que circula no âmbito do conhecimento vulgar (SCHLÜTER, 2003).

A dificuldade de construção de um conceito central sobre festa é clara e presente, uma vez que os estudiosos têm se baseado numa tentativa de conceituar o termo em referências e experiências particulares de festas, ou seja, de acordo com os estudos de determinada festa o pesquisador cria um conceito que melhor se adapta àquela situação real, tornando-o particular (GUARINELLO, 2001, p.970), o que dificulta o desenvolvimento de teorias sobre o assunto, o que também é sinalizado por Amaral (1998).

O autor expõe uma preocupação particular dizendo que nos atuais estudos, a festa vem assumindo a forma de um recorte arbitrário que ocorre no interior de atividades e relacionamentos social. Para que este recorte possa ser utilizado, é

necessário entendê-lo de maneira ampla e coletiva, segundo conceitos mais abrangentes que viabilizem testar conjuntamente as referências empíricas das pesquisas e as poucas formulações teóricas disponíveis sobre o assunto (GUARINELLO, 2001, p.975).

A compreensão de festas específicas, desse modo, ao mesmo tempo em que permanece sendo o objetivo primeiro de nossos estudos, depende da utilização de conceitos mais amplos e abstratos, que nos permitam lidar de modo mais coerente e seguro com os materiais à nossa disposição e que possibilitem falar de cada festa em particular como um caso específico, como um campo empírico no qual se testa a validade de nossas formulações teóricas (GUARINELLO, 2001, p.975).

As reflexões de Guarinello (2001, p.970) mostram um caminho alternativo e promissor, quando se pensa a festa em termos bem gerais, abstraindo-a de todas as suas particularidades históricas e culturais. Dessa maneira, pelo estudo da hospitalidade, se é possível criar e abrir caminhos para um entendimento mais amplo sobre a complexidade do termo em questão, já que a festa, segundo Bueno (2004) é um cenário propício para a ocorrência de relacionamentos de hospitalidade.

Não é a intenção deste estudo construir uma reflexão conceitual sobre festa, tão ampla como a que foi feita por Rita Amaral, mas sim pontuar alguns tópicos que serão importantes para subsidiar as reflexões que se seguirão sobre a hospitalidade de localidades, cenários para a realização de uma Festa.

Em toda a amplitude que cerca o termo festa, aponta-se num primeiro momento para três abordagens nas quais este estudo busca relacionar os conceitos em questão ao estudo da hospitalidade, a saber: (1) Qual o real objetivo da festa?, 2) A questão de que festa sempre atrai gente “de fora” e, 3) As particularidades de festa enquanto evento cultural e evento espetáculo.

Observemos então o pensamento de Rita Amaral:

A festa não se deixa capturar pois ela tem vários sentidos. Isto resulta exatamente de seu caráter mediador que lhe permite através das inúmeras pontes que realiza entre valores e anseios, conter em si vários pares de oposição sem representar de modo exclusivo nenhum deles, constituindo-se, antes, de todos. Assim, ela é religiosa e profana, crítica e debochada, conservadora e vanguardista, divertida e devocional, esbanjamento e concentração, fruição e modo de ação social; ela ainda é o reviver do passado e projeção de utopias, afirmação da identidade particular de um grupo e inserção na sociedade global, expressão de alegria e indignação (AMARAL, 1998, p.272).

Qual seria então, o real objetivo de “algo” que é tão amplo em significados, rico em sentidos e abrangente em sua concepção essencial?

A festa é, como mostra Amaral (1998), um termo cheio de sincretismo, aqui entendido no seu mais simples conceito, o de fusão de elementos culturais e até antagônicos num só objeto.

Justamente por essa abrangência sincrética, a festa representa pelas suas diferentes modalidades, pelos múltiplos significados que assume e contextos nos quais ocorre, a criação de um espaço cuja característica essencial fortalece e nutre a rede estabelecida pelas relações sociais, o que nas palavras de Bueno seria “a parte humana vital da chamada teia da vida” (2004 – grifo do autor).

Nesse sentido, como bem explica Amaral (1998), a festa ganha um caráter mediador que lhe permite conter em si os tais pares de oposição, mesmo que de modo exclusivo não represente especificamente nenhum deles. Guarinello contribuiu afirmando que:

Não é o tipo de afeto ou emoção dominante que define uma festa como tal. A alegria de uns pode ser a tristeza dos outros e os sentimentos envolvidos num evento particular, [...] são culturalmente determinantes e particulares (GUARINELLO, 2001, p.974).

O estabelecimento de um campo propício para a construção de pontes entre valores e anseios que permitam tais interações, construídas pelos diferentes sentidos que a festa também assume é, de certa forma, abordado por Bueno, só que por um outro ângulo. Trazendo à tona a linguagem simbólica, a qual a autora entende como sendo os mecanismos que contrabalançam os aspectos alienantes da economia e as limitações opressoras da sociedade, nas festas, especialmente nos festejos das tradições populares, a sociedade pode recuperar o seu sentido de participação e de construção de identidade e na propriedade simbólica das festas se encontraria a essência de seu papel e de sua importância para a comunidade que a organiza (BUENO, 2004).

Por fim, é possível justificar o final daquele pensamento, utilizando a própria linha de reflexão de Amaral (1998, p.274), quando diz que cada festa em seu contexto particular não apenas atualiza mitos, mas faz reviver e coloca em cena a história do seu povo narrada sob o seu ponto de vista. Isso nos permite visualizar de maneira clara os tais “pares de oposição”, o reviver o passado, a projeção de utopias, a afirmação da identidade particular do grupo e principalmente a inserção do indivíduo na sociedade global.

Analisando o processo de surgimento das festas, vem à tona outra contribuição de Guarinello (2001, 970), quando sinaliza a necessidade de uma estrutura social de produção que permita o envolvimento de uma comunidade em uma participação ativa, o que ele mesmo chama de coletivo social. A realização da festa pressupõe ainda a quebra da rotina pela interrupção do tempo social. A festa se articularia em torno de um objeto focal (que pode ser sagrado ou profano, recente ou antigo) e em seu desenrolar pode gerar inúmeros produtos materiais, comunicativos ou simplesmente significativos.

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p.972).

Guarinello reforça seu pensamento dizendo que o que se chama de festa é na verdade parte de um jogo. A festa oferece o cenário onde se cria um espaço pontuado no viver social e neste a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Segundo ele, a festa é

um lapso aberto no espaço e no tempo sociais, pelo qual circulam bens materiais, influência e poder (GUARINELLO, 2001, p.973).

Uma vez que as preparações de uma festa envolvem inúmeras variáveis de cunho social, representativas da história de vida de um povo, seu desenvolvimento ganha proporções muito mais complexas e muito mais elaboradas.

A festa não é um acontecimento estático, somente pontuado no tempo e no espaço. Ela apresenta uma dinâmica tal que a faz acompanhar de maneira muito próxima o desenvolvimento da comunidade que a realiza.

Em reflexão sobre as festas brasileiras no período colonial, Amaral (1998, p.86) diz que a festa se constituiu num espaço privilegiado para a criação de tradições e consolidação de costumes e permite que as culturas estabeleçam contatos de modo mais pautados, uma vez que envolve valores lúdicos, religiosos e artísticos. Diz a autora que esses mesmos valores constituirão linguagens simbólicas do contexto de realização da festa com alguns termos compartilhados entre os atores. As manifestações estabelecidas nas festas podem melhor traduzir a

identidade coletiva perante os demais grupos, inclusive fluindo de uns para os outros novos símbolos e valores culturais.

As festas no Brasil colonial constituíram importantes mediações entre o homem e a natureza, entre eles e seus deuses, entre o povo e os representantes do Estado (AMARAL, 1998, p.73). Essa condição mediadora possibilita também o entrosamento entre as pessoas ou entre diferentes comunidades, abrindo espaço para o desenvolvimento de ambos os lados.

A festa é mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (AMARAL, 1998, p.52).

Desde a concepção de sua idéia até a sua efetiva realização, a festa é recheada de magia e ideologia, assumindo um caráter lúdico extremamente forte e de grande importância para a comunidade que dela participa, e propicia um melhor ambiente para a interação de seus atores.

O lado lúdico da festa é bem exemplificado pelas palavras de Antônio de Paiva Moura quando diz que

Além da liberação momentânea, as festas apresentam um caráter ideológico, uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva (MOURA, 2002, p.38).

Da mesma maneira, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2002, p.65) também sinaliza a importância das estruturas simbólicas da festa, afirmando que elas guardam importante vínculo com a organização social. As festas efetivamente estabelecem relações diversas com as cidades onde ocorrem e com as comunidades que as promovem.

O caráter lúdico assumido então pelas festas, sejam elas religiosas ou profanas, pode ser facilmente observado em artigos descritivos sobre festa, como bem nos mostra Bueno, aqui analisando uma festa religiosa e citando os estudos de Balandier, quando diz que

O imaginário, privilegiado nos momentos criativos de festas dessa natureza [referenciando a Festa dos Santos Reis do município de Itápolis, na região de Cachoeirinha - SP] conforme Georges Balandier (1983, p.231) continua o meio privilegiado pelo qual o homem introduz uma materialidade a seus sonhos, às tendências secretas e a seus fantasmas, à sua necessidade de realização e de apropriação pessoal. [...] o imaginário permanece, mais do

que nunca, necessário. Ele seria uma espécie de oxigênio sem o qual pereceriam toda a vida pessoal e toda a vida coletiva (BUENO, 2003-A, p.118).

Festa é um ato coletivo por excelência, para que se concretize faz-se necessária a participação de diferentes atores cuja encenação não se restringe apenas ao palco, cenário externo e visual da festa propriamente dito. Sendo toda festa um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo, mas fundamentalmente a sua participação²⁹, o que diferencia a festa de um puro espetáculo (AMARAL, 1998, p.39).

O ato coletivo pressupõe efetivo trabalho coletivo e nesse prisma, a comunidade tem papel ativo na realização de uma festa. Como afirma Amaral (1998, p.974) festa é um trabalho social, específico e coletivo, da sociedade sobre si mesma, e citando a participação popular no aspecto religioso das festas no Brasil, complementa dizendo que a participação popular nas festas acontece mais pelo aspecto turístico, do divertimento e da alegria (p.36).

Pelo ângulo do turista, isso também ocorre de maneira clara e pontual, como bem disse Caio Luiz de Carvalho, ao apresentar a obra “Hospitalidade: cenários e oportunidades”:

O turista, [falando de seu papel assumido num cenário vislumbrado pela OMT³⁰ para o turismo mundial até 2020] quer ser convidado para sentir, viver e ser protagonista em um destino turístico, e não apenas visitá-lo ou contemplá-lo (CARVALHO, 2003, p. IX).

Amplia-se este cenário refletindo sobre a questão de que o turista buscará também não só sentir, viver e ser protagonista do destino turístico, mas também e principalmente de suas manifestações culturais, dentre elas as festas que tem acesso e é convidado a participar, como já acontece na Festa do Boi-Bumbá de Parintins no estado do Amazonas (AMARAL, 1998; CAVALCANTI, 2002; BUENO, 2004).

É também uma das afirmações de Amaral (1998) que as festas no Brasil pareçam mesmo oscilar entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo).

²⁹ O critério da participação coletiva, segundo os estudos de Rita Amaral, parece ser fundamental na definição das festas. “Uma festa com pouca participação não é considerada uma boa festa” diz ela em uma de suas conclusões (1998, p.40).

³⁰ Organização Mundial do Turismo – órgão integrante da ONU (Organização das Nações Unidas) com foco no desenvolvimento do turismo mundial.

Amaral atribui a este caráter misto e oscilante entre cerimônia e festividade, uma chance de se conceituar festa ou mesmo um primeiro termo para sua definição, uma vez que a ele pareça ser fundamentalmente ambíguo. A autora explica que toda festa faz referência a algum objeto sagrado ou sacralizado e sempre apresenta no momento de sua realização a necessidade de comportamentos profanos, e referindo-se ao Círio de Nazaré, um exemplo de festa profano-religiosa que acontece em Belém, capital do Estado do Pará, identifica o grande e poderoso poder lúdico da parte profana da festa, que é facilmente observado durante toda a sua realização (AMARAL, 1998).

Bueno também discorre sobre os resultados causados pela “oscilação” entre cerimônia e festividade na realização de uma festa, quando afirma que

a festa é o momento que cristaliza todo o sentido do vivido em um acontecimento pontual que dignifica essa vivência. São momentos, também, em que as pessoas comungam com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência religiosa. Na ocasião da festa, reúnem-se os que estavam separados; a festa serve, portanto, de emulação às relações interpessoais (BUENO, 2003-A, p.118).

Uma vez classificada segundo seu caráter (religioso, profano-religioso e profano), pode-se observar uma festa pelo ângulo do que ela representa para o homem, seja ele o executor ou o participante / brincante da festa. De acordo com Bueno, as festas

privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente e fazem oposição ao individualismo engendrado pelas características urbanas (BUENO, 2004).

Amaral desenvolveu todo o seu raciocínio partindo da hipótese (entre outras) de que as festas ocupam um espaço privilegiado na cultura brasileira³¹ adquirindo, no entanto, significados particulares em cada região e em cada contexto que ocorre, e diz em uma de suas conclusões que

[...] a festa adquire **tríplice importância**: por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, artes e devoção do povo brasileiro), como modelo de ação popular (no sentido de que ela tem sido, em muitas ocasiões o modo de concentração e investimento de riquezas – investimento feito em benefícios sociais como creches e escolas) e como espetáculo, produto artístico capaz de revigorar a economia de muitas cidades [...] (AMARAL, 1998, p.9 – grifo meu).

³¹ entendida aqui como um conjunto compartilhado de valores em todas as regiões do país.

Essa tríplice importância delimitada por Amaral tem expressão pontuada em qualquer tipo de festa, esteja ela classificada como religiosa, profano-religiosa ou como uma festa profana.

A importância da dimensão cultural da festa, principalmente quando se fala de Brasil, fica explícita pela diversidade da cultura do brasileiro. Segundo as conclusões de Amaral (1998), como o Brasil é visto no exterior, como “o país que não é sério”, atribui-se às festas um valor turístico acentuado, uma vez que elas atraem turistas do mundo todo pelas inúmeras possibilidades de participar de atividades diferentes, mais animadas e alegres, cheia de músicas contagiantes, comidas e bebidas exóticas. O que mais chama a atenção do turista estrangeiro é a possibilidade de ter acesso à diversidade do povo brasileiro e fugir das “formalidades” muitas vezes impostas por sua cultura.

Essa mesma dimensão cultural traz à tona todo o valor, a arte e a devoção do povo brasileiro às suas crenças (Amaral, 1998).

Já a importância da festa como modelo de ação popular, e por que não dizer modelo de ação social, é ilustrada pelos estudos sobre festa no Brasil, os quais segundo Guarinello (2001), vêm sendo desenvolvidos pelas experiências empíricas e particulares de cada um.

Um bom exemplo para ilustrar essa importância da festa como ação popular é também uma das conclusões de Amaral, citando a festa do Círio de Nazaré, na qual ela diz

[...] Há também o crescimento da infraestrutura da cidade para a recepção dos turistas, gerando emprego não apenas nos quinze dias do Círio, mas durante todo o ano. Restaurantes, hotéis, estacionamentos, serviços de táxi e aluguel de carros, agências de turismo e aéreas, sem contar o que a festa representa em termos de matérias para jornais, rádio e televisão, vídeos, discos, livros e toda uma indústria cultural que cada vez mais encontra nas festas um produto de largo consumo (AMARAL, 1998, p.269).

A festa, como se pode ver, tem também grande importância enquanto espetáculo, o que pede uma atenção especial ao fato de ser a festa um atrativo turístico para as localidades onde elas ocorrem, estando ou não inseridas nas ações do receptivo turístico local.

Em seu artigo “Os sentidos do espetáculo”, Cavalcanti (2002, p.38) diz que quando se estuda um espetáculo o que realmente se pretende buscar é o essencialmente simbólico, “aquela teia de significações que abarca linguagem,

pensamento e mundo, sujeito e objeto, num lance único, sempre refeito, arriscado e incompleto”.

Quanto à importância das festas enquanto espetáculo pode-se também acrescentar a contribuição de Bueno ao abordar a evolução e as transformações sofridas pelas festas, interpretadas aqui, totalmente no campo do turismo. Diz ela ser

bem conhecido o fenômeno de que as festas ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira. Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas crescem, se multiplicam e ganham visibilidade. Muitas festas tradicionais tornaram-se atrações turísticas exercendo, pela sua organização, uma ação de destaque, podendo alcançar o nível de instituição nacional (BUENO, 2004).

Faz-se necessário neste momento, discorrer um pouco sobre festa enquanto evento cultural e evento espetáculo.

A elaboração e o desenvolvimento de eventos no Brasil vem ganhando ao longo dos últimos anos, uma visão mais instrumental e mais celebrativa, cenário no qual predominam as características de um trabalho mais eventista (MELO NETO, 2002). A festa não fica de fora dessa realidade, uma vez que seu desenvolvimento acompanha o desenvolvimento da comunidade que a realiza e que está em constante evolução.

Com origens na Antiguidade, os eventos são acontecimentos que atravessaram diversos períodos da história da civilização humana, chegando até os nossos dias. Segundo Canton (2002, p.84), nessa trajetória, configuraram-se em características econômicas, sociais e políticas das sociedades representativas de cada época, o que ainda hoje é passível de ser observado, salvaguardando, entretanto, os interesses e o perfil econômico e sociocultural de cada ocasião.

Na atualidade ganha ares de negócio, participando como produto do receptivo turístico local de muitas cidades brasileiras, e isso se dá fundamentalmente pela decorrência da grande receita na localidade receptora do evento (CANTON, 2002, p.88).

Pela sua intangibilidade, o evento é um produto de extremo valor que não pode ser testado adiantadamente; o que induz o cliente a comprá-lo é simplesmente a perspectiva de satisfação de suas expectativas. Os serviços prestados pelos eventos representam a parte mais maciçamente durável e tangível. Saber quais são eles e como realçá-los e administrá-los proporciona um poder competitivo, diferencial em relação aos que têm esse conhecimento e não fazem as coisas certas (CANTON, 2002, p.93).

Os eventos constituem o viés da cultura local vista como produto de consumo imediato. Segundo Melo Neto (2002, p.54), as estratégias de *marketing* utilizadas em sua realização são capazes de alavancar esse consumo, mesmo se perdendo em alguns casos a necessária valorização do aspecto cultural, objetivo do evento festa. Diz o autor que nesse contexto celebrativo, predomina o que se chama de visão eventista, a qual privilegia mais os eventos festivos e de pura diversão, do que efetivamente o lado da raiz cultural do evento.

Para que isso não ocorra, há que se cuidar do planejamento do evento festa, norteado pelo seu objetivo principal, o tal viés cultural que permite que ao longo do trabalho, haja a interação e integração dos envolvidos, o resgate e valorização da cultura do povo local e também a adesão do público visitante / brincante da festa.

Os responsáveis pela organização de eventos festa devem contar com o que há de mais atualizado quando se fala em recursos. É clara e presente a necessidade de qualificar os recursos humanos, aproveitar a tecnologia disponível; utilizar estratégias de comunicação e *marketing* adequados e se capacitar, técnica e organizacionalmente (CANTON, 2002, p.90).

O produto evento tem suas características sendo movidas por ações organizacionais e estratégicas, que não se mantêm por si só. Dependem, por sua vez, de uma fina sintonia com o universo do receptivo turístico local, aproveitando-se de sua infra-estrutura básica, de logísticas operacionais e das políticas públicas da cidade (CANTON, 2002, p.89). Notadamente, em todo mundo, o turismo de eventos se caracteriza como o mais lucrativo filão do mercado, principalmente por ampliar a demanda turística de localidades nas baixas temporadas (p.88).

Sobre a espetacularização de dois grandes eventos de expressão nacional, também amplamente estudados como festa: o Carnaval carioca e o Boi Bumbá de Parintins - Amazonas, cujo resultado artístico-cultural não se enquadra nessa visão eventista, uma vez que mobiliza a participação popular que ao final sai enriquecida, Cavalcanti fala que o

Carnaval e Boi-Bumbá são festas espetaculares [aqui entendidas não só como belas, mas como espetáculos propriamente ditos]. Nelas, o desenrolar do rito desvela extraordinária sofisticação artística. Nelas também, as fronteiras entre participantes e espectadores são fluidas e intercambiantes. Diferentes linguagens expressivas – música, dança e artes visuais – imbricam-se, produzindo a polissemia que as torna atraentes a tantos e tão diversos grupos e camadas sociais (CAVALCANTI, 2002, p.47).

Amaral (1998, p.89) argumenta que no Brasil, a festa tem papel constitutivo e representativo da cultura local. Afirma inclusive, que as festas não podem ser vistas como inconseqüência e simples busca do prazer, uma vez que está inserida no contexto de vida das pessoas e representam seus anseios e a sua realidade.

Justamente pelo caráter pluricultural e dinâmico do povo brasileiro, as festas desenvolvidas em nosso país ganham uma cor especial, um brilho que fica marcado como referência do nosso povo. Como explica Amaral (1998, p.88) quando diz que as trocas culturais acontecem em diferentes sentidos, no decorrer da realização de uma festa, na qual se pode explorar todas as suas facetas, é possível perceber as manifestações do povo na arte, na estética, na música e na religião. A autora complementa dizendo que a festa é uma das linguagens favoritas do povo brasileiro, é um campo no qual ele traduz seus valores mais caros e suas utopias.

[...] a festa não é afirmação nem negação da sociedade; nem fruição inconseqüente, nem consciência. Ela é antes uma das dimensões nas quais se dão algumas das primeiras experiências do sentir-se brasileiro. Expressão viva de uma utopia, onde as regras são, guardadas as proporções desta afirmação, feitas pelo povo e para o povo, que acumula e reparte suas riquezas; tempo e lugar em que ele reitera sua intimidade com os deuses e santos, expressa nas danças, comidas e homenagens que são feitas para eles (AMARAL, 1998, p.88).

As festas são, portanto, um grande motor do turismo nacional, e ao assumir tal posição, constituem-se em um dos grandes patrimônios culturais de nosso país (MOURA, 2002, p.49) e podem se distinguir dos ritos cotidianos pela sua amplitude e também por proporcionar divertimento pela sua densidade (Amaral, 1998, p.38).

Melo Neto (2002, p.53) referenciando evento, o que aqui também é entendido como festa, uma vez que toda festa é um evento (apesar do contrário nem sempre ser verdadeiro), diz que diferentemente dos monumentos e demais equipamentos urbanos, dotados de valor histórico, os eventos também representam a cidade só que pelo ângulo de memória, da memória viva da cultura local.

Quando se observa então a festa ou o evento festa no contexto de um espetáculo, lembrando que segundo o pensamento de Amaral (1998) o entendimento remete o espetáculo como um produto artístico que é capaz de revigorar a economia de muitas cidades, Melo Neto (2002) atribui ao evento (e aqui também se pode atribuir à festa) a responsabilidade de representar a memória viva da cidade, uma vez que traduz os aspectos de sua cultura.

A festa ganha assim uma amplitude ainda maior, cuja participação popular além de ser ativa na sua concepção e execução, fica ainda incumbida de preservar sua cultura, sua história e sua memória, ou seja, a cultura, a história e a memória da localidade onde ela acontece.

Assim, são os eventos

atividades de entretenimento, com um grande valor social, cultural e, sobretudo, histórico. Suas atividades constituem um verdadeiro *mix de marketing*³², entretenimento, lazer, artes e negócios. Tal a sua importância no contexto social, cultural, econômico e político da cidade e região e, em alguns casos até mesmo no país, podemos denominá-los de agente do patrimônio histórico-cultural (MELO NETO, 2002, p.53).

Por outro lado, há a complexidade de se estudar festa como fator de atração turística, como sendo tão delicada quanto uma pesquisa para efeito antropológico ou sociológico, a qual irá requerer do pesquisador a mesma argúcia e o mesmo cuidado científico de tais estudos. O turista que participa de uma festa, seja ela sagrada ou profana, sempre tem o desejo de saber o significado dos rituais que a compõem, mesmo que não seja um estudioso das ciências sociais (MOURA, 2002, p.37).

Amaral (1998, p.25) aponta também em seus estudos, as principais características comuns a todos os tipos de festas, a saber: 1) a superação da distância entre os indivíduos; 2) a produção de um estado de efervescência coletiva; e 3) a transgressão de normas coletivas.

Justamente pelo fato de ser um espaço propício para a ocorrência de contatos e relacionamento entre os participantes, a festa tem o poder de superar a distância entre as pessoas, seja a marcada pelas classes sociais, seja pelos credos ou ainda pela descendência / origem dos indivíduos, que no seu contexto geral, pode até mesmo eliminar temporariamente tais distâncias.

Durante a realização de uma festa, há o que Amaral (1998, p.28) entende por efervescência coletiva, segundo as reflexões de Émile Durkheim³³. Seu pensamento diz que:

[...] na festa a energia do coletivo atingiria o seu apogeu no momento de maior efervescência dos participantes. Ele [Émile Durkheim] observa que

³² *Mix de marketing* é o gerenciamento integrado de ferramentas promocionais como a propaganda, promoção de vendas, relações públicas, assessoria de imprensa, vendas pessoais e *marketing* direto, em um conjunto de ações que melhor apresente um produto (bens ou serviços) aos seus consumidores (KOTLER, 2000).

³³ Amaral utilizou a edição em francês da obra de Émile Durkheim, datada de 1968. No Brasil, a Editora Nacional publicou a mesma obra em português no ano de 1995.

“a efervescência muda as condições da atividade psíquica. As energias vitais são super excitadas, as paixões mais vivas as sensações mais fortes”. Para garantir esse estado da alma, contribuem fortemente os elementos presentes em todas as festas: músicas, bebidas, comidas específicas, comportamentos ritualizados, danças, sensualidade, etc. (AMARAL, 1998, p.28 – grifo da autora).

Ampliando o entendimento sobre os efeitos da tal efervescência coletiva, as festas também traduzem o significado da destruição das diferenças entre os indivíduos em seu momento pontuado de realização, e por essa razão, podem se associar à violência e ao conflito, uma vez que são as diferenças entre os indivíduos que mantêm a ordem coletiva (AMARAL, 1998, p.30).

Nessa mesma ótica é possível entender o porquê da festa possibilitar a transgressão de normas coletivas. Uma vez que a efervescência coletiva pode levar os indivíduos ao conflito, pode, da mesma forma, incitar o desrespeito ao próximo e às normas estabelecidas para o grupo (sejam elas normas escritas ou não).

Ao se estabelecer um cenário conflituoso na festa, pode-se acentuar a questão da exclusão de indivíduos ou grupos deles. A linha fronteira da festa, de modo geral, coincide com a identidade que produz em seu interior posicionando em seu contexto os indivíduos que dela participa (GUARINELLO, 2001, p.973).

Apesar do risco de ocorrência do acima exposto, a festa pode também assumir uma posição de espaço de conciliação coletiva o que permite a estruturação e a regeneração da sociedade. Contra o poder do individualismo, no holismo inerente às festas pode estar a solução para todos esses problemas concluiu Amaral (1998, p.32).

A essa possibilidade de estruturar e / ou de regenerar uma sociedade, que segundo Amaral (1998, p.32) é um poder inerente à festa, há que se ressaltar uma outra condição, a de incluir ou excluir indivíduos do grupo. Aqueles que participam da festa são os efetivamente incluídos nela. Essa questão acaba sendo relevante a ponto não de apagar as diferenças, mas sim pelo fato de unir os diferentes, agrupando-os (GUARINELLO, 2001).

Entre os participantes da festa, por outro lado, ou seja, entre os incluídos, a identidade criada não é homogênea, nem uniforme. A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes. A identidade que cria é uma unidade diferenciada (GUARINELLO, 2001, p.973).

Desenvolvendo seus estudos sobre as festas no período colonial brasileiro, Amaral (1998) iluminou ainda um outro aspecto importante:

Se toda festa é oferecida por alguém ou algum grupo, neste caso, era o Estado que a oferecia, e, por essa via, obrigava o povo à reciprocidade, como é característico de todo ritual ou fato social total (AMARAL, 1998, p.74).

Observando-se que historicamente o Estado (e por que não dizer que também a igreja) direciona a sociedade para determinados caminhos que atendam às suas ideologias, e imaginando que as festas quase sempre sofrem conseqüências diretas dessa situação, os atores participantes de uma festa estarão também sujeitos às imposições por parte da classe dominante, uma vez que, segundo Guarinello (2001, p.974), as festas podem certamente representar a tentativa de impor determinada identidade segmentária ao conjunto da sociedade. Voltando o foco ao participante da festa, diz que:

Toda festa pode, como vimos, comportar uma multiplicidade de sentidos particulares, segmentados, não congruentes, pode ser lida de maneira distinta por segmentos distintos dos participantes. Mas permanece o fato crucial de que o sentido da festa, e portanto da identidade que propõe e produz, depende sempre dos participantes, eventuais ou desejados, cuja presença e envolvimento determinam o sucesso e o significado último de qualquer festa (GUARINELLO, 2001, p.974).

Em uma das conclusões que chegou Rita Amaral (1998) em suas análises e reflexões sobre festa, fica claro que a amplitude do termo permite que uma determinada festa possa vir a sofrer influências sociais, culturais e por que não dizer políticas, que farão com que seja construída a sua imagem perante a comunidade que a realiza e também junto aos seus visitantes. Essa imagem local, dependendo do porte e da expressão da festa, pode ser um ponto determinante que marca e ajuda a construir a identidade nacional.

As festas adquirem significados sociais, culturais e políticos específicos, sendo inegável a disposição permanente dos brasileiros para a festa. Isto é percebido tanto pelos estrangeiros como pelos próprios brasileiros, confirmando uma imagem social e uma auto-imagem, em que a disposição para a festa constitui um traço marcante da identidade nacional (AMARAL, 1998, p.279).

Seja qual for o foco que se opte por estudar o termo festa, o estudo sempre recairá à participação popular, e como explica Bueno (2004) também referenciando Rita Amaral:

A festa – esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo – tem muitas faces. [...] e são nos] festejos da cultura popular de caráter comunitário nos quais a

participação do povo brasileiro se mostra de forma vigorosa. Para ela [AMARAL, 1998], a festa constitui uma linguagem simbólica que traduz muitos valores nacionais (BUENO, 2004).

A prática da festa vem marcando de maneira muito significativa a história dos povos.

Quando se fala em festa no contexto da hospitalidade, há que se falar também nos vínculos proporcionados pelos momentos de trocas simbólicas que acontecem durante a festa. A questão do Dar – Receber – Retribuir, teoria de Marcel Mauss (2003) que vem servindo de base estrutural para os estudos de hospitalidade no Brasil, assume aqui, como bem objeto de troca, ou seja, como o próprio dom, todo o simbolismo lúdico experimentado pelos seus participantes.

Envolvendo ou não uma troca financeira que a anteceda (por exemplo, na necessidade de compra de ingressos para participar da festa), o que estará em jogo na verdade, é a experiência a ser vivida pelos participantes / brincantes da festa, que se transformará em conhecimento para todos.

3.2 A Festa das Nações de Pariquera-Açu



Figura 14 – Festa das Nações – Pariquera-Açu - SP
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

A Festa das Nações foi idealizada pelo então Prefeito Sr. Orlando Milan, em sua segunda gestão (1997-2000) como representante legal da administração pública de Pariquera-Açu.

Durante sua primeira gestão na Prefeitura de Pariquera (1989-1992), trouxe em eventos realizados na cidade grupos de dança folclórica vindos de cidades como Curitiba (PR), São Paulo e Santos (SP). O interesse da comunidade foi grande, que com entusiasmo aplaudia cada apresentação que era feita na cidade. Daí se começou a pensar na possibilidade de criação de um evento que pudesse homenagear as famílias de imigrantes que deram origem a Pariquera pela valorização de sua cultura, principalmente nas danças e na culinária. Em entrevista datada de 21.05.04, o então Prefeito Sr. Orlando Milan relatou ter levado para a reunião na qual propôs a criação da Festa das Nações, referências de projetos similares nos quais teve acesso no passado, tendo inclusive levantado, no período que esteve ausente da Prefeitura entre sua primeira e segunda gestão, importantes registros da Festa das Nações da cidade de Santa Bárbara D'Oeste, cidade localizada também do interior do estado de São Paulo.

Para o desenvolvimento do projeto local, disse o Prefeito, foi então contratada a Srta. Gilcemara Cândido, cuja experiência em organização de grandes eventos vinha de sua própria agência, empresa na qual trabalhava realizando eventos em toda a região do Vale do Ribeira e baixada santista. Seu principal papel foi o de criar e viabilizar a estrutura da Festa das Nações segundo a idéia inicial proposta na reunião segundo os registros da Festa de Santa Bárbara trazidos pelo Prefeito.

Como a nova equipe da gestão municipal havia tomado posse em 1º de janeiro de 1997, em novembro desse ano aconteceu a primeira versão da Festa das Nações. Fato é que, como disse a Srta. Gilcemara Cândido em entrevista datada de 20.05.04, nessa época do ano chove muito em Pariquera, e a Festa que contava com apenas oito restaurantes típicos da culinária imigrante local (dentre eles o alemão, o italiano e o suíço que permaneceram até 2004), e uma tímida programação cultural, sofreu as conseqüências da intempérie local e não pôde no final de semana que se realizou atender de maneira satisfatória o público visitante, predominantemente local, que não passou de 2.000 pessoas.

Diante disso, os organizadores transferiram o período de realização da Festa das Nações para o mês de maio, época do ano bem mais seca e também mais fria, o que permitiu a elaboração de um cardápio mais extenso e mais bem elaborado e

aos grupos de dança facilitou sua apresentação, uma vez que sua indumentária era composta por roupas “pesadas” confeccionadas com tecidos quentes como o veludo.

Foi a partir da edição de 1998, após ver a idéia trazida pela Festa de 1997, que a comunidade efetivamente se engajou no espírito da Festa das Nações.

Segundo os dados da entrevista com a então primeira dama do município, a Sra. Maria Célia Trantino Milan em 21.05.04, as escolas da cidade foram convidadas a iniciar um levantamento histórico das famílias e de suas nacionalidades. Foram criadas atividades extracurriculares que envolveram não só os professores e os alunos, mas todas as famílias cujos descendentes eram imigrantes.

Desde o início era um pedido da organização que os restaurantes e os grupos de dança, ao menos os seus líderes, falassem o idioma da cultura que representavam, mas infelizmente, pelo fato de que no Brasil, ao longo dos séculos, os descendentes de imigrantes não perpetuam o idioma nem a cultura de seus antepassados, isso não ocorreu, salvo raras exceções.

No ano de 2003, quando a cidade completou seu primeiro cinquentenário, foi montada na Festa uma exposição dos principais trabalhos desenvolvidos pelas escolas do Município desde 1998, disse a primeira dama Sra. Célia Milan, em entrevista datada de 21.05.04.

A Festa das Nações que aconteceu anualmente nas duas gestões municipais comandadas pelo Prefeito Sr. Orlando Milan (de 1997 a 2004), desde a sua concepção, aconteceu sempre no mesmo lugar – no chamado Recinto (figura 15).

A área, que se localiza à esquerda da rodovia estadual que dá acesso ao centro urbano de Pariquera (Av. Dr. Carlos Botelho) pela BR 116, passou a ganhar investimento em infra-estrutura desde a sua criação em 1990, quando abrigava os eventos que eram realizados na cidade. Em 1997 ganhou o nome de Centro Municipal de Eventos de Pariquera-Açu.

Inicialmente o Recinto era uma área cercada por arame farpado, de chão de terra batida que não dispunha de nenhuma infra-estrutura que comportasse grandes eventos.

Com parte dos investimentos do Governo do Estado de São Paulo, vindos do FUNDESVAR – Fundo de Desenvolvimento do Vale do Ribeira, o Recinto ganhou um cimentado, um galpão coberto, banheiros e infra-estruturas de iluminação e redes de água e esgoto.



Figura 15 – Centro de Eventos de Pariquera-Açu (Recinto)
Fonte: O autor (2004)

A cada edição da Festa das Nações a infra-estrutura vinha sendo ampliada até chegar no que era da data desta pesquisa; área amplamente cimentada, totalmente iluminada, que contava com seis construções em alvenaria (datadas do ano de 2001) que abrigam restaurantes na Festa (sendo que dois deles apresentam dois pavimentos, um inferior e outro superior), dois grandes galpões cobertos com estruturas móveis de palco e arquibancadas, banheiros masculino e feminino, portal de entrada com bilheteria, sala de administração, e decoração e jardinagem fixas (figura 16).



Figura 16 – Recinto - Decoração e jardinagem na Festa das Nações de 2004
Fonte: O autor (2004)

Os projetos de construção dos restaurantes em alvenaria³⁴ foram assinados pelo Sr. Selmo João de Oliveira Filho, que informou em entrevista concedida em 20.05.2006, que a manutenção e os investimentos em infra-estruturas adicionais eram feitos de acordo com a necessidade, mas apesar da boa estrutura, o Centro de Eventos apresentava um problema estrutural considerável. Todos os restaurantes construídos em alvenaria não possuíam nem banheiros próprios nem área de estoque, que pudesse servir como almoxarifado e vestiário para quem neles trabalhasse.

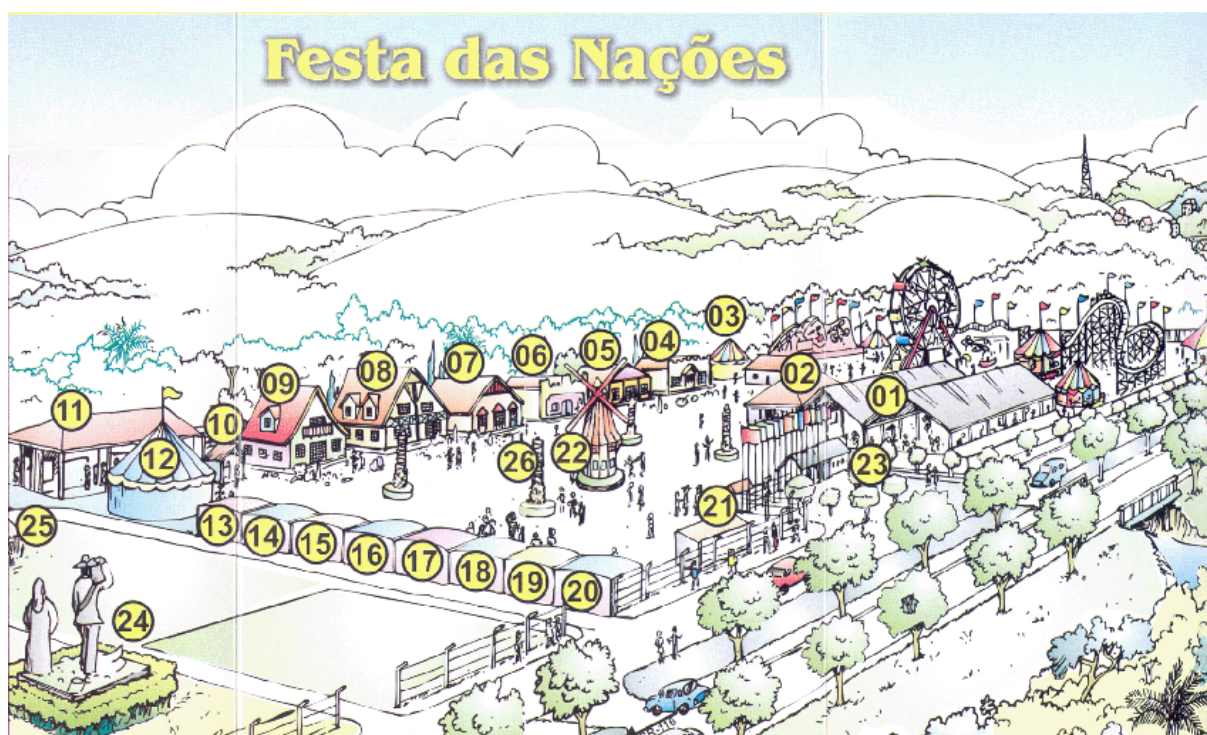


Figura 17 – Mapa do Centro de Eventos

Legenda: 1) Pavilhão de Apresentações Folclóricas, 2) Restaurante do Líbano, 3) Pavilhão da ONU / Baile, 4) Restaurante da Itália – Pizzaria, 5) Restaurante da Itália – Cantina, 6) Restaurante de Portugal, 7) Restaurante da Polônia, 8) Restaurante da Alemanha, 9) Restaurante da Suíça, 10) Loja de conveniência, 11) Exposição de Flores e Plantas Ornamentais, 12) Pavilhão da ONU / Baile, 13) Restaurante da Espanha, 14) Restaurante da França³⁵, 15) Restaurante do Japão, 16) Restaurante dos EUA, 17) Restaurante Brasil Sul, 18) Restaurante Brasil Nordeste, 19) Restaurante Brasil Palmitaria, 20) Restaurante Brasil Central, 21) Exposição de Artesanato, 22) Centro de Informações, 23) Entrada, 24) Monumento ao Imigrante, 25) Praça do Búfalo, 26) Quatro Totens de Sobrenomes.

Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2004.

³⁴ A área construída dos restaurantes, fora do período da Festa das Nações, é utilizada pela Prefeitura Municipal para a realização de oficinas culturais realizadas pelo Fundo Social e de Desenvolvimento do Município, como exemplos citam-se os cursos de alfabetização de adultos, as atividades promovidas no “agente jovem” e os cursos preparatórios de *pizzaiolo* e garçom, que foram realizados por dois anos consecutivos em parceria com o CET – SENAC SP.

³⁵ A edição de 2004 da Festa das Nações não teve a participação do Restaurante da França, por isso somam-se oito restaurantes instalados nas barracas.

Esta pesquisa apresenta logo a seguir a descrição das experiências vividas por dois moradores locais, responsáveis pelos restaurantes típicos e temáticos da Alemanha e dos Estados Unidos, cujos organizadores foram entrevistados. A escolha desses dois entrevistados foi pela constante e influente presença na organização da Festa desde a sua primeira versão, além de representarem duas estruturas diferentes, o primeiro em alvenaria com dois pavimentos e o segundo com uma barraca tubular coberta por lona.

A organização da Festa realizava em média oito reuniões de planejamento com os responsáveis pelos restaurantes, que eram convidados a participar da festa, que assinavam um acordo formal de participação com o Prefeito (enquanto pessoa física), o qual regulava principalmente os deveres e direitos dos mesmos durante o período de realização do evento. Tal documento tinha, sobretudo, um valor moral, era um “acordo de cavalheiros”, visto que por não ser estabelecido entre a Prefeitura (enquanto pessoa jurídica) e os donos dos restaurantes, não apresentava valor legal para a administração pública. As reuniões eram feitas da seguinte forma: uma logo após o término da edição vigente do ano e as outras sete realizadas de janeiro a abril do ano em que se realizaria a edição que estava sendo preparada. A reunião pós-festa sempre trouxe um retorno positivo, com a apresentação de sugestões vindas dos restaurantes para a Festa do ano seguinte.

A Prefeitura Municipal de Pariqueira-Açu, nos oito anos em que realizou a Festa das Nações na cidade não teve lucros, por sua vez também não teve prejuízos. A maior parte das despesas na Festa era coberta pelos investimentos dos restaurantes e por patrocínios de empresas do comércio local, verba esta que se somava aos valores destinados pela Prefeitura em orçamento público para a sua realização, caso houvesse necessidade de cobrir gastos adicionais.

Segundo as pesquisas realizadas pela Prefeitura Municipal de Pariqueira-Açu em 2003 e 2004 junto aos visitantes da Festa das Nações, o evento se tornou um dos maiores realizados no Vale do Ribeira, se não o maior dos últimos anos.

Sua edição do ano de 2004 (anexo 3), que aconteceu no mês de Maio, nos dois finais de semana que compreenderam os dias 06, 07, 08, 09, 13, 14, 15 e 16, e que nesta pesquisa é mais profundamente abordada, teve como expectativa de público 50.000 pessoas, mas trouxe, porém, segundo dados da polícia militar local,

um público de mais de 75.000 visitantes³⁶. Esse número representa pouco mais de quatro vezes a população da cidade. Os visitantes vieram de todas as cidades do Vale, da baixada santista, de São Paulo, de Curitiba, das cidades da região de Sorocaba (pelo fácil acesso ao Vale do Ribeira) e de todas as cidades que se fizeram representar pelos grupos de dança que se apresentavam na Festa.

O programa oficial da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu é apresentado no quadro 4, o qual ilustra as apresentações artístico-folclórico-culturais no ano de 2004.

Foram mais de 1.500 profissionais envolvidos na realização da Festa em 2004. Da Prefeitura Municipal em média 200 pessoas estiveram envolvidas, nos restaurantes a média foi de 100 profissionais por restaurante, e nos grupos de dança somou-se cerca de 1.200 profissionais (entre bailarinos, músicos e equipes técnicas).

Esta pesquisa também apresenta logo a seguir a descrição dos dois grupos de dança folclórica sediados no município de Pariquera-Açu, os Grupos da ACESEVAL e o Graricana *Tanzgruppe*.

³⁶ No dia 08 de maio de 2004, primeiro sábado da Festa, segundo dados da PM, o Recinto abrigava mais de 20.000 pessoas, isso se repercutiu no estacionamento extremamente lotado (no qual o cliente pagava R\$5,00 pela diária) e numa imensa fila de automóveis estacionados no acostamento do lado esquerdo da rodovia.

Quadro 4 - Programa Oficial da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu

Programação da 8ª Festa das Nações

Quinta-feira dia 06.05.04

- 20:00h Abertura oficial da 8ª Festa das Nações com a apresentação do Rei e das Rainhas da festa.
 21:00h Grupo Folclórico Japonês *Minyo Yamato-Kai* e Grupo de Dança de Senhoras de Registro (SP).
 22:30h 2 Bailes: Banda do Barril de Blumenau (SC) e Naor e seus teclados.

Sexta-feira dia 07.05.04

- 21:00h Grupo Folclórico Alemão *Lustige Kinder* da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 21:30h Grupo Folclórico Alemão Guaricana *Tanzgruppe* de Pariquera-Açu.
 22:00h Grupo Folclórico *Calhandra* de São Sepé (RS).
 23:00h 2 Bailes: Banda do Barril de Blumenau (SC) e Ageu e Mota.

Sábado dia 08.05.04

- 21:00h Grupo Folclórico Italiano *Passi D'oro* da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 21:30h Grupo Folclórico Italiano *Piccola* Itália de Rondinha (PR).
 22:00h Grupo Folclórico *Calhandra* de São Sepé (RS).
 22:30h Grupo Folclórico Grego *Neolée* de Curitiba (PR).
 23:00h 2 Bailes: Banda do Barril de Blumenau (SC) e Naor e seus teclados.

Domingo dia 09.05.04

- 12:00h Almoço especial das Mães com João Alves e Malaquias.
 15:00h Tribo *Pindoty* dos índios *M'Byá Guarani* de Pariquera-Açu.
 16:00h Grupo Folclórico Grego *Neolée* de Curitiba (PR).
 20:00h Grupo Folclórico Russo *Cia Balalayka* de Danças Russas - São Paulo (SP).
 21:30h Grupo Folclórico Alemão *Stralende Jugend* da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 22:30h 2 Bailes: Banda do Barril de Blumenau (SC) e Ageu e Mota.

Quinta-feira dia 13.05.04

- 21:00h Grupo Folclórico Alemão *Stralende Jugend* da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 22:00h Grupo Folclórico Árabe Filhas do Sol de São Paulo (SP).
 22:30h 2 Bailes: Dino's Band de Registro (SP) e Ageu e Mota.

Sexta-feira dia 14.05.04

- 21:00h Grupo Folclórico Alemão *Lustige Kinder* da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 21:30h Grupo Folclórico Português Tradições de Portugal da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 22:00h Grupo Folclórico Árabe Filhas do Sol de São Paulo (SP).
 22:30h Dança Flamenca com Carmem Romero e Grupo de Curitiba (PR).
 23:00h 2 Bailes: Dino's Band de Registro (SP) e Naor e seus teclados.

Sábado dia 15.05.04

- 21:00h Grupo Folclórico Suíço de Helvetia (SP).
 21:30h Grupo Folclórico Japonês *Minyo Yamato-Kai* e Grupo de Dança de Senhoras de Registro (SP).
 22:00h Grupo Folclórico Polonês *Junak* de Curitiba (PR).
 22:30h Grupo Folclórico Ucraniano *Poltava* de Curitiba (PR).
 23:00h 2 Bailes: Banda New York de Ponta Grossa (PR) e Selma Campos.

Domingo dia 16.05.04

- 12:00h Almoço com João Alves e Malaquias e Jurgen Wentz.
 15:00h Grupo Folclórico Polonês *Junak* de Curitiba (PR).
 16:00h Grupo Folclórico Ucraniano *Poltava* de Curitiba (PR).
 20:00h Grupo Folclórico Português Tradições de Portugal da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 21:00h Grupo Folclórico Alemão Guaricana *Tanzgruppe* de Pariquera-Açu.
 21:30h Grupo Folclórico Italiano *Passi D'oro* da ACESEVAL de Pariquera-Açu.
 22:30h 2 Bailes: Banda New York de Ponta Grossa (PR) e Naor e seus teclados.

Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2004 (anexo 3)

A Festa das Nações colocava à disposição do visitante inúmeros atrativos, dentre eles os mais visitados eram sem dúvida as apresentações de dança folclórica e a gastronomia dos restaurantes típicos e temáticos, mas vale mencionar também o Monumento ao Imigrante (ver localização no Centro de Eventos à figura 17 Legenda 24).



Figura 18 – Monumento ao Imigrante
Fonte: Prefeitura Municipal de Paríquera-Açu, 2005.

O Monumento ao Imigrante (figura 18) foi uma das homenagens da Prefeitura à imigração que fundou a cidade e diante dele inúmeras manifestações cívicas de Paríquera já ocorreram.

A Festa das Nações também homenageou os imigrantes com a confecção de quatro Totens (figura 19) que levam em placas esculpidas em madeira de lei, os sobrenomes das famílias que chegaram a Paríquera no período de 1868 a 1900 (ver localização no Centro de Eventos à figura 17 Legenda 26). Os quatro Totens circundam o Centro de Informações do Centro de Eventos (Figura 17 Legenda 22), que está localizado bem em frente ao portal da entrada principal do Recinto.

A pesquisa dos sobrenomes das famílias homenageadas foi feita pelas escolas da cidade, a partir de documentos históricos e junto à comunidade.



Figura 19 – Totem de Sobrenomes
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

Todo este ambiente previamente preparado pela organização da Festa era musicalmente animado pela Banda de Jazz JAMA e pelo violinista Jurgen Wents, principalmente no almoço de domingo e nas tardes da Festa. Às noites eram animadas por dois bailes (por noite), no salão principal se apresentava uma banda de renome tocando ritmos variados e no outro salão bandas locais tocando forró e música sertaneja.



Figura 20 – Apresentação pública do violinista Jurgen Wents na Festa das Nações de 2004
Fonte: O autor (2004)

O artesanato e as culturas florísticas locais podiam também ser apreciadas em *stands* próprios na Festa, nos quais, segundo o Prefeito Sr. Orlando Milan, a

Prefeitura vinha investindo nesse novo setor dentro da Festa para ampliar o leque de opções ao visitante.

3.2.1 O concurso de Rei e Rainhas da Festa das Nações

O concurso de Rei e Rainha adultos e Rainha-Mirim da Festa das Nações de Pariquera-Açu acontecia um mês antes da abertura oficial do evento.

Apresentados pelos restaurantes³⁷, os candidatos faziam suas inscrições diretamente no Setor de Eventos da Prefeitura e tinham como principais atribuições:

- ✓ Preparar traje típico folclórico para a nacionalidade que pretendiam representar,
- ✓ Preparar e ensaiar uma apresentação de dança folclórica da mesma nacionalidade,
- ✓ Estar disponível em dias e locais, marcados de comum acordo, para os ensaios de apresentação,
- ✓ Estar disponível em dia e local marcados pela PMPA para o ensaio final,
- ✓ Estar à disposição da PMPA para apresentação como cicerones da Festa em eventos nos quais a Prefeitura estivesse divulgando a Festa das Nações,
- ✓ Recepcionar os visitantes durante toda a Festa e também no restaurante que o tivesse patrocinado³⁸, devidamente trajados e portando a faixa que o identificava como Rei e Rainhas da Festa.

³⁷ Cada restaurante tinha que apresentar um casal adulto e uma candidata mirim. Caso os candidatos não pudessem arcar com a confecção da indumentária e com as despesas para preparar e ensaiar a coreografia a ser apresentada, corriam por conta do restaurante tais despesas (o que sempre acontecia). Fato é que se caso o restaurante não apresentasse nenhum candidato dentro do período de inscrição, pagava multa no valor de R\$ 150,00 no momento do acerto de caixa final com a PMPA.

³⁸ Aqui é pontuada uma questão polêmica, nas últimas versões da Festa, os vencedores somente portavam as indumentárias no primeiro dia, ou seja, na abertura da Festa, e quando muito nos domingos. Além disso, foi queixa geral dos responsáveis pelos restaurantes, pelo fato de que os vencedores não percorriam todos os estabelecimentos, ficando a maior parte do tempo no restaurante que o tivesse patrocinado.



Figura 21 – Apresentação dos candidatos a Rei e Rainhas da Festa das Nações de 2004
 Fonte: O autor (2004)



Figura 22 – Performance de candidata a Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Japonês
 Fonte: O autor (2004)



Figura 23 – Performance de candidata a Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Brasil Palmitaria
 Fonte: O autor (2004)

Na categoria adulta, a idade mínima estipulada pela organização era de 14 anos e na categoria mirim os candidatos devem ter de 5 a 13 anos (quando menores de idade, a Prefeitura solicitava prévia autorização por escrito dos pais ou responsáveis, bem como o acompanhamento dos menores de 13 anos).

O corpo de jurados era formado por sete personalidades ligadas às artes e culturas que não residissem na cidade de Pariquera-Açu.

Os candidatos que se apresentavam eram avaliados pela sua apresentação, pelos trajes típicos que portavam e pela simpatia. Na categoria adulta o quesito de sincronia também era avaliado.

A decisão do júri era inquestionável e irrevogável. Em caso de empate, a ordem de desempate era a maior pontuação recebida no quesito de representação folclórica, se persistindo o empate, a avaliação era feita pelos quesitos trajes típicos e simpatia, até o desempate final.

No regulamento de participação (anexo 4), era solicitação da Prefeitura que todos os candidatos, independente de terem sido vencedores, se apresentassem devidamente trajados e ensaiados (quanto à coreografia) na abertura oficial que ocorria no primeiro dia da Festa.

Os candidatos eleitos como Rei e Rainha da Festa das Nações de Pariquera-Açu de 2004 foram Bruno Luiz Ribeiro e Luana Cristina Farias Coppi representando o restaurante polonês (figura x e x1), e a Rainha-Mirim representava o restaurante italiano.



Figura 24 e 25 – Performance do casal candidato a Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês.
Fonte: O autor (2004)



Figura 26 – Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês.
 Fonte: O autor (2004)



Figura 27 – Rei e Rainha da Festa das Nações de 2004 pelo Restaurante Polonês, em foto com os Reis da Festa de 2003.
 Fonte: O autor (2004)



Figura 28 – Rei e Rainhas da Festa das Nações de 2004
 Fonte: O autor (2004)

Um exemplo mencionável de atuação de participantes, observado pelo pesquisador durante sua vivência empírica na Festa de 2004, foi a candidata mirim pelo restaurante do Líbano, que pelo seu charme, graça e simpatia, ganhou o público por onde passava e sempre estava devidamente trajada e disposta a tirar fotos e dançar para os visitantes, convidando-os a conhecer o restaurante.



Figura 29 – Performance da candidata à Rainha Mirim da Festa das Nações de 2004 durante a eleição.

Fonte: O autor (2004)



Figura 30 – Apresentação pública da candidata à Rainha Mirim da Festa das Nações de 2004 diante do restaurante do Líbano.

Fonte: O autor (2004)



Figura 31 – Apresentação pública da candidata à Rainha Mirim da Festa das Nações de 2004

Fonte: O autor (2004)

3.2.2 Restaurantes típicos e temáticos

Um dos fortes atrativos da Festa das Nações de Pariquera-Açu foi sem dúvida a visita aos restaurantes típicos e temáticos. Somando-se os 14 restaurantes, a Festa proporcionava um verdadeiro festival gastronômico, que além de levar ao

conhecimento público, prato típicos (e muitas vezes exóticos) das colônias imigrantes que representavam, serviam os clientes em uma decoração ambiente também típica e com funcionários vestidos a caráter. Ao todo se faziam presentes dez grupos de especialidades culinárias de países diferentes³⁹.

Fora os seis restaurantes construídos (figura 17 legendas de 4 a 9), a Festa das Nações contava ainda com mais outros oito restaurantes (figura 17 legendas 2, 13, 15 a 20) que atendiam os clientes em construções feitas com barracas de estrutura tubular metálica. Para essas estruturas a organização do evento disponibilizava água (e devida saída para a rede de esgoto) por mangueiras, e energia elétrica por cabeamentos móveis.



Figura 32 – Gastronomia
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariqueira-Açu, 2005.

O cardápio de cada restaurante (anexo 5) era composto por especiarias culinárias tanto salgadas como doces, muitas vezes acompanhadas por bebidas também típicas, mas em todos os restaurantes se encontrava para consumo dos clientes, água, refrigerante, *chopp* ou cerveja.

Segundo dados da Prefeitura local (PMPA, 2005), não se viam diferenças no atendimento dispensado pelos restaurantes às diferentes classes sociais que visitavam suas instalações. As únicas restrições poderiam vir dos preços dos cardápios, como no caso do Restaurante Português que apresentava os pratos mais caros da Festa. Aos domingos, porém, foi observada pela participação empírica do pesquisador, a frequência das famílias de melhor posse para desfrutar do “almoço

³⁹ Como apoio aos restaurantes a Prefeitura disponibilizou um curso de boas práticas em higiene de alimentos e repetiu os cursos de *pizzaiolo* e de garçom que já havia feito no passado em parceria com o SENAC – SP.

de domingo” nos restaurantes. A população mais carente que estivera no Recinto, nesse horário se via nas barracas mais populares, que vendiam os alimentos em porções ou em lanches.



Figura 33 – Restaurante Português

Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

A seguir, apresentam-se os dados das entrevistas de campo que ilustram as experiências de dois moradores locais, responsáveis pelos restaurantes da Alemanha e dos Estados Unidos:

O Restaurante da Alemanha

Os dados que se seguem representam a experiência empírica da Sra. Ana Eliza Martins Lobo na Festa das Nações de Pariquera-Açu. Nascida em Pariquera, a entrevistada é formada em Letras e na data da entrevista trabalhava como professora no ensino fundamental em uma das escolas da cidade. A Sra. Ana Eliza tem descendência alemã e suíça e foi responsável, juntamente com sua equipe, pela organização e manutenção do restaurante alemão desde a primeira versão da Festa. As informações abaixo foram colhidas em entrevista concedida em 08 de janeiro de 2006.

A primeira participação da entrevistada na Festa das Nações de Pariquera-Açu aconteceu na sua primeira edição, ocorrida em 1997, quando foi convidada pela Prefeitura Municipal a participar do projeto proposto pelo então Prefeito Sr. Orlando

Milan, que tinha como propósito inicial resgatar a cultura dos povos que deram origem à cidade por meio de representações folclóricas e gastronômicas.



Figura 34 – Restaurante Alemão na Festa de 1997
Fonte: LOBO, Ana Eliza Martins, 1997.

Em parceria com seu esposo o Senhor Maurício Lobo e com mais dois casais de descendentes alemães, dos quais destaca-se o Sr. Herbert Hans Rudolf Schulz (entrevistado nesta pesquisa por representar o grupo de dança *Guaricana Tanzgruppe*) e sua esposa a Sra. Iraci Godoi Schulz, desenvolveu a concepção inicial do restaurante alemão, o qual desde o princípio, teve uma participação expressiva no desenvolvimento da Festa.

Nesse ano a equipe não possuía nenhuma experiência em prestação de serviços de alimentos e bebidas, mesmo tendo como hábito a preparação de pratos típicos da culinária alemã, uma vez que seus pais e avós provinham dessa nacionalidade. A estrutura da equipe do restaurante alemão naquele ano foi feita contando com os esforços dos três casais e de duas merendeiras que trabalhavam na escola na qual a Sra. Ana Eliza lecionava. Pela proposta da Festa, membros das três famílias também ajudaram na decoração da barraca e no atendimento ao público, que naquele ano fora pequeno.

Os uniformes utilizados pelos membros da barraca da Alemanha foram todos confeccionados pela Sra. Iraci Schulz, que também os confeccionava para os bailarinos do grupo de dança que comandava, na data desta pesquisa, juntamente com seu esposo o Sr. Herbert Schulz.

Como estas três referidas famílias convidadas pela Prefeitura eram as mais tradicionais na cidade, a proposta veio para que fossem responsáveis pela organização tanto do restaurante como de um grupo de dança folclórica, do qual posteriormente surgiu o Guaricana *Tanzgruppe*. Fato é que organizar todo o trabalho do restaurante e ainda se apresentar como bailarinos durante a Festa foi uma tarefa impossível de se administrar nos dois anos que isso aconteceu e logo na terceira edição da Festa das Nações, ocorrida em 1999, a equipe já havia se separado, permanecendo os casais Ana Eliza e Maurício Lobo, Romeu e Selma Gauglitz, como responsáveis pelo restaurante alemão, e que tocaram essa tarefa até a edição do ano de 2004, objeto de estudo desta pesquisa.

Todo o investimento para a montagem do restaurante alemão foi feito pelos três casais, que levaram móveis (fogão, geladeira, freezer, mesas e cadeiras), utensílios de cozinha (panelas, travessas, pratos, talheres, copos e toalhas) e de decoração (de mesa e externa da barraca) de suas próprias casas. O retorno financeiro no ano de 1997 veio para cobrir apenas as despesas do restaurante, que naquele ano era de estrutura tubular metálica. Essa primeira experiência, apesar de totalmente feita no improviso, trouxe à equipe um lucro pequeno, oriundo da venda dos pratos do cardápio, recurso que foi investido na preparação da Festa do ano seguinte.

Apesar de conhecerem e habitualmente consumirem os pratos típicos oferecidos nessa primeira experiência de serviços gastronômicos (em 1997), nesse ano os três casais foram à cidade de São Paulo para conhecer um restaurante típico alemão, e de lá, pegaram a idéia de como montar o seu próprio cardápio e se preparar para o trabalho que se seguiu. A pesquisa do grupo também contemplou uma viagem para conhecer a *Oktoberfest*, tradicional evento alemão que acontece anualmente em Blumenau, no estado de Santa Catarina.

O primeiro cardápio (anexo 6) apresentou como pratos quentes principais o tradicional Chucrute (*Saurkraut*) com batatas (*Kartoffel*), acompanhado de Joelho de Porco (*Eisbein*), de Bisteca de Porco (*Kasler*) ou de Salsichão (*Knakwurst*). Oferecia ainda porções quentes de Salsichão e o *Puff* de Batata com Queijo e Presunto (*Kartoffelpuffer mit käse und schinken*).

Como sobremesa, o cardápio oferecia a também tradicional Torta de Maçã Alemã (*Apfeltorte*) e a Massa Folhada com Maçã, conhecida no Brasil como *Strudel* (*Apfeltortetrudel*).

Além das bebidas habituais como água, refrigerante, cerveja e *chopp*, o cardápio oferecia ainda vinho alemão (*Wein Deutschland*) e *Steinhäger*, também já bem difundidos e consumidos no Brasil.

O resultado computado pelo grupo responsável pelo restaurante alemão ao final da Festa das Nações de 1997 registrou a venda de 18 (dezoito) unidades do prato principal - o Joelho de Porco -, acrescido da venda dos demais pratos e bebidas oferecidos no cardápio, mas em escala menor de quantidade.

A recepção da Festa de 1997 recebeu clientes estrangeiros, e especificamente no restaurante alemão, foi atendida uma família de origem alemã, que solicitava seus pedidos no próprio idioma e elogiaram os esforços do grupo ao experimentar o Joelho de Porco com chucrute, prato principal do cardápio do restaurante. O atendimento a esses clientes foi feito pela família Schulz, que era a única que falava o idioma alemão no restaurante, uma das solicitações da Prefeitura local para os participantes da Festa que fossem responsáveis por barracas ou por grupos de dança folclórica.

A entrevistada assinalou que das oito edições da Festa das Nações de Pariqueira-Açu, a do ano de 2003 foi a que melhor trouxe resultados positivos para os responsáveis pelos restaurantes, uma vez que ao longo dos anos o grupo vinha se profissionalizando e chegou a criar uma Associação para representar seus interesses junto à Prefeitura. A Sr. Ana Eliza fazia parte da diretoria dessa Associação.

De 1997 a 2003 a equipe que comandava o restaurante alemão foi se estruturando, a ponto de possuir na data desta entrevista, toda a estrutura necessária para tocar um restaurante. Nas quatro últimas edições da Festa foram locados apenas os móveis (mesas e cadeiras, de madeira por exigência da Prefeitura), uma vez que a cada ano, a equipe do restaurante alemão investia na compra de utensílios de cozinha e de atendimento de sala⁴⁰ para uso no restaurante durante a realização da Festa das Nações.

Os oito cozinheiros que trabalharam no restaurante na Festa de 2003 (os mesmos que trabalharam em 2004) receberam treinamento de 30h, promovido pela

⁴⁰ Segundo Castelli (2001, p.312), o atendimento dos clientes no restaurante é feito no espaço onde são dispostas as mesas e cadeiras; espaço este também chamado de sala, o qual é organizado por prévio "*mise en place*" de sala, que corresponde ao conjunto preliminar de trabalhos executados pela equipe de atendimento (*maitre*, garçons e *cumins*), para a perfeita recepção dos clientes.

Prefeitura no mês de janeiro no Recinto, que consistiu em um curso de conservação de alimentos, mostrando na prática como proceder na higienização, no armazenamento e nos cuidados no pré-preparo de alimentos em restaurantes.

Neste ano, foi relatado pela entrevistada Sra. Ana Eliza, que houve falta de água no Recinto, mas os responsáveis pela organização da Festa resolveram o problema com agilidade, a fim de minimizar a possibilidade do problema chegar até o cliente.

De 2001 até 2004 o restaurante alemão ocupou uma das seis construções que foram feitas em alvenaria no Centro de Eventos de Pariquera-Açu.

Essa construção dispunha de dois pavimentos, no qual toda a estrutura de cozinha localizava-se no piso inferior e as salas de atendimento do restaurante, bem como os bares e caixas de pagamento eram distribuídos nas áreas que compunham os dois pisos (inferior e superior). O acesso dos clientes ao piso superior era feito por escada e o acesso dos pratos preparados na cozinha, por elevador eletrônico.



Figura 35 – Fachada do Restaurante Alemão na Festa de 2004
Fonte: O autor (2004)

A área de trabalho do restaurante alemão (assim como as demais construções em alvenaria que abrigavam restaurantes) era deficiente em local adequado para estoque e não dispunha de banheiros e vestiário para os funcionários.



Figura 36 e 37 – Ambientes internos do Restaurante Alemão na Festa de 2004
Fonte: LOBO, Ana Eliza Martins, 1997.

A decoração interna das mesas em 2004 foi baseada nas cores vermelho e branco; confeccionadas em tecido xadrez as toalhas de mesa assim como as cortinas enfeitaram o ambiente interno da sala de atendimento do restaurante. A área interna ainda foi decorada com quadros pintados à mão por um artista plástico da cidade e se encontravam à venda para os clientes visitantes.

A equipe que atendeu os clientes em 2004 era composta pelos dois casais responsáveis, por oito cozinheiros e por nove garçons. Estes também participaram do curso preparatório para garçons promovido pela Prefeitura em Pariquera, em parceria com o SENAC – SP no ano de 2001. Em média, os funcionários da cozinha bem como os de atendimento recebiam R\$320,00 (trezentos e vinte reais) pelos oito dias de Festa. Nesse ano, o horário de atendimento do restaurante foi fixado das 17:00 às 05:00 de quinta a sábado, e no domingo, o horário de atendimento se estendeu por conta do almoço dominical.

O investimento médio do restaurante alemão na Festa de 2004 foi de R\$30.000,00 (trinta mil reais), dos quais R\$1.400,00 (um mil e quatrocentos reais) representou o aluguel do espaço pago à Prefeitura pelos oito dias de Festa.

O restaurante não investia em propaganda própria. Utilizava os *folders* de divulgação da Festa criados pela Prefeitura para divulgar sua participação na Festa das Nações, entretanto vendia com antecedência a caneca de *chopp* do restaurante, idéia que trouxe de sua visita à *Oktoberfest*.

Segundo a entrevistada, a Prefeitura Municipal não auxiliava os restaurantes com nenhum tipo de investimento financeiro, nem com apoio ou orientações sobre planejamento e coordenação para um melhor aproveitamento dos investimentos na Festa, assim como não direcionava ou ditava regras de como proceder em seu trabalho junto ao público. A participação da PMPA junto aos restaurantes resumia-se

em prestar serviços de infra-estrutura local e quando necessário, por solicitação dos restaurantes, disponibilizava carro e motorista para viagem a São Paulo (SP) ou Curitiba (PR) para compra de suprimentos e decoração. No contrato firmado entre os responsáveis pelos restaurantes e o Prefeito Sr. Orlando Milan, ficava definido apenas o compromisso assumido por aqueles para com a Festa e os valores e recursos envolvidos. As duas restrições impostas aos restaurantes pela Prefeitura resumiam-se em não vender nada além da área que envolvia o restaurante e na obrigatoriedade de patrocinar os candidatos a Rei e Rainhas da nacionalidade que também representavam⁴¹.

Em 2004, a venda dos pratos do cardápio (anexo 7) registrou mais de 600 unidades do prato principal – Joelho de porco com chucrute, mais de 130 bistecas de porco com chucrute, mais de 100 salsichões e também mais de 100 espetinhos de carne de porco com arroz, além dos lanches, das bebidas e das porções de *Puff*. O *ticket* médio do cardápio do restaurante alemão em 2004 girou em torno de R\$25,00.

A entrevistada relatou que em seu estabelecimento na Festa das Nações era clara a presença da elite social e política do Município e também das cidades vizinhas, que mais se concentravam nos horários de almoço e jantar. Como seu cardápio dispunha de pratos cujos valores eram acessíveis a todas as camadas da população, era possível atender a todos os visitantes que lá chegavam independentemente da classe social a qual pertenciam. Este fato também se comprovava pelos pratos consumidos por grupos distintos da sociedade. A elite não questionava preço de nada do cardápio, enquanto que a comunidade se restringia a servir-se de porções e lanches.

Além do horário do almoço de domingo, o dia mais movimentado da Festa, segundo a entrevistada, era sempre o sábado.

A Sra. Ana Eliza relatou que nos três últimos anos de realização da Festa das Nações o restaurante alemão comprou suas matérias primas e suprimentos no comércio local, com exceção do Joelho de porco que pela qualidade do alimento, era comprado em um frigorífico na cidade de Louveira – SP. Relatou ainda que o comércio local apesar da procura de suprimentos pelos responsáveis pelos restaurantes na Festa, não acompanhou a evolução preparando-se para o aquecimento das vendas proveniente da preparação dos grupos para o evento, nem

⁴¹ O restaurante alemão patrocinou todos os candidatos que defendiam a bandeira alemã no período de realização da Festa (1997-2004) e elegeu o Rei e a Rainha da Festa das Nações de 2003.

tampouco se preparando para o aumento no fluxo de clientes turistas que visitavam Pariquera no período da Festa.

Em suma, a entrevista com a Sra. Ana Eliza Martins Lobo, exemplificou uma experiência gratificante de participação na Festa das Nações de Pariquera-Açu. Experiência esta que trouxe às famílias envolvidas não só o empenho em se organizar e se preparar para cada nova edição, mas também serviu como uma oportunidade de realizar uma atividade prazerosa que se iniciou como uma brincadeira e ao longo do tempo se profissionalizou, de tal modo, que por dois anos consecutivos o grupo recebeu o convite para participar da Festa das Nações da cidade de Tupi Paulista, também no interior do estado de São Paulo, e passou durante todos os meses do ano (de 2000 a 2004, e até a data de publicação dessa dissertação) a atender em caráter de *buffet* solicitações de famílias residentes no Vale do Ribeira para o preparo de jantares alemães.

A participação na Festa trouxe para os membros dessas famílias a curiosidade de pesquisar sobre suas raízes e uma maior integração aos propósitos culturais e históricos da Festa das Nações. O interessante é notar que mesmo pelo interesse, nenhum membro das duas famílias que tocaram o restaurante alemão até 2004 aprendeu o idioma.

Ao final de cada edição da Festa das Nações, a equipe do restaurante alemão fechava todo o fluxo de caixa, prestava contas com a Prefeitura quanto às despesas e re-embolso dos vales “Milão”⁴² e pagava todos os funcionários. Nos dias que se seguiam à Festa, era sempre marcada uma data na qual a equipe oferecia um churrasco aos funcionários que no restaurante trabalharam naquele ano, o almoço era sempre regado a bom vinho alemão e ao precioso cardápio do restaurante.

O desejo pessoal da entrevistada era de poder servir os clientes pessoalmente, atividade que não lhe era muito freqüente, uma vez que era a responsável pela cozinha do restaurante alemão. Mesmo assim, foi possível ao pesquisador durante toda a entrevista, perceber o amor e o respeito da entrevista pela Festa das Nações, não só pelos benefícios que trouxe ao grupo, mas também aos benefícios que trouxe à cidade nos oito anos que aconteceu no município de Pariquera-Açu.

⁴² O vale “Milão” era a moeda corrente na Festa das Nações de Pariquera-Açu. O vale recebeu o apelido de “Milão” em homenagem ao Prefeito da cidade, o Sr. Orlando Milan.

O Restaurante dos Estados Unidos

Os dados que se seguem representam a experiência empírica do Sr. Antonio Paulo Emenegildo na Festa das Nações de Pariquera-Açu. O entrevistado é nascido em Pariquera, formado em fisioterapia e na data da entrevista trabalhava como fisioterapeuta no centro de reabilitação física da cidade, órgão ligado ao Hospital Regional e à Secretaria Municipal de Saúde. Era também o promotor da Festa Pariquera Fantasia que em 2005 teve sua décima segunda edição e também pela Festa da Camiseta Branca, evento bi-anual de ocorrência em Pariquera que nesse mesmo ano apresentou sua oitava edição. Na Festa das Nações teve participação desde o seu início em 1997, mas foi em 2003 que passou a ser responsável pelo restaurante dos Estados Unidos. As informações abaixo foram colhidas em entrevista concedida em 10 de dezembro de 2005.

Diferentemente da entrevistada responsável pelo restaurante alemão, que ao ser integrada ao grupo que comandaria restaurantes na Festa não possuía experiência anterior nem em alimentos e bebidas, nem em eventos, o Sr. Antonio Paulo, conhecido na cidade como Paulinho 100T, trouxe para o grupo ao ser inserido nele, uma larga vivência em organização e promoção de eventos na cidade.

O entrevistado agregou ao restaurante dos Estados Unidos dois pontos importantes nos propósitos de um evento típico e gastronômico como era o caso da Festa das Nações. Primeiro por ter grande interesse pela gastronomia, que o levou a se especializar na área no nível de pós-graduação *lato sensu* por uma Escola de São Paulo – SP, e segundo pela experiência de viver todo o ano de 2002 em Londres na Inglaterra, atendendo, dessa forma, à solicitação da Prefeitura em falar o idioma do país que representava na Festa.

O restaurante dos Estados Unidos ficou sob a responsabilidade do entrevistado Sr. Antonio Paulo nas duas últimas edições do evento, 2003 e 2004. Nesses dois anos, a estrutura do restaurante foi tubular metálica, a mesma desde a inclusão do restaurante na primeira edição da Festa em 1997. Essa estrutura recebia água (e devida saída de esgoto) por tubulação plástica e energia elétrica por cabeamentos móveis e da mesma forma que as construções em alvenaria do

Recinto, tinha deficiências estruturais, como a ausência de estoques, vestiários e banheiros.

Segundo o entrevistado, a idéia da construção das casas em alvenaria se deu pelo respeito da organização do evento para com os responsáveis pelos restaurantes. A construção vinha sendo feita por etapas, de acordo com a disponibilidade de verbas do governo municipal⁴³. Só que enquanto não eram disponibilizadas estruturas construídas para todos os restaurantes, aqueles que utilizavam estruturas tubulares (barracas), como o era o caso do restaurante dos Estados Unidos, sofriam as conseqüências de uma estrutura muito mais deficiente. Um exemplo claro citado pelo entrevistado, disse respeito à fonte que fazia parte da estrutura de decoração interna do Centro de Eventos. A cada vez que se ligava a fonte, faltava água nos restaurantes abrigados em barracas.

Durante toda a entrevista foi possível ao pesquisador, observar grandes diferenças na percepção dos entrevistados responsáveis pelos restaurantes para com os trabalhos de orientação e apoio dados pela organização do evento, vindos da Prefeitura.

Segundo o entrevistado, a Festa das Nações só aconteceu pela visão política do Prefeito Sr. Orlando Milan, que trouxe com a proposta da Festa uma atividade nobre que visava o resgate da cultura e dos costumes oriundos dos imigrantes que colonizaram e deram origem a Pariquera-Açu. Desde a concepção da idéia inicial a Prefeitura recebeu grande rejeição por parte da elite comercial do Município. Os empresários que foram convidados a participar do evento tornando-se responsáveis por restaurantes ou barracas na Festa não aderiram a idéia como sendo algo que poderia trazer à comunidade os benefícios que a Festa trouxe ao longo dos anos.

⁴³ Cabe aqui fazer um parêntese quanto à idéia de cultura defendida pela Prefeitura Municipal para a Festa das Nações. Segundo o entrevistado que já teve a oportunidade de conhecer a Europa, a concepção das fachadas das construções do Recinto não condiz com a realidade da arquitetura européia, exceto por alguns detalhes que fazem lembrar a cultura do país pelo restaurante que abriga na Festa. Assim como o estilo típico assumido como orientação imposta pela Prefeitura também não condiz com a realidade cultural de certos países. Aqui se exemplificou a desclassificação dos candidatos a Rei e Rainha que representaram o restaurante dos Estados Unidos na festa de 2003, cuja apresentação folclórico-cultural foi baseada nas jovens garotas americanas que animam os jogos de baseball e futebol americano nas universidades e estádios, vestidas com as cores das bandeiras dos times que defendem e cuja apresentação trabalha dança sincronizada com gritos de guerra e movimentos performáticos com ráfias nas mãos. Em 2004 o restaurante dos Estados Unidos foi multado em R\$150,00 (cento e cinquenta reais) por não apresentar candidatos a Rei e Rainhas da Festa. A não apresentação dos candidatos se deu por não acreditar na seriedade dos critérios de julgamento e escolha dos candidatos.

Na visão do Sr. Antonio Paulo isso se deu pela forma como foram feitos os convites. A ele mesmo, o convite veio recheado de normas e delimitações que atrapalhavam o desenvolvimento do trabalho que propusera à organização. No acordo firmado entre ele e o Prefeito, relatou o entrevistado, eram claras as cláusulas que delimitavam a criatividade do responsável pelo desenvolvimento do restaurante. A Prefeitura, segundo ele, ditava as regras e delimitava as atividades a todos os restaurantes abrigados em barracas. Ao entrevistado foi possível esta afirmação generalizada, por também fazer parte da diretoria da Associação dos Donos de Restaurantes da Festa das Nações de Pariquera-Açu, representando os restaurantes de barraca.

Relatou ainda que com freqüência sentia por parte da organização, um maior direcionamento de clientes que faziam parte da elite política e social, tanto local como de fora do Município, assim como os grupos de dança⁴⁴ (que utilizavam os Vale Milão para fazer as refeições dentro do Recinto), aos restaurantes europeus, que eram trabalhados nas construções em alvenaria no Recinto. Isso trouxe um mal-estar entre os responsáveis pelos restaurantes que ocupavam estruturas de barraca, uma vez que tinham os mesmos investimentos daqueles cujas instalações eram em alvenaria, e raras as vezes tinham a presença de convidados ilustres da sociedade local, o que atraía clientes para o estabelecimento. Essa percepção, segundo o entrevistado, era singular aos restaurantes dispostos em barracas, talvez pela estrutura física (barracas cobertas com lonas plásticas), talvez pela visibilidade proporcionada pelos restaurantes europeus, que na Festa acabavam chamando muito mais a atenção pelo porte das fachadas das casas e pela decoração e ambiente preparados para o acolhimento dos clientes.

O restaurante dos Estados Unidos tinha uma particularidade da qual se pôde traçar um paralelo a uma das visões do Prefeito Sr. Orlando Milan para com o futuro turístico do Município. Essa visão buscava inserir Pariquera-Açu como um roteiro turístico no Vale do Ribeira.

Pela observação do entrevistado o restaurante dos Estados Unidos atendia a todos os visitantes da Festa, mas recebia para o almoço e jantar, quase que em sua totalidade, clientes de fora da cidade, turistas vindos de São Paulo (SP), de Santos e

⁴⁴ Informação não confirmada pela entrevista com os grupos de dança sediados em Pariquera. Tanto a ACESEVAL quanto o Guaricana *Tanzgruppe* afirmaram não terem recebido nenhuma orientação da coordenação do evento para que seus bailarinos consumissem alimentos em determinado restaurante.

Sorocaba (cidades do interior do Estado de SP), de Curitiba (PR) e das cidades do Vale do Ribeira. Isso, segundo o Sr. Antonio Paulo, não se dava pelos preços dos pratos do cardápio, mas pela cultura do povo local. A comunidade de Pariquera por ser muito pobre, disse o entrevistado, não se sentia à vontade em um restaurante como o dos Estados Unidos que não trouxe apenas pratos americanos como o tradicional hambúrguer com batatas fritas, mas um cardápio requintado sempre ilustrado por um pouco da cultura pop americana; em 2004 especificamente por um dos símbolos mais conhecidos e mais polêmicos da América – Marilyn Monroe. O entrevistado concluiu que a maneira pela qual a decoração foi proposta nesse ano afastou o público local, que por ser simples, “da roça”, ficou tímido em entrar no restaurante e consumir o cardápio nele oferecido.

Todo o investimento na compra de utensílios e decoração para o restaurante dos Estados Unidos também foi do empresário responsável. Na edição de 2003, cuja proposta inicial de participação veio logo ao término da edição de 2002 (que estava sob a responsabilidade da Sra. Leonor Melcher, esposa do então Vice-Prefeito do Município, o Prof. Gilberto Melcher), o entrevistado iniciou a busca de patrocínio e negociações com os fornecedores. Desenvolveu um cardápio simples (anexo 8) visando fazer de sua primeira participação na Festa como dono de restaurante algo que lhe pudesse trazer retorno financeiro no futuro. Com o resultado da Festa de 2003, Paulinho 100T se preparou para a edição de 2004 equipando-se com a compra de utensílios de cozinha e de atendimento de sala. Em média o investimento do entrevistado em 2003 e 2004 gerou em torno de R\$10.000,00 (dez mil reais). O lucro de 2003 foi de pouco mais de R\$1.000,00 (mil reais). Em 2004 o restaurante dos Estados Unidos pagou à Prefeitura aluguel no valor de R\$700,00 (setecentos reais) pelos oito dias de Festa, teve prejuízo pelo investimento⁴⁵ que fez para a realização da Festa desse ano, uma vez que não pôde amortizar tal investimento nos anos seguintes.

Fato foi que por ter sido 2004, a última edição da Festa das Nações, comandada pela Gestão Orlando Milan, o entrevistado sentiu uma grande diferença quanto à organização geral do evento e uma perspectiva negativa da continuidade da Festa. Independente dessa sensação por parte dos restaurantes - mais uma vez

⁴⁵ O entrevistado investiu em 2004 na compra de utensílios de cozinha e, sobretudo de atendimento de sala, como pratos, talheres, taças e utensílios de mesa e decoração. Tal investimento superou os R\$1.000,00 que teve de lucro em 2003.

aqui a fala do entrevistado foi generalizada por se referir às reuniões da Associação -, todos os responsáveis por restaurantes na Festa continuaram a investir na compra de equipamentos, suprimentos e elementos de decoração para melhor se apresentarem ao cliente durante a realização do evento, bem como em pré-negociar com os fornecedores de alimentos e suprimentos de cozinha e bar.

A decoração do restaurante dos Estados Unidos na Festa de 2004 teve como símbolo a americana Marilyn Monroe. Toda idealizada na cor preta e branca, a decoração do restaurante trazia um ambiente requintado e aconchegante, com mesas iluminadas por velas, delicadamente decoradas com pratos, talheres e taças e todos os garçons e garçonetes se apresentavam vestidos de preto com avental frontal (sustentado no pescoço por alça e amarrado à cintura, também na cor preta) que trazia o rosto da atriz pintado na cor branca.

O cardápio do restaurante dos Estados Unidos na Festa de 2004 (anexo 9) trazia como prato principal o Medalhão à Califórnia, composto de um medalhão de filé *mignon* grelhado, acompanhado de purê de batatas, cenouras e brócolis gratinados na manteiga e manga grelhada. Apresentava ainda como pratos quentes o *Chicken Wine* (refogado de frango, carne de porco e cebola em conhaque e vinho tinto, servidos com arroz branco), *Fish and Chip* (Filé de peixe com batata palito, servidos com arroz integral com abacaxi, coco e creme de leite), e como pratos frios *Waldorf Salad* (salada de maionese com maçã, salsão, creme de leite e uvas passas, temperados com sal e pimenta), *Caesar Salad* (salada de alface, queijo parmesão e *crótons*, regados a molho de limão, com anchovas, alho, mostarda, sal e pimenta) e *Tropical Salad* (salada de maionese com peito de frango, maçã, abacaxi, figo, uvas passas, manga, creme de leite e cebolinhas).

Esse cardápio ainda oferecia pratos rápidos baseados em lanches (*hot dog*, *cheese* frango, *cheese* calabresa, *cheese* salada e o lanche da casa – *cheese* Marilyn), além da batata palito (batata frita) e do *Chicken Miami* (porções de frango frito tipo *nugets* servidas com três tipos diferentes de molhos).

As sobremesas de 2004 foram a *Banana Florida* (duas bananas caramelizadas servidas com uma bola de sorvete de creme), os *Muffus* de chocolate (bolo de chocolate, com calda de chocolate servido com uma bola de sorvete de passas ao rum) e as tradicionais *carolinas* (duas *carolinas* com calda casses e duas bolas de sorvete de creme).

O cardápio de bebidas (anexo 10) disponibilizava vinhos nacionais e importados (sobretudo os californianos), coquetéis doces preparados como o *Sex in The City*, Lagoa Azul e *Kir Royale* (criações e ou adaptações de coquetéis tradicionais feitos pelo *barman* da casa) além de bebidas destiladas, energéticos, cervejas e refrigerantes.

Segundo a experiência empírica vivida pelo entrevistado Sr. Antonio Paulo, a escolha do ícone do restaurante (símbolo que abarcaria o *lay-out* de 2004) e a definição do cardápio foram umas das poucas liberdades de criar que teve na realização da Festa de 2004, nas quais a Prefeitura não interferiu.

Apesar do horário oficial de abertura da Festa ter sido fixado às 19h, a equipe do restaurante dos Estados Unidos sempre iniciou o expediente às 13h com o reabastecimento do estoque, reparos na decoração interna da barraca e higienização local e dos utensílios; por volta das 17h dava início ao pré-cozimento e pré-preparo dos pratos, às 19h eram ligados os fornos para o início do atendimento de sala. O final do expediente do restaurante alcançava as 06:00h da manhã seguinte.

O entrevistado apontou uma curiosidade que foi percebida pela observação empírica do pesquisador. Apesar da abertura da Festa ser às 19h, o público começava a chegar no Recinto somente após o término da novela das oito, o que já representava cerca de 21:30 / 22:00h, horário que a grande maior parte das famílias já jantou. Isso se refletia em um baixo consumo de alimentos nos dias de semana nos quais o Evento ocorria. O entrevistado confirmou essa informação ao dizer que nos dois anos que foi responsável pelo restaurante dos Estados Unidos, sempre teve prejuízo nos dias de semana, mesmo que fossem compensados no sábado e domingo seguintes.

A equipe que trabalhou no restaurante dos Estados Unidos na edição de 2004 foi composta de 5 garçons, 3 garçonetes, 3 atendentes de balcão (incluindo aqui o *barman*) e 5 cozinheiros, dentre eles 2 chapeiros responsáveis pelo preparo dos lanches. A remuneração desses profissionais em 2004 foi em média R\$150,00 (cento e cinquenta reais) pelos oito dias de trabalho na Festa.

Todos (com exceção do entrevistado) tinham somente experiência em cozinha doméstica ou pequenos eventos e receberam treinamento ministrado pelo entrevistado, que já possuía vivência em gastronomia e na organização e promoção de grandes eventos. O treinamento de higiene, conservação e cuidados no pré-

preparo de alimento ministrado pela PMPA em 2003 contou com a participação dos funcionários da cozinha do restaurante dos Estados Unidos, porém o aproveitamento não foi satisfatório, que na visão do entrevistado, se deu pelo linguajar e demasiado uso de termos técnicos da cozinha industrial, utilizado pela ministrante.

A divulgação do restaurante dos Estados Unidos foi feita utilizando os materiais impressos generalistas da Festa e nas comunicações feitas na mídia local (TV, rádio e jornais locais), preparadas pela Organização do Evento, mas teve em 2004 um *flyer* próprio, que trazia informações sobre a proposta do restaurante para aquele ano na Festa das Nações bem como o cardápio que seria oferecido na ocasião.

O entrevistado confirmou o apoio logístico oferecido pela PMPA; apesar de nunca ter utilizado, o carro da Prefeitura esteve à disposição de seu restaurante. Confirmou também a presença da organização durante a realização da Festa, mas indicou que uma vez que tivessem previamente entregado ao responsável por restaurantes de barracas o esqueleto de como proceder em seu trabalho⁴⁶, não interferiam mais durante a realização da Festa.

A experiência empírica do entrevistado teve dois momentos distintos na Festa das Nações de Pariquera-Açu. Em 2003 foi o entusiasmo, do qual teve como retorno a volta dos clientes ao restaurante dos Estados Unidos, uma vez que, pela sua avaliação, até o ano anterior esteve desacreditado por trabalhar um cardápio muito simplificado, baseado em cachorro quente com batatas fritas e coca-cola. Em 2004, o ano do investimento, trouxe um profundo desgosto, pela não continuidade da Festa. Investimento perdido, entusiasmo perdido.

O Sr. Antonio Paulo de uma forma ou de outra sempre participou da Festa das Nações desde a sua concepção, no ano de 1997, uma vez que era o responsável pelo segundo maior evento realizado na cidade, a Pariquera Fantasia.

Desde o início sempre adotou uma postura muito crítica por acreditar que os propósitos da Festa das Nações não seriam, verdadeiramente, aqueles dos quais a organização da Festa apresentava como tais. Ao longo do tempo e vendo os resultados da Festa ano a ano, mudou o seu conceito e passou a ver na Festa uma

⁴⁶ Cabe inserir aqui uma das obrigações impostas aos restaurantes, que consistia na obrigatoriedade de venda de cartelas de bingo para eventos realizados antes da Festa com o intuito de arrecadar fundos para a organização da Festa das Nações. Esses bingos eram coordenados pela Ação Social do Município, sob a responsabilidade da então primeira dama, Sra. Célia Trentino Milan.

possibilidade de resgate da cultura local e, sobretudo uma forma extremamente viável de inclusão social. Relatou o entrevistado que se via na cidade uma mobilização coletiva para a realização da Festa, e nela, criava-se um clima totalmente favorável à recepção de convidados, turistas e visitantes.

A Festa das Nações, segundo o entrevistado, era um evento de grande beleza plástica e estética. Por ser feito no inverno, via-se a elegância das pessoas a circular pelo Recinto. Era um momento no qual se podia ver o rico e o pobre juntos, aplaudindo seus filhos, que juntos se apresentavam nas danças folclóricas.

Afirmou ainda que para muitas pessoas nascidas em Pariquera-Açu era um motivo para retornar à cidade. A Festa das Nações não resgatou somente a história e cultura dos imigrantes, mas aproximou os descendentes; era a chance de se conhecer familiares distantes e se confraternizar com aqueles que tinham pouco contato, por terem saída da cidade para estudar ou trabalhar.

O entrevistado concluiu essa entrevista dizendo que para o Município a não continuidade de um evento como a Festa das Nações representou um grande fracasso da sociedade local, no qual “ao se tirar a cabeça, a formiga não soube mais para onde ir”.

3.2.3 Grupos de dança folclórica

A Festa das Nações de Pariquera-Açu recebia anualmente para as apresentação de danças folclóricas cerca de 1.200 profissionais, entre eles bailarinos, coreógrafos, músicos e profissionais da equipe técnica dos grupos.

A cidade contava na realização desta pesquisa com seis grupos locais, a ACESEVAL representava cinco deles (Rancho Folclórico Tradições de Portugal – grupo infanto-juvenil português, Grupo *Maki* – grupo infanto-juvenil polonês, *Lustiger Kinder* – grupo infantil alemão, *Stralende Jugend* – grupo juvenil alemão, e *Passi D'Oro* – grupo juvenil italiano) e o sexto grupo era o Guaricana *Tanzgruppe* – grupo infanto-juvenil alemão.

Dos grupos de fora, predominava a participação de copos de dança vindos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná (figura 38 e 39), São Paulo, e das cidades do Vale do Ribeira e da baixada santista, além do espaço

aberto à participação da tribo indígena *Pindoty*, instalada na cidade. A Festa já recebeu um grupo estrangeiro. Em 2001 se apresentou um grupo Mexicano durante a realização da Festa das Nações.

Todos os integrantes dos grupos de dança que na Festa se apresentavam recebiam como ajuda de custo para alimentação no Recinto, a moeda oficial do evento, um vale refeição que foi apelidado de “Milão” (anexo 11), em homenagem ao Prefeito Sr. Orlando Milan.

A moeda era entregue ao responsável pelos grupos ao final de cada apresentação e podia ser utilizada em todos os restaurantes da Festa. Contou a organizadora do Evento, a Srta. Gilcemara Cândido, que por inúmeras vezes foi solicitada a fornecer os vales “Milão”, para comerciantes da cidade, no sentido de premiar e incentivar seus funcionários a participar da Festa.



Figura 38 e 39 – Apresentação do Grupo Polonês Junak de Curitiba – PR na Festa das Nações de 2004.

Fonte: O autor (2004)

A moeda criou força e teve expressiva circulação na cidade mesmo fora dos domínios da Festa. Os restaurantes passaram a negociar no comércio local com o vale, que depois eram trocados na Prefeitura.

Ao termino de cada edição da Festa das Nações, a Prefeitura estipulava um prazo para a troca dos vales “Milão”, por real.

Era também colocado à disposição aos grupos de fora, a acomodação principalmente na Pousada Guaricana (freqüentemente grupos ficavam instalados em hotéis de Registro). Quanto ao transporte, quase todos os grupos vinham em ônibus próprios para a Festa, e com eles se locomoviam pela cidade.



Figura 40 – Apresentação pública do grupo Jazz Jama na Festa das Nações de 2004
Fonte: O autor (2004)

A todos, porém (grupos da cidade e grupos convidados), era destinada uma ajuda de custo que em média era de R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais) por apresentação. Por inúmeras vezes a Prefeitura pagou cachê para grupos de fora da cidade, que chegaram a R\$3.000,00 (três mil reais) por apresentação (o grupo Jazz JAMA (figura 40), por exemplo, cobrava R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) pelos oito dias de apresentação na Festa), mas isso, segundo a Prefeitura, não era nem regra e nem interesse da organização do Evento.

A escolha dos horários de apresentação era, na medida do possível, feita em conjunto com os grupos. Num primeiro momento os grupos locais tinham seus horários mais flexíveis pela facilidade de se encontrarem na cidade, porém, ao longo do tempo, isso se refletiu na colocação dos grupos em horários menos “nobres”. Em reuniões da organização com os grupos da ACESEVAL e do Guaricana *Tanzsgruppe*, o problema foi sanado e os visitantes puderam apreciar as apresentações nesses horários de maior público.

A seguir são apresentados dados das entrevistas de campo que ilustram as experiências dos grupos de dança sediados em Pariquera-Açu:

ACESEVAL - Associação Cultural Ecológica Sócio Econômica do Vale do Ribeira

Os dados que se seguem representam a experiência empírica da Sra. Jael Simonetti na Festa das Nações de Pariquera-Açu. Nascida em Pariquera, a entrevistada é formada em psicologia e na data da entrevista trabalhava como professora de psicologia em cursos de graduação. A Sra. Jael era uma das voluntárias que comandavam a ACESEVAL, sua participação na Associação somava, na data desta pesquisa, mais de seis anos de trabalho. As informações abaixo foram colhidas em entrevista concedida em 08 de janeiro de 2006.

Em 2005, a ACESEVAL⁴⁷ comemorou 10 anos de vida com o recebimento de uma área doada pelo Governo do Estado de São Paulo para a construção de sua sede própria.

Organização Não Governamental, a Associação é uma sociedade civil sem fins lucrativos e político-partidário⁴⁸, que foi criada em 1995 com o propósito de auxiliar no desenvolvimento das comunidades que residem no Vale do Ribeira e por meio de projetos singulares, vem trabalhando o resgate cultural, com o desenvolvimento das mais variadas expressões artísticas, dentre elas a dança.

A criação dos grupos de dança da ACESEVAL que se apresentaram na Festa das Nações de Pariquera-Açu datam de 1997, ano no qual ocorreu a primeira edição da Festa. Ao longo desses anos, a Associação se estruturou, definiu repertório artístico-musical, confeccionou as vestimentas e adornos e estimulou a participação popular nos recém criados grupos de dança.

Vale informar que a ACESEVAL é totalmente tocada por voluntários, dentre os quais está a entrevistada Sra. Jael, que relatou que o grande desenvolvimento da Associação se deu a partir do ano 2000 quando se iniciaram as negociações com o Governo do Estado para a liberação da área onde na data desta entrevista a ONG estava sediada. O projeto de construção da sede, idealizado em três módulos distintos e sequenciais, foi assinado por dois arquitetos provenientes da cidade de São Paulo, são eles: 1º Módulo - Construção das salas de espetáculo, saguão

⁴⁷ ACESEVAL – Associação Cultural Ecológica Sócioeconômica do Vale do Ribeira - Rua Dr. Carlos Botelho, 1137 – 11930-000 – Pariquera-Açu, SP. Tel.: (0xx13) 3856.4001 – aceseval@aceseval.org.br.

⁴⁸ CNPJ nº 01.385.737/0001-32, CNAE Fiscal nº9231/03, de acordo com a Lei Federal de Incentivo à Cultura. Cadastrada no Ministério da Fazenda e reconhecida como entidade de Utilidade Pública Municipal de acordo com o Decreto nº223/2004 e Federal de acordo com o Decreto nº 08026.012143/2004-10.

principal, camarins, alojamentos, áreas de circulação, administração, manutenção, depósitos, bem como sanitários e lanchonete; 2º Módulo - Quatro salas de aula para instrumentos musicais, duas salas de aula para grupos, cinco salas de aula para oficinas de arte, biblioteca, fonoteca e videoteca, além da ampliação da área de circulação e da construção de sala adequadamente preparada para a guarda de instrumentos musicais, e 3º Módulo - três salas de aula para instrumentos musicais, duas salas de aula para grupos, três salas de aula para oficinas culturais, auditório, secretaria, salas de reunião, pátio coberto e sala de diretoria, com a ampliação da área de circulação.

A proposta de trabalho da Associação estava, na data desta pesquisa, formatada em quatro grandes grupos de atividades: 1) Grupos de dança; 2) Programa “Colorindo Pariquera” (criado em 1999 com o objetivo de desenvolver na comunidade o respeito pelo meio ambiente e embelezar a cidade pelo plantio de mudas nativas da região); 3) Apoio à cultura indígena (cujo objetivo é divulgar a cultura da tribo local por intermédio de seu artesanato e seus eventos culturais), e 4) Centro de Convivência da 3ª Idade (cujo foco principal é desenvolver atividades ocupacionais que valorizem toda a experiência e graça dessa fase da vida do ser humano).

Para os grupos de dança, a ACESEVAL provia todas as despesas necessárias para a manutenção dos corpos de baile, para o treinamento dos dirigentes de cada grupo, para a vestimenta e indumentárias adicionais, para as despesas com alimentação, transporte e quaisquer materiais didático-pedagógico utilizados no trabalho. A Associação mantinha contato direto com corpos de dança na Europa, pelos quais tinha acesso às músicas e respectivas coreografias trabalhada pelos grupos, essa atividade era de responsabilidade da figura do Presidente da Associação. A entrevistada relatou que em média, os grupos ensaiavam duas vezes por semana (duas horas de ensaio por dia). Vale aqui ressaltar, que antes da sede própria, os grupos chegaram a realizar os ensaios em galpões cedidos por órgãos do governo municipal e / ou estadual e também na praça, diante da igreja matriz.

O convite da Prefeitura local para a participação da ACESEVAL na Festa das Nações de 1997, veio com o pedido especial de se preparar uma apresentação de dança brasileira. A idéia foi tão bem aceita pelo grupo e pela comunidade que para o ano seguinte, o repertório já apresentava grupos formados por descendentes de

alemães, italianos, poloneses e portugueses, com músicas e coreografias próprias de cada nacionalidade.

Segundo a entrevistada, na edição da Festa das Nações de 2004 foi a primeira vez que os grupos integrantes da ACESEVAL foram agraciados com horários nobres de apresentação, que consistiam nas noites de sábado e horários próximos ao almoço dominical. Relatou ainda, que por terem participado desde a primeira edição da Festa, eram freqüentemente requisitados pela organização da Festa para cobrir “buracos” na programação de apresentações, por atrasos ou não comparecimento de grupos que deveriam se apresentar no Recinto.

A Festa das Nações era para os grupos da Associação, a única chance de se apresentar no Município, uma vez que não havia até a realização desta entrevista, eventos similares cuja visibilidade fosse expressiva para o trabalho dos grupos de dança, possibilitando às famílias locais apreciar o trabalho artístico-cultural de seus filhos. Em 2004, cada um dos cinco grupos da ACESEVAL (figura 41) se apresentou quatro vezes durante os oito dias de realização da Festa e para cada uma dessas apresentações recebeu a ajuda de custo de R\$150,00 (cento e cinquenta reais) mais os vales “Milão”. Em média cada apresentação durava cerca de 40 minutos.



Figura 41 – Apresentação da ACESEVAL na Festa das Nações de 2004.
Fonte: ACESEVAL, 2004.

Durante a realização do Evento, no qual se apresentavam, os grupos da ACESEVAL dividiam camarim coletivo com os demais grupos, cedido pela organização do evento, mas que era organizado pelos próprios grupos. A entrevistada informou que os bailarinos da Associação somaram mais de 120 crianças e adolescentes em 2004, e que mais de 90% deles eram provenientes da camada mais simples e mais pobre da comunidade de Pariquera. Mesmo pela idade

dos bailarinos (todos muito jovens), a seriedade do trabalho fazia com que o acesso e a liberação do camarim a cada nova apresentação fosse feita na mais perfeita ordem. Segundo a Sra. Jael, as crianças, pelo orgulho dos pais em vê-las se apresentar, se comportavam e se ajudavam mutuamente, fazendo do trabalho um verdadeiro *show* de organização e competência.

A Prefeitura Municipal não colocava durante o ano nenhuma ajuda financeira à Associação, porém disponibilizava apoio logístico quando necessário e previamente solicitado. Uma vez que os grupos se apresentavam na Festa das Nações sem contratos firmados entre as partes, o apoio se restringia à alimentação e à ajuda de custo (que era disponibilizada a todos os grupos de dança, da cidade e de fora dela).

Para a ACESEVAL, a repercussão de seus trabalhos por uma Festa tão grandiosa com era o caso da Festa das Nações, trouxe uma esperança adicional no desenvolvimento e ampliação dos propósitos iniciais que criaram a entidade. Apesar de não serem nominalmente mencionados nos esforços de mídias da Festa, os grupos sempre tiveram bom retorno quanto às apresentações, no que tange à quantidade de público presente no Recinto que assistiam às suas apresentações. Isso tornava forte o nome da instituição, que a cada dia, vinha recebendo tímidos, mas importantes investimentos do comércio e de empresários locais. Mesmo se apresentando com arquibancadas lotadas, recebia pouco retorno de informações publicadas nos veículos de comunicação que cobriam o evento.

A entrevistada finalizou sua participação nesta pesquisa dizendo que a ACESEVAL nunca repetiu nenhum traje típico nas inúmeras apresentações que fez na Festa das Nações. Disse também nunca terem recebido nenhuma indicação ou imposição por parte da organização do evento em consumir pratos neste ou naquele restaurante e que também seus bailarinos em nenhuma ocasião foram aproveitados pelos restaurantes típicos da nacionalidade que representavam, no sentido de agraciar os clientes ou mesmo realizarem pequenas apresentações “particulares” para os clientes dos restaurantes.

Para a Sra. Jael, a descontinuidade da Festa das Nações representa uma grande perda cultural para o Município bem como para todas as cidades do Vale do Ribeira. Particularmente, confirma a perda de receitas ao Município nas áreas do turismo, das atividades econômicas, culturais e sociais no período de realizada da Festa. Nas palavras da entrevistada, a não realização da Festa das Nações de

Pariquera-Açu em 2005, representou o fim de um sonho, deixando um imenso vazio nos esforços de tantos moradores que souberam resgatar por uma simples idéia política, a cultura, a história e o prazer de ser nativo de Pariquera.

Além da Festa das Nações, os grupos integrantes da ACESEVAL participaram de eventos culturais no Parque da Água Branca em São Paulo (SP), no Teatro Guaíba em Curitiba (PR), na cidade de Chapecó (SC) e também nas cidades de Praia Grande e Caraguatatuba, no litoral paulista, e em Indaiatuba, Registro e Eldorado, municípios do interior do Estado.

Guaricana *Tanzgruppe*

Os dados que se seguem representam a experiência empírica do Sr. Herbert Hans Rudolf Schulz na Festa das Nações de Pariquera-Açu. Descendente de alemães e austríacos em primeira geração, o entrevistado se radicou na cidade no ano de 1985. Formado em geologia e funcionário da Secretaria do Meio Ambiente do Governo do Estado de São Paulo com atuação nas cidades do Vale do Ribeira e baixada santista, o entrevistado coordenava o grupo de dança alemã Guaricana *Tanzgruppe* juntamente com sua esposa a Sra. Iraci Godoi Schulz, responsável pela confecção de todas as vestimentas e indumentárias adicionais utilizadas pelos bailarinos do grupo. As informações abaixo foram colhidas em entrevista concedida pelo casal em 05 de janeiro de 2006.

A Associação Cultural Guaricana *Tanzgruppe*⁴⁹ é uma entidade civil, sem fins lucrativos, com finalidade sócio-cultural e de utilidade pública, com objetivos de promoção de atividades culturais, sociais, recreativas, esportivas, de defesa do meio ambiente e de pesquisa, resgate, divulgação, cultivo e preservação de todas as formas de cultura popular, em especial as germânicas.

Como nas duas primeiras edições da Festa das Nações de Pariquera-Açu (1997 e 1998) os três casais responsáveis pelo restaurante alemão acumulavam a

⁴⁹ Guaricana *Tanzgruppe* – Estrada Pariquera-Jacupiranga, km 04 – CP 56, 11930-000 – Pariquera-Açu – SP – Telefone para contato: (0xx13) 3856.1019 / 3141 – guaricanatanzgruppe@yahoo.com.br . CNPJ nº07.406.590/0001-04 - fundada em 07.05.99

incumbência de também se apresentar no Recinto em coreografias baseadas na cultura alemã, após uma delicada avaliação a família Schulz propôs sua saída do grupo para se dedicar exclusivamente à dança. Nasceu então, em 1999, o Guaricana *Tanzgruppe*.

Assim como a experiência inicial no restaurante para todos os três casais começou de uma “brincadeira”, o trabalho do Guaricana *Tanzgruppe* também ganhou corpo e expressão na Festa. No ano de 2000, os coordenadores do grupo se afiliaram à Associação Cultural de Gramado no Rio Grande do Sul (entidade que possuía na data desta pesquisa mais de 400 associados no Brasil), da qual mediante ao pagamento de um salário mínimo por ano, tinham acesso às novas músicas, suas respectivas coreografias e ao material ditático-pedagógico que auxilia no treinamento dos bailarinos.

A Associação Cultural de Gramado era a principal referência para os grupos de dança alemã do Brasil. Anualmente era realizado treinamento com professores de dança alemã vindos da Alemanha, experiência que muito enriqueceria todo o trabalho de pesquisa cultural e histórica feita pelo grupo, se não fosse a impossibilidade do Guaricana *Tanzgruppe* ter participado pela total ausência de verba. A fim de minimizar esse fato e poder se atualizar, o grupo comprava anualmente o kit de fitas de vídeo com o resultado desses treinamentos, nos quais, os professores ensaiavam os participantes com as músicas e coreografias abordadas naquele ano. No kit vinham os CDs com as músicas e os vídeos mostrando as coreografias.

Apesar da riqueza de conteúdo oferecido por estes treinamentos, de certa forma, todos os participantes acabavam se padronizando nas coreografias a serem trabalhadas em cada ano. Para sair dessa padronização do treinamento, o entrevistado iniciou em 2002 uma pesquisa histórico-cultural própria e obteve materiais didáticos vindos da Alemanha, da Austrália e da Argentina. Esse esforço representou um salto qualitativo no trabalho do grupo que rendeu inúmeros convites para apresentação dos bailarinos em eventos espalhados por várias cidades do sul e sudeste do país.

Sem dúvida alguma, o mais expressivo deles foi a participação no Mapa Cultural Paulista, no qual tirou o segundo lugar por dois biênios consecutivos em Fases Regionais ocorridas em Cubatão - SP (1999 / 2000) e em Registro (2001 / 2002). Neste último, que teve como primeiro lugar um grupo de dança da cidade de

Registro, o Guaricana *Tanzgruppe* foi convidado a substituí-lo na final do Mapa, que ocorreu no Teatro São Pedro em São Paulo – SP, por aquele não ter tido condições de assumir sua posição de representante regional do Vale do Ribeiro e baixada santista.

O Guaricana *Tanzgruppe* não tem um coreógrafo. Todos os esforços em desenvolver e ensaiar as coreografias apresentadas pelo grupo é do entrevistado Sr. Herbert Schulz, bem como a confecção de toda indumentária⁵⁰ de apresentação é de responsabilidade de sua esposa, a Sra. Iraci Schulz.

Esta entrevista foi realizada em um dos dias de ensaio do grupo, que aconteciam em média duas vezes por semana, com horário de ensaio médio fixado em duas horas. O Sr. Herbert Schulz disse em entrevista que desde o ano de 2004 o grupo vinha ensaiando em galpão emprestado pela SUDELPA – Superintendência para o Desenvolvimento do Litoral Paulista - extinto órgão do Governo do Estado. Esse galpão não dispunha de nenhuma infra-estrutura para acolhimento e trabalho dos bailarinos. A construção era de paredes e teto recobertos com chapas metálicas, com apenas uma porta de entrada e saída, ventilação deficiente e chão de cimento batido, a área vinha servindo para o treinamento das músicas e coreografias do grupo. Antes disso, o Guaricana *Tanzgruppe* ensaiava sob a marquise da entrada principal da sede da SUDELPA.

Para os ensaios, o coordenador levava de sua casa o equipamento de som e respectivos CDs, algumas vezes a TV (que a Associação ganhou do Governo do Estado por um programa de excedentes) e o vídeo para análise de detalhes das coreografias trabalhadas nos kits de treinamento. Além de galão de água e copos plásticos descartáveis.

O Guaricana *Tanzgruppe* tem cadastrado mais de 300 bailarinos que geralmente se apresentavam ao coordenador por ocasião da Festa das Nações. Destes, pouco mais de 60 eram freqüentes e se revezavam nos dias de ensaio, por conta de horários de trabalho e estudo. Destes também, 22 tinham descendência alemã. Segundo o entrevistado, os bailarinos freqüentes tinham entre 13 a 20 anos e

⁵⁰ Todas as roupas utilizadas pelo grupo são confeccionadas em tecidos pesados, sobretudo veludo e brim, são ricos em botões, correntes e bordados e ficam guardados em um cômodo na residência do casal Schulz.

contribuíam com a quantia de R\$3,00 (três reais) por mês para auxílio e manutenção da Associação⁵¹.

Na Festa das Nações de 2004 (figuras 42, 43, 44, 45 e 46), o Guaricana *Tanzgruppe* recebeu cachês da Prefeitura no valor de R\$100,00 (cem reais) por apresentação. Disse o entrevistado, que o grupo tinha em média de 20 a 25 minutos por entrada e acabavam repetindo a mesma coreografia até o término de cada apresentação⁵². Relatou ainda que os cronogramas de apresentação priorizavam os grupos convidados de fora da cidade.



Figura 42 e 43– Apresentação do Guaricana *Tanzgruppe* na Festa das Nações de 2004.
Fonte: O autor (2004)

⁵¹ O entrevistado relatou que para os ensaios não era necessário o bailarino estar em dia com esta contribuição, mas que por ocasião de qualquer apresentação, isso se fazia necessário para que o grupo pudesse trabalhar.

⁵² Essa não era uma prática do grupo, uma vez que a cada novo convite para um mesmo evento (em edições anuais diferentes), o grupo ensaiava novas coreografias e se apresentava com indumentárias diferentes das que já se apresentara em versões anteriores. O Guaricana *Tanzgruppe* tinha ensaiadas mais de 110 coreografias, das quais cerca de 50 eram as mais apresentadas. No repertório de músicas e coreografias, o grupo tinha mais de 400 trabalhos diferentes.



Figura 44, 45 e 46 – Apresentação do Guaricana *Tanzgruppe* na Festa das Nações de 2004.
Fonte: O autor (2004)

O entrevistado informou que em Pariquera, a comunidade pensava que o grupo fosse custeado pela Prefeitura, uma vez que recebeu apoio logístico para as investidas no Mapa Cultural Paulista. Mas vale ressaltar, pelas palavras do entrevistado, que o apoio se restringiu a eventos específicos. Fora da ocasião do Mapa, a Prefeitura não subsidiava nenhuma das despesas do grupo. Parte dessas despesas eram cobertas por rifas organizadas pelo coordenador do grupo e vendidas pelos bailarinos.

O Sr. Herbert Schulz disse também que o apoio da Prefeitura ao grupo sob sua responsabilidade vinha também pelo vales “Milão”, que nos primeiros anos após a sua criação era suficiente para o consumo de refeições nos restaurantes da Festa. Entretanto, no ano de 2004, os vales por bailarino eram suficientes apenas para o consumo do *kartoffelpuffer* no restaurante alemão, prato de tradicional consumo entre os membros do Guaricana *Tanzgruppe*⁵³. Vale aqui ressaltar que o entrevistado também não recebia nenhum direcionamento por parte da Prefeitura local para que seus bailarinos consumissem alimentos em determinado restaurante. O que os fazia se direcionar ao restaurante alemão era a afinidade temática e a amizade entre os responsáveis pelos dois segmentos na Festa, o restaurante alemão e o grupo de dança.

Os bailarinos do Guaricana *Tanzgruppe* sempre chegavam trajados no recinto, não utilizando assim o apoio logístico oferecido pela organização, nem o

⁵³ Segundo o entrevistado, não raras foram as vezes das quais os bailarinos do Guaricana *Tanzgruppe* tiveram que colocar seu próprio dinheiro para poder fazer refeições na Festa.

camarim coletivo; o coordenador do grupo marcava a concentração com 30 minutos antes do horário da apresentação e confirmou o apoio da organização da Festa para o que fosse necessário. O entrevistado também confirmou que a entrega dos Vales “Milão” era sempre feita após cada uma das apresentações do grupo, porém disse que por inúmeras vezes precisou “correr atrás” da organização para receber os vales, o que não acontecia com grupos de fora (ao final da apresentação desses grupos a organização sempre esteve presente para a entrega dos vales aos coordenadores / coreógrafos).

Foi possível ao pesquisador notar que a experiência empírica do entrevistado na última versão da Festa, em 2004, foi singular, diferente das versões anteriores da Festa, nas quais todo o trabalho vinha, ano a ano, sendo aperfeiçoado. Por inúmeras vezes, o entrevistado deixou transparecer um certo desapontamento quanto à organização da Festa das Nações. Relatou ele que sentiu a equipe dispersa e desatenta aos habituais detalhes da Festa. Apresentou também uma certa dúvida quanto à continuidade do padrão de qualidade do evento caso a nova gestão do Governo Municipal tivesse dado seqüência na Festa no ano de 2005.

A não realização da Festa a partir do ano de 2005, segundo o entrevistado, representou uma perda memorável do Município. Disse ele, que os esforços da comunidade em fazer da Festa um evento que mostrava a cidade a todo o Vale do Ribeira além de resgatar a memória histórica da comunidade, foram simplesmente “engavetados”. Isso gerou um mal-estar coletivo e o descrédito popular poderá afetar novas sugestões de eventos que venham a ser lançadas na cidade.

O Sr. Herbert Schulz mesmo consciente das dificuldades de continuidade de um evento com o porte da Festa das Nações, na transição entre uma equipe de Gestão Municipal para outra, por conta da mudança da equipe, ainda acreditava na possibilidade dela continuar a ser feita. O entrevistado sentiu com a descontinuidade da Festa uma grande perda para a sociedade, e soube de iniciativas lançadas pela Associação dos Restaurantes da Festa das Nações em pedir a autorização da Prefeitura para tocar o evento, o que não foi aceito pela então Gestão Municipal.

O entrevistado finalizou esta participação na pesquisa dizendo que seus bailarinos sempre se inscreviam para o concurso de Rei e Rainhas da Festa, mas como essas inscrições eram feitas diretamente na Prefeitura e cujo patrocínio vinha do restaurante alemão, a participação do Guaricana *Tanzgruppe* geralmente se restringia ao empréstimo da vestimenta, que, por informação dos próprios

candidatos, não era obrigatório o uso durante a Festa, mesmo que tivessem sido eleitos.

O Guaricana *Tanzgruppe* já se apresentou nas cidades de Blumenau, Chapecó e Rio das Antas (SC), em Rio Negro e em Marumbi (PR), em Santos, Itanhaém, Cubatão e Caraquatuba, cidades do litoral paulista, nas principais cidades do Vale do Ribeira, dentre elas Registro, Iguape, Cajati, Jacupiranga, Eldorado, Miracatu, Piedade e Itariri, em Santo Antônio de Posse e São Miguel Arcanjo, no interior do estado de SP e também em São Paulo, capital do Estado. Até o ano de 2005 o grupo já havia se apresentado por mais de 120 vezes.

3.2.4 A comunicação da Festa das Nações

O logotipo utilizado nos últimos quatro anos foi criado por Cristiano Silva, conhecido na cidade como Cris *Tattoo*, que na época era o responsável pela área de marketing do Supermercado Magnânimo, de Pariquera-Açu.

A criação veio por um concurso informal realizado em 2001, no qual várias sugestões foram apresentadas. A de Cristiano foi a escolhida pelo júri formado por membros da Prefeitura e até a edição de 2004 foi utilizada, tendo sido dado os devidos créditos de criação em todos os materiais impressos para a Festa, por dois anos consecutivos (2001 e 2002).

Os materiais impressos utilizados para a divulgação da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu foram o *flyer* e o cartaz (mesmo conteúdo do *flyer* em formato A3) o cartão postal (anexo 12), os dois *folders* do Município (anexo 13 e 14), o *folder* Oficial da Festa (anexo 15) e o *folder* de Comidas Típicas e Danças Folclóricas, que leva o Mapa do Centro de Eventos (anexo 16).

O departamento de Administração da Prefeitura era o responsável pela assessoria de imprensa da Festa.

Em 2004 a Festa das Nações foi divulgada na Rádio Local (Rádio Som da Ilha que atinge todo o Vale do Ribeira), em revistas regionais e da baixada santista, no jornal o Estado de São Paulo, na Gazeta do Paraná, na Tribuna de Santos e no Caderno de Turismo de Jundiaí. Foi também tema de reportagem na TV Tribuna (concessionária da Rede Globo de Televisão no Vale do Ribeira) e em matéria para

o SBT – SAT. A programação de mídia da Festa utilizou verba de aproximadamente R\$20.000,00 (vinte mil reais) no ano de 2004.

A avaliação da mídia, feita por pela PMPA em pesquisa boca-boca na entrada da Festa, durante todos os dias da edição de 2003 e 2004, registrou que o maior fluxo de turistas veio a Pariquera-Açu por ter tomado conhecimento da Festa pelas notícias publicadas pela TV regional, e também pela participação da PMPA na Feira de Turismo e Negócios do Vale do Ribeira, que aconteceu na cidade de Santos (SP) no ano de 2003.

4 Análise do Caso sob a ótica da Hospitalidade

O presente Estudo de Caso propôs em seu projeto de pesquisa como objetivo principal, estudar as possíveis alterações que poderiam ser observadas na hospitalidade da cidade de Pariquera-Açu quando da realização da Festa das Nações, uma vez que o pesquisador observou a dinâmica da cidade em dois momentos distintos.

Aqui é apresentado o cruzamento dos dados obtidos na pesquisa de campo, provenientes da vivência empírica do pesquisador em cada um desses dois momentos nos quais teve a oportunidade de observar a dinâmica da hospitalidade do referido Município, delimitados neste estudo como Unidades Incorporadas de Análise.

Quadro 5 – Formatação individual da Unidade Incorporada de Análise 1⁵⁴

Variável Geral	Variáveis Intermediárias	Variáveis Empíricas
Hospitalidade municipal local	1. Legibilidade	Características físicas do ambiente
	2. Sustentabilidade	Papel central da Informação
	3. Ecossistema	Uso e transformação do ambiente

Fonte: O autor (2005)

Quadro 6 - Formatação individual da Unidade Incorporada de Análise 2⁵⁵

Variável Geral	Variáveis Intermediárias	Variáveis Empíricas
Hospitalidade municipal durante a realização da Festa das Nações	1. Legibilidade	Características físicas do ambiente
	2. Sustentabilidade	Papel central da Informação
	3. Ecossistema	Uso e transformação do ambiente

Fonte: O autor (2005)

⁵⁴ A unidade incorporada de análise 1 está descrita no Capítulo 2 desta pesquisa.

⁵⁵ A unidade incorporada de análise 2 está descrita no Capítulo 3 desta pesquisa.

A reflexão que se segue tomou por rumo a descrição explicativa das características próprias das variáveis empíricas de cada um dos momentos observados e já previamente descritos nesta dissertação, de maneira a compará-los, possibilitando ao leitor identificar a dinâmica da hospitalidade local.

4.1 Análise da Variável Intermediária: Legibilidade

Segundo Grinover (2002) o estudo da Legibilidade remete o pesquisador a analisar seu objeto de estudo pela clareza aparente da paisagem da cidade, qualidade específica das características visuais de seu *design* urbano.

Quando se observa a cidade por essas características pode-se traçar um paralelo entre os esforços da hospitalidade pública em preparar o ambiente para o acolhimento do visitante, somado aos esforços da hospitalidade comercial, uma vez que tais empresários investem recursos no sentido de também preparar o ambiente de seus estabelecimentos para esse acolhimento.

As variáveis empíricas observadas nesse quesito provêm das características físicas da cidade, que são, sobretudo, expressadas pela estrutura de atendimento de serviços de hospitalidade, dos quais citam-se os hotéis, restaurantes e serviços de entretenimento locais (no qual se incluem as festas), observados aqui pelo foco do ambiente preparado para a recepção do visitante.

Pariquera-Açu por ser uma cidade pequena do interior do Estado ainda guarda muitas das características de uma cidade cuja economia ainda é primária e cujo desenvolvimento chega a passos lentos.

Ao se observar a dinâmica da movimentação dos moradores no dia-a-dia do município, se vê claramente que, apesar do intenso tráfego de automóveis e ônibus pela avenida principal (Av. Dr. Carlos Botelho), a população ainda preserva uma das formas mais usuais de transporte em pequenas cidade do interior dos Estados brasileiros que é o uso de bicicletas. Vê-se também com frequência o transporte humano sendo feito por carroças puxadas por cavalo, principalmente nas vias de acesso aos bairros rurais que circundam a área urbana da cidade.

Outro ponto característico de cidades interioranas é a constante concentração popular na praça diante da Igreja Matriz. Em Pariquera essa característica é bem marcante, uma vez que fora a habitual parada para cumprimentar um conhecido, para jogar cartas / dominó ou mesmo “jogar conversa fora”, inúmeras manifestações populares aconteciam diante da praça, que pela localização está bem na metade da avenida principal, e de quase todos os cantos da cidade no seu perímetro urbano é possível avistar a torre da Igreja.

Durante os dias de realização da Festa das Nações foi possível ao pesquisador observar que a praça era o ponto de encontro de grupos das mais variadas idades para de lá, seguirem para o Centro de Eventos da cidade, onde acontecia a Festa.

A entrada principal da cidade, que dá acesso ao centro urbano de quem vem da BR 116 vinha recebendo investimentos da Prefeitura em asfalto, iluminação e jardinagem paisagística até o ano de 2004, quando terminou a gestão do então Prefeito Sr. Orlando Milan e do Vice-Prefeito Prof. Gilberto Melcher. Em contrapartida, o acesso ao centro urbano pelo lado oposto da cidade, ou seja, pela estrada de quem vem de Cananéia ou de Iguape / Ilha Comprida, não recebia os mesmos investimentos. Essa mesma falha foi visível ao pesquisador, quando se observava o acesso ao centro urbano de Pariquera pela estrada que a liga a Jacupiranga.

Em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, a então Gestão Municipal conseguiu viabilizar as verbas e terminar o trabalho estrutural da alça de acesso da BR 116 ao centro urbano do município.

Novamente foi possível verificar que a alça de acesso de quem chega a Pariquera pela estrada de Iguape, não recebeu investimentos similares em infraestrutura.

O acesso da alça rodoviária da BR facilitou a chegada de turistas visitantes à cidade, que primordialmente utilizavam automóveis de passeio e ônibus intermunicipais.

Aos turistas que durante os dias de realização da Festa das Nações, por ventura necessitassem de ônibus intermunicipal para retornar aos seus lares certamente teriam problema em conciliar o calendário / cronograma de eventos da Festa com os horários de partida dos ônibus de Pariquera, uma vez que estes eram

restritos, principalmente para quem se destinava a cidades mais distantes como São Paulo (SP), Curitiba (PR), Santos e Sorocaba (SP).

Tal fato se agravava pela estrutura hoteleira da cidade não ter condições de acolher os visitantes que precisassem de acomodação. Pariquera, na ocasião da realização desta pesquisa, não conseguia atender simultaneamente mais de 100 hóspedes em seus estabelecimentos hoteleiros. No ano de 2004, último ano da Festa, o Hotel Fazenda das 3 Colinas estava em construção, portanto ainda não estava disponível para receber hóspedes, mesmo que já estivesse pronto, aumentaria a oferta de hospedagem para 160 leitos, o que não faria muita diferença em um cenário como o da Festa da Nações, no qual a cidade recebia mais de 4 vezes seu número de habitantes.

Pariquera-Açu dispunha de uma rede de estabelecimentos de serviços ao turista bem estruturada. Oferecia serviços para automóveis (exceto guincho), serviços bancários com caixas eletrônicos, serviços médicos e de segurança pública, todos com atendimento 24h. No centro urbano da cidade, todos os estabelecimentos (fora os postos de gasolina que trabalhavam 24h) respeitavam o horário comercial de atendimento, mas era possível localizar os profissionais que prestavam tais serviços por números de telefone celular divulgados em placas e letreiros nas fachadas dos estabelecimentos. No caso dos bancos, por determinação do Banco Central brasileiro, os caixas eletrônicos acompanhavam o horário de funcionamento das agências, mas a população bem como o turista tinha à disposição para uso emergencial, caixas eletrônicos no Posto Petropen, localizado na BR 116, dentro dos limites do município.

Durante os dias da realização da Festa das Nações de Pariquera-Açu do ano 2004, o pesquisador pôde verificar que o horário de funcionamento destes serviços, bem como do comércio local em geral não se alterou. O pesquisador procurou por serviços de borracharia para auto de passeio e foi atendido às 22:35h do domingo dia 16.05.04 tendo localizado o profissional por chamada de telefone móvel (celular).

O pesquisador presenciou durante as duas semanas da Festa a procura de clientes turistas em lojas comerciais do centro urbano do município. Observou que o comércio local disponibilizava aos clientes de fora da cidade o mesmo produto ou serviço que oferecia habitualmente aos clientes moradores locais. Fato é que essa situação caracterizou-se pela avaliação do pesquisador, o não preparo prévio do

comércio local para receber gente de fora, que pode chegar com solicitações distintas dos habituais clientes do estabelecimento.

O município, apesar de pela Prefeitura vender a idéia de ser (ou buscar ser) um destino turístico no Vale do Ribeira e no sul do Estado de SP, não apresentou, segundo a análise do pesquisador, indícios de ter buscado até a data de realização da pesquisa empírica uma melhor estrutura e capacitação de seu comércio local, prestador de serviços de hospedagem, alimentação e entretenimento. Isso prova que o município ainda não atingiu maturidade administrativa voltada ao planejamento da hospitalidade local, nem política nem empresarial. Todas as iniciativas de melhoria, de expansão do negócio e de capacitação das equipes que atendiam o público, vinham de empresários visionários, mas que se esforçavam sozinhos. A pesquisa participativa do pesquisador pelo comércio local pôde observar que apesar de Pariquera ter um comércio amplo e um povo simples, o atendimento nesses estabelecimentos era sempre muito cordial. Em alguns casos, lento, mas sempre eficiente.

Não foi possível ao pesquisador identificar esforços de planejamento turístico que além de preparar o ambiente para melhor receber o turista, valorizasse os produtos turísticos do município perante o visitante. Pariquera-Açu, por exemplo, não dispunha de nenhum centro de informações que pudesse atender o turista em trânsito quanto aos serviços prestados na cidade, quanto aos pontos e produtos turísticos locais e de fácil acesso no Vale do Ribeira, bem como no atendimento emergencial em caráter de segurança ou pronto atendimento médico.

Dentro do Recinto havia o Centro de Informações, que durante o período da Festa resumia-se a informar os visitantes sobre os eventos paralelos à Festa das Nações, horários de funcionamento e localização dos restaurantes e demais serviços dentro do Centro de Eventos. Os atendentes do Centro de Informações do Recinto, ao serem questionados pelo pesquisador sobre os atrativos turísticos de Pariquera-Açu forneceram apenas os folhetos padrão, utilizados pela Prefeitura, mas não dispunham de informações precisas sobre acesso (inclusive sobre transporte coletivo) e horários de funcionamento dos atrativos.

Quanto aos serviços de alimentação comercial do município, foi possível ao pesquisador observar em todos os estabelecimentos pesquisados a seriedade e o cuidado no atendimento aos clientes, não só por parte dos empresários responsáveis, mas principalmente pela equipe de atendimento.

Os dois principais restaurantes da Cidade, o Adega e o Verdespaço, representam, por seus donos, um pouco da visão empreendedora dos empresários da hospitalidade local.

Quando se soma a estes dois estabelecimentos a Choperia Asterix e a Panificadora Guaricana, nota-se que Pariquera, por ser uma cidade pequena, está bem servida, na visão do pesquisador, de estabelecimentos de prestação de serviços em alimentos e bebidas.

Os cardápios oferecidos pelos quatro estabelecimentos, sobretudo dos dois restaurantes, salvaguardadas as características individuais de cada um deles, representam um grau de sofisticação gastronômica singular a uma cidade considerada pelos dados do Governo do Estado de São Paulo, como uma das mais pobres do Estado.

Foi possível ao pesquisador observar que todos os quatro estabelecimentos sempre estavam atendendo clientes durante seus horários de funcionamento, mas aos fins de semana apresentavam-se sempre cheios.

Durante os dias de realização da Festa das Nações, os dois restaurantes e a Choperia apresentaram, segundo os respectivos entrevistados, queda no faturamento, uma vez que o caráter da Festa era gastronômico. Na Panificadora Guaricana tal fato não foi detectado pelo pesquisador.

No que tange ao único equipamento de entretenimento comercial identificado na cidade, o Pesqueiro Porteira Branca, o pesquisador não observou diferenças entre os dois períodos distintos de observação empírica, uma vez que o funcionamento do estabelecimento se restringe ao período do dia, no horário que ainda tem Sol. Mesmo no primeiro final de semana da Festa, especificamente no domingo dia 09.05.2004, o empreendimento manteve, pela observação do pesquisador, seu fluxo médio de clientes (observado em 02.05.2004).

O sistema de segurança pública no município era bem estruturado e facilmente localizado pelo turista, uma vez que os destacamentos da Polícia Rodoviária e Militar encontravam-se respectivamente na entrada principal de acesso ao centro urbano de Pariquera (de quem vem da BR 116) e no lado oposto, na alça de acesso ao município de quem vem de Cananéia ou Iguape / Ilha Comprida.

Da mesma maneira, o serviço de pronto atendimento médico oferecido tanto pelo Hospital Regional do Vale do Ribeira, cuja sede é em Pariquera-Açu, quanto pelo SAMU - Serviço de Atendimento Médico às Urgências, se encontrava em

posição privilegiada, que facilitava o acesso de turistas / visitantes que desses serviços viessem a necessitar.

Durante a Festa das Nações de 2004, o pesquisador pôde presenciar o trabalho dos destacamentos da Polícia Rodoviária e Militar na organização do fluxo de automóveis e clientes que buscavam o Centro de Eventos (tanto durante o dia como à noite). A presença dos policiais tornava o ambiente organizado e o acesso do público garantido com tranquilidade.

Também foi possível observar a presença marcante de equipes médicas do SAMU, postas em ambulância no Recinto para qualquer eventual necessidade de atendimento médico. A vivência do pesquisador na Festa de 2004 não acompanhou / registrou nenhum atendimento médico feito pelo SAMU, mas na Festa de 2002 sim, pôde presenciar o pronto atendimento da equipe médica após um dos visitantes que circulava no Recinto ter escorregado e fraturado um dos braços. O pré-atendimento ao paciente no local do acidente foi rápido e a remoção do mesmo ao Hospital Regional imediata.

De todos os estabelecimentos comerciais de hospitalidade observados nessa pesquisa, o Posto Petropen foi o que melhor apresentou uma estrutura física minuciosamente preparada para o atendimento de turistas em trânsito.

Isso se deve pelo Posto se localizar em uma estrada federal de grande fluxo de automóveis e ônibus interestaduais e internacionais (BR 116). Outro ponto que conta para a observação do Posto é o fato dele fazer parte de uma rede de Postos espalhados pelo Brasil, cuja estrutura é aprimorada dia-a-dia, pela grande concorrência que existe entre postos de gasolina que oferecem serviços de apoio e alimentação a quem está na estrada, o que inclui motoristas (inclusive caminhoneiros que viajam sozinhos) e seus passageiros.

Pela distância do Posto Petropen ao centro urbano de Pariquera-Açu, mesmo estando dentro dos limites do município, a hospitalidade do posto não era reconhecida pelo cliente turista como sendo a hospitalidade de um estabelecimento de Pariquera-Açu. Isso ocorria, segundo a gerência do Posto, pelo cliente imaginar que tivesse feito uma parada na cidade de Registro, maior município do Vale do Ribeira e também o mais conhecido da região.

Nos dois momentos da observação empírica foi possível verificar o cuidado da Prefeitura com a limpeza urbana.

As vias da Cidade, asfaltadas ou não, eram sempre limpas e não se via sacos de lixo espalhados pelas calçadas. A coleta de lixo era feita à noite e os moradores já se habituaram a colocar o lixo em sacos fechados do lado de fora das casas ao final da tarde de cada dia.

Durante a realização da Festa das Nações de 2004, que segundo dados da Polícia Militar recebeu mais de 75.000 visitantes, a limpeza urbana foi reforçada pela Prefeitura e a coleta de lixo intensificada na região do Recinto.

Mesmo com o intenso fluxo de pessoas na área urbana do município de Pariquera-Açu, foi percebido pelo pesquisador um ordenamento tranquilo (apesar de intenso) do trânsito local e um serviço de limpeza atuante por todos os horários do dia e da noite.

O turista que chegava a Pariquera dispunha sim de serviços para quem se encontrasse em trânsito, mas o município não trabalhou até a data de realização desta pesquisa a informação como recurso para captar e manter clientes turistas, recurso este que influencia de maneira substancial a formação da imagem da cidade como destino hospitaleiro.

4.2. Análise da Variável Intermediária: Sustentabilidade

Para Grinover (2002, p.36), o estudo da sustentabilidade, propõe a observação do espaço segundo dois fenômenos principais, que estão fortemente ligados à complexidade na interpretação de seu contexto sócio-cultural: O papel central da informação e o conhecimento dos padrões sociais locais. Pelas reflexões do autor, a adoção do termo para os estudos da hospitalidade urbana tentará validar uma estratégia de integração do ambiente ao uso que lhe é dado nos atos de hospitalidade, ganhando assim o termo, já amplamente aplicado nas questões ligadas ao meio ambiente, uma maior consistência ao ser utilizado para entender o ambiente de maneira integrada ao planejamento e à ordenação do espaço urbano.

Ao se aplicar tal conceito aos estudos da hospitalidade, sobretudo a hospitalidade urbana, poder-se-á melhor observar as questões do uso que é dado à informação turística local, fator este estreitamente ligado às questões da capacidade

do espaço urbano em receber turistas. Aqui vale lembrar que a Festa das Nações de Pariquera-Açu de 2004 trouxe quatro vezes mais turistas que o número de habitantes locais naquele mesmo período.

O autor propõe que ao se relacionar o desenvolvimento sustentável à hospitalidade, em um cenário qual seja uma cidade, o intuito será o de representar uma estratégia válida na qual se busque a integração entre o uso do ambiente urbano para a hospitalidade, assim como se buscar a melhoria das condições de vida das comunidades locais e a necessária preservação de certos aspectos deste ambiente, fatores estes que possibilite seu uso dentro de sua capacidade ideal. Mas para que tudo isso tenha real validade, há que se buscar a satisfação dos que forem recebidos nesse espaço, no qual se inclui principalmente o morador local, nesse momento a sinalização turística ganha força no acolhimento hospitaleiro de quem adentra nos limites de uma cidade.

Ao se observar tais quesitos em um estudo de caso como este, cuja proposta é observar um dado município sob a ótica da hospitalidade em dois momentos temporais distintos, delimitou-se para esta pesquisa a observação como indicador da sustentabilidade local, unicamente a questão da sinalização pública habitual (sinalização turística) e a preparada por ocasião da Festa para atender os turistas e visitantes / brincantes da Festa. Essa escolha buscou direcionar a reflexão do pesquisador em identificar se a informação turística habitual e a preparada pela Festa observaram a importante função de limitar e resguardar o uso do espaço urbano, que no caso de Pariquera-Açu representa um dos pouco remanescentes contínuos da Mata Atlântica brasileira.

O município pela observação empírica do pesquisador não apresentava esforços políticos em melhor sinalizar a cidade para a fácil localização pelos turistas dos pontos turísticos locais bem como indicando ao visitante a localização dos prestadores de serviços de hospitalidade na cidade.

Mesmo com um discurso visionário de transformar Pariquera-Açu em destino turístico, a pesquisa de campo não pôde observar ações da Prefeitura local no sentido de valorizar seus produtos turísticos e nem os recursos oferecidos pela rede comercial e de prestadores de serviço existente na cidade de maneira planejada. Havia sim alguns esforços pontuados, mas que não representavam um ordenamento lógico que pudesse ser caracterizado como um planejamento da hospitalidade (CAMARGO, 2003 e 2004), nem tampouco, como diria Grinover (2002), oferecer

uma hospitalidade informacional tão abundante quanto possível para facilitar a localização do visitante perante as ofertas turísticas do local.

As poucas identificações sobre serviços na cidade podiam ser vistas em placas e letreiros dos próprios empreendimentos que prestavam tais serviços. O esforço era único e exclusivo dos empresários locais e não era suficiente para uma melhor leitura dos recursos que a cidade oferecia a quem nela chegasse.

A deficiência na informação começa em sinalizar que toda a área do município se encontra protegida pelo Estado sob forma de Unidade de Conservação, por se tratar de uma região remanescente de Mata Atlântica.

A única placa de sinalização a uma área que é definida pelo Governo Municipal como área protegida do Estado, no caso o Parque Estadual Campina do Encantado - região afastada do centro urbano, encontrava-se no perímetro urbano e na data da pesquisa não possuía nenhum tipo de manutenção aparente.

A indicação do Hospital Regional do Vale do Ribeira, feita por placas de sinalização, foi identificada na pesquisa de campo. Nos dois acessos ao centro urbano do município foram vistas placas indicando a localização e a distância até o Hospital. Assim como na entrada da cidade pela alça de acesso da BR 116, havia placa de sinalização do Posto Policial Rodoviário e do SAMU. Havia também placas sinalizadoras do Hospital na BR e nas estradas que liga o município às cidades de Cananéia, Iguape / Ilha Comprida e Jacupiranga.

Quanto aos equipamentos de hospedagem e alimentação, bem como de entretenimento comercial, a cidade não dispunha de sinalização específica que auxiliasse o turista na localização dos mesmos.

Indicando o Centro Municipal de Eventos de Pariquera-Açu, na entrada principal da cidade havia placa sinalizadora, disposta do lado direito da pista, orientando o motorista quanto ao procedimento de manter-se no acostamento para poder cruzar a estrada com segurança, uma vez que o Recinto localiza-se do lado esquerdo de quem entra na cidade por esta estrada. Essa mesma placa indicava o Monumento ao Imigrante que se encontrava disposto ao lado do Recinto (figura 47).



Figura 47 – Placa de Sinalização do Centro de Eventos de Pariquera-Açu.
Fonte: O autor (2005)

A Prefeitura também utilizada como mídia alternativa de divulgação das principais atrações da Festa das Nações de Pariquera-Açu, bem como dos demais eventos que promovia no Recinto, o muro externo do seu galpão principal (figura 48), que pela sua extensão proporcionava um boa vitrine de informação, geralmente trabalhada por pintura em tintas de coloração forte (vermelho, azul, verde e preto).



Figura 48 – Muro externo do Centro de Eventos de Pariquera-Açu.
Fonte: O autor (2005)

Quanto à informação prestada à comunidade bem como ao turista visitante sobre a Festa das Nações, a Prefeitura Municipal anunciava em mídias convencionais (TV, Rádio e Jornal) e alternativas (participação em eventos).

A abrangência das mídias Rádio e TV eram quase sempre regionais, chegando primordialmente às cidades do Vale do Ribeira e da baixada santista. Os anúncios em jornais, dos quais destacaram-se O Estado de São Paulo, a Gazeta do Paraná e a Tribuna de Santos, buscavam levar a informação da Festa às capitais do Estado de SP e PR, e também à principal cidade da baixada santista, mas tecnicamente, apresentavam um retorno muito baixo, uma vez que não se contemplava no plano de mídia uma frequência mínima para absorção da mensagem pelo leitor.

A participação da Prefeitura em eventos fora do município sempre trouxe um retorno mais positivo que os investimentos em mídia; a presença da equipe da PMPA na Feira de Turismo e Negócios do Vale do Ribeira ocorrida em 2003 em Santos (SP), refletiu significativamente no fluxo de turistas na Festa das Nações de 2004.

A Prefeitura produzia dois *folders* para a divulgação da cidade. Os dois materiais impressos traziam em primeiro plano fotos da Festa das Nações, com informações sobre o evento, informações de acesso à cidade e dos principais pontos turísticos a se visitar no município, o Parque Estadual Campina do Encantado, a Casa de Pedra e a tribo indígena. Seu principal chamariz era sem dúvida as cores fortes e vivas das indumentárias dos bailarinos e fotos dos pratos oferecidos por restaurantes na Festa.

Produzia ainda para a Festa das Nações um *folder* sobre Comidas Típicas e Danças Folclóricas, no qual além de explorar visualmente muitos dos elementos visuais da Festa das Nações, apresentava ao leitor o mapa do Centro de Eventos do Município. E também um outro *folder* de caráter mais geral, intitulado Festa das Nações de Pariquera-Açu, que trazia informações visuais e textuais sobre a Festa e sobre o local onde ela se realizava, o Recinto.

Para a edição da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu que ocorreu em 2004, foi criado um material diferente, o cartão postal, que foi amplamente utilizado pela organização e pelos donos de restaurantes, bem, como pelo no comércio local.

Nenhum desses materiais, porém, foi produzido com quaisquer informações em outros idiomas. Nem se utilizando nomes dos pratos típicos dos restaurantes que em quase todos os casos tinham nomes estrangeiros.

O trabalho da Assessoria de Imprensa resumia-se em informar a imprensa regional dos esforços da Prefeitura Municipal em organizar a Festa das Nações. Por não ser feito por jornalistas, não havia materiais de apoio para divulgação do evento junto aos veículos de comunicação que por ventura viessem cobrir o evento, nem tampouco sala de imprensa na Festa, para a recepção dos mesmos.

Foi possível ao pesquisador observar que, fosse por meio do cartaz da Festa ou por meio dos vale “Milão”, grande parte do comércio local auxiliava na divulgação do Evento junto aos seus clientes.

No Posto Petropen, cuja sinalização e identificação de todos os serviços que oferece aos seus clientes é feito de maneira clara, toda em dois idiomas (português e espanhol) e usando de *lay-out* próprio, definido pela rede, não foram localizados pelo pesquisador, esforços em divulgar a Festa das Nações de Pariquera.

Pela distância do Posto em relação ao centro urbano do município, bem como pela proximidade de sua localização à cidade de Registro, freqüentemente os turistas mencionavam ter parado em um posto em Registro. O pesquisador não identificou esforços da rede Graal em indicar que o posto tem localização no município de Pariquera-Açu e não em Registro.

4.3 Análise da Variável Intermediária: Ecossistema

Ainda segundo Lúcio Grinover (2002), a questão da cidade enquanto ecossistema diz respeito a sua dinâmica social, como ela se organiza e prepara seu espaço para a vida em sociedade. Este Estudo de Caso abordou como variável empírica de ecossistema especificamente a maneira pela qual o município se prepara para receber o turista, introduzindo modificações no espaço urbano no período que antecede a Festa das Nações bem como durante a sua realização. Dessa forma, as variáveis consideradas remeteram exclusivamente à configuração

da estrutura da hospitalidade pública e comercial preparada por ocasião da realização da Festa.

As entrevistas realizadas na cidade junto aos organizadores da Festa das Nações, junto aos donos de restaurantes e responsáveis pelos seis grupos de danças sediados em Pariquera-Açu, bem como junto aos empresários da hospitalidade local, revelou que existiam sim esforços em preparar o município para a realização da Festa.

Fato é que quando se observou os propósitos da Festa das Nações e a maneira pela qual os convites para participação foram feitos ao empresariado local, o pesquisador pôde entender a influência da questão política que envolve todas as iniciativas no campo do turismo em uma cidade pequena do interior do Estado.

Pariquera possui duas lideranças políticas definidas. A Festa das Nações foi idealizada pela liderança que governou o poder público municipal de 1997 a 2004, nos quais a Festa das Nações aconteceu.

Com as eleições do ano de 2004, a gestão municipal foi trocada, assumindo assim a outra liderança política local, que permanecera até então na oposição quanto às iniciativas e efetivos trabalhos prestados à comunidade.

A questão da descontinuidade política tão habitual no Brasil foi comprovada nesta pesquisa ao se analisar a não realização da Festa das Nações a partir do ano de 2005, quando assumiu a nova gestão do Governo Municipal.

Sem exceção, todos os entrevistados deixaram claro que a descontinuidade da Festa representou para a comunidade uma perda singular, a qual poderá interferir nas próximas iniciativas que por ventura venham a ser apresentadas pela Prefeitura.

A organização da Festa das Nações, sob responsabilidade da Srta. Gilcemara Cristina Cândido, ao longo de suas oito edições se profissionalizou de tal maneira que proporcionou em 2003 o melhor resultado financeiro a todos os responsáveis pelos restaurantes da Festa.

Entretanto foi sentido pelos entrevistados, que a edição de 2004, última coordenada pela equipe da Srta. Gilcemara dera indícios de que o trabalho poderia não ter continuidade. Pontuadamente foi possível, pela experiência empírica dos entrevistados (restaurantes e grupos de dança) notar pequenas falhas na organização geral do evento, o que nos anos anteriores não ocorrera.

Ainda segundo os entrevistados dos restaurantes, a organização do evento apesar de dar apoio logístico não apresentava esforços para integrar a comunidade empresarial local, sobretudo o comércio de suprimentos que pudesse ser utilizado pelos restaurantes, aos propósitos da Festa.

Mesmo fazendo compras no comércio local, os restaurantes eram obrigados a buscar suprimentos em Registro, maior cidade vizinha, ou em São Paulo (SP) e Curitiba (PR).

A descontinuidade da Festa trouxe um mal-estar coletivo aos donos de restaurante, que vinham investindo ao longo dos anos para uma melhor estrutura e capacitação de seu pessoal de cozinha e atendimento.

O desenvolvimento da pesquisa sobre a cultura imigrante que deu origem a Pariquera-Açu sempre teve nos oito anos de realização da Festa uma expressiva participação da sociedade, quase sempre coordenada pelas escolas do município.

Pelo fato da Festa das Nações não mais existir, a pesquisa que era feita pelas escolas também parou, disse em entrevista a organizadora do evento.

Sem exceção, todos os entrevistados se mostraram descontentes pela descontinuidade da Festa, uma vez que, por meio da Associação dos Restaurantes da Festa das Nações, propuseram a então nova Gestão Municipal apresentar uma proposta para realizar a Festa.

A Srta. Gilcemara Cândido disse também em entrevista que outras iniciativas similares também foram apresentadas, porém a Prefeitura de Pariquera não as aceitou, justificando que receberam a PMPA com muitas dívidas e que a Festa seria organizada com calma para a partir do ano de 2006, o que não ocorreu.

Vale aqui ressaltar que a Festa do Peão de Pariquera-Açu, evento cujo desenvolvimento e realização não deixa nenhum recurso financeiro no Município, aconteceu em 2005, primeiro ano da nova equipe de Gestão Municipal. Mas pela informação de todos os entrevistados, não teve a mesma repercussão das edições anteriores e possivelmente tenha trazido prejuízos ao numerário municipal, pelo número reduzido de público presente no Evento.

As entrevistas descritas no capítulo 3 desta dissertação apontaram a importância que a Festa teve no resgate da cultura histórica das famílias de Pariquera-Açu. Mostraram também que o engajamento social ajudou na solidificação do evento no Vale do Ribeira.

Cabe aqui também informar que segundo dados da Prefeitura de Pariquera-Açu em 2004, quando se iniciou a pesquisa documental e de campo que deu origem a este trabalho, os grandes eventos realizados nas cidades vizinhas como a Festa do Mar em Cananéia e a Festa do *Sushi* em Registro, tiveram continuidade após a troca das referidas equipes de gestão municipal.

A descontinuidade da Festa das Nações de Pariquera-Açu aconteceu, segundo a avaliação do pesquisador, por questões políticas.

Com isso, os empresários responsáveis pelos restaurantes perderam o investimento que fizeram ao longo dos anos anteriores, no sentido de se estruturar para a prestação de serviços na Festa das Nações. Os grupos de dança locais perderam sua mais importante chance de mostrar o seu trabalho na cidade, momento singular no qual os pais podiam apreciar o trabalho artístico dos filhos. O comércio local perdeu receita uma vez que no período de realização da Festa das Nações a cidade chegou a receber um número de visitantes quatro vezes maior que o número de habitantes locais. A Prefeitura perdeu uma grande oportunidade de desenvolver o município como destino turístico no Vale do Ribeira. E por fim a sociedade perdeu seu maior e mais bem estruturado evento anual, que dava visibilidade ao município, aproximava membros da família pela pesquisa histórica realizada pelos sobrenomes e trazia de volta os filhos e netos que de Pariquera saíram para estudar e trabalhar.

Cabe aqui informar que a equipe responsável pelo Setor de Eventos da Prefeitura de Pariquera-Açu, que tomou posse em 2005, não foi encontrada nas cinco vezes (dias 19.05.05, 20.05.05, 21.09.05, 22.09.05 e 04.01.06), que o pesquisador a procurou para realizar entrevistas e coletar informações sobre a possibilidade de continuidade da Festa das Nações.

4.4. Hospitalidade e Festa

4.4.1 Festa, espaço hospitaleiro

O estudo de festa requer o suporte de conceitos mais amplos em determinada linha de pensamento, sejam eles concretos ou abstratos, mas que possam além de apoiar, ampliar o seu entendimento (GUARINELLO, 2001). Sendo assim, o estudo da hospitalidade propõe um grande e expressivo número de caminhos para a observação e análise do termo em questão.

Os conceitos iniciais de festa pedem a presença de atores (seres humanos) que interagindo num dado cenário, em rituais escritos ou não, efetivem as relações humanas (CAMARGO, 2004, p.16). Dessa forma, fica visível a aura envolvente da festa no sentido de contagiar as pessoas à sua participação. Isso nos remete a classificar a festa como um fato social, uma vez que, de certa forma, impõe a participação popular⁵⁶ por uma pressão coercitiva da coletividade (AMARAL, 1998).

A característica em relevo nos remete também à observação de que a hospitalidade, por sua vez, também ressalta de forma inequívoca como um ritual, composto por pelo menos dois atores e que ocorre em um espaço físico delimitado e pontuado no tempo, no qual uma marcação precisa, no sentido teatral da palavra, se desenrola⁵⁷ (CAMARGO, 2004, p.16).

Considerando que a hospitalidade é a interação entre seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação (CAMARGO, 2004), Bueno diz constituírem as festas

um cenário importante e atraente da cultura e, por isso, oferecem um espaço e um momento extremamente favorável ao acolhimento, para hospitalidade, principalmente porque nada na sociedade atual favorece tais encontros devido à fragmentação do espaço urbano e o estilo de vida que comprometem a convivialidade e empobrece as relações (BUENO, 2004).

Como componente essencial da hospitalidade, a dádiva requer que quem, nesse ritual, esteja na condição de anfitrião exercendo, portanto, a prática da hospitalidade, dê o seu melhor. A noção de sacrifício contempla isso, e pede que para que efetivamente haja a dádiva (e conseqüentemente a hospitalidade), o

⁵⁶ Uma vez que os fatos sociais trazem ao indivíduo uma coerção coletiva quanto à sua participação, muitas vezes representada pela educação imposta pela sociedade, a adesão da população na participação em uma festa é sim classificada como um fato social. Segundo Durkeim, “crenças, tendências, práticas do grupo tomadas coletivamente é que constituem o fato social” (1995, p.6), e “Assim, numa grande reunião, os movimentos de vivo entusiasmo, de indignação, de piedade que se produzem, não têm como objetivo nenhuma consciência particular. Vêm a cada um de nós do exterior e são suscetíveis de nos arrastar sem que o queiramos” (p.4).

⁵⁷ Camargo referencia aqui a maneira ritualizada pela qual se desenrolam as relações sociais, inclusive na festa.

anfitrião ofereça ao visitante aquilo que tem de melhor, muitas vezes o que lhe é de uso constante e pessoal.

No caso da festa, o dom, objeto de troca, é num primeiro momento o espaço no qual ela ocorre. É nesse espaço, cenário da festa, no qual acontece o acolhimento do outro, juntamente com o conjunto de elementos estruturais e visuais que a compõem⁵⁸, proporciona a atmosfera do ambiente acolhedor.

A atmosfera local é um ambiente calculado que visa, sobretudo, criar ou reforçar a inclinação dos compradores em relação à compra de um produto ou serviço (KOTLER, 2000, p.581). O espaço físico, qualquer que seja ele, que se aproveite da poderosa comunicação com o cliente, ferramenta esta proporcionada pela atmosfera local, que é um conjunto de elementos visuais provenientes da arquitetura, da decoração (interna ou externa), do *lay-out* e sinalização das áreas de circulação, das cores, sons e odores e de todo e qualquer elemento visual e perceptível ao ser humano, poderá se beneficiar da maior permanência do cliente em seu território, o que possivelmente refletirá em um consumo maior de seus produtos e serviços (p. 319).

Citando Silva (2001), Rego e Silva (2003, p.121) dizem que a atmosfera interfere, sobretudo, na percepção da qualidade dos produtos e serviços resultando no incremento das vendas.

O estudo da atmosfera de ambientes vem sendo desenvolvido no sentido de melhor aproveitar a presença física do cliente em lojas de varejo. A idéia geral é de que uma vez preparado o ambiente⁵⁹, o cliente permanecerá mais tempo e conseqüentemente consumirá mais os produtos e serviços oferecidos pelo empreendimento.

Observando-se uma localidade como produto turístico, o estudo da atmosfera local poderá auxiliar os gestores a melhorar a qualidade do ambiente percebida pelos visitantes (REGO e SILVA, 2003, p.122).

⁵⁸ Pode-se resumir como os elementos estruturais e visuais que compõem uma festa as cores e adornos de suas decorações, os sons de suas músicas, o sabor particular das comidas e bebidas, a sinalização visual da festa e conjunto integrado pela prestação de serviços que se coloca disponível para o visitante.

⁵⁹ O ambiente é uma das ferramentas utilizadas pelo comércio varejista em seu *mix* de serviços. Sobretudo para as lojas é um aspecto de fundamental importância. "Todas as lojas têm um *lay-out* físico [um desenho de sua estrutura física] que pode facilitar ou dificultar a movimentação das pessoas em seu interior. Toda loja tem um 'visual'. A loja deve incorporar um ambiente planejado que seja adequado ao seu mercado-alvo e atraia clientes, favorecendo as compras" (KOTLER, 2000, p.548).

Não se deve esquecer, entretanto, que o turismo, bem como a hospitalidade, é um serviço, e como tal, a percepção de qualidade (grau em que um serviço pode satisfazer um cliente ao atender seus desejos, necessidades e expectativas) virá durante e após o seu consumo (LOVELOCK e WRIGTH, 2001, p.22), o que também acontece com as festas.

Torna-se possível planejar a atmosfera de uma localidade turística, observando seus aspectos visuais, os quais incorpora evidências concretas dos serviços que são colocados à disposição do público visitante. Isso pressupõe analisar as expectativas dos clientes e orientar todo o trabalho visual dos componentes da localidade, que criam a atmosfera percebida pelo mesmo, no sentido de satisfazê-las (REGO e SILVA, 2003, p.123).

Citando Kotler, Haider e Rein (1994, p.130-143) e Walker (2002, p.32), Rego e Silva (2003, p.135) atribuem aos eventos (os quais incluem-se as festas e festivais), um dos ambientes pelos quais o turista circula ao visitar determinada localidade e durante a sua visita percebe os elementos que compõem a atmosfera local.

A partir disso, voltamos à observação já mencionada, qual seja a festa, pelo ambiente acolhedor que proporciona, supõe o acolhimento do outro por uma expansividade coletiva. A hospitalidade pressuposta na festa acontece além da dádiva da festa e do espaço. Há uma doação de si mesmo, estabelecendo, assim, uma dinâmica de reciprocidade que se identifica com a base da teoria de Marcel Mauss (BUENO, 2004).

O espaço acolhedor propiciado pela festa é sobre tudo, parafraseando Bueno (2004), a dádiva do espaço no qual os atores sociais “mostram a sua cara” e se deixam conhecer com ou sem fantasias, mas, por ser um recorte pontuado na vida real, o qual por um momento lhe permite a fuga da realidade cotidiana, certamente se apresentará desprovido das feridas causadas pelas contradições e dificuldades da vida contemporânea. É no lugar onde se realiza uma festa que se cria a possibilidade da ocorrência dos encontros e desencontros humanos, espaço este, aberto à expressão da coletividade bem como às singularidades e aos mistérios particulares de cada participante.

O que caracteriza a hospitalidade é o fato de alguém receber o outro em seu território. Isso pressupõe um encontro social, mas o inverso não é de todo verdadeiro, uma vez que nem todos os encontros são encontros de hospitalidade.

O conceito do Dar – Receber - Retribuir pode, segundo Camargo (2004, p.16), permitir o estabelecimento de um melhor entendimento de fenômenos correlatos à associação, à liderança, à solidariedade humana⁶⁰, atitudes necessárias para se organizar uma festa. Os tais encontros sociais apóiam-se nas relações que se estabelecem com o vínculo criado pela dádiva e são confirmados pelas reflexões de Bueno (2004) quando explica que a hospitalidade, que contém a noção de dádiva no seu aspecto primordial (que é a criação de vínculos), permite aos homens criar, imaginar e intervir. Ela diz que a festa se destaca como um espaço que propicia a ação solidária em diferentes modos de ser e viver, que nas suas palavras vêm a ser formas de sustentar o humano no social e a identidade na impessoalidade (BUENO, 2004).

Cada vez que um desses encontros acontece, lembrando que sempre há, atores, rituais e cenários, cria-se um ambiente propício para a troca de experiências que leva seus atores ao amadurecimento, influenciados pelas vivências empíricas de características próprias da cultura do outro.

A hospitalidade tem o poder de modificar as pessoas, influenciando direta ou indiretamente na construção da identidade social dos indivíduos, visto que ao mergulhar numa cultura diferente da sua, o ser humano leva consigo o que mais lhe toca, e assim amadurece. O relacionamento humano é enriquecido com todo o aprendizado proporcionado nessas relações, principalmente por modificar a visão de mundo dos envolvidos (DIAS, 2002).

A troca de determinados valores entre visitado e visitante proporciona uma enorme riqueza de conhecimentos, modificando sua visão de mundo e acrescentando valores inconfundíveis ao relacionamento humano. A dimensão dessas mudanças e transformações permite novas configurações sociais e culturais. A influência provocada pelas interações, que ocorrem em localidade de grande vocação turística [e por que não dizer também nas festas], refere-se ao modo de vida dos moradores, à expressão lingüística, à gastronomia, aos hábitos de entretenimento (GRINOVER, 2002, p.28).

Fica clara mais uma vez a importância das pessoas nas questões que envolvem a hospitalidade no seu contexto mais amplo, e assim como nas festas

⁶⁰ A solidariedade funciona segundo o princípio da identidade e implica numa relação anônima com o semelhante, ou que supostamente deveria ser tido como tal. Nos relacionamentos solidários, geralmente se exclui o diferente. Limita-se, na maioria dos casos, a um grupo definido por critérios que lhes são próprios (ABREU, 2003, p.44).

religiosas e folclóricas brasileiras, os participantes acreditam no que fazem e não somente representam, isto é, são mais agentes que atores (MOURA, 2002, p.49).

A festa assume então, uma de suas principais características, a de proporcionar um ambiente adequado para que esse compartilhamento não só cultural, mas humano, possa ocorrer. O ambiente oferecido pela festa proporciona aos seus atores um espaço no qual pela informalidade, pela alegria e despreocupação, se apresentem “desarmados” dos problemas cotidianos, o que pressupõe a abertura para a hospitalidade, e conseqüentemente para o aprendizado e evolução coletivos.

Referindo-se aos estudos de Amaral (1998), Bueno (2004) diz ser a festa um ato capaz de apreender o sentido da cidadania que proporciona um despertar da consciência coletiva. Dessa maneira, é possível dizer que a festa, pelo espaço acolhedor que cria, facilita a inclusão dos indivíduos no coletivo, propiciando-lhes um espaço simbólico para a representação de seus sonhos, seus anseios e suas angústias. A própria definição social de festa remete a um palco no qual se defrontam as diferentes interpretações do ato de viver em sociedade (GUARINELLO, 2001, p.970).

O cenário maior e ampliado de uma festa será sempre uma cidade, seja ela uma capital ou uma cidade interiorana. Sendo assim, sofrerá as influências do espaço na ocorrência de suas “edições”⁶¹.

Pode-se, então, entender o espaço criado por uma festa, assim como o seu espaço ampliado - a cidade, como um lugar estrategicamente pensado e planejado no sentido de promover as possíveis relações de hospitalidade.

Em ambos os casos, o planejamento deverá contemplar as estratégias de comunicação e *marketing* que divulgam os produtos atraindo os clientes (tanto os moradores como os visitantes), mas que, sobretudo, preparam a atmosfera do ambiente para essa recepção. Aqui se cria então, a possibilidade de se desenvolver nas cidades o que atualmente se denomina *marketing* societal.

Segundo Rego (2004, p.96), *marketing* societal consiste em uma evolução do conceito de *marketing*, na qual é preciso administrar com base no conhecimento das necessidades e dos desejos dos clientes, com a devida importância em contemplar

⁶¹ Ao se consolidarem na sociedade, as festas acabam entrando em calendários oficiais das cidades e cada edição poderá, de acordo com as particularidades de cada festa, contemplar mais de uma ocorrência anual, mas geralmente se vê na prática, festas que acontecem somente uma vez por ano.

também as demandas da sociedade como um todo. Pressupõe-se que com essa visão se atenda ao mesmo tempo a satisfação dos clientes e o bem-estar da sociedade, e o autor complementa dizendo que em síntese seria a busca da consecução dos objetivos do negócio por meio da satisfação dos clientes, na qual as atividades dever ser norteadas pela ética e pela responsabilidade social.

Quando se aplicam os conceitos sugeridos pelo *marketing* societal em localidades, se atende à principal particularidade da hospitalidade no turismo – a atenção ao ser humano. Segundo tais conceitos a observação das características, bem como dos desejos e necessidades do público-alvo (aqui entendido como o morador e o visitante) é fundamental.

Em um âmbito geral o público-alvo costuma ser representado pelo cliente. No caso do *marketing* turístico, além do turista que costuma ser definido como cliente, outro público-alvo pode ser caracterizado pela população local, a qual pode ser beneficiada como consumidora dos produtos turísticos. Essas pessoas, entretanto, podem ser afetadas pelos eventuais impactos do turismo em sua região de moradia e convivência (REGO, 2004, p.105).

Rego (2004, p.111) sugere que o planejamento de *marketing* societal de uma localidade inclua na sua etapa de análise:

- ✓ Os desejos e as necessidades dos moradores das localidades turísticas.
- ✓ As organizações complementares que podem participar da experiência do turista, para identificar oportunidades comuns e possibilidades de parcerias na formulação dos programas de *marketing*.
- ✓ Os fatores específicos do sistema de turismo e hospitalidade da ótica da responsabilidade societal e da sustentabilidade dos programas de *marketing*.

Para o planejamento turístico dever-se-ia observar todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento humano local, uma vez que sofre direta ou indiretamente influência das atividades relacionadas ao turismo. A análise estratégica do planejamento turístico, que também inclui o planejamento de festas, deve então observar tanto seus aspectos internos (da localidade e comunidades envolvidas) quanto os aspectos externos (provenientes da demanda turística).

Com um planejamento que busque, sobretudo a inclusão social, a diminuição das diferenças e a abertura para os contatos e relacionamentos de hospitalidade, as localidades poderão efetivamente se beneficiar das inúmeras possibilidades de desenvolvimento proporcionadas pelo turismo.

Nesse contexto, as festas ganharão força e poderão cumprir seu papel de espaço acolhedor, no qual a valorização dos relacionamentos humanos acontece, e, sobretudo, o homem poderá vivenciar toda a plenitude da vida social. A procura pela felicidade é não só legítima, mas absolutamente necessária (BAPTISTA, 2002, p.158). Desenvolver relações alegres em ambientes que proporcionem tais acontecimentos é importante para o desenvolvimento do ser humano.

O mundo é uma grande casa a ser partilhada solidariamente por uma multiplicidade de humanos. É a partir da consciência desse fato que a procura pela felicidade perde a sua inocência. A inocência acaba quando voltamos deliberadamente, as costas ao apelo do outro (BAPTISTA, 2002, p.158).

As festas, diante de tudo isso, remetem a um dos espaços nos quais os relacionamentos de hospitalidade podem aflorar.

O acolhimento do outro representa nesse contexto principalmente a inclusão do outro e traz o desenvolvimento de todo o potencial humano em servir, receber e acolher o seu semelhante.

4.4.2 Generalização Teórica de Hospitalidade e Festa

Para se desenvolver um planejamento da hospitalidade para um município do interior do Estado com características próximas às de Pariquera-Açu, o poder público deverá observar quais são os atores que nesse cenário são responsáveis pela recepção dos turistas. O esquema ilustrativo da figura 49 apresenta os atores envolvidos na recepção turística em Pariquera-Açu.

Tanto a teoria sobre a hospitalidade (LASHLEY & MORRISON, 2004) quanto a teoria sobre o *marketing* societal (REGO, 2004), sinalizam a importância de se observar não somente o turista que chega a uma dada cidade, mas também e principalmente a comunidade que a compõe.

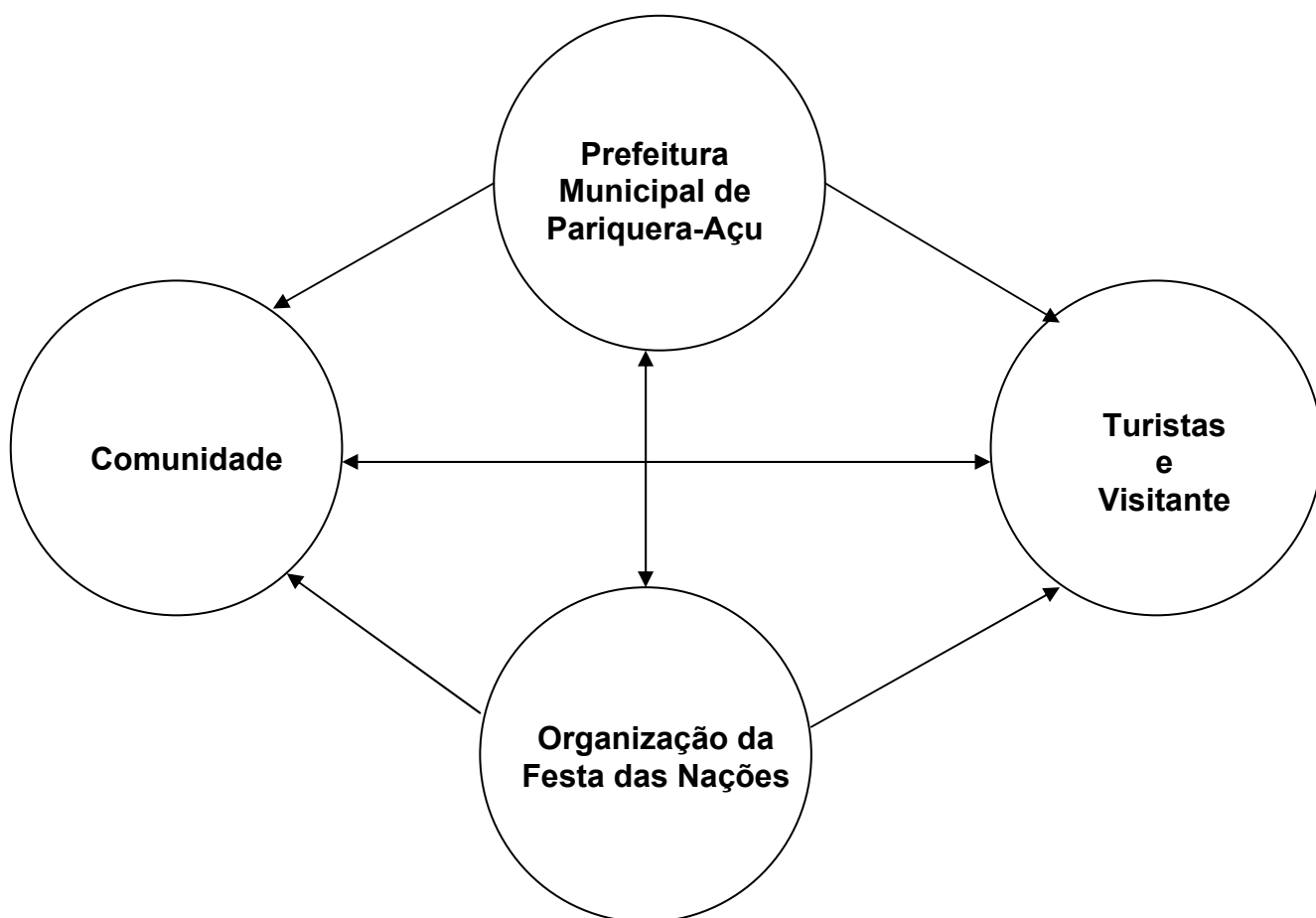


Figura 49 – Atores envolvidos no Planejamento da Hospitalidade de Pariquera-Açu, para a Festa das Nações.

Fonte: Elaborado pelo autor (2006)

Uma vez que se pense o planejamento da hospitalidade desenvolvido pela Prefeitura e seus órgãos executores (como é o caso do Setor de Eventos da PMPA), a interação destes com a comunidade deverá buscar a conscientização da importância das atividades turísticas para o município, integrando-a na cadeia produtiva que presta serviços ao turista que chega à cidade.

Estando a comunidade integrada, os benefícios das atividades turísticas serão maiores, visto que quem efetivamente recebe um turista são as pessoas que moram na cidade cujas atividades profissionais são realizadas nos equipamentos de hospitalidade local.

Esta pesquisa sugere, pelo esquema ilustrativo da figura 50, a interação que pode ocorrer entre as partes no processo de desenvolvimento do planejamento da hospitalidade do município de Pariquera-Açu.

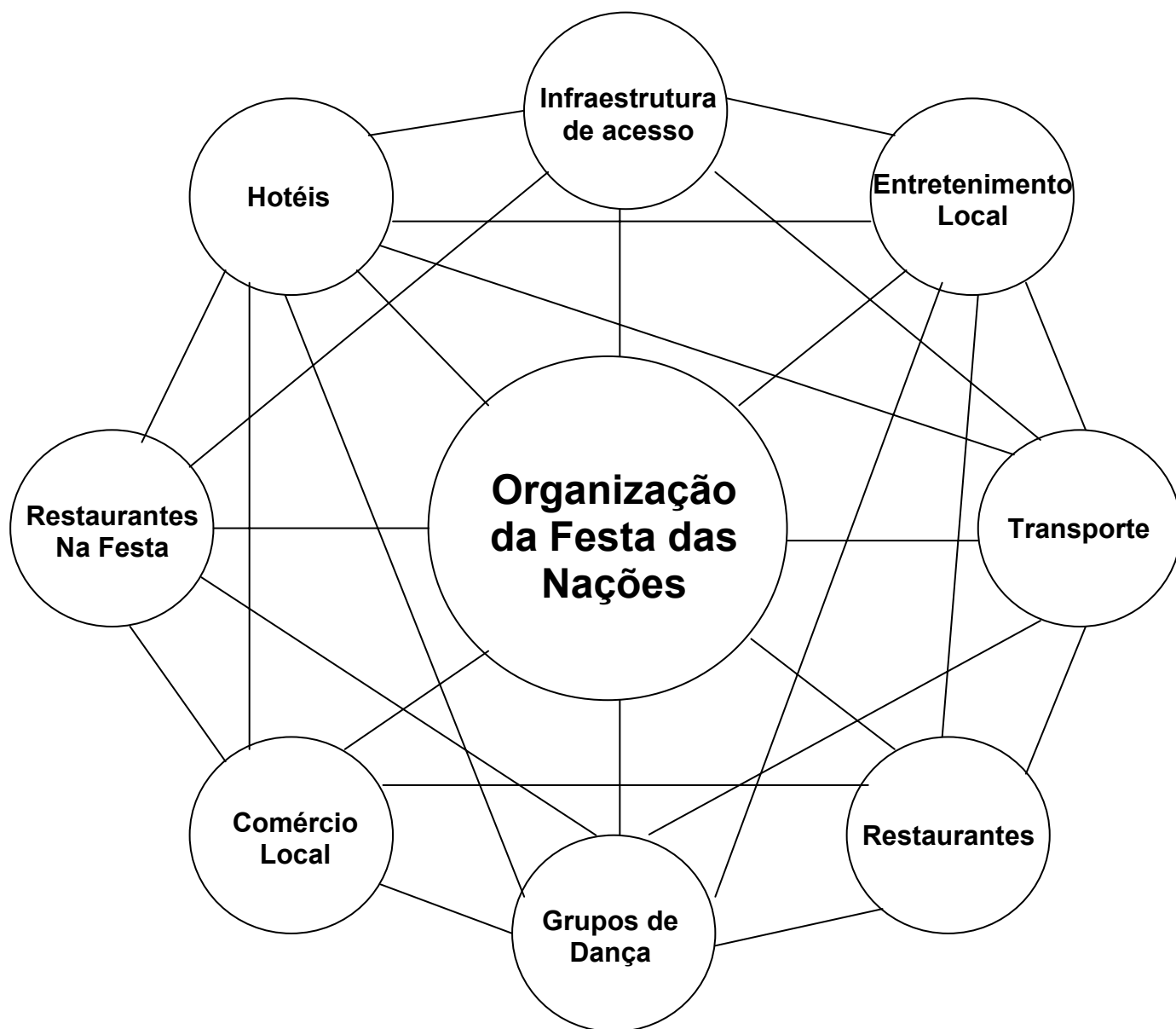


Figura 50 – Esquema Ilustrativo do Planejamento da Hospitalidade de Pariquera-Açu, para a Festa das Nações.

Fonte: Elaborado pelo autor (2006)

O Planejamento da hospitalidade de Pariquera-Açu, segundo a organização da Festa das Nações, poderia assumir a forma do esquema ilustrativo apresentado na figura 50, que representa as interações nas quais o pesquisador observou falhas no processo de organização da Festa.

A interface da organização da Festa das Nações, de responsabilidade do Setor de Eventos da Prefeitura Municipal não poderia acontecer somente com os atores representantes dos restaurantes e dos grupos de dança que se apresentaram

na Festa, como de fato ocorria. Deveria sim, aglutinar esforços voltados a todos os prestadores de serviços de hospitalidade da cidade.

Trabalhando junto aos órgãos municipais responsáveis pela infraestrutura de acesso ao município, a organização da festa proporcionaria maneiras mais fáceis do turista chegar a cidade. Essa atividade foi em parte realizada, uma vez que o acesso principal à cidade foi melhorado ao longo das duas últimas Gestões do Prefeito Orlando Milan (1997-2000 e 2001-2004). Entretanto os acessos das cidades vizinhas Cananéia, Iguape / Ilha Comprida e Jacupiranga não receberam esforços similares, e por essas vias de acesso chegavam, pelos dados da PMPA (2005) boa parte dos visitantes da Festa das Nações.

A melhora nas vias de acesso ao município refletiria diretamente no acesso do turista visitante aos equipamentos de hospitalidade local, dentre eles os citados hotéis, restaurantes, equipamentos de entretenimento comercial local e à própria Festa das Nações, por meio do transporte rodoviário que atende a cidade.

Os hotéis, apesar de oferecerem na ocasião desta pesquisa um número pequeno de leitos para hospedagem, eram equipamentos existentes na cidade. Uma vez que se estimule seu uso, a entrada de recursos poderia auxiliar na ampliação bem como em uma melhor capacitação de seus profissionais.

Hotéis melhor equipados representariam melhores condições de acomodação para turistas em trânsito, que cruzam a cidade em transporte rodoviário, acessando o comércio local, bem como os equipamentos de entretenimento local.

A Festa das Nações apresentava duas grandes atrações principais, os restaurantes típicos e temáticos e os grupos de dança folclórica. O volume de visitantes que a Festa vinha atraindo por essas atrações ao longo dos anos, certamente utilizaria em sua totalidade os hotéis locais se estes estivessem mais bem equipados e preparados para o trabalho de recepção comercial na cidade.

Os restaurantes na Festa das Nações poderiam incrementar as vendas no comércio local, se este estivesse engajado em buscar suprir seus estoques com produtos de uso dos restaurantes no trabalho de preparação da Festa, sobretudo produtos alimentícios, descartáveis e materiais de limpeza.

Os restaurantes na Festa ainda poderiam aproveitar os bailarinos dos grupos de dança folclórica para incrementar as vendas em seus estabelecimentos durante a realização da Festa das Nações. Foi queixa dos grupos de dança entrevistados o não aproveitamento dos bailarinos trajados no interior dos restaurantes. A

organização do evento trabalhando melhor essa parceria entre suas duas principais atrações poderia ter resultados ainda melhores no que tange ao bem estar de seu público interno na Festa.

O comércio local também deveria ser estimulado a procurar suprir os equipamentos de hospitalidade da cidade. Todos os entrevistados citaram fazer compras em cidades vizinhas ou nas capitais mais próximas – São Paulo (SP) e Curitiba (PR). Isso representa que na cidade as condições de compra bem como a oferta de produtos de uso nesses equipamentos é deficiente ou inexistente.

Os grupos de dança folclórica, citando a experiência do Guaricana *Tanzgruppe*, freqüentemente se confraternizavam com grupos vindos de fora. Estando estes hospedados na cidade, seria possível a aqueles ciceroneá-los em visitas monitoradas aos pontos turísticos locais como a Casa de Pedra e o Parque Estadual Campina do Encantado.

Ainda se pensando que os restaurantes na cidade, sobretudo os dois entrevistados também têm uma nacionalidade representando seus cardápios (a Adega tem cardápio Italiano e o Verdespaço cardápio Suíço), poderiam estes também estar integrados à Festa (no período anterior e posterior à realização do evento) no sentido de atrair clientes para seus estabelecimentos com apresentações prévias dos grupos de dança folclórica sediados na cidade.

Os equipamentos de entretenimento comercial local, como é o caso do Pesqueiro Porteira Branca, também poderiam se beneficiar da Festa levando para seus estabelecimentos apresentações prévias dos grupos de dança folclórica sediados na cidade, fazendo a divulgação da Festa e sendo apontados como colaboradores do evento nos materiais impressos de divulgação da Festa.

Por fim, se observando os recursos de comunicação disponíveis na Festa para o trabalho da organização, ressalta-se a importância de não deixar passar momentos importantes que podem reforçar a imagem da Festa que o visitante cria em sua memória e leva consigo ao ir embora.

As figuras de Rei e Rainha de uma festa são elementos marcantes da recepção aos turistas. Viu-se na Festa das Nações que essas figuras não eram bem aproveitadas pela organização durante a realização da Festa. A observação empírica feita pelo pesquisador registrou momentos como o da figura 51, no qual os candidatos eleitos a Rei e Rainha da Festa das Nações de Pariquera-Açu do ano de

2004 circulavam pelo Recinto em horário no qual a Festa já estava aberta (domingo dia 09.05.05 às 16:30h) sem trajar suas vestimentas típicas.



Figura 51 – Rei e Rainha da Festa das Nações de Pariquera-Açu de 2004, circulando no Recinto sem levar seus trajes típicos.

Fonte: O autor (2004)

Considerando-se a importância de símbolos como o Rei e as Rainhas em uma festa típica como era a Festa das Nações, seria muito interessante aproveitar melhor tais figuras na recepção pública feita aos visitantes no evento, deixando-os sim, circular pelo Recinto mas devidamente trajados, portando suas respectivas faixas que os identifica como tal. Esse recurso visual se torna muito forte perante o turista, que freqüentemente os solicitavam para registrar sua participação na Festa, tirando fotos e / ou gravando o momento em filmes (filmadoras).

O papel da organização de um evento como a Festa das Nações não é o de somente viabilizar a estrutura e o pessoal para desenvolver o trabalho. Deveria sim tomar parte nos esforços da Prefeitura em melhor planejar a hospitalidade local, o que implica envolver todos os atores que da Festa das Nações possam participar, integrando-os e chamando-os para a ação coletiva que é uma das variáveis

sensíveis ao cliente quando de sua entrada na atmosfera de uma cidade, especificamente aqui, na atmosfera de uma Festa.

Um evento como a Festa das Nações não apresentava somente um lado estético e uma dimensão cultural interessantes, apresentava sim um lado de negócio muito acentuado. Todos os responsáveis pelos restaurantes na Festa que foram entrevistados (inclusive ao falar pela Associação que representava os demais empreendedores no setor) asseguraram que seus investimentos ao longo dos anos começaram a dar frutos já na edição de 2003 da Festa das Nações. Caso a Festa continuasse a ocorrer nos anos seguintes, os restaurantes poderiam estar colhendo lucros mais significativos na atualidade.

Outro ponto a se ressaltar era o fato da Festa das Nações ter criado corpo ao longo dos anos, caindo nas graças da comunidade local e do turista visitante. Tal fato ajudou na construção de uma festa que representava a tradição local.

A evolução da Festa ao longo de seus oito anos de vida representou na prática o que Matheus (2002, p.63) chamou de quadro geoistórico. O evento evoluiu no tempo pelos movimentos feitos no espaço pelos agentes organizadores, tornando a Festa das Nações um espaço acolhedor tanto para o morador local como para o turista visitante.

A melhor integração destes com todos os atores envolvidos de alguma forma na Festa das Nações poderia auxiliar a Prefeitura Municipal de Pariqueira-Açu no desenvolvimento de seu planejamento da hospitalidade local e assim se inserir definitivamente no cenário turístico do interior do Estado, trabalho tão carente e pouco desenvolvido na região do Vale do Ribeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A delimitação da presente pesquisa em observar uma festa popular trouxe a possibilidade de relacionar a esta os conceitos da hospitalidade inicialmente desenvolvidos no Brasil pelos esforços do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, cujas reflexões apontam para a possibilidade de melhorar a forma pela qual se pode receber um visitante em seu próprio espaço, seja ele uma residência, um equipamento de hospitalidade comercial (como por exemplo, hotel ou restaurante) ou ainda o espaço ampliado representado pela cidade.

Ao se entender que a primeira recepção feita a um turista doméstico acontece quando de sua chegada à cidade que escolheu como destino, deve-se atentar para a importância do planejamento da hospitalidade local, que abarcaria todas as atividades do segmento turístico, dentre elas, as que estão contempladas nas atividades de recepcionar, de hospedar, de alimentar e de entreter o ser humano.

A Festa das Nações de Pariquera-Açu foi um evento que durante os oito anos que aconteceu no município apresentou aos visitantes / brincantes da festa um verdadeiro sentido do resgate histórico-cultural de uma sociedade.

Nas apresentações artísticas, sobretudo dos grupos de dança folclórica, a Festa das Nações proporcionava além da beleza e charme com os quais os grupos adentravam na arena de apresentações, um momento de aprendizado cultural, não só aos descendentes dos imigrantes que deram origem à cidade, mas a todo o público que freqüentemente lotava as arquibancadas que circundavam a arena.

O cuidado e o alto investimento na pesquisa e na confecção das indumentárias próprias de cada grupo fazia dos integrantes atores singulares. Sempre depois de cada apresentação era possível ver integrantes dos grupos de dança circulando no Recinto ainda devidamente trajados, repetindo passos da dança que tinham acabado de apresentar na arena para que turistas pudessem registrar em vídeo e / ou fotografia, além de servirem como um elemento móvel da decoração ambiente da Festa.

O interessante foi perceber a mobilização dos grupos, cuja faixa etária ficava próxima da adolescência, em fazer do evento um trabalho sério. Frequentemente,

crianças trajadas ajudavam na organização da platéia acomodando seus familiares antes das apresentações, buscando para eles os melhores ângulos nos quais seria possível apreciar o seu trabalho na arena.

Ao observar o trabalho dos restaurantes desde o primeiro ano da Festa das Nações, foi possível notar a mudança na maneira pela qual os responsáveis se lançavam ao trabalho. Nas duas primeiras edições da Festa isso se deu como uma “brincadeira”, como algo para passar o tempo dividindo-o com os amigos, mas logo no terceiro ano essa postura já havia mudado. Até o ano de 2003, por meio dos relatos dos entrevistados, o pesquisador pôde observar que os responsáveis pelos restaurantes possuíam não só os equipamentos, móveis e utensílios para atender o público, mas principalmente o *know-how* de como fazê-lo. Aqui vale também ressaltar que os dois entrevistados respondiam dentro da Associação dos Restaurantes por categorias diferentes de restaurantes que se apresentavam na Festa, ou seja, restaurantes abrigados em casas construídas em alvenaria e aqueles abrigados em barracas.

A capacitação ao longo dos sete primeiros anos de realização da Festa das Nações levou à criação da Associação dos Restaurantes da Festa das Nações de Pariquera-Açu, cuja principal atividade era a de resguardar os interesses desse grupo junto à organização da Festa dentro da Prefeitura.

Esta pesquisa foi norteadada pela inquietação do pesquisador em buscar respostas para seu problema de pesquisa que visava identificar quais as alterações poderiam ser observadas na hospitalidade da cidade de Pariquera-Açu quando da realização da Festa das Nações.

Ao se cruzar os dados colhidos nas pesquisas de campo, os quais pontuou características da hospitalidade local em dois momentos diferentes no tempo, o pesquisador concluiu que a preparação da Festa das Nações mobilizava grupos específicos na sociedade local.

A organização do evento, membros integrantes de Setor de Eventos da Prefeitura Municipal, se esforçava para integrar a comunidade bem como os empresários locais nos propósitos da Festa. Esses esforços, porém esbarravam na acirrada disputa política local, a qual, pela análise dos relatos dos entrevistados parece atrapalhar a participação e integração da comunidade aos propósitos sociais e econômicos de um evento como a Festa das Nações de Pariquera-Açu.

Pelo fato de na cidade haver duas lideranças políticas distintas, e muito bem delimitadas, parte da sociedade (e aqui se inclui empresários locais) não se engajava na preparação da Festa, e por inúmeras vezes, pelos dados da Prefeitura sequer participavam do evento.

Pariquera-Açu foi identificada pelo poder público municipal e estadual como sendo uma das cidades mais pobres do Vale do Ribeira. Entretanto, a observação empírica realizada pelo pesquisador nos limites da cidade observou que Pariquera é sim um município pequeno mas que se esforça para desenvolver a comunidade de maneira a diminuir as diferenças sociais nela existentes. O rótulo de um dos municípios mais pobres do Estado muitas vezes não ficava muito claro, ao se observar a grandeza, riqueza e a magnitude da Festa das Nações realizada pela cidade.

A Festa das Nações era sim um momento de confraternização entre todas as classes sociais do município. Via-se o pobre e o rico aplaudindo seus filhos que juntos acabaram de apresentar uma coreografia de dança folclórica típica da sua nacionalidade. Essa integração, bem como todos os esforços em desenvolver a educação de base e as condições básicas de saúde e higiene no município, trouxeram para a realidade local uma condição favorável ao crescimento e desenvolvimento da comunidade.

A pesquisa mostrou que um evento como a Festa das Nações de Pariquera-Açu teve a chance de mobilizar a ação popular no resgate da história e da cultura do povo local. Mostrou ainda que mesmo tendo a Festa, pela sua plasticidade e beleza, o poder de atrair os visitantes, a comunidade entrevistada relatou conhecer famílias que nunca tinham ido à Festa, e isso não aconteceu por falta ou dificuldade de acesso, uma vez que a Prefeitura dispunha de linhas de transporte coletivo municipal que atendia os bairros mais distantes (e que nos dias de Festa tinham seus horários expandidos). Vale aqui também lembrar que não seria impedimento a questão financeira, uma vez que para o acesso ao Recinto bem como para assistir às apresentações de dança na arena o visitante não pagava nada.

Mais uma vez ficou visível a questão das disputas políticas locais, influenciando negativamente o desenvolvimento coletivo da cidade, uma vez que tais famílias mencionadas nas entrevistas, foram classificadas pelos entrevistados como fazendo parte ou sendo “fiéis” à elite política adversária da então gestão do poder público municipal até 2004.

A principal suposição do pesquisador quanto ao objeto estudado nesta pesquisa foi então comprovada. A pesquisa apontou dados de que a atmosfera da Festa das Nações alterava sim a hospitalidade pública e comercial de Pariquera-Açu, e isso se dava pela maneira como os agentes organizadores do evento tratavam as variáveis da atmosfera local.

Mesmo tendo grupos da comunidade que não participavam do evento, o porte do qual se apresentou a Festa em 2004, atraindo mais de 75.000 visitantes ao Recinto nos oito dias nos quais a Festa das Nações aconteceu, provou que a Festa tinha caído na graça do visitante. A adesão popular dos moradores locais, dos visitantes das cidades vizinhas bem como de turistas vindo de longe, também provou isso ao lotar o Centro de Eventos de Pariquera-Açu nas noites de quinta e sexta-feira, bem como durante todo o dia dos sábados e domingos nos quais a Festa acontecia.

A pesquisa mostrou que a hospitalidade comercial do município era constantemente afetada pela Festa das Nações, principalmente no fluxo de clientes, nos quais ressalta-se menor para os restaurantes e bares da cidade nos horários de almoço e jantar, bem como maior para o comércio local no horário comercial de funcionamento desses estabelecimentos.

Um dos grandes benefícios que a Festa das Nações proporcionava era o fomento do comércio local, uma vez que conhecendo o porte da Festa, os comerciantes preparavam seus estoques para atender o grande contingente de visitantes que a Festa vinha atraindo. Aqui o pesquisador obteve informações contraditórias colhidas em entrevista com a Organização da Festa e com os restaurantes típicos e temáticos. O primeiro afirmava o acima exposto, o segundo sentia a não preparação prévia do comércio local para atender às suas necessidades, o que poderia ser respondido pela falta de planejamento prévio do comércio, uma vez que não eram incluídos no efetivo planejamento da Festa das Nações. A observação empírica do pesquisador em contato com comerciantes do Município detectou que o comércio se preparava sim para o aumento das vendas, mas com o foco somente no cliente turista / visitante, não quanto aos suprimentos que pudessem ser comprados pelos restaurantes.

Outro grande benefício era a oportunidade de capacitação de profissionais que faziam o atendimento de hospitalidade em restaurantes da cidade. A grande

maioria dos capacitados nesses cursos conseguiu, segundo dados da Prefeitura, colocação no mercado de trabalho local.

A pesquisa também mostrou que a forma pela qual tais estabelecimentos recebiam seus clientes no período de realização da Festa de certa forma se alterava, mas aqui para melhor, uma vez que a Festa trazia turistas de fora, esses dias eram a chance desses empreendimentos de testar a capacidade e a qualidade no atendimento prestado pelos seus funcionários que vinham sendo periodicamente treinados quanto à maneira de fazê-lo.

A Festa das Nações ainda contribuiu para o engajamento das escolas locais no incentivo à pesquisa, à leitura e ao resgate da cultura dos imigrantes que deram origem à comunidade de Pariquera-Açu.

A descontinuidade da Festa representou uma barreira à continuidade dessas pesquisas, uma vez que a cidade não mais tinha a Festa, os alunos não teriam mais por que continuar tais pesquisas. A importância de se pesquisar vinha pela vontade de participação da Festa. Nem todas as crianças das escolas locais faziam parte dos grupos de dança, então, poderiam pela pesquisa também fazer parte da Festa não só como visitante.

A teoria sobre festa trabalhada nessa pesquisa apontou algumas importantes características das quais o pesquisador resgata o papel constitutivo das festas na representação cultural de uma dada sociedade.

Ao se analisar a dinâmica evolutiva da Festa das Nações de Pariquera-Açu, o pesquisador traçou um paralelo com essa teoria, no qual os resultados da pesquisa de campo mostraram que a idéia trazida pelo então Prefeito Sr. Orlando Milan em resgatar a cultura imigrante de Pariquera, surtiu efeito na cidade.

Pôde-se verificar que a Festa das Nações, apesar de pouco tempo de vida, já fazia parte do contexto de vida da sociedade local, não podendo, como diz a teoria, ser vista apenas como uma busca de prazer.

A Festa das Nações conduzia durante todo o ano, o engajamento da sociedade no levantamento histórico sobre a imigração local, na pesquisa cultural sobre seus hábitos e costumes e nos constantes trabalhos dos grupos a fim de qualificar os bailarinos pelo treinamento das coreografias bem como pelo alto investimento na confecção das indumentárias.

A Festa das Nações ganhou ao longo do tempo uma cor especial, um brilho próprio que reluzia na verdade o brilho da sociedade, uma vez que era dela a

incumbência de preparar a pesquisa e as expressões culturais e gastronômicas a serem apresentadas aos visitantes em cada edição de sua ocorrência.

Era possível verificar na Festa das Nações a troca de experiências entre os grupos de dança folclórica. Apesar da pesquisa ser feita pelo coreógrafo ou coordenador dos grupos, era sempre freqüente ver os bailarinos de um grupo de dança de dada nacionalidade analisando seu “concorrente” enquanto este se apresentava na arena. Essa avaliação, que observava os erros e acertos da coreografia, bem como passos novos / diferentes, só fazia enriquecer o trabalho, uma vez que a Festa das Nações não representava nenhuma forma de rivalidade entre os grupos, muito pelo contrário. Grupos locais como o Guaricana *Tanzgruppe* freqüentemente se ofereciam para ciceronear grupos de dança vindos de fora, sobretudo os alemães. Momento no qual se criava uma rica oportunidade de troca dessas experiências, anda mais por se tratar de um público jovem, no qual a integração é bastante facilitada por conta da idade.

A teoria ainda apontou que muitos eventos no Brasil são criados para ter um caráter histórico interessante. Mesmo sendo jovens, criam corpo junto à sociedade, uma vez que abrem espaço para a expressão de seus anseios e utopias, geralmente ligados a algum momento histórico da vida local. A Festa das Nações de Pariquera-Açu representava o resgate da memória viva da cultura imigrante local, e também nas cidades vizinhas, das quais muitas delas tiveram, da mesma forma, sua concepção baseada na imigração. Por esse motivo sempre recebia não só a visita dos moradores dessas cidades como também a participação ativa nas apresentações de dança e também como responsáveis por restaurantes. Em 2004, os restaurantes Português e Japonês ficaram sob a responsabilidade de equipes vindas de Registro, cidade vizinha a Pariquera.

A riqueza plástica e estética da Festa tornou-se um produto turístico do município nesses oito anos e que atraía a cada edição mais e mais turistas. A expectativa da organização para o ano de 2004, último ano que foi realizada a Festa das Nações era a de receber no Recinto cerca de 50.000. Esta expectativa foi superada em um terço, ao ser apontado pelos números da Polícia Militar local como tendo recebido mais de 75.000 visitantes nos oito dias de sua realização. Esse é outro fator que pôde ser percebido na teoria. Localidades, e por que não dizer Festas com grande fluxo de gente, sempre vai atrair mais gente. O produto artístico oferecido pela Festa das Nações foi capaz de revigorar parte da economia da

cidade, uma vez que apesar de seu porte e magnitude, o numerário local não se desfalcava para a sua realização. Todo o investimento dos restaurantes era feito pelos seus respectivos coordenadores ficando com a Prefeitura as despesas voltadas ao lado artístico-cultural da Festa, perfeitamente adequadas no orçamento municipal do ano de sua realização.

A Festa das Nações de Pariquera-Açu tinha ainda outra característica social importante, a de aproximar as pessoas. A Festa tinha o poder de aproximar familiares distantes, que pela pesquisa histórica pelos sobrenomes identificava graus de parentesco entre as famílias residentes em Pariquera, além de também fazer retornar os filhos da terra que de lá saíram para estudar e trabalhar. Todos os entrevistados confirmaram essa característica e disseram ainda que junto com esses “rebentos”, vinham sempre outros turistas, amigos que levariam a informação boca-boca (importante meio de comunicação para uma festa popular) para outras pessoas, semeando assim nestas a vontade de ver e participar de um evento tão bem estruturado e bonito como era o caso.

A teoria ainda apontou como fator inerente às festas a possibilidade de estruturar e / ou de regenerar uma sociedade. Por esse ângulo a pesquisa mostra que a idéia inicial da criação da Festa bem como a estrutura que tomou corpo ao longo dos oito anos de sua realização possibilitou a estruturação de uma das características mais marcantes de Pariquera-Açu, seu rico berço histórico quando se fala de cultura e gastronomia. Por outro lado sua descontinuidade, aqui interpretada por questões políticas, poderá representar em parte uma desintegração da comunidade.

A participação na Festa das Nações, principalmente nas expressões culturais das apresentações de danças típicas era uma oportunidade de inclusão social para as camadas mais pobres. A participação destes bailarinos nas Associações de dança local não representava apenas ensaio de coreografias, mas todo um trabalho de inclusão social voltado principalmente para a educação e formação de uma consciência coletiva de que o homem é responsável pelo desenvolvimento da comunidade na qual está inserido.

E por fim, a teoria ainda apontou que muito do que se entende hoje por planejamento turístico na política brasileira acaba por resumir-se em simples análises e desenvolvimento pontuado de atividades ligadas ao turismo.

Não se viu em Pariqueira-Açu esforços consistentes em transformar a cidade em um destino turístico no Vale do Ribeira. Isso implicaria em desenvolver e capacitar todos os empresários e seus respectivos equipamentos de hospitalidade estabelecidos no município.

Pensar o turismo pelo foco de um planejamento da hospitalidade local implicaria também em não somente, criar, delimitar, sinalizar e se preparar para atender turistas de fora em pontos turísticos de interesse natural, cultural ou histórico na cidade, mas sim preparar a atmosfera local para receber o outro.

Aqui, o primeiro “outro” a se considerar é o próprio morador local, do qual deverá se beneficiar dos recursos trazidos pelo turismo.

Deverá ser capacitado e estar inserido em equipamentos ou prestadores de serviço de hospitalidade, nos quais se incluem as festas populares com era o caso da Festa das Nações.

O planejamento da hospitalidade local deveria ser feito segundo os princípios do planejamento de *marketing* societal, uma vez que este, pelas suas características básicas sugere a importância de se observar em sua fase de análise situacional os desejos e as necessidades dos moradores das localidades que se pretendem se transformar em turísticas. A partir disso, a divulgação da cidade como destino seguiria as orientações e ferramentas utilizadas para divulgar tanto produtos quanto serviços.

Esta pesquisa sugere que o planejamento da hospitalidade local seja feito com base na sociedade. Não perguntando se esta quer ser ou não inserida como destino turístico em dada região, mas mostrando as vantagens dessa inclusão para o desenvolvimento social e econômico local. Para isso, deve o poder público municipal deixar de lado interesses escusos, os quais fogem da sua real obrigação, qual seja desenvolver a comunidade que o elegeu.

Outra sugestão a desenvolver seria a criação de um calendário permanente de eventos no Vale do Ribeira, uma vez que todos os municípios realizam festas de estrutura e porte significativos pelo que representam quanto a sua economia nas estatísticas do Governo do Estado. A criação de um calendário regional de festas traria uma melhor distribuição de renda entre os municípios, nos quais, em muitos casos pela já citada disputa política, marcam as datas de realização de seus eventos em dias que acontecem festas em cidades vizinhas, dividindo assim a comunidade entre os eventos que se realizam na mesma data e conseqüentemente, dividindo o

recurso que estes visitantes deixam em cada uma das festas. Esse calendário poderia em muito auxiliar o planejamento da hospitalidade de cada uma das cidades do Vale do Ribeira.

As entrevistas de campo identificaram esforços da comunidade local em dar continuidade à Festa das Nações, uma vez que ao final da edição de 2004 e por conta do término da gestão do Prefeito Orlando Milan e do Vice-Prefeito Prof. Gilberto Melcher (2001-2004), havia indícios da descontinuidade da Festa por parte da nova equipe do poder público municipal, que tomou posse em 1º de janeiro de 2005. Nesta ocasião, a então atual gestão admitira não estar preparada para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos na Festa das Nações.

Por meio da Associação dos Restaurantes da Festa das Nações de Pariquera-Açu a Prefeitura Municipal recebera propostas dos responsáveis pelos restaurantes para continuar a promover o evento no município.

A não aceitação da ajuda dos restaurantes por intermédio da Associação representou o fim de um sonho. Trouxe aos membros da comunidade engajados em desenvolver os restaurantes e os grupos de dança uma frustração geral e uma impotência tamanha em não poder ajudar para que não se perdessem todos os investimentos feitos pelos referidos empresários bem como e, sobretudo, todos os esforços da comunidade local em pesquisar e resgatar a memória histórica local.

As disputas políticas nas cidades do interior do Estado de São Paulo também ficaram visíveis nesta pesquisa ao se detectar que, apesar do convite à participação das Prefeituras das cidades vizinha, nos primeiros anos da Festa das Nações de Pariquera-Açu, em nenhuma edição tais convites foram aceitos. Segundo a Prefeitura, sempre foi clara a indiferença política que influenciava nessas questões de não participar “do evento do vizinho”. Assim como foi fato confirmado nas entrevistas de campo, a não participação da elite política adversária local, nas oito edições da Festa das Nações.

O pesquisador tem a consciência de que as dificuldades enfrentadas pelas pequenas comunidades nas quais existem tais disputas políticas, não são pequenas. Entretanto deixa sua contribuição em lembrar que o que está em jogo é o desenvolvimento da sociedade local.

Mesmo sendo fácil e clara a identificação dos partidários de cada um dos lados dessa disputa política na cidade, uma vez eleita, a equipe que toma posse deve trabalhar para o coletivo. Deve desenvolver a sociedade dando seqüência em

projetos consistentes e que ganharam a aprovação da comunidade iniciados na gestão anterior. Projetos estes em todas as áreas inclusive na área do turismo.

Isso minimizaria a imagem negativa da política no Brasil e traria mais crédito aos que nela desenvolvem suas atividades.

A finalização desta pesquisa sugere a continuidade das reflexões embasadas em pesquisas que avaliem festas em cidades no interior dos estados brasileiros não só pelo seu caráter estético, mas sim pelo que ela representa para o cidadão, e segundo os objetivos de seu planejamento. Pesquisas cujo caráter venha a ser antropológico e sociológico poderão auxiliar as reflexões nessa empreitada, trazendo contribuições às equipes de gestão pública municipal no desenvolvimento e implantação de programas turísticos devidamente integrados no planejamento da hospitalidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Wladimir Amâncio de. A máquina da Hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

ALMEIDA, A. Paulino de. **Memória histórica de Pariquéra-assú**. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Secção Histórica do Arquivo do Estado. São Paulo: 1939.

ARRILLAGA, J. I. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro, 1976.

BALANDIER, Georges. ***Lê detour; pouvoir et modernité***. Paris: Fayard, 1983.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Editora Papirus, 2003.

BUENO, Marielys Siqueira. **Festa**: A dádiva do espaço. Mimeografado, 2004.

_____. Festa dos Santos Reis: Uma forma de hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003-A.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: atualizada até a Emenda Constitucional nº 35, de 20.12.2001, como notas remissivas às principais leis básicas. Atualização e notas pelo Dr. Juarez de Oliveira. 29ª edição. São Paulo: Saraiva. 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

_____. Os domínios da hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

CANTON, Antonia Marisa. Os eventos no contexto da hospitalidade – um produto e um serviço diferencial. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

CARVALHO, Caio Luiz. Apresentação. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

CASTELLI, Geraldo. **Administração hoteleira**. Caxias do Sul: Editora Educ, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Os sentidos do espetáculo**. São Paulo: Revista de Antropologia da USP, 2002. V. 45, nº 1.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: Considerações gerais. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Considerações finais: Hospitalidade e mercado. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004-A.

_____. Planejamento e gestão de hospitalidade e turismo: Formulação de uma proposta. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004-B.

DIAS, Celia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: Um enfoque especial sobre a qualidade. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

DINIZ, Amarildo. **Conhecimentos específicos IBAMA**. São Paulo: Editora Central de Concursos, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

FERRARA, L. d' A. **Ver a cidade**. São Paulo: Editora Nobel, 1988.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Pólo Ecoturístico do Lagamar: Um estudo de caso**. Iguape: 2004.

GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO – **Série de Eventos: Fórum São Paulo - Governo Presente**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2003.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: Um tema a ser reestudado e pesquisado. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

_____. Hospitalidade e qualidade de vida: Instrumentos para a ação. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003-B.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, István, KANTOR, Íris (orgs). **Festas**: Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Editora USP, 2001.

HALL, C. Michael. A tomada de decisão política e o planejamento centralizado – *Darling Harbour, Sydney*. *In*: TYLER, Duncan. GUERRIER, Yvonne. ROBERTSON, Martin (org). **Gestão de turismo municipal**. São Paulo: Editora Futura, 2003.

KNAFOU, Rémik. Turismo e território: Por uma abordagem científica do turismo. *In*: RODRIGUES, Adyr A. B. (org). **Turismo e geografia**: Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. São Paulo: Editora Prentice-Hall, 2000.

_____, HAIDER, Donald H., REIN, Irvin. **Marketing público**: Como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países. São Paulo: Editora Makron Books, 1994.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing turístico e de hospitalidade**: Fonte de empregabilidade e desenvolvimento para o Brasil. São Paulo: Makron Books, 2000.

LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison. Introdução. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da Hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

_____. Para um entendimento teórico. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da Hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

LORENZ, Harri. SOUSA, Hermes Moreira de. MEDEIROS-COSTA, Judas Tadeu de. CERQUEIRA, Luiz Sérgio Coelho de. BEHR, Nikolaus von. **Palmeiras do Brasil – Nativas e exóticas**. Nova Odessa: Editora Plamtarum, 1996.

LOVELOCK, Christopher. WRIGHT, Lauren. **Serviços: Marketing e gestão**. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

PEARCE, D. **Tourist development**. Harlow: Longman, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHA COMPRIDA (PMIC), Dossiê de apresentação do Município. Ilha Comprida: Mimeografado, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARIQUERA-AÇU (PMPA), Dossiê de apresentação do Município. Pariquera-Açu: Mimeografado, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE REGISTRO (PMR), Dossiê de apresentação do Município. Registro: Mimeografado, 2005.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2003.

MELO NETO, Francisco Paulo. Evento: De ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. *In*: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico**: Geografia geral e do Brasil. São Paulo, Editora Ática, 1998.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. *In*: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

PAULA, Nilma Morcerf de. Planejamento e gestão da hospitalidade em restaurantes. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

PEARCE, D. ***Tourist development***. Harlow: Longman, 1989.

PELIZZER, Hilário Ângelo. Planejamento e gestão da hospitalidade no turismo receptivo. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004-A.

_____. Potencialidades do turismo receptivo no interior do Estado de São Paulo. *In*: **Revista Hospitalidade**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, Ano I, número I, 2004-B.

RAFFESTIN, C. *Reinventer l'hospitalité*. *In*: **Communications**, 65, Paris: Ed. Du Seuil, 1997.

REGO, Raul Amaral. Análise estratégica societal no planejamento de marketing turístico. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

_____. SILVA, Edson Aparecido da. A atmosfera das cidades e a hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

SANSOLO, Davis Gruber. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

SCHLÜTER, Regina G. **Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

SERRA, G. **O espaço natural e a forma urbana**. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

TORRES, O. L. S. (org). **O indivíduo na organização**: Dimensões esquecidas. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

SILVA, Edson Aparecido da. **Atmosfera de loja de varejo: um estudo exploratório sobre as interfaces entre *marketing* e arquitetura visando influenciar o comportamento do consumidor**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Norte do Paraná, Londrina, 2001.

SIMÕES, Luciana Lopes. LINO, Clayton Ferreira. **Sustentável Mata Atlântica**. A exploração de seus recursos florestais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da hospitalidade. *In*: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Editora Manole, 2004.

TYLER, Duncan. GUERRIER, Yvonne. ROBERTSON, Martin (org). **Gestão de turismo municipal**. São Paulo: Editora Futura, 2003.

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma aprendiz da hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

WALKER, John. **Introdução à hospitalidade**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. São Paulo: Editora Bookman, 2005.

ZEITHAML, Valarie A. BITNER, Mary Jo. **Marketing de serviços**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2003.

Documentos eletrônicos disponíveis na internet

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: Sentidos do festejar no país que "não é sério". Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 14 jun. 2005.

BRASIL. **IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <www.ibama.gov.br> Acesso em 08 jun 2005.

BRASIL. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em 08 jun. 2005.

BRASIL. Lei da Fauna nº 5.197 / 67. **Senado Federal**. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <www.senado.gov.br> Acesso em 10 jun. 2005.

FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA. Disponível em: <www.sosmataatlantica.org.br> Acesso em 23 set. 2005.

GUIA DO VALE DO RIBEIRA. Disponível em: <www.gvr.com.br> Acesso em 20 mai. 2005.

BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

ABREU, Wladimir Amâncio de. A máquina da Hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

_____. Planejamento e gestão em hospitalidade comercial: Enfoque conceitual. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

ALMEIDA, A. Paulino de. **Memória histórica de Pariquêra-assú**. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Secção Histórica do Arquivo do Estado. São Paulo: 1939.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: Fundamentos e dimensões**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ARRILLAGA, J. I. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro, 1976.

BALANDIER, Georges. **Lê detour; pouvoir et modernité**. Paris: Fayard, 1983.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Editora Papirus, 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: atualizada até a Emenda Constitucional nº 35, de 20.12.2001, como notas remissivas às principais leis básicas. Atualização e notas pelo Dr. Juarez de Oliveira. 29ª edição. São Paulo: Saraiva. 2002.

BROTHERTON, Bob. WOOD, Roy C. Hospitalidade e administração da hospitalidade. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

BUENO, Marielys Siqueira. **Festa: A dádiva do espaço**. Mimeografado, 2004.

_____. Festa dos Santos Reis: Uma forma de hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003-A.

_____. Introdução. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003-B.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

_____. Os domínios da hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

_____. Turismo, hotelaria e hospitalidade. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

CANTON, Antonia Marisa. Os eventos no contexto da hospitalidade – um produto e um serviço diferencial. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

CARVALHO, Caio Luiz. Apresentação. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

CASTELLI, Geraldo. **Administração hoteleira**. Caxias do Sul: Editora Educ, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Os sentidos do espetáculo**. São Paulo: Revista de Antropologia da USP, 2002. V. 45, nº 1.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: Considerações gerais. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

DARKE, Jane. GURNEY, Graig. Como alojar? Gênero, hospitalidade e performance. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. A abordagem científica em hospitalidade. DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

_____. Considerações finais: hospitalidade e mercado. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004-A.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Editora Futura, 1998.

_____. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). São Paulo: Editora Futura, 2002.

_____. Planejamento e gestão de hospitalidade e turismo: formulação de uma proposta. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004-B.

DIAS, Celia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

DINIZ, Amarildo. **Conhecimentos específicos IBAMA**. São Paulo: Editora Central de Concursos, 2003.

DUARTE, Vladir Vieira. **Administração de sistemas hoteleiros**. São Paulo: Editora SENAC, 1996.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

ECO, Umberto. **Com se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FERRARA, L. d' A. **Ver a cidade**. São Paulo: Editora Nobel, 1988.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Pólo Ecoturístico do Lagamar**: Um estudo de caso. Iguape: 2004.

GIDRA, Gilberto. DIAS, Celia Maria de Moraes. Hospitalidade: Da simplicidade à complexidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO – **Série de Eventos: Fórum São Paulo - Governo Presente**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2003.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: Um tema a ser reestudado e pesquisado. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

_____. **A comunicação e a hospitalidade em território urbano**. *In*: Seção de Temas Livres Comunicação e Sociedade. XXVI Congresso da INTERCOM. 2003-A.

_____. Hospitalidade e qualidade de vida: Instrumentos para a ação. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003-B.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, István, KANTOR, Íris (orgs). **Festas**: Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Editora USP, 2001.

GUERRIER, Yvonne. ADIB, Amel. O trabalho na indústria da hospitalidade. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

_____. **Comportamento organizacional em hotéis e restaurantes**. São Paulo: Editora Futura, 2000.

HALL, C. Michael. A tomada de decisão política e o planejamento centralizado – *Darling Harbour, Sydney*. *In*: TYLER, Duncan. GUERRIER, Yvonne. ROBERTSON, Martin (org). **Gestão de turismo municipal**. São Paulo: Editora Futura, 2003.

HEAL, F. ***Hospitality in Early Modern England***. Oxford, Clarendon Press, 1990.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

KNAFOU, Rémik. Turismo e território: Por uma abordagem científica do turismo. *In*: RODRIGUES, Adyr A. B. (org). **Turismo e geografia**: Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. São Paulo: Editora Prentice-Hall, 2000.

_____. **Marketing**. Edição compacta. São Paulo: Editora Atlas, 1980.

_____. HAIDER, Donald H. REIN, Irvin. **Marketing público**: Como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países. São Paulo: Editora Makron Books, 1994.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing turístico e de hospitalidade**: Fonte de empregabilidade e desenvolvimento para o Brasil. São Paulo: Makron Books, 2000.

LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison. Introdução. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da Hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

_____. Para um entendimento teórico. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da Hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOCKWOOD, Andrew, JONES, Peter. Administração das operações de hospitalidade. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

LORENZ, Harri. SOUSA, Hermes Moreira de. MEDEIROS-COSTA, Judas Tadeu de. CERQUEIRA, Luiz Sérgio Coelho de. BEHR, Nikolaus von. **Palmeiras do Brasil – Nativas e exóticas**. Nova Odessa: Editora Plamtarum, 1996.

LORENZ, Konrad. **A agressão**: Uma história natural do mal. Lisboa: Moraes, 1979.

LOVELOCK, Christopher. WRIGHT, Lauren. **Serviços: Marketing e gestão**. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

LYNCH, Paul. MacWhannell, Doreen. Hospitalidade doméstica e comercial. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2003.

MELO NETO, Francisco Paulo. Evento: De ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. *In*: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico**: Geografia geral e do Brasil. São Paulo, Editora Ática, 1998.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. *In*: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

NOVARRA, V. **Men's Work, Women's Work**. London: Marion Beyars, 1980.

OLIVEIRA, C. S. **Metodologia científica, planejamento e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora LTr, 2000.

PAULA, Nilma Morcerf de. Introdução ao conceito de hospitalidade em serviços de alimentação. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade**: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Editora Manole, 2002.

_____. Planejamento e gestão da hospitalidade em restaurantes. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

PEARCE, D. **Tourist development**. Harlow: Longman, 1989.

PELIZZER, Hilário Ângelo. Planejamento e gestão da hospitalidade no turismo receptivo. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004-A.

_____. Potencialidades do turismo receptivo no interior do Estado de São Paulo. *In*: **Revista Hospitalidade**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, Ano I, número I, 2004-B.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX. São Paulo: Editora Manole, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANANÉIA (PMC), Dossiê de apresentação do Município. Cananéia: Mimeografado, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGUAPE (PMI), Dossiê de apresentação do Município. Iguaçu: Mimeografado, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHA COMPRIDA (PMIC), Dossiê de apresentação do Município. Ilha Comprida: Mimeografado, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARIQUERA-AÇU (PMPA), Dossiê de apresentação do Município. Pariquera-Açu: Mimeografado, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE REGISTRO (PMR), Dossiê de apresentação do Município. Registro: Mimeografado, 2005.

RAFFESTIN, C. *Reinventer l'hospitalité*. *In*: **Communications**, 65, Paris: Ed. Du Seuil, 1997.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e migrações internacionais**. O bem receber e o ser bem recebido. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

REGO, Raul Amaral. Análise estratégica societal no planejamento de marketing turístico. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

_____. SILVA, Edson Aparecido da. A atmosfera das cidades e a hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

RYAN, Chris. *Equity, management, power sharing and sustainability issues of eh "new tourism"*. **Tourism Management**, v.23, n.1, p.17-26, feb. 2002.

RYBCZYNSKI, W. **Home**. London: William Heinemann Ltd, 1988.

SALOMON, Décio V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Editora Martins, 2001.

SANSOLO, Davis Gruber. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Editora Thomson, 2004.

SCHLÜTER, Regina G. **Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. *In*: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Editora Manole, 2004.

SERRA, G. **O espaço natural e a forma urbana**. São Paulo: Nobel, 1987.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

SILVA, Edson Aparecido da. **Atmosfera de loja de varejo: um estudo exploratório sobre as interfaces entre *marketing* e arquitetura visando influenciar o comportamento do consumidor**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Norte do Paraná, Londrina, 2001.

SIMÕES, Luciana Lopes. LINO, Clayton Ferreira. **Sustentável Mata Atlântica**. A exploração de seus recursos florestais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da Hospitalidade. *In*: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Editora Manole, 2004.

_____. **Food for thought: Philosophy and food**. London: Routledge, 1996.

TORRES, O. L. S. (org). **O indivíduo na organização**: Dimensões esquecidas. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

TYLER, Duncan. GUERRIER, Yvonne. ROBERTSON, Martin (org). **Gestão de turismo municipal**. São Paulo: Editora Futura, 2003.

VARGAS, M. **Metodologia da pesquisa tecnológica**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma aprendiz da hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

WALKER, John. **Introdução à hospitalidade**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. São Paulo: Editora Bookman, 2005.

ZEITHAML, Valarie A. BITNER, Mary Jo. **Marketing de serviços**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2003.

Documentos eletrônicos disponíveis na internet

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: Sentidos do festejar no país que "não é sério". Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 14 jun. 2005.

BRASIL. IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <www.ibama.gov.br> Acesso em 08 jun 2005.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em 08 jun. 2005.

BRASIL. Lei da Fauna nº 5.197 / 67. Senado Federal. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <www.senado.gov.br> Acesso em 10 jun. 2005.

FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA. Disponível em: <www.sosmataatlantica.org.br> Acesso em 23 set. 2005.

GUIA DO VALE DO RIBEIRA. Disponível em: <www.gvr.com.br> Acesso em 20 mai. 2005.

ILHA COMPRIDA. Disponível em: <www.rgt.matrix.com.br/ilhacomp/> Acesso em 31 mai. 2005.

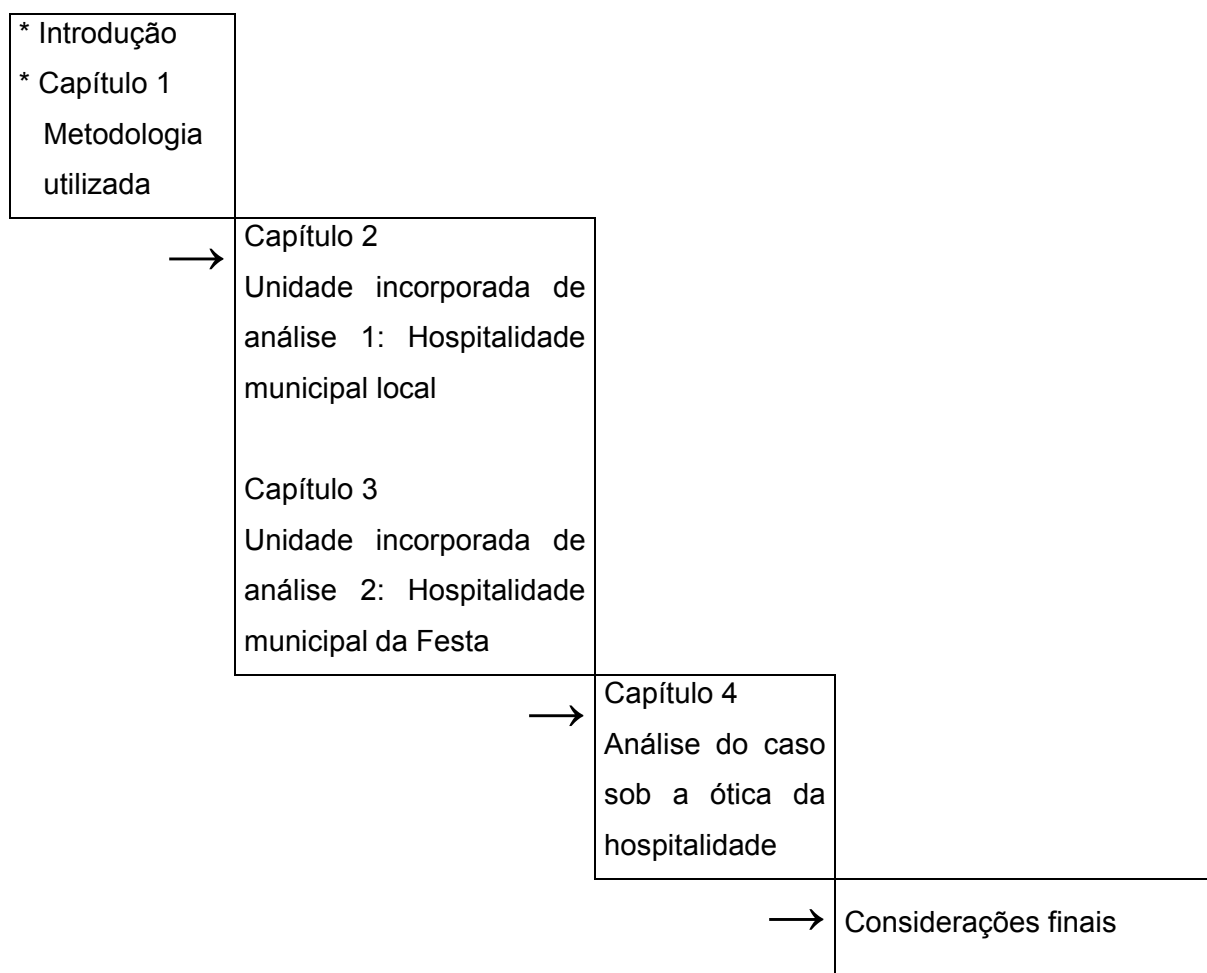
INSTITUTO DE HOSPITALIDADE. Disponível em: <www.hospitalidade.org.br> Acesso em 20 nov. 2004.

PARIQUERA FANTASIA NA INTERNET / Site oficial da Festa. Disponível em: <www.pariquerafantasia.com.br> Acesso em 20 jan. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Protocolo do Estudo de Caso

Segundo as orientações metodológicas de Yin (2005) para pesquisas científicas baseadas no método de estudos de caso, o pesquisador apresenta o protocolo que foi sugerido à banca de qualificação para guiar o pesquisador no desenvolvimento desta pesquisa.



Observando a teoria sobre a hospitalidade pública e comercial, o pesquisador seguiu como linha mestra do estudo lógico, o protocolo de pesquisa que se segue:

A. Visão geral do projeto de estudo de caso:

- ✓ **Metodologia:** Estudo de caso único com duas unidades incorporadas de análise.
- ✓ **Objeto de Pesquisa:** Festa das Nações de Pariquera-Açu – SP.
- ✓ **Linhas teóricas abordadas:** Hospitalidade, Atmosfera de localidades e Festa.
- ✓ **Estrutura do projeto:** Desenvolvido em duas fases, a saber, Fase 1 - Delimitação teórica e Fase 2 - Pesquisa de campo e estudo do caso (análises e reflexões de caráter descritivo, explicativo e avaliativo).
- ✓ **Objetivo Principal:** Estudar as possíveis alterações que podem ser observadas na hospitalidade da cidade de Pariquera-Açu quando da realização da Festa das Nações.
- ✓ **Problema de Pesquisa:** Quais as alterações que podem ser observadas na hospitalidade da cidade de Pariquera-Açu quando da realização da Festa das Nações?
- ✓ **Hipótese de pesquisa:** A atmosfera da Festa das Nações altera a hospitalidade pública e comercial da cidade de Pariquera-Açu, pela forma como os agentes organizadores do evento tratam as variáveis da atmosfera local.

B. Fases do projeto de pesquisa:

- ✓ **Fase 1** - Delimitação teórica que sustenta todas as análises e reflexões propostas, conceituando Hospitalidade, Atmosfera de localidades e Festa. Atendeu ao desenvolvimento dos capítulos 1, 2, 3 e 4.
- ✓ **Fase 2** - Pesquisa de campo, cujas fontes de evidência foram o levantamento documental, o estudo de registros da Festa, a observação direta da atmosfera local, a observação participativa e entrevistas semi-estruturadas, e análises e reflexões de caráter explicativo e descritivo com o cruzamento entre teoria e evidências colhidas na pesquisa de campo. Atendeu ao desenvolvimento dos capítulos 1, 2, 3 e 4.

C. Delimitação teórica (fase 1):

- ✓ Delimitação teórica sobre Hospitalidade.
- ✓ Delimitação teórica sobre Atmosfera de localidades.

- ✓ Delimitação teórica sobre Festa.

D. Pesquisa de campo (fase 2):

- ✓ Levantamento documental e estudo de registros da Festa, realizados junto aos arquivos da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu (2004 e 2005).
- ✓ Observação direta do Município (2004 e 2005).
- ✓ Observação participativa do autor durante a realização da edição do ano de 2004 da Festa das Nações.
- ✓ Entrevistas semi-estruturadas com três grupos específicos, a saber: a) Os organizadores da Festa (membros da PMPA), b) Responsáveis pela prestação de serviços de alimentação (restaurantes típicos e temáticos) e c) Grupos de dança folclórica local que se apresentaram na Festa em 2004 - o Guaricana *Tanzgruppe* e a ACESEVAL – Associação Cultural Ecológica Sócio Econômica do Vale do Ribeira.

E. Análises e reflexões de caráter descritivo, explicativo e avaliativo (fase 2):

- ✓ Formatação descritiva individual das evidências obtidas na pesquisa de campo, referentes a cada uma das unidades incorporadas de análise, a saber: **Unidade incorporada de análise 1:** Hospitalidade municipal local.
Unidade incorporada de análise 2: Hospitalidade municipal durante a realização da Festa das Nações.
- ✓ Cruzamento por observações explicativas das duas unidades incorporadas de análise.
- ✓ Considerações avaliativas sobre o caso.

F. Formatação individual das unidades incorporadas de análise:

Unidade incorporada de análise 1		
Variável Geral	Variáveis Intermediárias *	Variáveis Empíricas *
Hospitalidade municipal local	1. Legibilidade	Características físicas do ambiente
	2. Sustentabilidade	Papel central da Informação
	3. Ecossistema	Uso e transformação do ambiente

Unidade incorporada de análise 2		
Variável Geral	Variáveis Intermediárias *	Variáveis Empíricas *
Hospitalidade municipal durante a realização da Festa das Nações	1. Legibilidade	Características físicas do ambiente
	2. Sustentabilidade	Papel central da Informação
	3. Ecossistema	Uso e transformação do ambiente

* **Nota importante:** A identificação das variáveis intermediárias e empíricas sugeridas para a observação neste Estudo de Caso (Legibilidade, Sustentabilidade e Ecossistema) utiliza como base teórica o estudo de Lucio Grinover (2002) e de Kevin Lynch (1999).

G. Fase conclusiva do projeto de pesquisa:

- ✓ Generalização analítica do contexto estudado (Considerações Finais).
- ✓ Formatação final e impressão do relatório dissertativo da pesquisa.
- ✓ Depósito da Dissertação em Maio de 2006.
- ✓ Defesa da Dissertação em Junho de 2006.

Anexo 1 – Unidades de Conservação (U.C.) no Vale do Ribeira

Fonte: <www.ibama.gov.br>

- * **Parque Estadual Ilha do Cardoso:** U.C. com área total de 13.600 ha que abrange o Município de Cananéia.
- * **Parque Estadual de Intervales:** U.C. com área total de 46.086 ha que abrange os Municípios de Eldorado, Iporanga e Sete Barras.
- * **Parque Estadual de Jacupiranga:** U.C. com área total de 150.000 ha que abrange os Municípios de Jacupiranga, Barra do Turvo, Cananéia, Eldorado, Cajati e Iporanga.
- * **Parque Estadual Pedro de Toledo:** U.C. com área total de 50.853,81 ha dos Municípios de Pedro de Toledo, Juquitiba, São Lourenço da Serra, Miracatu.
- * **PETAR - Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira:** U.C. com área total de 35.884,28 ha que abrange os Municípios de Iporanga e Apiaí.
- * **Estação Ecológica Estadual da Juréia:** U.C. com área total de 79.270 ha que abrange os Municípios de Peruíbe, Itariri, Miracatu e Iguape.
- * **Área de Proteção Ambiental Cananéia-Iguape-Peruíbe:** A.P.A. com área total de 217.060 ha que abrange os Municípios de Peruíbe, Miracatu, Itariri, Iguape, Ilha Comprida e Cananéia.
- * **Área de Proteção Ambiental Serra do Mar:** A.P.A. com área total de 469.450 ha que abrange os Municípios de Capão Bonito, Eldorado, Ibiúna, Iporanga, Juquiá, Juquitiba, Miracatu, Pedro de Toledo, Pilar do Sul, Sete Barras, Tapiraí e Barrado Turvo.

Anexo 2 – Cultura Agrícola e Extrativismo Vegetal do Vale do Ribeira

Cultura da Erva-Mate

Segundo Simões e Lino (2002) a erva-mate foi classificada botanicamente como *Ilex paraguariensis* em 1822 pelo naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire. As árvores chegam a atingir 70 cm de diâmetro e mais de 25 cm de altura; suas folhas alcançam mais de 20 cm de comprimento por 10 cm de largura.



Figura 52 - Plantação de Erva-Mate

Fonte: Guia do Vale do Ribeira <www.gvr.com.br>, 20.05.05.

Durante a época do pré e pós-descobrimento do Brasil, a erva-mate fazia parte do consumo habitual dos índios brasileiros.

Segundo a literatura, o mate é uma bebida estimulante, que elimina a fadiga e estimula as atividades física e mental, atuando benéficamente sobre os nervos e os músculos. Os principais produtos consumidos são o chimarrão e o chá mate (SIMÕES e LINO, 2002, p.21).

O setor ervateiro é desenvolvido no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, ocupando aproximadamente uma área de 540 mil km², vale destacar que 83,3% dessa área, estão localizados no Brasil (450 mil km²). Cultura de fácil mecanização, a erva-mate é desenvolvida principalmente nos Estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro também se destacam na produção da erva (SIMÕES e LINO, 2002).

No Vale do Ribeira a cultura do chá foi trazida e desenvolvida pela colonização japonesa. O desenvolvimento dessa cultura na região possibilitou uma melhor integração entre os produtores e a indústria de beneficiamento das folhas dessa planta. A produção atual é quase que totalmente destinada ao mercado externo (principalmente a Europa). Os principais produtores de chá no Vale do Ribeira são: Registro, Pariquera-Açu e Sete Barras. Apesar de ser um produto de alto valor agregado, a produção de chá na região vem caindo ao longo do tempo. De 1994 a 1999 a área produtiva reduziu-se de 5,5 mil ha para cerca de 700 ha. Na região existem quatro unidades beneficiadoras do produto (PMR, 2005).

Cultura da Banana

Pelas informações da Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu (2005) e da Série de Eventos Fórum São Paulo – Governo Presente (2003), a cultura da banana no Vale do Ribeira foi desenvolvida tendo como vantagens principais a facilidade de escoamento da produção, já que está próxima à Grande São Paulo e tem fácil acesso ao porto de Iguape, facilitando assim a exportação para o Mercosul, e a tipologia do solo (as condições climáticas da região desfavorecem essa cultura pela baixas temperaturas no inverno – média de 10 °C. As temperaturas ideais para essa cultura são acima de 24 °C).



Figura 53 - Plantação de Banana
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005

Essa produção tem perdido muito do seu dinamismo ao longo dos anos. Segundo dados do Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo, a

produtividade da Banana em Registro é de 20 t/ha, enquanto que na região de Tupã (SP), essa mesma produtividade alcança níveis de 60 t/há (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Cultura de Flores e Plantas Ornamentais

O estado de São Paulo é tradicional no cultivo de flores e plantas ornamentais, sobretudo nas cidades de Holambra, Arujá, Atibaia, Ibiúna, Paranapanema e no Vale do Ribeira. O cultivo visa principalmente abastecer o mercado interno através de atacados e grandes distribuidores como o CEAGESP (SP), o CEASE (Campinas) e a Veiling Holambra (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Pela facilidade de escoamento da produção, Registro e Ilha Comprida têm forte atuação no cultivo dessas plantas, que atualmente já alcança o mercado externo (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).



Figura 54 - Mudas no Viveiro Municipal da Ilha Comprida
Fonte: Guia do Vale do Ribeira <www.gvr.com.br>, 20.05.05.

O Município de Ilha Comprida vem se destacando não só como produtor de flores e plantas ornamentais. Através do Viveiro Municipal de Mudanças de Restinga, implantou o projeto de desenvolvimento sustentável que busca a preservação das espécies vegetais da região (GUIA DO VALE DO RIBEIRA, 2005).

A primeira venda desse projeto foi de 1.150 mudas de restinga para uma empresa de Peruíbe reflorestar uma área nativa. No Brasil, o setor florista está em

franca expansão, o que tem exigido melhor profissionalização e índices constantes de qualidade no produto final (PMIC, 2005).

Extrativismo vegetal – Palmito

Segundo Simões e Lino (2002) o palmito é proveniente da palmeira *Euterpe edulis* (palmitreiro) e tem se constituído ao longo dos anos como um dos mais importantes produtos não-madeiráveis explorados na Mata Atlântica. O palmito é popularmente conhecido como ençarova, juçara, içara, ripa, pupunha, entre outras denominações.

Por ser um produto de elevado valor econômico, a espécie vem sofrendo expressiva redução na sua área de ocorrência por conta da exploração predatória pelo homem.

A facilidade de extração e comercialização está entre os principais responsáveis pelo processo predatório. Segundo depoimentos de cortadores de palmito e empresários, um homem é capaz de cortar e transportar até um ponto de agrupamento em média setenta plantas por dia (podendo chegar a mais de duzentas em alguns casos), empregando apenas um facão ou uma foice. Com a utilização de mulas para transporte esse número pode dobrar (SIMÕES e LINO, 2002, p.104).

Em pesquisa realizada no Vale do Ribeira sobre essa produção na região, foi detectada a presença de 585 fabricas ilegais de palmito, enquanto que em todo o estado de São Paulo, apenas 31 fábricas são registradas e legalizadas pelo IBAMA (SIMÕES e LINO, 2002, p.106).

O principal entrave na produção do palmito é conseguir manter de forma constante, sua qualidade. O produto em si se deteriora facilmente, apresentando alterações na sua coloração, odor e sabor. Um dos principais problemas é o Botulismo, causado pela neurotoxina produzida pelo *Clostridium botulinum*, conhecido como Botox. O palmito enlatado, de alto valor agregado, pode ser uma saída para o desenvolvimento desse cultivo no Vale do Ribeira. Além da facilidade de escoamento da produção, as condições climáticas e de solo são extremamente favoráveis, já que essa espécie vegetal é proveniente e característica da vegetação da Serra do Mar. No Vale do Ribeira hoje, apenas o Município de Sete Barras desenvolve melhor o cultivo do palmito (SIMÕES e LINO, 2002).

Dessa forma, todo o palmito produzido no domínio da Mata Atlântica deveria ser de uma área manejada de acordo com a legislação vigente, e específica para a espécie e devidamente licenciada pela agência ambiental competente (SIMÕES e LINO, 2002).

Atualmente o maior produtor de palmito no Brasil, cultivando o palmito pupunha e açazeiro, é o Estado do Pará (SIMÕES e LINO, 2002).

Extração Mineral

A indústria extrativa mineral detém um dos mais importantes e diversificados potenciais minerais do Estado de São Paulo.

Esse potencial está traduzido em recursos descobertos e reservas apreciáveis de uma série de bens minerais não metálicos, incluindo calcários para a indústria cimenteira, dolomitos para a indústria vidreira, filitos para a indústria cerâmica e carga mineral, areia, rochas de brita, rochas ornamentais, água mineral entre outros (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

No Vale do Ribeira, o Município de Cajati é o que se destaca na produção mineral, explorando entre outros: cimento, argamassa, ácido sulfúrico e fosfórico, fertilizantes fosfáticos e ração animal (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Pesca

A pesca é dividida em artesanal e industrial e o Vale do Ribeira conta com cerca de 2.500 pescadores nos Municípios de Cananéia, Iguape e Ilha Comprida, que em 1999 produziram respectivamente 2.112 toneladas, 1.044 toneladas e 32 toneladas (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Assim como em todo o País, a pesca extrativa no Vale do Ribeira está sujeita às condições da qualidade da água do mar, dos rios e estuários. Os peixes e frutos do mar funcionam como indicadores biológicos do meio ambiente, pois não suportam níveis elevados de poluição em seu habitat natural.

Relativamente à pesca extrativa, a piscicultura apresenta algumas vantagens, pois permite ao empresário exercer controle sobre a produtividade, alocando eficientemente seus recursos produtivos de forma a obter a máxima renda econômica. Garante-se ainda, a oferta em volumes predeterminados, com padrões de qualidade e uniformidade difíceis de serem atingidos pela pesca extrativa (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Bubalinocultura

Segundo o Governo do Estado de São Paulo, pelas informações da Série de Eventos Fórum São Paulo – Governo Presente (2003), o Vale do Ribeira oferece condições propícias para a criação de Búfalos, chamada de bubalinocultura. A grande amplitude térmica, alta umidade, abundância de água corrente e terrenos alagadiços, são condições ambientais que favorecem o desenvolvimento de rebanhos dessa espécie animal. A exploração da bubalinocultura tem no leite (utilizado para a produção de queijo de alto valor nutritivo e econômico – a *mozzarella* de búfala) seu principal e mais valorizado produto.



Figura 55 - Búfalos de Pariquera-Açu
Fonte: Prefeitura Municipal de Pariquera-Açu, 2005.

A carne também é muito apreciada pelos baixos índices de colesterol (se comparados à carne bovina), além de ser muito saborosa. Esse segmento tem crescido no Brasil pelas facilidades de adaptação do rebanho às condições de solo e clima, além da já mencionada qualidade de seus produtos (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003).

Anexo 3 - Programa da 8ª Festa das Nações de Pariquera-Açu

Anexo 4

Anexo 5 - Cardápios por restaurante

Restaurante da Alemanha (Figura 17 legenda 8)

Responsáveis em 2004: Sra. Ana Elisa Martins Lobo e Sr. Romeu Gauglitz

Joelho de porco com chucrute e batata, bisteca de porco com chucrute e batata, salsichão com chucrute e batata, *puff* de batatas, torta de maçã, massa folhada com maçãs.

Restaurante da Suíça (Figura 17 legenda 9)

Responsável em 2004: Sra. Maria das Graças Bezerra

Sopa do exército suíço, *kasseler* sortido, talharim a Helvetia, *Penne* à Lucerna, *founde*, batata suíça com camarão, bacalhau, frango com Catupiry, Verde Espaço ou com carne seca, doce de maracujá, torta de maçã, bolo floreta negra, pirulito de chocolate e *krepes* suíços.

Restaurante da Polônia (Figura 17 legenda 7)

Responsável em 2004: Fundo Social do Município

Pierogi com calabresa, *pierogi* com champignon, chouriço, sopa de beterraba, pato assado, pernil com batata gratinada, telhadinho de ricota e a tradicional *vodka* polonesa.

Restaurante Português (Figura 17 legenda 6)

Responsável em 2004: Sr. Anastácio Teixeira (de Registro)

Bolinho de bacalhau, isca de peixe, bacalhau a moda do Porto, bacalhoadada, sopas, cremes, pudim, arroz doce, ambrósia e o também tradicional vinho do Porto.

Restaurante da Itália - Cantina (Figura 17 legenda 5)

Responsável em 2004: Sra. Rosemeire Baptista

Carpaccio, *rondeli*, *caneloni*, *lasagna*, *talharini*, *ravióli* ao *brodo*, antepastos, salames, pudim de leite, manjar branco, bolos, caçarola italiana, brigadeiro e *graspa*.

Restaurante da Itália - Pizzaria (Figura 17 legenda 4)

Responsável em 2004: Sra. Rosemeire Baptista

Rodízio de Pizza: *muzzarela*, calabresa, quatro queijos, portuguesa, frango com Catupiry, *calzones*, pizzas doces e a tradicionalíssima pizza especial de rúcula, tomate seco, mussarela de búfala, manjerição.

Restaurante da Espanha (Figura 17 legenda 13)

Responsável em 2004: Sr. Ulisses Ribeiro (de Cananéia)

Paella valenciana, peixe ao molho de páprica e vinho branco, risoto de frutos do mar, creme de papaia com cassis, pudim de laranja e a tradicional *sangria*.

Restaurante dos Estados Unidos (Figura 17 legenda 16)

Responsável em 2004: Sr. Antonio Paulo Emenegildo

Medalhão a Califórnia, frango a americana, *chicken soup*, salada a Califórnia, batata frita, *hot dog*, *cheese* bacon, *cheese* salada, *muphins*, *banana split* e *Whisky*.

Restaurante do Líbano (Figura 17 legenda 2)**Responsável em 2004: Fundo Social do Município**

Sfiha aberta e fechada, kibe cru, kibe assado, kibe frito, charutinho, *babaganush*, *honus*, arroz árabe, pão sírio, *tabule*, *kafta*, salada de pepino com iogurte, *halleuy*, *haha*, torta de ricota, *arak*.

Restaurante do Japão (Figura 17 legenda 15)**Responsável em 2004: AME –Apoio ao Menor Esperança (de Registro)**

Yakissoba, *tempurá*, *guiozá*, *udon*, *sashimi*, *sushi*, *karê-haisu*, *misso-shiru*, arroz branco, *sashimi teichoku*, *tempurá teichoku*, *mandiu-moti*, *zen-zai*, chá verde e *sakê*.

Restaurante Brasil Palmitaria (Figura 17 legenda 19)**Responsável em 2004: Sra. Selma Regina Geraldo**

Palmito na telha, *stroganoff* de palmito, risoto de palmito, sopa creme de palmito, quiche de palmito, casquinha recheada com palmito, moqueca de palmito, palmito recheado, tortinhas, palmito *souté* e palmito ao forno.

Restaurante Brasil Sul (Figura 17 legenda 17)**Responsável em 2004: Sr. José Nauro Martins**

Churrasco, arroz carreteiro, pernil e calabreza na chapa servidos como lanches ou porções.

Restaurante Brasil Central (Figura 17 legenda 20)**Responsável em 2004: Sra. Idalécia Rodrigues de Matos**

Mandioca frita, pastel, milho verde, pamonha, cural, arroz doce, doce de mamão, doce de abóbora, doce de côco, bolo de cenoura, bolo de milho, bolo de mandioca, broinha, tapioca, quentão, vinho quente e pipoca.

Restaurante Brasil Nordeste (Figura 17 legenda 18)**Responsável em 2004: Sra. Márcia Maria dos Santos**

Feijoada completa, carne seca na moranga, mandioca, carne seca, calabresa, sarapatel, mocotó, caldo de feijão, caldo de mocotó, frutas caramelizadas e achocolatadas, côco verde gelado e sucos de frutas naturais.

Anexo 6

Anexo 7

Anexo 8

Anexo 9

Anexo 10

Anexo 11

Anexo 12

Anexo 13

Anexo 14

Anexo 15

Anexo 16

Anexo 17 – Autorização de Publicação das Entrevistas de Campo